

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO

TASSIANA MARIA PARCIANELLO SACCOL

**UM PROPAGANDISTA DA REPÚBLICA:
POLÍTICA, LETRAS E FAMÍLIA NA
TRAJETÓRIA DE JOAQUIM FRANCISCO
DE ASSIS BRASIL (DÉCADA DE 1880)**

Prof. Dr. Flavio Madureira Heinz

Orientador

Porto Alegre
2013

TASSIANA MARIA PARCIANELLO SACCOL

**UM PROPAGANDISTA DA REPÚBLICA:
POLÍTICA, LETRAS E FAMÍLIA NA TRAJETÓRIA DE JOAQUIM FRANCISCO
DE ASSIS BRASIL (DÉCADA DE 1880)**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Flavio Madureira Heinz

Porto Alegre

2013

Catálogo na Fonte

S119u	Saccol, Tassiana Maria Parcianello Um propagandista da república : política, letras e família na trajetória de Joaquim Francisco de Assis Brasil (década de 1880) / Tassiana Maria Parcianello Saccol. – Porto Alegre, 2013. 210 f. Diss. (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pós-Graduação em História, PUCRS. Orientador: Prof. Dr. Flavio Madureira Heinz. 1. Brasil, Joaquim Francisco de Assis - Crítica e Interpretação. 2. Propaganda Política. 3. Rio Grande do Sul História - República. 4. Eleições. I. Heinz, Flavio Madureira. II. Título. CDD 301.1543329 981.03
-------	--

Bibliotecário Responsável
Ginamara de Oliveira Lima
CRB 10/1204

TASSIANA MARIA PARCIANELLO SACCOL

**UM PROPAGANDISTA DA REPÚBLICA:
POLÍTICA, LETRAS E FAMÍLIA NA TRAJETÓRIA DE JOAQUIM FRANCISCO
DE ASSIS BRASIL (DÉCADA DE 1880)**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 25 de março de 2013.

Professor Doutor Flavio Madureira Heinz – PUCRS

Professor Doutor Luiz Alberto Grijó – UFRGS

Professora Doutora Cláudia Maria Ribeiro Viscardi – UFJF

Porto Alegre

2013

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, gostaria de agradecer ao Prof. Flavio Heinz, pelo aceite em orientar este trabalho e pela acolhida em seu grupo de pesquisa. Do mesmo modo, agradeço pela confiança depositada neste projeto, por suas inúmeras sugestões e a autonomia que me foi concedida durante as pesquisas.

Agradeço também aos professores Cláudia Viscardi e Luiz Alberto Grijó, por aceitarem fazer parte da banca examinadora.

Agradeço ao Sr. Miguel Frederico do Espírito Santo, presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, que, gentilmente, me permitiu acessar o Arquivo Pessoal de Assis Brasil e inúmeros documentos inéditos e livros raros sobre o período da propaganda republicana. Meu agradecimento se estende a todos os funcionários do mesmo arquivo.

Do mesmo modo, agradeço aos funcionários do Núcleo de Pesquisa em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde passei incontáveis dias lendo os microfilmes do jornal *A Federação*, em busca de informações diversas. À Lisete, Rose, Francisco e Simone, meu muito obrigada!

Aos queridos amigos Letícia, Carolina, Luísa, Gislaine, Dúnia e Marcos, família especial que encontrei em Porto Alegre. Agradeço pelos maravilhosos momentos de descontração, pelo respeito e carinho de todos e de cada um em especial.

Ao Jonas, companheiro de todos os momentos, pelas palavras sempre carinhosas, pela paciência imensurável e pela extrema dedicação. Seu apoio foi fundamental para a conclusão deste trabalho.

Aos meus pais, Maria e Luiz, e minhas irmãs, Cristiane e Camila, pelo apoio e incentivo, apesar da distância.

Ao Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Ao CNPq, pela concessão da bolsa de estudos.

Fazer com que todos os cidadãos tomem interesse pela política é uma necessidade moral importantíssima. [...] É preciso acabarmos com o estúpido preconceito de que o povo não deve ser político. À política estão confiados os mais vitais interesses de todos; é preciso que todos a compreendam e tomem parte nela.

Assis Brasil, em *A República Federal* – 1881, p. 85.

RESUMO

O presente trabalho analisa o período da propaganda republicana (entre os anos de 1880 e 1889) através da atuação de um personagem principal: Joaquim Francisco de Assis Brasil. A análise da trajetória do jovem propagandista e de seus investimentos no mundo das letras e da política colabora para pensarmos a respeito de dois fenômenos trabalhados ao longo do texto: a circulação de ideias no Brasil de fins do século XIX e a força do movimento republicano nas regiões da campanha e missioneira, no Rio Grande do Sul. Nosso enfoque recai sobre o leque de relações sociais nas quais Assis Brasil estava envolto. Logo, ele é tomado sempre em interação com outros indivíduos, sejam eles seus familiares, amigos e correligionários políticos. A utilização da prosopografia e o uso das noções de rede social, estratégia familiar e mediador são alguns dos aportes teóricos metodológicos que nos permitiram realizar esta investigação, partindo de uma leitura do social. Nesse sentido, é possível identificar que os jovens propagandistas não atuavam isoladamente, mas, pelo contrário, faziam parte de um projeto compartilhado pelos demais membros da família e que visava acessar o poder. Do mesmo modo, a existência de alguns laços de amizade e parentesco e a consequente formulação de redes de relacionamento entre os propagandistas das mais variadas províncias brasileiras colaboravam na divulgação do ideal republicano. Por outro lado, tentando identificar o perfil dos republicanos do terceiro círculo eleitoral, e que colaboraram para a eleição de Assis Brasil ao cargo de deputado provincial, concluímos que se tratava de um grupo com bases sociais rurais, envolvido em sua maioria com a criação de gado, e fortemente hierarquizado, enquanto que a análise do perfil das lideranças do Partido Republicano Rio-Grandense demonstrou o forte caráter profissional deste grupo, muito embora os mesmos pertencessem às famílias de elites estancieiras, tradicionalmente envolvidas com a política conservadora da província. Por fim, nosso foco recai sobre a atuação de Assis Brasil como deputado provincial e sobre a tentativa deste em buscar subsídios e apoio à indústria pecuarista no parlamento, beneficiando, assim, não só a sua família, como também parentes, amigos e sua base política na fronteira.

Palavras-chave: Propaganda republicana. Rede de letrados. Mediador. Eleições. Terceiro círculo eleitoral.

ABSTRACT

This paper analyzes the period of republican propaganda in Brazil (between 1880 and 1889) through the agency of a main character: Joaquim Francisco de Assis Brasil. The analysis of the trajectory of this young propagandist and his investments in the world of literacy and politics helps to reflect on two phenomena discussed throughout the text: the circulation of ideas in Brazil in the late nineteenth century and the strength of the republican movement in the countryside and missions in the state Rio Grande do Sul, Southern Brazil. Our focus is on the range of social relations in which Assis Brasil was involved. Therefore, he was always taken in interaction with other individuals such as their family, friends and political associates. The use of prosopography and the concepts of social networking, family and mediation strategy are some of the methodological theoretical contributions that allowed us to perform this research, based on the study of the social context in that period. Thus, it is possible to identify that young propagandists were not used to acting alone but they were part of a project shared by other family members which sought the access to power. Similarly, the existence of some bonds of friendship and kinship as well as the subsequent formulation of the relationship networks among propagandists from the most diverse Brazilian provinces collaborated to spread the republican ideal. On the other hand, by trying to identify the profile of the republicans from the third constituency, who also contributed to the election of Assis Brasil to the position of provincial deputy, we conclude that this group was formed from social rural roots - most of them involved with the raising of cattle, and with strongly hierarchical ideas while the analysis of the profile of the leaders from *Rio-Grandense* Republican Party demonstrated strong professional feature in this group, even though they belonged to families of rural society elites, who were traditionally involved in conservative politics of the province. At last, our focus is on the performance of Assis Brasil as provincial deputy and about his trial seeking grants and support to the industry of cattle production from the parliament so that it could benefit not only his family but also relatives, friends and his political base in the border region of southern Brazil.

Key words: Republican propaganda. Literacy network. Mediator. Elections. Third constituency.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Números de população e índices de alfabetização dos municípios que compunham o terceiro círculo eleitoral.....	37
Quadro 2 – Representatividade dos irmãos Assis Brasil no Clube Republicano de São Gabriel.....	59

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Profissões e atividades econômicas dos membros dos clubes republicanos por município.....	123
Tabela 2 – Propriedades urbanas e bens rurais nos inventários <i>post-mortem</i> analisados por município.....	126
Tabela 3 – Faixas de rebanho por município entre os republicanos inventariados.....	128
Tabela 4 – Faixas de fortunas por município dos republicanos com patrimônio inventariados.....	130
Tabela 5 – Resultado do primeiro escrutínio para a Assembleia Provincial – terceiro círculo (1884).....	168

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAM – Arquivo Particular Aparício Mariense

AAB – Arquivo Particular Assis Brasil

AAPA – Arquivo Particular Apolinário Porto Alegre

AL-RS – Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul

AHRS – Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul

APERS – Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul

BNL – Biblioteca Nacional de Lisboa

BNRJ – Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

IHGRGS – Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

NPH/UFRGS – Núcleo de Pesquisa em História/Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 ATUAÇÕES FAMILIARES NA PROPAGANDA REPUBLICANA.....	34
1.1 CARACTERIZAÇÃO DO CENÁRIO: BREVES APONTAMENTOS SOBRE O TERCEIRO CÍRCULO ELEITORAL DA PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DO SUL.....	34
1.2 HISTÓRIA DA FAMÍLIA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	44
1.2.1 Os Assis Brasil: um estudo de caso sobre famílias republicanas na região da campanha.....	49
1.2.2 A atuação da família Assis Brasil no Clube Republicano de São Gabriel.....	57
2 UMA REDE DE LETRADOS: INDIVÍDUOS E SOLIDARIEDADES NA PROPAGANDA REPUBLICANA.....	66
2.1 O MOVIMENTO DE IDEIAS NAS ÚLTIMAS DÉCADAS DO SÉCULO XIX..	66
2.2 A OPÇÃO PELA “REDE SOCIAL” COMO ARTIFÍCIO TEÓRICO E METODOLÓGICO.....	71
2.3 A DINÂMICA DA REDE DE LETRADOS.....	78
2.3.1 Os primeiros investimentos de Assis Brasil no mundo das letras: alguns contatos com a Corte.....	81
2.3.2 A participação dos mineiros na rede de letrados.....	93
2.3.3 O intercâmbio com os republicanos paulistas.....	99
2.3.4 As trocas com os propagandistas do Rio de Janeiro.....	103
2.3.5 Os correligionários de além-mar: lisboetas também integravam a rede.....	108
3 OS ELEITORES REPUBLICANOS DO TERCEIRO CÍRCULO ELEITORAL E A ELITE REPUBLICANA DA PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DO SUL.....	118
3.1 OS ELEITORES REPUBLICANOS DO TERCEIRO CÍRCULO ELEITORAL..	119
3.1.1 Análise dos dados coletados: Grupo Eleitores.....	121
3.2 A ELITE DA PROPAGANDA REPUBLICANA RIO-GRANDENSE: O CÂNONE DO DEBATE.....	133

3.3	PERFIL DAS LIDERANÇAS REPUBLICANAS.....	140
3.3.1	Líderes republicanos – famílias conservadoras: alguns casos para análise.....	143
4	UM REPUBLICANO NO PARLAMENTO PROVINCIAL (RS): ELEIÇÕES E MEDIAÇÃO POLÍTICA ATRAVÉS DA TRAJETÓRIA DE JOAQUIM FRANCISCO DE ASSIS BRASIL.....	148
4.1	A CONDUTA ELEITORAL RECOMENDADA PELO PARTIDO E A FORMAÇÃO DAS PRIMEIRAS ALIANÇAS POLÍTICAS.....	151
4.2	O PECADO ORIGINAL: ESTRATÉGIAS REPUBLICANAS PARA ASCENDER AO PARLAMENTO.....	167
4.3	ASSIS BRASIL ENTRE O ELEITORADO E A CAPITAL DA PROVÍNCIA.....	178
	CONCLUSÃO.....	193
	REFERÊNCIAS.....	199
	ANEXO – Mapa: Divisão político-administrativa da Província do Rio Grande do Sul (1882).....	210

INTRODUÇÃO

No ano de 1877, o jovem Joaquim Francisco de Assis Brasil fazia uma de suas primeiras incursões no mundo das letras. Investira, naquele ano, na publicação de seu primeiro livro – *Chispas* – uma coletânea de poemas revolucionários e anticlericais, que tematizavam a liberdade, a República e, de modo geral, a Província do Rio Grande do Sul. No prefácio do livro, o jovem estudante assim se expressava:

Eu sempre tive um amor fanático pelas pugnias generosas e grandes da imprensa.
Como o sabre e o canhão, a pena também desfere golpes e lança projéteis.
Uns manejam-na melhor do que outros.
Entretanto, os mais acanhados, não se devem, por isso, intimidar. [...]
Não sei se sou poeta.
O que sei é que cantei, e não quero esconder estas vozes, arrancadas ao livre alaúde de meu peito.
Entre as minhas ligeiras produções, na laboriosa vida de estudo, achei melhores estes versos, e os publico agora.
Nada mais sentirei do que este livro seja uma vergonha literária.
Se o for, a ninguém crimino, senão a mim mesmo; porque também a ninguém consultei, senão a minha própria consciência.
Entretanto, aqui vai uma parte do meu coração de dezoito anos.
Quando mesmo todos repilam este livro, tenho muita fé em que o acolherá minha pátria: – Ela, que é mãe, e que deve ter braços para acalentar o filho, que lhe consagra todos os ecos da sua alma, todas as vibrações do seu coração, todos os impulsos do seu ser, toda a seiva da sua vida [...].¹

O rapaz de apenas dezoito anos preparava-se para ingressar na Faculdade de Direito de São Paulo no ano seguinte. Não conseguia ocultar, naquele momento, a insegurança característica de um estreante no mundo das letras. Ainda assim, o reconhecimento no poder que detinham as palavras dava-lhe coragem para expor suas crenças políticas, que já começavam a tomar forma naqueles anos. O livro de poesias seria apenas o primeiro investimento de uma longa carreira política, que iniciara “nadando contra a correnteza”, integrando um grupo minoritário que assumia posição política arriscada ao defender o ideal republicano.

Membro da elite política e econômica rio-grandense, Assis Brasil encontrou na Faculdade de Direito de São Paulo um espaço de contato e aprendizagem das principais doutrinas sociais e “científicas” da época, tais como o positivismo, o evolucionismo, o

¹ ASSIS BRASIL, Joaquim Francisco de. **Chispas**. Alegrete: Tipografia do Jornal do Comércio, 1877. p. III. Agradecemos ao Sr. Miguel Frederico do Espírito Santo, presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, por nos ter cedido, gentilmente, para fins de análise, o exemplar que integra sua coleção particular.

darwinismo social, muitas delas recém-chegadas da Europa.² Naquela instituição, conhecendo jovens de outras elites do Brasil e levando aos mesmos as experiências de um filho de estancieiros da fronteira sul, Assis Brasil deu continuidade à formulação de seu ideário republicano e federativo. Esses contatos contribuíam para que as ideias vindas do centro do país chegassem até as províncias mais distantes, mas também que intelectuais de regiões política e economicamente mais periféricas influenciassem e enriquecessem o debate ocorrido nas províncias do sudeste e na Escola de Direito do Recife.

Assis Brasil era uma dos membros da *Geração de 1870*, grupo de intelectuais e políticos que ficou conhecido por contestar os principais valores e instituições da ordem monárquica. Seus líderes propunham reformas profundas tanto para o Estado quanto para a sociedade brasileira, em todos os seus aspectos. Suas ações estavam ancoradas numa ampla circulação de ideias compartilhadas através de livros e jornais e os mesmos debatiam suas posições ideológicas/políticas tanto nas academias do Império quanto nos clubes, salões, cafés, teatros e demais espaços de socialização da época. O fim da escravidão, a secularização das instituições, o liberalismo econômico, a descentralização político-administrativa e, em alguns casos, a implementação de um governo republicano, estavam entre as principais reivindicações dos membros desse movimento, que teve em Joaquim Nabuco, Alberto Salles, Silvio Romero, Quintino Bocayuva, Tobias Barreto, dentre outros, figuras de destaque.³

A produção intelectual e a ação política dos membros da *Geração de 1870* não podem ser compreendidas sem levar em consideração o período conhecido como a “crise da monarquia” ou o “ocaso do Império”, como definiu Oliveira Viana.⁴ Nos últimos decênios do século XIX, vários fatores contribuíram para a derrocada desse regime. Dentre eles destacamos o conflito entre a Igreja e o Estado, que evidenciou os anseios de separação entre ambas as instituições; a gradual substituição da mão de obra escrava pela livre e assalariada, que adquiriu força com o movimento abolicionista, e a existência de uma propaganda republicana e federativa organizada e liderada por diversos grupos sociais. Por fim, deve-se ressaltar a presença de um Exército fortalecido após a vitória na Guerra do Paraguai e que

² Sobre essas ideias ver, por exemplo, SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993; VENTURA, Roberto. **Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil (1870-1914)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

³ ALONSO, Angela. **Idéias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil Império**. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 223.

⁴ VIANA, Oliveira. **O ocaso do Império**. São Paulo: Melhoramentos, 1925.

encontrou espaço para antigas reivindicações corporativas.⁵ A respeito desses últimos, é importante destacar a jovem geração de oficiais oriundos da Escola Militar da Praia Vermelha, que, liderada pelo seu professor Benjamin Constant, teve papel fundamental no desencadear do golpe de 15 de novembro.⁶

A mocidade militar desejava pôr em prática o seu republicanismo eivado em bases positivistas, e dentre as principais obras que influenciaram estes jovens golpistas estava *A República Federal* (1881), livro escrito por Assis Brasil, quando o mesmo contava com apenas 22 anos e ainda era estudante da Faculdade de Direito de São Paulo.⁷ De acordo com Celso Castro, essa obra era tida como leitura obrigatória em um clube republicano secreto, disfarçado em associação beneficente, fundado pelos alunos da Praia Vermelha, nos primeiros meses de 1885.⁸ O livro, escrito entre uma aula e outra, foi reeditado seis vezes até o ano de 1889, sendo, inclusive, subsidiado e distribuído gratuitamente pelo Partido Republicano de São Paulo.⁹ A obra contribuiu para fortalecer ainda mais as ideias republicanas e federativas entre os intelectuais paulistas e fluminenses e mostrar que os republicanos rio-grandenses também estavam unidos no mesmo projeto.

Na década de 1880, além de escrever livros, artigos na imprensa, poemas e peças de teatro atacando a Monarquia, Assis Brasil tornou-se um dos líderes da propaganda republicana no Rio Grande do Sul, juntamente com Júlio de Castilhos, seu amigo e futuro cunhado. Assim, no ano de 1882, após retornar à Província com o diploma de bacharel nas mãos, participou da fundação do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) e tornou-se o único deputado eleito pelo mesmo. No parlamento, participou de diversos debates contra os monarquistas, buscando, na ação política, complementar as questões que defendia como intelectual.

⁵ COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à República: momentos decisivos**. 7. ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999; LEMOS, Renato. A alternativa republicana e o fim da monarquia. In: GRINBERG, Keila e SALLES, Ricardo (Org.). **O Brasil Imperial: 1870-1889**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. V. III. p. 403-444.

⁶ CASTRO, Celso. **Os militares e a República: um estudo sobre cultura e ação política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

⁷ ASSIS BRASIL, Joaquim Francisco de. *A República Federal*. In: SENADO Federal (Org.). **A democracia representativa na República (antologia)**. Ed. Fac-similar. Brasília: Senado Federal, 1998. p. 22-85. A República Federal tratava de três temas relacionados e que demonstravam o ideário político de seu autor. A primeira parte contemplava as formas de governo, onde era ressaltada a superioridade da República e sua oportunidade no Brasil. Uma segunda parte era dedicada à federação, evidenciando a inclinação do Brasil para esse sistema administrativo e um último item trazia a defesa do sufrágio universal como forma de viabilizar a democracia.

⁸ CASTRO, op. cit., p. 81.

⁹ ALONSO, Angela. **Idéias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil Império**. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 223.

No ano de 1884, Assis Brasil colaborou também na fundação do jornal *A Federação*, órgão oficial do PRR. Nesse periódico, Assis Brasil escreveu inúmeros artigos criticando o regime monárquico. *A Federação* também era lida periodicamente pelo mencionado clube republicano secreto dos alunos da Praia Vermelha. Além disso, pela proximidade entre os redatores e pelo fato de veicularem o mesmo tipo de textos e notícias, *A Federação* e *A Província de São Paulo*, órgão do grupo republicano paulista, chegavam mesmo a trocar artigos, o que demonstra o intenso debate travado entre estes dois grupos, e que tinha Assis Brasil como um de seus protagonistas.¹⁰

Portanto, este trabalho se propõe a analisar a propaganda republicana no Rio Grande do Sul, tratando-a como parte de uma configuração social e política mais ampla, que envolvia desde a micropolítica, protagonizada por eleitores, clubes e facções locais, até as experiências partilhadas e a circulação de ideias com alguns dos membros da *Geração de 1870*, no sudeste do Brasil e até mesmo em Portugal. Logo, ao mesmo tempo em que nossa atenção se volta para um movimento de caráter nacional, também conferimos atenção à propaganda levada a cabo no Rio Grande do Sul, especialmente na região da Campanha e parte do núcleo missioneiro, região onde o Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) contava com inúmeros adeptos, e, com exclusividade, conseguiu vencer eleições durante o período monárquico.

Nossa análise se centrou na atuação de um personagem principal, Joaquim Francisco de Assis Brasil, embora não se reduza a ele. Ao contrário, procuramos demonstrá-lo como integrante de dois universos que, embora distintos, tinham em comum a importância das relações interpessoais. O primeiro universo trata-se de um espaço com características mais rurais, ou seja, sua região de origem e residência – a Campanha, parte do núcleo missioneiro e o terceiro círculo eleitoral. O segundo universo diz respeito aos espaços por onde circulou e com os quais mantinha contato – em especial a capital da Província, a Corte e São Paulo, todos eles núcleos essencialmente urbanos. Alguns atributos pessoais faziam com que o jovem Assis Brasil conseguisse transitar entre esses dois universos sem maiores dificuldades, estabelecendo neles relações com diversos indivíduos, conectando, com distinção, esses dois mundos.

Sendo assim, Assis Brasil é por nós analisado em constante interação com outros indivíduos, estes também vinculados à propaganda a favor da República. Optamos por esse indivíduo pois, através de sua trajetória, é possível observar tanto a atividade de um homem

¹⁰ ALONSO, Angela. **Idéias em movimento**: a geração 1870 na crise do Brasil Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 159.

que se expressava e firmava posição política através das letras, como também atuava de forma mais pragmática no jogo político da época, disputando eleições e ocupando posição como parlamentar. Privilegiar a complementaridade dessas ações é de extrema importância, uma vez que os campos intelectual e político, no século XIX, eram espaços de atuação que se imbricavam profundamente.¹¹

a) Revisão historiográfica

A revisão historiográfica que será realizada aqui agrupa as pesquisas em três diferentes enfoques: 1) as biografias de Assis Brasil e a análise de seu pensamento político; 2) o PRR e a propaganda republicana na Província; 3) a circulação de ideias nos últimos decênios do século XIX e a inserção de Assis Brasil na *Geração de 1870*.

1) Biografias e análise do pensamento político de Assis Brasil

A análise do pensamento político de Assis Brasil e de sua trajetória pública e intelectual não é nenhuma novidade. Entretanto, as pesquisas realizadas concentraram-se quase que exclusivamente no período republicano, quando Assis Brasil rompeu com o Partido Republicano Rio-Grandense e assumiu importante espaço na oposição ao mesmo.¹² A maioria desses trabalhos não foi escrita por historiadores e não possui um rigor metodológico em relação às fontes. Eles também não apresentam objetivos muito claros para além do caráter laudatório que enaltece ora o político, ora o diplomata, sempre direcionando aspectos da trajetória de Assis Brasil para os interesses intelectuais do respectivo autor.

O diplomata Álvaro da Costa Franco, por exemplo, se detém na atuação de Assis Brasil no Ministério das Relações Exteriores e elenca diversas cartas ilustrando as negociações do mesmo.¹³ Já o memorialista Fortunato Pimentel concentra-se na contribuição de Assis Brasil para os melhoramentos da agricultura nacional e o exemplo da Granja de Pedras Altas como moderna propriedade agropecuária.¹⁴ O mesmo serve para o advogado José Pereira Coelho de Souza e o jurista e ex-ministro da Justiça Paulo Brossard, que

¹¹ Alonso enfatiza que: “Dada a inexistência de um campo intelectual autônomo no século XIX, toda a manifestação intelectual era imediatamente um evento político”. Nesse sentido, a autora propõe privilegiar a tensão entre a obra e a experiência social de seus autores. ALONSO, Angela. **Idéias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil Império**. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 38.

¹² Assis Brasil rompeu com Júlio de Castilhos em 1890. Condenando o caráter excessivamente positivista do projeto da Constituição Estadual escrito por Castilhos, ele abandonou o PRR para nunca mais retornar aos quadros do partido.

¹³ FRANCO, Álvaro da Costa. **Assis Brasil: um diplomata da República**. Rio de Janeiro: Fundação Alexandre de Gusmão, 2006.

¹⁴ PIMENTEL, Fortunato. **Joaquim Francisco de Assis Brasil: emérito agricultor**. Porto Alegre: Est. Graf. Sta. Teresinha Ltda., 1950.

reservaram maior espaço de suas obras para analisar as ideias republicano-democráticas e os escritos de ordem jurídica de Assis Brasil.¹⁵ Na mesma direção, destacamos o estudo do cientista político José Giusti Tavares, que investigou o conceito de *democracia representativa* elaborado por Assis Brasil já no século XX.¹⁶ Ainda como importantes fontes informativas estão as biografias escritas por jornalistas.¹⁷

Com relação às pesquisas realizadas por historiadores, devemos mencionar as contribuições de Carmem Aita, que realizou uma introdução biográfica e selecionou alguns discursos de Assis Brasil, publicados pela Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, e Artheniza Weinmann Rocha, que estudou a atuação política de Assis Brasil, incluindo documentos pesquisados na sua biblioteca em Pedras Altas.¹⁸ Apesar da qualidade dos trabalhos e da apresentação de alguns documentos inéditos, ambos apresentam poucas informações sobre a atuação política e intelectual de Assis Brasil durante a Monarquia, trazendo poucos avanços em relação ao que já havia sido apontado por Brossard (1989) e Reverbel (1990).

Carmem Aita, em tese de doutorado recente, estudou mais profundamente o pensamento político de Assis Brasil durante a República, avaliando sua inserção na história das ideias políticas brasileiras. Para tal, privilegiou a relação entre república e liberalismo, a partir da análise dos conceitos de *democracia representativa* e *governo republicano presidencial*, continuamente enfatizados por Assis Brasil.¹⁹ Cristina Buarque de Hollanda, por sua vez, recentemente publicou uma antologia que acompanha a trajetória pública do político e intelectual Assis Brasil, reunindo conferências e discursos inéditos. A documentação inclui textos dos tempos da época em que Assis Brasil era estudante, na Faculdade de Direito de São Paulo, até sua idade madura, já no período do Estado Novo, todos eles comentados pela autora. Mesmo nesta que é uma das últimas publicações a

¹⁵ Ver BROSSARD, Paulo (Org.). **Idéias políticas de Assis Brasil**. Brasília: Senado Federal; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1989; SOUZA, José Pereira Coelho de. **O pensamento político de Assis Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.

¹⁶ TAVARES, José A. G. A teoria da representação política e do governo em Assis Brasil. In: ASSIS BRASIL, Joaquim Francisco de. **A democracia representativa na república**: antologia. Ed. Fac-similar. Brasília: Senado Federal, 1998. p. III-LXVIII.

¹⁷ OSÓRIO, Pedro Luiz da Silveira. **Assis Brasil**. Porto Alegre: Tchê, 1986; REVERBEL, Carlos. **Assis Brasil**. Porto Alegre: IEL, 1990; MARQUES, Antero. **Assis Brasil e a evolução nacional**. Porto Alegre: s/ed., 1983.

¹⁸ AITA, Carmem (Org.). **Joaquim Francisco de Assis Brasil**: perfil biográfico e discursos (1857-1938). Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 2006; ROCHA, Artheniza W.; ALMEIDA, Luiz.; MARCHIORI, José. **J. F. de Assis Brasil**: interpretações. Santa Maria: UFSM, 1995.

¹⁹ AITA, Carmen. **Liberalismo e República**: o pensamento político de J. F. Assis Brasil. 2006. 267 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2006.

respeito deste personagem, a maior parte do livro é dedicada a atuação de Assis Brasil no período republicano e, especialmente, a análise de seu pensamento político.²⁰

Portanto, a maioria das pesquisas privilegia a atuação de Assis Brasil já na República quando o mesmo foi diplomata na Argentina (1892), Portugal (1895), Estados Unidos (1898), México (1902) e Ministro da Agricultura (1931), além de ter liderado a oposição ao borgismo entre 1907 e 1923, ano em que eclodiu a Revolução Assisista, que teve nele seu chefe maior. As poucas passagens que as mencionadas obras reservam à fase da propaganda republicana são repetitivas e informam, sempre de maneira cronológica, aspectos de sua vida que vão desde os seus estudos em São Paulo até o 15 de Novembro. No geral, elas não privilegiam as suas relações sociais e políticas locais e com as elites de outras províncias. Do mesmo modo, não buscam compreender como ele conseguiu se eleger num forte reduto de monarquistas, a sua atuação como parlamentar e os interesses que defendeu ao exercer este posto político.

Um outro vício encontrado nas biografias citadas é a postura teleológica e enaltecida da vida de Assis Brasil. Tal tipo de narrativa também é encontrado nas biografias de outros propagandistas rio-grandenses. O jovem Pinheiro Machado da década de 1870, por exemplo, já seria uma versão precoce do importante Senador de 30 anos depois. O estudante Júlio de Castilhos já traria das arcadas paulistas o estadista da década de 1890.²¹ A sobrevalorização do heroísmo desses líderes, somada ao mencionado ponto de vista teleológico, influenciou a forma como alguns historiadores trataram a Proclamação da República no Rio Grande do Sul. O 15 de Novembro e o triunfo do PRR acabaram sendo vistos como uma evolução quase que inevitável e a proeminência de Castilhos uma sina.²²

Tais posturas teleológicas trazem problemas para analisarmos o papel dos propagandistas na década de 1880, pois ocultam todas as dificuldades de uma geração jovem que formava uma visível minoria na(s) Província(s). Como evidenciou Celso Castro, ao seguirmos essa matriz analítica, a própria Proclamação da República é tida como um evento sem riscos políticos. Segundo esse autor, a historiografia trabalhou em cima da tese de que a mudança de regime era uma inevitabilidade histórica, recaindo essa visão do golpe a uma perda de dimensão do risco político presente nas ações dos personagens envolvidos.

²⁰ HOLLANDA, Cristina Buarque de. (Org.). **Joaquim Francisco de Assis Brasil** – uma antologia política. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2011.

²¹ Pierre Bourdieu problematiza, com muita propriedade, este tipo de construção textual. Para mais informações, ver: BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 183-191.

²² Como, por exemplo, FRANCO, Sérgio da Costa. **Júlio de Castilhos e sua época**. Porto Alegre: Globo, 1967.

Concluindo, ele enfatiza que o golpe poderia ter fracassado e a República não ter sido proclamada.²³

Nesse sentido, a mitificação tanto do PRR quanto de seus líderes nos impossibilita captar a complexidade da ação política e toda a insegurança desses jovens propagandistas, dentre eles Assis Brasil. A leitura de cartas, depoimentos e documentos diversos envolvendo os mesmos revelam um alto grau de imaturidade política comum dos seus poucos anos.²⁴ O próprio Assis Brasil, já no fim da vida, ao se deparar com seu livro *A República Federal* na estante de um museu, teria comentado: “Minha *República Federal*, encadernada! Veja: livro escrito por um adolescente, que tem coisas boas e... más, a começar pelo próprio título – ‘República Federal’. Está errado”.²⁵

Ao mesmo tempo, inúmeras dificuldades que os jovens propagandistas enfrentaram não encontraram espaço nas páginas da historiografia sobre o tema. Castilhos, por exemplo, chegou a pensar, em certa época, em desistir do posto de redator principal de *A Federação*, pois, conforme mencionou em carta ao amigo Assis Brasil, “ [...] as coisas têm corrido e correm pessimamente”:

Pela minha parte, falando-te na intimidade, só te vou dizer que por um prodígio de heroísmo é que acho-me ainda no posto.
 Já lá se foram mais de dois meses de serviço ativo depois que regressei, e ainda não recebi um fino da *Federação* por falta de recursos. Tenho tido ímpeto de abandonar tudo e recolher-me com a família para o meu retiro da Boa Vista.
 Mas lembro-me de que, se ausentar-me, a folha não subsistirá nem meses, e vou sempre adiando o momento fatal, com doloroso sacrifício das minhas já depauperadas finanças. Estou certíssimo, porém, de que, se a cousa continuar como vai, não resistirei até o fim do ano.²⁶

Portanto, nossa pesquisa dialoga com as premissas enunciadas por Celso Castro. É somente situando Assis Brasil, assim como os demais propagandistas, em um panorama bastante complexo e, considerando a dimensão de risco que permeava as suas ações, que será possível compreender o comportamento político destes agentes, a maneira como estavam atuando e elaborando seus projetos.

²³ CASTRO, Celso. **Os militares e a República**: um estudo sobre cultura e ação política. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. p. 8.

²⁴ Ver, por exemplo, as cartas de Castilhos para sua noiva Honorina. MUSEU Júlio de Castilhos. **Cartas de Júlio de Castilhos**: edição comemorativa dos 90 anos de criação do Museu Júlio de Castilhos. Porto Alegre: IEL/AGE, 1993.

²⁵ DUARTE, Eduardo. Meu encontro com Assis Brasil. **Revista do Museu Júlio de Castilhos e Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, n. 9, 1958, p. 7. O termo correto, conforme Assis Brasil, deveria ser “República Federativa”.

²⁶ Correspondência de Júlio de Castilhos a Assis Brasil. Porto Alegre, 04.07.1887. n° 16. Arquivo Pessoal de Joaquim Francisco de Assis Brasil (IHGRGS).

Mas, para além dos estudos de carácter mais biográfico, que analisaram a trajetória de alguns propagandistas isoladamente, dentre eles Assis Brasil, alguns autores se dedicaram a um outro tipo de abordagem, centrando sua atenção no conjunto de indivíduos que integraram a propaganda republicana na Província e a própria formação do Partido Republicano Rio-Grandense.

2) Sobre o PRR e o movimento republicano na Província

Walter Spalding foi o primeiro a se deter exclusivamente sobre o período da propaganda republicana, tendo analisado o que considerou os principais momentos que conferiram visibilidade à atuação dos republicanos na Província, tais como o caso da Moção São Borja²⁷, a atuação de Castilhos em relação às questões militares e a assinatura do Manifesto da Fazenda da Reserva, no ano de 1888. Ao mesmo tempo, o autor trouxe importante contribuição ao reunir e apresentar notas biográficas dos principais propagandistas rio-grandenses, que haviam se popularizado antes da Proclamação da República.²⁸ Essa listagem preliminar, contendo informações sobre a trajetória de vários propagandistas, foi revisitada diversas vezes por pesquisas posteriores.

As primeiras pesquisas referentes ao movimento republicano na Província e a criação do Partido Republicano Rio-Grandense, majoritariamente tomaram como base, os esboços biográficos e estudos do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. No entanto, tais trabalhos acabam caindo em análises que mitificam os agentes envolvidos, o que já comentamos. Rompendo parcialmente com essa tradição, Helga Piccolo analisou minuciosamente os discursos parlamentares e programas partidários e buscou definir um quadro político para o Rio Grande do Sul no Segundo Reinado. A autora considerou que o PRR surgiu somente em 1882 porque o Partido Liberal possuía um discurso tão radical na década anterior que esvaziava as reivindicações dos republicanos da Província. Apesar da grande contribuição historiográfica dos seus estudos, ao se preocupar somente com o campo

²⁷ No caso que ficou conhecido como “Moção São Borja” (1887-1888), Aparício Mariense, vereador republicano da Câmara Municipal de São Borja, apresentou um projeto de lei que visava regularizar a questão da sucessão do trono. No projeto, o vereador apontava que, em caso de falecimento do imperador D. Pedro II, a conveniência de um terceiro reinado deveria ser decidida pela população através de um plebiscito. A Câmara, ainda que com alguns desacordos, aprovou o projeto e enviou a petição ao governo da província. Tal iniciativa gerou inúmeras manifestações pró e contra a medida, alcançando repercussão nacional. Ao final, a Câmara foi dissolvida e o projeto proposto por Aparício Mariense, invalidado.

²⁸ SPALDING, Walter. Propaganda e propagandistas republicanos no Rio Grande do Sul. **Revista do Museu Julio de Castilhos**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 57-136, jan. 1952.

das ideias, a autora ignorou aspectos como a composição social dos partidos políticos da época.²⁹

Esse tipo de investigação acabou sendo realizada por autores que, ainda na década de 1970, buscaram vincular as ideias políticas às respectivas classes sociais dos seus defensores. A maioria dos trabalhos passou então a vincular o republicanismo aos novos grupos que vinham surgindo no cenário político. De tal modo, Sérgio da Costa Franco assinalou que “a ascensão dos castilhistas correspondeu a modificações na hierarquia social, já que boa parte do eleitorado republicano provinha de setores de classe média, que o regime eleitoral do Império havia privado do exercício do voto”.³⁰ Em outra oportunidade, Franco afirmou que “a ascensão dos castilhistas ao poder, se não correspondeu exatamente à substituição de uma classe social por outra no exercício de mando, equivaleu à promoção de novos segmentos que em geral tinham estado afastados da partilha das benesses do Estado”.³¹

Por outro lado, Joseph Love pontuou que a partir da Proclamação da República e, especialmente, da revolução de 1893, processou-se uma mudança no poder, “de uma elite estancieira para uma outra, próxima desta”.³² Para esse autor, os dirigentes dos partidos Liberal e Conservador formavam a aristocracia da Província, possuindo as maiores e mais antigas estâncias além de muitos deles possuírem títulos imperiais, ao passo que “Castilhos e seus companheiros eram um pouco menos ricos e tinham vínculos mais tênues com a nobreza provincial”.³³ Love concluiu que, de maneira geral, os estancieiros continuaram a dominar o Rio Grande durante a República, assim como no Império; entretanto, havia uma diferença com relação à origem regional dos líderes: “nas posições, em outros tempos ocupadas em sua maioria por líderes vindos da campanha, assentaram-se cada vez mais os naturais da Serra”.³⁴

Sendo assim, na década de 1970, em trabalho de extremo rigor científico, baseado em profunda pesquisa empírica, Love já havia apontado para uma origem também agrária dos principais líderes do PRR – ainda que enfatize uma diferença em termos de origem regional em relação às elites monarquistas – bem como para a existência de vínculos parentais de algumas dessas lideranças com famílias nobres da Província. Entretanto, embora sua pesquisa tenha sido constantemente revisitada, a vinculação entre os novos grupos urbanos e o republicanismo continuou a ser propagada pelos trabalhos posteriores.

²⁹ PICCOLO, Helga I. L. **A política rio-grandense no II Império (1868-1882)**. Porto Alegre: Gabinete de Pesquisa de História do Rio Grande do Sul, 1974.

³⁰ FRANCO, Sérgio da Costa. **Júlio de Castilhos e sua época**. Porto Alegre: Globo, 1967. p. 155.

³¹ Id. **A guerra civil de 1893**. Porto Alegre: UFRGS, 1993. p. 56.

³² LOVE, Joseph. **O regionalismo gaúcho e as origens da Revolução de 1930**. São Paulo: Perspectiva, 1975, p. 79. A versão original, publicada na língua inglesa, é do ano de 1970.

³³ Ibid., p. 79.

³⁴ Ibid.

A pesquisa de Celi Pinto é bastante elucidativa nesse sentido. Para essa autora, o perfil dos propagandistas republicanos no Rio Grande do Sul era o de um grupo de indivíduos muito jovens e com uma instrução educacional “excepcional” para a época em que viviam. Os mesmos pertenceriam, em sua grande maioria, à “classe média urbana” rio-grandense e não estavam envolvidos diretamente com os interesses do grupo dominante da campanha ou das regiões mais pobres do norte da Província. Para a autora, a propaganda republicana foi feita à revelia desses segmentos da sociedade.³⁵ Sendo assim, as conclusões de Pinto vinham, de forma ampla, ao encontro daquelas defendidas por Franco. No entanto, ao passo que esse último apontava para a predominância dos setores de uma baixa classe média, Pinto concluiu que a maioria dos republicanos era formada por profissionais liberais e militares que formavam uma elite dentro dos setores médios urbanos, pelo seu próprio grau de instrução.

Sílvio Duncan Baretta, analisando as motivações que levaram à guerra civil rio-grandense de 1893-1895 e à extrema violência que caracterizou este conflito também ofereceu algumas considerações sobre o perfil socioeconômico dos republicanos. Debatendo com Sérgio da Costa Franco, Baretta buscou demonstrar que a guerra não fora resultado de um conflito de classes.³⁶ Pesquisando os inventários *post-mortem* de lideranças republicanas e federalistas, Baretta verificou que os segundos não eram muito mais ricos e que havia fazendeiros entre os republicanos. A partir da análise de uma série de inventários *post-mortem* o autor sugeriu que os republicanos apresentavam um caráter mais profissional e com formação educacional superior em relação aos federalistas. Além disso, o republicanismo seria um movimento eminentemente urbano e os seus líderes não possuíam nenhuma ligação com a nobreza monarquista que caracterizou a elite do regime político derrubado.³⁷

Recentemente, Jonas Vargas demonstrou o equívoco dessas teses ao vincular uma classe social a um partido político. Através de rigorosa pesquisa empírica o autor demonstrou

³⁵ PINTO, Celi Regina Jardim. **Contribuição ao estudo do Partido Republicano Rio-Grandense**. 1979. 148 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, UFRGS, Porto Alegre, 1979. Sínteses mais recentes, como a de Ricardo Pacheco, seguem o mesmo tipo de análise, quando investiga o movimento republicano na província e a estruturação do PRR. Inclusive, com relação à composição social do partido, no trabalho de Pacheco encontramos as mesmas afirmativas de Celi Pinto, ao considerar que os republicanos eram provenientes de uma classe média urbana. PACHECO, Ricardo de Aguiar. Conservadorismo na tradição liberal: movimento republicano (1870-1889). In: PICCOLO, Helga e PADOIN, Maria M. (Org.) **História geral do Rio Grande do Sul**: Império. Porto Alegre: Méritos, 2007. V. 2. p. 139-153.

³⁶ Franco defendia que os federalistas eram muito mais ricos e tinham suas bases nas grandes estâncias da campanha, enquanto que os republicanos eram os mais pobres, pertencentes a uma classe média urbana com forte traço urbanizado. FRANCO, Sérgio da Costa. **A guerra civil de 1893**. Porto Alegre: UFRGS, 1993.

³⁷ BARETTA, Sílvio Rogério Duncán. **Political violence and regime change: a study of the 1893 civil war in southern Brazil**. Pittsburgh: University of Pittsburgh, 1985. p. 192-217.

que, ao contrário do que a historiografia tradicional defendia, o Partido Liberal não era o exclusivo representante dos interesses dos estancieiros da região da campanha. Nesse sentido, o autor argumentou que os políticos conservadores, liberais e republicanos provinham “de famílias de estancieiros médios e abastados, ricos comerciantes, charqueadores e empregados públicos, com bases em todos os municípios da província, mantendo, obviamente, variações quantitativas e peculiaridades de acordo com as localidades em que se encontravam as suas famílias”.³⁸

No entanto, Vargas não pesquisou os líderes republicanos e suas afirmações foram realizadas a partir da observação de algumas trajetórias dos principais propagandistas. Nesse sentido, ainda é necessária uma investigação mais aprofundada, tanto acerca da composição social das lideranças republicanas, quanto da sua base social local, ou seja, dos seus eleitores e pequenos líderes paroquiais – algo ainda não realizado pela historiografia rio-grandense.

3) *Sobre a circulação de ideias em fins do século XIX e a Geração de 1870*

A atuação de alguns intelectuais, muitos deles propagandistas da República, como Assis Brasil, no interior de um movimento mais amplo, a *Geração de 1870*, também tem sido trabalhada de diferentes maneiras. Uma primeira vertente explicativa para o movimento está relacionada à clássica *história das ideias*, da qual destacamos os trabalhos de Antônio Paim e Cruz Costa.³⁹ Esses autores definiram o movimento como uma versão brasileira de correntes europeias, interpretando-o em termos de gênese e desenvolvimento de doutrinas ou escolas.⁴⁰ Desse modo, buscaram classificar os intelectuais e sua produção em sistemas de ideias tais como o cientificismo, o positivismo, o evolucionismo, dentre outros. Ao passo que Paim tomou como conceito analítico a noção de ‘influência’, Cruz Costa investigou os processos que caracterizou como ‘adaptação’ ou mesmo ‘deformação’ que as correntes europeias sofriam no Brasil. Por fim, essa perspectiva da história das ideias, sem um diálogo com a história social, tomou por pressuposto que o objetivo da *Geração de 1870* era o de criar uma filosofia e uma literatura, sem haver conexão com a prática política.

³⁸ VARGAS, Jonas Moreira. **Entre a paróquia e a Corte: os mediadores e as estratégias familiares da elite política do Rio Grande do Sul (1850-1889)**. Santa Maria: UFSM/Anpuh-RS, 2010. p. 14.

³⁹ CRUZ COSTA, J. **Contribuição à história das idéias no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956; PAIM, Antonio. **A filosofia da Escola de Recife**. Rio de Janeiro: Saga, 1966.

⁴⁰ Na variante rio-grandense, por exemplo, o castilhismo foi considerado como uma “doutrina política”. Para mais informações, ver: RODRÍGUEZ, Ricardo Vélez. **Castilhismo: uma filosofia da República**. Porto Alegre: UCS/EST, 1980.

Outra vertente explicativa está vinculada às ideologias de classe, onde se avaliou o movimento reformista como produtor de uma ideologia modernizadora e a serviço de determinados grupos sociais. Desse modo, a *Geração de 1870* foi explicada a partir da posição social de seus membros, estabelecendo um vínculo direto entre o surgimento de novos grupos sociais na esfera econômica, especialmente a classe média, e a emergência de novos movimentos intelectuais ou ideologias. Portanto, o movimento seria uma forma de expressão dos anseios desses novos grupos socioeconômicos.⁴¹

Uma última abordagem foi inaugurada pelo trabalho de Angela Alonso, que ofereceu uma análise sociopolítica do movimento intelectual. Alonso estudou a *Geração de 1870* a partir de seu caráter de ação coletiva, investigando o movimento através dos escritos de seus integrantes e também de sua prática política. Conforme a autora, a inexistência de um campo intelectual autônomo no século XIX fazia com que toda a manifestação intelectual fosse imediatamente um evento político. Para Alonso, o movimento intelectual só ganha plena inteligibilidade através de uma análise contextual, daí a base de seu argumento ser “um truísmo sociológico: formas de pensar estão imersas em práticas e redes sociais”.⁴² Logo, Alonso privilegiou a tensão entre a obra e a experiência social de seus autores, ou seja, não desprezou as ideias do movimento de transformação da sociedade em que estas foram enunciadas.

Sendo assim, não existe uma pesquisa que trate ao mesmo tempo da ação intelectual e política de Assis Brasil na fase da propaganda republicana e de suas relações sociais com as elites da campanha. Tampouco existem trabalhos que analisem as redes de relações estabelecidas pelos propagandistas rio-grandenses com os jovens de outras províncias. Entendido como província periférica, o Rio Grande do Sul quase sempre foi visto como receptor de ideias e não como difusor. Cremos que uma análise da atuação de Assis Brasil na propaganda republicana será útil tanto para refletirmos acerca da importância das relações interpessoais no interior do movimento de circulação de ideias de fins do século XIX, bem como a respeito da prática política levada a cabo pelos republicanos no interior da Província, onde assumiam importância os eleitores, os clubes e as facções locais.

Nesse sentido, nossa análise privilegiou quatro dinâmicas principais, onde Assis Brasil aparece interagindo, em diferentes contextos e situações, com outros indivíduos vinculados à propaganda republicana. A observação desses quatro conjuntos orientaram a

⁴¹ Tome-se como exemplo, para o caso do Rio Grande do Sul, os já citados trabalhos de PINTO (1979) e LOVE (1970).

⁴² ALONSO, Angela. **Idéias em movimento**: a geração 1870 na crise do Brasil Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 38.

apresentação do texto. Sendo assim, nosso primeiro enfoque visa mostrar Assis Brasil em interação com seus familiares, visto considerarmos não os indivíduos, mas sim a família como unidade política principal durante o século XIX. Assim sendo, algumas das primeiras questões que procuramos responder foram: *a)* Como uma família republicana se organizava em termos de estratégia política? *b)* De que tipo de mecanismos se valiam para acessar o poder? *c)* Sua configuração e modo de atuação eram diferentes daqueles apresentados pelas elites monarquistas da Província?

Em um segundo momento, nossa atenção esteve voltada para a interação de Assis Brasil com outros indivíduos vinculados à propaganda republicana na Província e especialmente fora dela. Para isso, analisamos a configuração de uma rede social, da qual faziam parte propagandistas republicanos de algumas províncias do Brasil e mesmo de Lisboa, e que tinha como objetivo, através da solidariedade entre seus membros e do apoio em situações adversas, fortalecer as bases da propaganda republicana. Nosso objetivo foi o de demonstrar que a circulação de ideias nas últimas décadas do século XIX, não se dava somente no sentido de difusão do centro do país em relação às províncias mais afastadas, mas sim, que o fenômeno da circulação de ideias era uma via de mão dupla. Ou seja, os membros das províncias mais “periféricas” também contribuíram de forma significativa com os debates em nível nacional e que tinham em São Paulo e Rio de Janeiro seus espaços privilegiados.

Em um terceiro momento, procuramos demonstrar Assis Brasil como liderança e também parte do eleitorado republicano do terceiro círculo eleitoral.⁴³ Nesse espaço, Assis Brasil configurou uma trajetória de sucesso, sendo eleito por seus correligionários por duas vezes consecutivas à Assembleia Provincial. Dadas essas informações, nos propusemos a estudar a base de apoio eleitoral de Assis Brasil naquela região. Algumas questões mereceram atenção mais profunda, tais como: *a)* Qual era o perfil do conjunto de indivíduos que os clubes republicanos do interior da província atraíam? *b)* De que atividades se ocupavam? *c)* Possuíam vida essencialmente rural ou urbana? *d)* Que fatores ajudam a explicar a força do PRR nessa região, a ponto de ser ela a única a eleger um candidato republicano durante o período monárquico? Do mesmo modo, refletimos acerca do perfil das lideranças republicanas da Província. A partir de uma análise rigorosa de dados empíricos, foi possível repensar a tão propagada ligação entre republicanismo e as classes médias urbanas, bem como a dissociação social dos republicanos das elites mais tradicionais da Província.

⁴³ A partir da década de 1870, a província foi dividida em seis círculos eleitorais. Do terceiro círculo, região de origem de Assis Brasil e através da qual ele se elegeu, faziam parte alguns dos municípios que compunham a região da campanha e missioneira. Essa divisão político-administrativa será melhor analisada no primeiro capítulo.

Por fim, conferimos especial atenção à mobilização republicana frente aos pleitos eleitorais e estratégias mobilizadas pelo então candidato Assis Brasil (dentre elas a aproximação com os conservadores) para vencer as eleições. Para tal, tomamos como base os trabalhos de Richard Graham e Jonas Moreira Vargas.⁴⁴ Nosso intuito foi o de tentar compreender como os republicanos se comportavam em momentos-chave da política no século XIX e se esse comportamento de fato era diferente daquele assumido pelas elites monarquistas da Província. Uma de nossas hipóteses principais é a de que o fato de Assis Brasil se colocar como um possível representante dos interesses dos estancieiros da região sudoeste da Província colaborou para sua vitória nas urnas. Tendo assumido a vaga de deputado, procuramos verificar se houve um uso estratégico de sua posição política em benefício da situação econômica de sua família e demais correligionários que colaboraram para a sua eleição.

b) Metodologia, fontes e algumas considerações teóricas

Para comprovar nossas hipóteses tomamos uso de um leque variado de fontes documentais. A leitura dos jornais de propaganda contribuiu bastante nesse sentido, pois a partir deles foi possível detectar laços que tornavam alguns propagandistas mais próximos, em detrimento de outros, bem como vislumbrar atuações políticas conjuntas. Nosso objetivo foi o de verificar a existência de uma *rede social* dentre as tantas que possivelmente existiam, atentando para a funcionalidade e importância da conformação desses laços para a difusão do ideal republicano. Para tal, empregamos o método de *análise de redes sociais*, recentemente muito utilizado no campo da história. Mitchell definiu a rede social como um conjunto específico de conexões entre um grupo definido de pessoas, sendo que as características de tais conexões podem ser usadas para interpretar o comportamento social dos indivíduos nela implicados.⁴⁵

⁴⁴ GRAHAM, Richard. **Clientelismo e política no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997; VARGAS, Jonas Moreira. **Entre a paróquia e a Corte: os mediadores e as estratégias familiares da elite política do Rio Grande do Sul (1850-1889)**. Santa Maria: UFSM/Anpuh-RS, 2010.

⁴⁵ MITCHELL, J. Clyde. Social networks. **Annual Review of Anthropology**, v. 3, p. 279-299, 1974. Tal metodologia será melhor aprofundada no segundo capítulo. Dentre os trabalhos que tomamos como referência, ver, por exemplo: IMIZCOZ, José María. Actores, redes, procesos: reflexiones para una historia más global. **Revista da Faculdade de Letras – História**, Porto, III série, v. 5, p. 1-28, 2004; BERTRAND, Michel. De la familia a la red de sociabilidad. **Revista Mexicana de Sociología**, Cidade do México, v. 61, n. 2, p. 107-135, abr./jun. 1999; Id. Los modos relacionales de las élites hispanoamericanas coloniales: enfoques y posturas. **Anuario del IEHS**, Tandil, n. 15, 2000. p. 61-79; MOUTOUKIAS, Zacarías. Familia patriarcal o redes sociales: balance de una imagen de la estratificación social. **Anuario del IEHS**, Tandil, n. 15, p. 133-151, 2000.

A metodologia da análise de redes visa reconstituir a experiência histórica dos agentes e, neste sentido, o lugar do indivíduo passa a ser definido empiricamente a partir das relações pessoais que o mesmo entrelaça e dinamiza. O método nos parece apropriado para dar conta de uma multiplicidade de relações que envolviam indivíduos de várias províncias e que haviam se tornado bastante próximos, em função de terem compartilhado algumas experiências estudantis. Ao mesmo tempo, seu uso possibilita uma melhor compreensão das relações de poder que orbitavam o cenário político da época. Era por meio dessas redes que favores eram prestados e solidariedades eram prestadas; tais circuitos assumiam grande importância quando pensamos que os republicanos eram grupos minoritários em fins do século XIX.

O exercício metodológico proposto exigiu uma caracterização individualizada, ou seja, por se tratar de uma rede social onde o tipo de recursos e favores prestados eram bastante específicos, optou-se por caracterizá-la como uma *rede de letrados*. Optamos por essa denominação, visto se tratarem de indivíduos que tinham intimidade com as letras e divulgaram o ideal republicano através dos seus escritos (livros, jornais etc.). Tal rede era composta por indivíduos que atuavam a favor da república no Rio Grande do Sul, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Lisboa e funcionava no sentido de facilitar a publicação e a circulação dos escritos de propaganda de autoria dos seus membros.

Tomamos Assis Brasil como ponto privilegiado da análise dessa rede. Levando em conta sua trajetória, seus espaços de circulação e pessoas com quem travou relações, foi possível detectar um círculo de relacionamentos, do qual faziam parte alguns dos indivíduos que Angela Alonso destacou como membros da *Geração de 1870*. Ainda assim, nem todos os integrantes da rede de letrados eram membros da *Geração de 1870*, pois dela também faziam parte republicanos de expressão mais local/regional – e não nacional – com os quais Assis Brasil havia formulado laços de solidariedade.

Sendo assim, a partir da leitura de periódicos, correspondências, fontes impressas e bibliografia diversa foi montada uma listagem preliminar, contendo os nomes dos indivíduos que faziam parte dessa rede social, o local onde possivelmente estabeleceram seus primeiros contatos e o tipo da relação identificada (amizade, parentesco, etc.). Assis Brasil, evidentemente, foi o indivíduo priorizado por nossa análise, constituindo-se no *ego* dessa rede de relações. Republicanos que não apresentaram ligações diretas com ele ocupam um papel secundário na análise. Não obstante, ligações e contatos que nos pareceram eventuais também tomaram o mesmo destino.

Portanto, tratava-se de um conjunto bastante complexo de inter-relações. No interior da rede, velhas e novas gerações de republicanos se relacionavam.⁴⁶ Além disso, dada a espacialidade desse círculo de relacionamentos é impossível não mencionar a heterogeneidade dos indivíduos que o compunham, bem como dos núcleos que constituíam regionalmente. Angela Alonso pontuou satisfatoriamente que os grupos que compunham o movimento reformista eram heterogêneos tanto socialmente quanto em termos de ideologia adotada – liberais, positivistas etc. – embora compartilhassem experiências comuns que os aproximasse a ponto de possibilitar uma ação coletiva. No caso da rede que analisamos, alguns dos republicanos divergiam quanto a questões básicas, como o próprio modelo de República que deveria ser implementado quando da queda da Monarquia. Ainda assim, a cooperação/solidariedade prevalecia, dada a conjuntura política do momento e o fato de os republicanos constituírem uma minoria política na década de 1880.

A inclusão de alguns lisboetas na rede de letrados teve em vista o constante intercâmbio entre os republicanos que, em um primeiro momento, detectamos nos jornais, bem como a circulação de alguns propagandistas, em viagens por motivos diversos, nos dois países. Tanto o Brasil quanto Portugal viviam momentos conturbados em que grupos diversos manifestavam-se por reformas de toda a ordem. Assim como no Brasil, Portugal também contava com uma *Geração de 1870*. Beatriz Berrini atentou para a importância do contato entre essas duas gerações, enfatizando mesmo não ser possível entender as *gerações de 1870* separadamente, já que estas “não compunham dois grupos distintos, porém formavam uma mesma plêiade em que brasileiros e portugueses se confundiam”.⁴⁷

Posto que a rede de letrados era ampliada geográfica e politicamente, ela não apresentou um formato fácil de ser capturado. De tal modo, a título de exemplo, detectar os vínculos de alguns republicanos brasileiros com os lisboetas foi algo bastante trabalhoso, ao mesmo tempo em que pôde conferir às trocas um caráter internacional. As leituras de jornais de propaganda foram as principais fontes utilizadas para detectarmos os vínculos entre os letrados. As buscas foram realizadas no Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, em Porto Alegre, no Núcleo de Pesquisa em História (NPH), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e na

⁴⁶ Saldanha Marinho, Quintino Bocayuva e José do Patrocínio interagiam com os mais moços no interior dos clubes republicanos e em jornais de renome. Os mais jovens, por sua vez, tais como Assis Brasil, buscavam/criavam oportunidades de se relacionar com os mais experientes.

⁴⁷ BERRINI, Beatriz. **Brasil e Portugal: a geração de 70**. Porto: Campo das Letras, 2003. p. 86.

Biblioteca Nacional de Lisboa.⁴⁸ Para a nossa sorte, nos últimos meses desta pesquisa, a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro disponibilizou muitos periódicos na sua hemeroteca online. Desse modo, foi possível consultar o que nos faltava do acervo de *A Federação*, e os jornais *O Paíz* e *A Gazeta da Tarde*. Com um sistema de busca bastante eficiente, pode ser possível realizar uma pesquisa mais rápida pelos nomes dos propagandistas. O mesmo ocorreu em relação ao Arquivo Público Mineiro, onde pudemos acessar o periódico *O Colombo*.

Para o tratamento da elite republicana rio-grandense e do perfil do eleitorado republicano nas regiões da campanha e missioneira no Rio Grande do Sul utilizamos o *método prosopográfico*, ferramenta bastante útil para abordar questões envolvendo as elites, em especial, as raízes da ação política e as estruturas e mobilidades sociais das mesmas. Lawrence Stone definiu o método da seguinte maneira:

A prosopografia é a investigação das características comuns de um grupo de atores na história, por meio de um estudo coletivo de suas vidas. O método empregado constitui-se em estabelecer um universo a ser estudado e então investigar um conjunto de questões uniformes – a respeito de nascimento e morte, casamento e família, origens sociais e posição econômica herdada, lugar de residência, educação, tamanho e origem da riqueza pessoal, ocupação, religião, experiência profissional e assim por diante. Os vários tipos de informações sobre os indivíduos deste universo são então justapostos, combinados e examinados em busca de variáveis significativas. Eles são testados com o objetivo de encontrar tanto correlações internas quanto correlações com outras formas de comportamento ou ação.⁴⁹

Portanto, o método das biografias coletivas ajuda a “[...] elaborar perfis sociais de determinados grupos sociais, categorias profissionais ou coletividades históricas, dando enfoque aos mecanismos coletivos – de recrutamento, seleção e reprodução social – que caracterizam as trajetórias sociais (e estratégias de carreira) dos indivíduos”.⁵⁰ De acordo com

⁴⁸ Na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro foram consultados os acervos dos jornais *A Revista Federal* (1886-1887), *A Província de São Paulo* (década de 1880) e *A Inconfidência* (1885). Em Lisboa, consultamos os acervos dos periódicos *O Século* (década de 1880) e *A Era Nova* (década de 1880).

⁴⁹ STONE, Lawrence. Prosopografia. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba: UFPR, v. 19, n. 39, p. 115, 2011.

⁵⁰ HEINZ, Flavio Madureira. O historiador e as elites – à guisa de introdução. In: _____ (Org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 9. Outros trabalhos foram tomados também como referência do uso do método. São eles: CHARLE, Christophe. A prosopografia ou biografia coletiva: balanço e perspectivas. In: HEINZ, op. cit., p. 41-53; CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem: a elite política imperial / Teatro das Sombras: a política imperial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003; VARGAS, Jonas Moreira. **Entre a paróquia e a Corte: os mediadores e as estratégias familiares da elite política do Rio Grande do Sul (1850-1889)**. Santa Maria: UFSM/Anpuh-RS, 2010; VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. **Elites políticas mineiras na Primeira República Brasileira: um levantamento prosopográfico**. Porto Alegre: FEE, 2000 (Comunicação - Primeiras Jornadas de História Regional Comparada - FEE); LOVE, Joseph; BARICKMAN, Bert. Elites regionais. In: HEINZ, op. cit., p. 77-97;

Christophe Charle, a prosopografia apresenta-se como um método bastante útil para o tratamento das elites, pois, a partir dele:

[...] compreendemos melhor o que as divide, o que as hierarquiza e as opõe, portanto, quais são as raízes das oposições políticas ou ideológicas entre as elites ou as frações da classe dominante. Em particular, temos condições de reconstituir o jogo da antiguidade social, das redes familiares, das tradições regionais que influenciam sua visão de mundo e que não são redutíveis a determinismos puramente econômicos. As biografias sociais permitem colocar à luz do dia as estratégias familiares de ascensão, de estagnação ou de reconversão que os diversos meios de elite ou da burguesia utilizam.⁵¹

Para a confecção das listas do eleitorado republicano do terceiro círculo, utilizamos dos Livros de Atas dos clubes republicanos municipais. A partir do fechamento desse grupo e do estabelecimento das principais questões para as quais buscaríamos respostas, uma pesquisa exaustiva se deu em fontes como listas da Guarda Nacional, listas de votantes qualificados, genealogias, livros de história dos municípios e inventários *post-mortem*. A busca pelas principais informações a respeito desses indivíduos baseou-se na fórmula cunhada por Carlo Ginzburg e Carlo Poni. Tal proposta reivindica o *nome* como fio condutor da investigação, possibilitando acompanhar um mesmo sujeito em momentos diversos e através de diferentes contextos sociais. O *método onomástico*, portanto, baseia-se em procurar os agentes sociais na mais variada gama de documentação possível a fim de recompor suas trajetórias.⁵²

Ao mesmo tempo em que estabelecemos como objetivo traçar um perfil socioeconômico do eleitorado do terceiro círculo, ou seja, daqueles que efetivamente colaboraram para a vitória de Assis Brasil nas eleições, realizamos uma análise também do perfil das lideranças que compunham o Partido Republicano Rio-Grandense, em constante debate com a historiografia sobre o tema. Realizando uma análise profunda da trajetória desses líderes, a partir dos resultados encontrados, as principais afirmações sobre as características de seu perfil puderam ser relativizadas. Desse modo, as proposições de que o movimento era eminentemente urbano e profissionalizado, descolado das estruturas agrárias mais tradicionais e da nobreza monarquista foram repensadas. Tal se tornou possível à medida que tomamos as famílias como unidades principais de análise e não as trajetórias dos líderes individualmente, isoladas de seu contexto.

⁵¹ CHARLE, op. cit., p. 32.

⁵² GINZBURG, Carlo; PONI, Carlo. O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico. In: GINZBURG, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel; RJ: Bertrand Brasil, 1989. p. 169-178.

Por outro lado, como os políticos não podiam exercer suas atividades sem estarem vinculados a um dos partidos do período é importante esclarecer a forma como entendemos estas agremiações. De acordo com Luiz Alberto Grijó, o Partido Republicano Rio-Grandense caracterizou-se por apresentar traços faccionais em sua organização, expressando uma personificação das relações políticas pelo peso e importância das relações diádicas de reciprocidade.⁵³ No mesmo sentido, Jonas Vargas demonstrou como os partidos da época estavam longe de ser identificados com os partidos de massa surgidos no século XX, com uma organização formal, uma ficha de filiados, uma ideologia classista, ou seja, típicos de uma sociedade industrial, urbanizada e com meios de comunicação mais modernos. No Brasil agrário, escravista e pré-industrial, se entre os grandes líderes regionais e de expressão nacional discutia-se ideias e projetos para a nação, nos espaços mais afastados das grandes cidades os partidos eram um aglomerado de redes de relações com estrelas de maior grandeza que agregavam em sua órbita líderes menores e que tinham na dependência pessoal, e não num programa de ideias definidas, os elos que amarravam e davam sentido à *facção*. Para Vargas, as famílias de elite com suas respectivas clientelas seriam os principais orientadores políticos no mundo agrário do oitocentos.⁵⁴

Por fim, o conceito de elite também assumiu importância especial ao longo do texto e merece um breve comentário. Flavio Heinz destacou que “[...] não há um consenso sobre o que se entende por elites, sobre quem são e o que as caracteriza”.⁵⁵ Dada esta dificuldade, o autor pontua que a definição oferecida pelo sociólogo Giovanni Busino pode ser bastante útil enquanto referência analítica. Para Busino, o termo *elite* diz respeito:

A minoria que dispõe, em uma sociedade determinada, em um dado momento, de privilégios decorrentes de qualidades naturais valorizadas socialmente (por exemplo, a raça, o sangue, etc) ou de qualidades adquiridas (cultura, méritos, aptidões, etc). O termo pode designar tanto o conjunto, o meio onde se origina a elite (por exemplo, a elite operária, a elite da nação), quanto os indivíduos que a compõem, ou ainda a área na qual ela manifesta sua preeminência. No plural, a palavra ‘elites’ qualifica todos aqueles que compõem o grupo minoritário que ocupa a parte superior da hierarquia social e que se arrogam, em virtude de sua origem, de seus méritos, de sua cultura ou de sua riqueza, o direito de dirigir e negociar as questões de interesse da coletividade.⁵⁶

⁵³ GRIJÓ, Luiz Alberto. Foi o PRR um “partido político”? **Revista Logos**, Canoas: Ulbra, v. 11, n. 1, p. 65-68, maio 1999.

⁵⁴ VARGAS, Jonas Moreira. **Entre a paróquia e a Corte: os mediadores e as estratégias familiares da elite política do Rio Grande do Sul (1850-1889)**. Santa Maria: UFSM/Anpuh-RS, 2010.

⁵⁵ HEINZ, Flavio Madureira. O historiador e as elites – à guisa de introdução. In: _____ (Org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 8.

⁵⁶ BUSINO, Giovanni. **Elites e élitisme**. Paris: Presses Universitaires de France, 1992, p. 4. Apud HEINZ, op. cit, p. 8.

Partindo dessa ideia geral, Flavio Heinz descarta uma utilização rígida do termo, defendendo, ao invés disso, um uso *instrumental* do mesmo. Conforme o autor, uma utilização mais genérica do conceito de elite, possibilita que um número cada vez maior de pesquisas possa incorporá-lo como elemento de análise para estudar grupos de indivíduos variados e que ocupavam posições-chave em determinadas sociedades.⁵⁷

A ideia de estratégia também obteve espaço ao longo do texto. A nosso ver, estas eram formuladas pelos agentes conforme a necessidade expressa por cada situação. Além disso, os atores lançavam mão delas, partindo de escolhas/decisões tomadas a partir de um espectro de opções possíveis, ou, em outros termos, dos recursos materiais e imateriais que lhes estavam disponíveis. Edoardo Grendi já havia alertado para o cuidado que devemos tomar ao utilizar esta categoria, visto que a ideia de estratégia sugere uma racionalidade demasiada aos agentes que lançavam mão delas.⁵⁸ Giovanni Levi, contribuindo para o debate, pontuou que a utilização de estratégias pelos agentes reflete um comportamento que, apesar de racional, era limitado e seletivo.⁵⁹ Assim como Levi, Imízcoz destaca a possibilidade do fracasso e a constante presença da incerteza nas ações daqueles agentes históricos.⁶⁰

Feitas essas considerações, voltemos nossa atenção para a estrutura em que o texto foi organizado. A atuação do personagem Assis Brasil será nosso ponto privilegiado de observação de pelo menos dois grupos sociais, e porque não, de dois universos, bastantes distintos: 1) o espaço rural de sua origem e residência – a região da campanha e o terceiro círculo eleitoral, e 2) os espaços por onde circulou/circulava e com os quais mantinha contato – em especial a capital da Província, a Corte e São Paulo.

A estrutura do texto seguiu uma orientação cronológica e só em poucas oportunidades o texto avança ou retrocede rapidamente com a finalidade de expor alguma situação. A atuação de Assis Brasil é vista sempre em interação com outros indivíduos, sejam eles os membros da família, os letrados com quem mantinha contato, ou os indivíduos do clube republicano. Somente no último capítulo é que nossa análise se centra em ações mais individualizadas, levadas a cabo na Assembleia Provincial.

No primeiro capítulo, portanto, centramos nossa atenção na família Assis Brasil, destacando aspectos relativos à sua origem social e a maneira que este núcleo republicano

⁵⁷ HEINZ, op. cit., p. 8.

⁵⁸ GRENDI, Edoardo. *Repensar a micro-história?* In: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 253.

⁵⁹ LEVI, Giovanni. **A Herança Imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

⁶⁰ IMÍZCOZ, José María. Actores, redes, procesos: reflexiones para una historia más global. In: **Revista da Faculdade de Letras – História**, Porto, III série, v. 5, p. 1-28, 2004.

atuava e elaborava estratégias que tinham como finalidade acessar alguns espaços de poder. Trata-se de um “estudo de caso” que pode servir para refletirmos acerca do modelo organizacional das famílias republicanas e suas possíveis similaridades e/ou diferenças em relação à configuração das famílias monarquistas.

O capítulo segundo expõe Assis Brasil, e mais dois de seus irmãos – Bartholomeu e Diogo – como integrantes de uma rede de letrados, da qual faziam parte indivíduos de renome nacional e que tinha como finalidade, através da solidariedade prestada no sentido de fazer circular os escritos de uns e outros, fortalecer a propaganda republicana, através da conquista de novos adeptos e simpatizantes à causa.

O capítulo terceiro tem como centro da análise o grupo de republicanos que formavam a base social do PRR na região fronteira e que foram os responsáveis pela eleição de Assis Brasil à Assembleia Provincial. Nosso objetivo foi o de traçar um perfil socioeconômico desse grupo a fim de compreender os possíveis motivos da força do PRR naquela região. Ao mesmo tempo, e em debate com a historiografia sobre o tema, buscamos traçar um perfil das lideranças do partido, tomando as famílias e a origem social desses líderes como centro da análise.

O último capítulo trata da mobilização republicana em prol da candidatura de Assis Brasil e as estratégias levadas a cabo para que ele conseguisse vencer as eleições, bem como outras pensadas no sentido de aumentar o número do eleitorado republicano. Analisa ainda a atuação de Assis Brasil no Parlamento e o uso deste posto político em benefício dos correligionários do terceiro círculo eleitoral, conferindo especial atenção à ideia de mediação política.

1 ATUAÇÕES FAMILIARES NA PROPAGANDA REPUBLICANA

As últimas décadas do século XIX constituem um período marcado por grandes transformações na sociedade brasileira. Se analisarmos, sobretudo, um ciclo que tem início por volta de 1870 e que se encerra em fins da década seguinte, no qual destacam-se a propaganda republicana e abolicionista, a defesa da secularização das instituições e da descentralização político-administrativa, o protagonismo dos principais centros culturais do país, como Rio de Janeiro e São Paulo, torna-se evidente. Entretanto, embora tenham sido reconhecidamente espaços privilegiados para a circulação de tais ideias, não se pode dizer que tenham sido exclusivos. Nas várias províncias que compunham o território nacional, ideias inovadoras e projetos políticos para a nação eram pensados e propagandeados por indivíduos e grupos que podiam estar ou não conectados entre si.

Ao passo que os municípios de vida cultural mais ativa, expressa pela existência de instituições de ensino, teatros, bibliotecas e livrarias, facilitavam a circulação das novas ideias, perguntamo-nos: De que modo estas chegavam aos espaços mais longínquos, situados no interior das províncias mais afastadas do grande centro? No caso do Rio Grande do Sul, apenas a faixa litorânea, e mais especificamente os municípios de Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas, apresentavam características de núcleos urbanos. De que maneira, então, as novas ideias e projetos adentravam o espaço interiorano, especialmente a região da campanha e o núcleo missioneiro, região marcadamente rural e principal lócus da mobilização republicana sul-riograndense? Esta e outras questões procuraremos responder ao longo do capítulo.

1.1 CARACTERIZAÇÃO DO CENÁRIO: BREVES APONTAMENTOS SOBRE O TERCEIRO CÍRCULO ELEITORAL DA PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DO SUL

Eloísa Capovilla Ramos (1990) demonstrou que na maior parte dos municípios da fronteira e da campanha rio-grandense a adesão ao movimento republicano se deu nos primeiros anos da década de 1880. Conforme a autora, a grande maioria dos primeiros clubes e núcleos republicanos instalados na Província – entre os anos de 1881-1883 – eram daquela região, bem como sua mobilização em torno das disputas eleitorais, desde o princípio, foram bastante intensas.⁶¹ Portanto, é fato que no Rio Grande do Sul, assim como também em outras

⁶¹ RAMOS, Eloísa H. Capovilla. **O Partido Republicano rio-grandense e o poder local no litoral norte do Rio Grande do Sul (1882-1895)**. 1990. 284 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-

partes do Brasil, a circulação das novas ideias, dentre elas as republicanas, não se restringia somente aos principais centros urbanos, mas, pelo contrário, adentravam de diversas formas, também nos espaços sociais mais distantes destes. Nesse sentido, surgem algumas questões que é de nosso interesse responder ao longo do texto:

- 1) De que maneira essa circulação de ideias ocorria e quais eram os principais facilitadores desse fenômeno?
- 2) Como explicar o fato de que a região da campanha e parte do núcleo missionário protagonizavam a atuação política republicana na Província em seus primeiros anos, ao lado de municípios como Porto Alegre e Pelotas, mais centrais e também pioneiros na propaganda?

Em outras palavras, quais fatores (dentre eles socioeconômicos e políticos) ajudam a explicar o fato de que a região fronteira tenha sido tão receptiva às novas ideias a ponto de protagonizar a maioria das vitórias eleitorais a nível municipal e a única vitória republicana à Assembleia Provincial durante todo o período da propaganda republicana?

Para fins deste trabalho, e na tentativa de responder a essas questões, baseamo-nos na ideia de região como “[...] um espaço de identidade ideológico-cultural e representatividade política, articulado em função de interesses específicos, geralmente econômicos, por uma fração ou bloco regional que nele reconhece sua base territorial de reprodução”.⁶² Interessamos, portanto, não só as características físicas e econômicas que aproximavam os municípios da região fronteira, mas também a divisão político-administrativa que reunia alguns em detrimento de outros, e a partir da qual os indivíduos e elites locais se inter-relacionavam, mobilizando-se em situações-chave, como, por exemplo, as eleições.

Desse modo, o espaço socioeconômico e político que esta pesquisa privilegiou diz respeito ao núcleo de vilas/municípios que, a partir de 1872, compunham o terceiro círculo eleitoral da província.⁶³ Dele faziam parte os municípios de Uruguaiana, Alegrete, Quaraí, Rosário do Sul, São Gabriel, São Vicente, Itaqui, São Francisco de Assis, São Borja, Santiago

Graduação em História, UFRGS, Porto Alegre, 1990. p. 109. A autora informa que entre os anos de 1882 e 1883 já haviam clubes republicanos nos municípios de São Borja, Santo Ângelo, São Luiz Gonzaga, Itaqui, Uruguaiana, Alegrete, Rosário do Sul, São Gabriel, Livramento, Bagé e Jaguarão.

⁶² COSTA, Rogério Haesbaert da. **RS: latifúndio e identidade regional**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. p. 25.

⁶³ Para mais informações sobre a divisão político-administrativa da província ao longo do século XIX, ver: NOLL, Maria Izabel; TRINDADE, Hélgio. **Estatísticas eleitorais do Rio Grande da América do Sul (1823-2002)**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

do Boqueirão, São Luiz Gonzaga e Santo Ângelo (ver Mapa – Anexo).⁶⁴ Logo, o terceiro círculo eleitoral incluía a grande maioria dos municípios que originalmente compunham a região da campanha,⁶⁵ mas não a sua totalidade. Na configuração político-eleitoral da época, alguns municípios localizados mais ao sul daquela região, tais como Bagé, Livramento e Dom Pedrito, passaram a pertencer ao quarto círculo eleitoral, ao passo que outros, situados mais ao norte da Província, pertencentes à chamada região missioneira (São Borja, São Luiz Gonzaga e Santo Ângelo), foram incorporados ao terceiro círculo.

Leve-se em conta que os legisladores, ao dividir a província em seus seis círculos eleitorais, preocuparam-se, sobretudo, com a equivalência dos números de população que iria compor cada um deles, em detrimento de uma certa afinidade de características que aproximasse os municípios que passaram a integrá-los. De tal modo, o terceiro círculo eleitoral incorporava a grande maioria dos municípios da região da campanha, mas também outros da região missioneira, que tinham entre si características um tanto diversas. No cenário da campanha, por exemplo, a presença de grandes estabelecimentos pecuários e a especialização na criação de gado bovino era marcante, sendo que os animais criados nessas estâncias eram, em sua grande maioria, encaminhados para venda e abate nas charqueadas pelotenses.⁶⁶ Por sua vez, nos municípios pertencentes à região missioneira, o conjunto de sua economia englobava a exploração de recursos florestais, agrícolas e pecuários, ocupando destaque a produção de erva-mate e o comércio de mulas para a Feira de Sorocaba.

⁶⁴ Alguns destes municípios ainda não haviam sido emancipados na década de 1870. Entretanto, na década seguinte, nosso período de pesquisa, a configuração exposta acima já estava dada. De tal modo, o mapa que trazemos em anexo trata da divisão político-administrativa da década de 1880.

⁶⁵ O termo “região da campanha”, embora venha sendo empregado de forma variada, comumente refere-se ao principal núcleo pecuarista gaúcho, localizado na faixa sudoeste da província, fazendo fronteira com o Uruguai. Área de predomínio dos campos limpos, a região inclui os municípios de Bagé, Dom Pedrito, Santana do Livramento, Rosário do Sul, São Gabriel, Quaraí, Alegrete, Uruguaiana, Itaqui e São Borja. Para mais informações sobre as diferentes concepções relativas à região da campanha, ver COSTA, Rogério Haesbaert da. **RS: latifúndio e identidade regional**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

⁶⁶ FARINATTI, Luís Augusto Ebling. Domesticação, técnica e paisagem agrária na pecuária tradicional da campanha rio-grandense (século XIX). In: COSTA, Benhur Pinós da; QUOOS, João Henrique; DICKEL, Mara Eliana. (Orgs.). **A sustentabilidade da Região da Campanha – RS: Práticas e teorias a respeito das relações entre ambiente, sociedade, cultura e políticas públicas**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria - Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências, 2010, p. 62-87. O autor aponta que, embora a presença dos grandes latifúndios pecuários fosse marcante na campanha em comparação com outras regiões da província, sua estrutura socioeconômica era bastante mais complexa. De fato, “uma pequena elite de grandes estancieiros ocupava, sim, as posições cimeiras da hierarquia socioeconômica. Porém, ao lado deles, havia uma miríade de médios e pequenos criadores de gado e, em menor escala, também lavradores. Eles produziam a partir de variadas formas de acesso à terra (posse, propriedade, arrendamento, “produção à favor” nos campos onde eram agregados) e, muitas vezes, era das famílias desses pequenos produtores que saíam os peões para o trabalho nas estâncias. Ao lado deles, os escravos tinham grande importância no costeiro do gado, principalmente nas grandes estâncias, além de trabalharem em diversas outras atividades” (FARINATTI, Luís Augusto. op. cit., p. 69-70)

Para além das diferenças, os municípios da região missioneira guardavam também algumas características em comum com a campanha, dentre elas a proximidade com a fronteira e a própria criação de gado que, embora não fosse a atividade predominante na metade norte da Província, é inegável que tivesse também grande importância. Além dessas afinidades poderíamos apontar outras, como a distância geográfica e a difícil comunicação em relação à capital e ao centro cultural da Província. Os serviços dos correios, por exemplo, quando funcionando regularmente, expediam e recebiam malas da região em direção a Porto Alegre somente uma vez por semana.⁶⁷ A estrada de ferro que interligava Rio Grande a Bagé só passou a funcionar plenamente em fins de 1884. Já a estrada de ferro de Porto Alegre a Uruguaiana só se concretizou em 1907, sendo que, durante a década de 1880, as estações construídas e em funcionamento não chegavam sequer ao centro da Província.⁶⁸ Logo, para os moradores dos municípios que integravam o terceiro círculo eleitoral, tanto o deslocamento quanto a comunicação com o núcleo de maior efervescência cultural da Província encontravam algumas dificuldades, embora não chegasse a impedi-los.

Trata-se, portanto, de um universo para além de distante do principal eixo cultural da Província, marcadamente ruralizado, muito embora a própria ruralidade e suas atividades mais características (como a criação de gado) fossem o que possibilitava o enriquecimento de diversas famílias. Os municípios tinham, em média, uma grande extensão territorial e os números de sua população eram relativamente baixos. Já os índices de alfabetização dessa população variavam bastante, conforme se pode ver no Quadro 1.

Quadro 1 – Números de população e índices de alfabetização dos municípios que compunham o terceiro círculo eleitoral⁶⁹

Municípios	População livre	População livre alfabetizada (sabem ler e escrever)
Alegrete	12.216	3.449 (28,23%)
Itaqui	1.963	612 (31,17%)
Quaraí	3.976	669 (16,82%)
Rosário do Sul	-	-
São Luiz Gonzaga	2.862	286 (9,99%)

⁶⁷ AZAMBUJA, Graciano (Dir.). **Anuario da Província do Rio Grande do Sul para o ano de 1886**. Porto Alegre: Gundlach & Cia., 1885, p. 50-54. Ainda, segundo as informações do Anuario as malas eram expedidas de Porto Alegre a Alegrete nos dias 3, 11, 19 e 27 de cada mês e da capital a Itaqui nos dias 4, 12, 19 e 26. Para os demais municípios da região, o serviço também adotava uma dentre estas duas sequências de dias. Entretanto, deve-se considerar a irregularidade do serviço, constante alvo de críticas da imprensa ao longo da década de 1880.

⁶⁸ Ibid., p. 51.

⁶⁹ Quadro elaborado com base nos dados do Recenseamento da Província no ano de 1872. Conforme se percebe na leitura dos quadro, alguns municípios não tiveram esses dados disponibilizados, em função de suas paróquias não terem sido recenseadas naquele ano.

São Francisco de Assis	5.734	872 (15,20%)
Santiago do Boqueirão	-	-
Santo Ângelo	8.003	2.523 (31,52%)
São Borja	10.824	2.035 (18,80%)
São Gabriel	11.129	2.468 (22,17%)
São Vicente	-	-
Uruguaiana	6.369	1.068 (16,76%)

Fonte: Quadro elaborado com base nos dados do Censo de 1872. (FUNDAÇÃO de Economia e Estatística. **De Província de São Pedro a Estado do Rio Grande do Sul**: censos do RS: 1803-1950. Porto Alegre: FEE, 1981. p. 80.

Esses dados se tornam mais eloquentes quando comparados aos números de população e de pessoas alfabetizadas em municípios localizados na faixa litorânea da província. Porto Alegre, por exemplo, contava com 35.843 habitantes de condição livre, ou seja, o triplo do número de habitantes do município mais populoso da região da campanha, Alegrete. Em meio a essa população, 10.282 indivíduos eram alfabetizados (28,68%). Já para Pelotas, os números da população livre chegavam a 17.668 almas, sendo 5.986 (33,9%) deles alfabetizados. Se traçarmos uma média dos índices de alfabetização dos municípios que compunham o terceiro círculo eleitoral, veremos que cerca de 22% da população livre sabia ler e escrever, logo, havia uma diferença que não era tão significativa em relação ao número de alfabetizados da região litorânea. Entretanto, se tomarmos os municípios da região da campanha e missioneira separadamente, veremos que, entre eles havia uma variação significativa do número de alfabetizados, que oscilava entre 10 e 30% da população livre. Tomando como exemplo os casos de São Luiz Gonzaga, São Francisco de Assis e Uruguaiana, que apresentaram os menores índices, veremos que, em comparação com Porto Alegre e Pelotas, esse percentual de alfabetização era extremamente baixo. Considere-se ainda que, em todo o Rio Grande do Sul, 76% da população era analfabeta.⁷⁰

A vida cultural da região da campanha a missioneira era bastante restrita. A luta pela criação e manutenção de aulas públicas foi uma constante ao longo da década de 1880.⁷¹ Os

⁷⁰ Para a realização destes cálculos tomamos por base os dados do Recenseamento da Província no ano de 1872, presente em Fundação de Economia e Estatística. **De Província de São Pedro a Estado do Rio Grande do Sul**: censos do RS: 1803-1950. Porto Alegre: FEE, 1981. O censo de 1872, como se sabe, apresentou alguns problemas, de modo que os cálculos que realizamos a partir de seus dados também podem conter alguns equívocos. De todo modo, dada a dificuldade de encontrar esse tipo de informação em outras fontes e, cientes de que desejamos traçar apenas um panorama muito geral sobre nossa região de pesquisa, cremos que o uso destes dados, ao menos para esta etapa do texto, é válido.

⁷¹ Tal se pode verificar não só através dos debates na imprensa, mas também na documentação das Câmaras Municipais (AHRs). A precariedade da instrução pública não era característica apenas da região da campanha e missioneira, mas sim, de toda a província. Para mais informações, ver: SCHNEIDER, Regina

membros das elites locais que decidiam investir nos estudos dos filhos, com frequência os enviavam para Pelotas e/ou Porto Alegre, já que a região fronteira praticamente não oferecia oportunidades neste sentido. Do mesmo modo, livrarias, gabinetes de leitura, teatros e cafés, mormente encontravam espaço em municípios como Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas.⁷² Era nestes mesmos municípios em que estavam localizadas as únicas bibliotecas públicas existentes na província. Nos municípios que integram nossa região de estudo, ao longo do século XIX, somente São Gabriel e Itaqui tiveram bibliotecas e, ainda assim, ambas tinham feições modestas e estavam vinculadas a instituições privadas.⁷³ Logo, os espaços de socialização, de trocas de experiências e discussões nos municípios da região fronteira eram bastante escassos.

Embora todos esses fatores contribuíssem para que as últimas novidades adentrassem o interior da Província mais lentamente, não é possível dizer que eles determinavam um isolamento dos municípios que compunham o terceiro círculo eleitoral. Mesmo que os indivíduos ali residentes não desfrutassem de uma estrutura que favorecesse a sua vida cultural, algumas circunstâncias favoreciam a circulação das ideias em voga nas últimas décadas do oitocentos, dentre elas as republicanas. O contato entre homens e livros, muito embora praticamente não houvesse ali instituições que os disponibilizassem, é perceptível através da leitura de alguns inventários dos moradores daquela região, onde encontramos um número razoável de pequenas coleções e bibliotecas.⁷⁴

Aqui é necessário fazer uma ressalva: dos doze municípios que compõem nossa região de pesquisa, alguns assumiram importância maior do que outros, em função da própria disponibilidade e acesso a algumas fontes de pesquisa. São eles São Borja, São Gabriel, Alegrete e Uruguaiana. Dos setenta e cinco inventários que analisamos, pertencentes a indivíduos que frequentavam os clubes republicanos ali instalados, sete apresentavam

Portella. **A instrução pública no Rio Grande do Sul: 1770-1889**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS/EST Edições, 1993.

⁷² Mesmo na capital Porto Alegre, pelo menos até o final da década de 1850, não haviam livrarias ou gabinetes de leitura. A Livraria Americana, fundada por Carlos Pinto no ano de 1875, foi o primeiro estabelecimento a comercializar apenas livros. Antes disso, já haviam alguns estabelecimentos que os vendiam, entretanto, tratavam-se de bazares de utilidades em geral, que vendiam inúmeros artigos e onde se podia encontrar algumas poucas estantes com livros. (SILVEIRA, Cássia. **Dois pra lá, dois pra cá: o Parthenon Litterario e as trocas entre literatura e política na Porto Alegre do século XIX**. 2008. 189 páginas. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, UFRGS, Porto Alegre, 2008, p. 41).

⁷³ A Biblioteca de São Gabriel foi fundada no ano de 1876, ao passo que a de Itaqui foi inaugurada um ano depois (FERREIRA, Athon Damasceno. **Gabinetes de Leitura e bibliotecas no Rio Grande do Sul do século XIX**. Porto Alegre: Ministério da Educação e Cultura, p. 43-44).

⁷⁴ Nikelen Witter, recentemente, tem se dedicado a pesquisar a existência de bibliotecas e os usos sociais da leitura pelas elites interioranas do Rio Grande do Sul. Para mais informações, ver; WITTER, Nikelen. **Uma biblioteca no pampa: livros, leitura e leitores no Rio Grande do Sul do século XIX**. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho de 2011, p. 1-11.

coleções de livros ou pequenas bibliotecas entre os bens deixados como herança.⁷⁵ Entretanto, é possível que o número de republicanos que possuíam estas coleções fosse um pouco maior. Tania Bessone, ao analisar os percursos de livros no Rio de Janeiro na virada do século XIX para o século XX, apontou que, nos inventários, comparativamente aos outros bens, os valores atribuídos aos livros eram baixos, daí seu registro precário. Bessone chega a sinalizar para a importância da menção implícita aos livros, sugerindo ao pesquisador atentar não somente para o registro do objeto em si, mas também para o mobiliário típico de gabinetes e pequenas bibliotecas, tais como estantes e escrivaninhas.⁷⁶ De fato, dentre os inventários que analisamos, o número dos que apresentavam esse tipo de mobília era significativamente maior do que aqueles em que existiam arrolamentos mais detalhados acerca dos livros.

Em sua grande maioria, as coleções encontradas nos inventários pertenciam aos republicanos que tinham formação superior, muito embora os títulos não se restringissem somente a formação técnica de seu proprietário (no geral, eram livros da área do Direito ou da Medicina combinados a títulos de literatura). Na maioria das vezes as bibliotecas foram descritas de forma genérica nos inventários. Assim, a biblioteca do Dr. Alfredo Gama Lobo d'Eça, advogado residente em São Gabriel, contava com 250 livros de Direito, História e romances.⁷⁷ Já a coleção do Dr. Theodolino Fagundes Filho, advogado residente em Uruguaiana, teve todos os livros discriminados no inventário. Tratava-se de uma coleção de 173 volumes de livros, em sua maioria da área do Direito e da História. Além destes, também integravam a coleção dois volumes do título *Philosophia Positiva*, de Augusto Comte.⁷⁸

Por sua vez, a biblioteca do Dr. Homero Baptista, são-borjense bacharel em Direito pela Faculdade de São Paulo, também foi descrita de maneira pormenorizada. Dentre os exemplares arrolados, em sua maioria da área da jurisprudência, tais como manuais, códigos, tratados e conjuntos de leis, constavam os títulos *Política Positiva* (4 volumes); *Cathecismo Positivista*; e *Appelo aos Conservadores* - de Augusto Comte; *Primeiros Princípios*; *Ensaio de Política*; *Ensaio Sociais*; *O indivíduo e o Estado*; *Lei e Causa do Progresso*; *Justiça*; *A moral dos diferentes povos* - de autoria de Herbert Spencer; *Conferências sobre a Teoria*

⁷⁵ Apenas analisamos os inventários dos republicanos e suas cônjuges referentes ao período de 1870 a 1900.

⁷⁶ BESSONE, Tania Maria. **Palácios de destinos cruzados**: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro (1870-1920). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999.

⁷⁷ Inventário de Alfredo Gama Lobo d'Eça. Número 489, Maço 28, Estante 150, Ano 1896. São Gabriel, Cartório de Órfãos e Ausentes (APERS). Ainda chamam atenção entre os bens descritos, além de algumas jóias em ouro e brilhantes, um piano e um quadro da Assembleia Francesa.

⁷⁸ Inventário de Theodolino Fagundes Filho. Número 117, Maço 3, Estante 81. Ano 1897. Uruguaiana, Cartório do Cível (APERS).

Darwinista; e *O Homem segundo a Ciência* - de Luís Buchner; *Resumo da Filosofia de Spencer* - de Howard Collins; e *A Expressão das emoções* - de Charles Darwin.⁷⁹

Esses autores incitavam importantes reflexões acerca da política e do estado geral das nações e eram lidos com frequência pelos alunos das academias do centro do país. Traziam um embasamento teórico para as questões e reformas políticas e sociais que os jovens defendiam na prática, quando não era mesmo a sua leitura que gerava esta tomada de posição. Logo, em grande medida, era o deslocamento dos jovens estudantes - membros das elites locais/regionais - do interior da província em direção às academias, que tornava mais ágil a circulação das novas ideias em voga nas últimas décadas do oitocentos. Em outras palavras, era a partir desse movimento, que tinha os acadêmicos como protagonistas, que novos projetos políticos tornavam-se conhecidos no interior do Rio Grande. Possivelmente alguns exemplares das coleções referidas nos inventários fossem tomados em empréstimo entre amigos e parentes, o que aumentava o círculo de leitores no interior da província. Por outro lado, não é difícil imaginar que trechos destes livros fossem lidos ou, com mais frequência, suas ideias principais fossem explanadas oralmente (de maneira mais didática) nas sessões dos clubes republicanos, como estratégia de doutrinação aos correligionários de menor instrução.

Mas não se deve creditar somente a circulação dos jovens estudantes e as experiências vivenciadas por eles nas faculdades (contato com livros/autores, debates com colegas) a difusão das ideias republicanas no interior da província. Assim como os jovens acadêmicos, vários indivíduos também circulavam em função de seus negócios, realizando diferentes trajetos. Os criadores de gado da região da campanha e missioneira deslocavam-se, com certa frequência, ao seu principal mercado consumidor, Pelotas, levando gado para venda e abatimento nas charqueadas. A agitada Pelotas, de vida cultural mais ativa, oferecia inúmeros espaços de socialização e debates de ideias aos visitantes, tais como os salões, livrarias, bibliotecas e gabinetes de leitura. Já no ano de 1881, circulava no município o periódico *A Discussão* que, com frequência, publicava artigos de cunho abolicionista e notícias referentes a organização do movimento republicano local. Seus redatores (Fernando Osório, Marçal Escobar e Piratinino de Almeida) foram membros de destaque no clube republicano de Pelotas, fundado em 1882.⁸⁰

⁷⁹ Inventário de Beatriz Martins Baptista. Número 1315, Maço 34, Estante 94, Ano 1899. São Borja. Cartório de Órfãos e Ausentes (APERS).

⁸⁰ OSÓRIO, Fernando. **A cidade de Pelotas**. Volume I, 3ª Ed. (revista). Organização e notas de Mário Osório Magalhães. Pelotas: Editora Armazém Literário, 1997.

Por outro lado, em se tratando de uma região fronteira, o contato com os povos localizados na outra margem do Uruguai também tornava possível a circulação de algumas ideias, além da visualização de um modelo de República já instalado e os benefícios que este sistema de governo poderia trazer. A leitura que realizamos dos inventários demonstrou que parcela significativa dos republicanos que residia nos municípios que compunham o terceiro círculo eleitoral possuía terras ou mesmo parentes residindo no outro lado da fronteira, especialmente na Argentina e no Uruguai. A tradição intelectual desses países de colonização espanhola é bastante conhecida. Suas universidades, instaladas logo após a colonização, a circulação de livros, enfim, as ideias republicanas e federalistas, encontravam ali bastante espaço e não é difícil supor que chegassem ao conhecimento dos seus vizinhos de fronteira.

Desse modo, gostaríamos de enfatizar que, ao fim e ao cabo, era a partir de contatos interpessoais que as novas ideias eram difundidas/propagadas. Nada mais presumível numa sociedade em que esse tipo de relação, que envolvia parentes, amigos, vizinhos etc., era extremamente valorizada. Desses contatos partiam as principais ações da mobilização republicana, tais como a organização de agremiações políticas, a criação de periódicos e a realização de conferências públicas. Essas iniciativas tinham como fim último “esclarecer” a população sobre as benesses do novo regime e tinham como principais articuladores, em sua grande maioria, os homens mais ilustrados de cada município, e que tinham maior circulação e mais contatos com indivíduos de fora daquela região.

Os clubes republicanos, conforme veremos no capítulo 3, eram agremiações que reuniam indivíduos de diferentes grupos sociais. Nas agremiações instaladas em São Borja, São Gabriel, Alegrete e Uruguaiana, para além de um número pouco expressivo de doutores e de uma parcela mais significativa de indivíduos com razoável instrução, a maioria dos membros era composta por homens que tinham instrução mínima ou mesmo eram analfabetos. Tal fator contribuía para que doutores e letrados assumissem o papel de liderança no interior desses núcleos. Na maioria dos casos, inclusive, eles constavam entre os fundadores das agremiações e predominavam nos corpos da diretoria.⁸¹

Nesses postos, tinham de, através de correspondências, manter contanto frequente com outros clubes republicanos e com a comissão executiva do PRR na capital, fazendo circular informações importantes, conferenciar nas solenidades promovidas pelo clube, dentre outros.

⁸¹ Tais informações têm por base a leitura dos livros de atas das agremiações de São Gabriel, São Borja e Alegrete - Livro de Atas do Clube Republicano de São Gabriel. Acervo do Museu João Pedro Nunes (São Gabriel); Livro de Atas do Clube Republicano de Alegrete (1882-1889). Fundo Diversos - República. Maço 01. Nº 04. (AHRG); Livro de Atas do Clube Republicano de São Borja (Acervo do IHGRGS). As informações fornecidas a seguir têm como base a análise dos mesmos livros.

Tais tarefas exigiam que aqueles que as realizassem tivessem uma instrução mínima. Não obstante, elas eram realizadas por quem tinha maior formação, com o aval dos demais correligionários, uma vez que os membros do diretório eram escolhidos através de eleição interna. Além disso, ainda exerciam a importante função de orientar e mesmo doutrinar os demais correligionários, de menor instrução.

Nos municípios de São Gabriel, Alegrete e São Borja, os clubes republicanos foram fundados entre fins de 1881 e princípios de 1882, ou seja, antes mesmo da criação oficial do Partido Republicano Rio-Grandense. Tal informação reflete não só que a mobilização dos fundadores/lideranças foi precoce e bastante ativa, como também o fato de que havia um certo descontentamento para com o *status quo* que levava uma parcela da população da região da campanha e missioneira a participar das reuniões e ingressar nas fileiras do novo partido em formação. Os Livros de Atas dos clubes republicanos, embora apresentem um registro sucinto das reuniões, nos trazem informações importantes acerca de sua dinâmica de funcionamento. Uma delas é que seus membros não eram indivíduos que atuavam isoladamente no clube, descolados socialmente uns dos outros, mas pelo contrário, tratavam-se de vizinhos, amigos, parentes, enfim, agentes que nutriam diferentes conexões entre si e que viam, nas reuniões do clube, provavelmente também um espaço de sociabilidade. Além disso, era bastante comum encontrarmos famílias participando conjuntamente das reuniões dessas agremiações. Eram pais e filhos, irmãos, cunhados, por vezes famílias inteiras. Tal não deve causar estranhamento, pois a política no século XIX era um investimento familiar, onde assumia importância o papel exercido por todos e por cada um particularmente.

De modo geral, eram sócios do clube muitos membros de famílias de influência política e econômica local. Em São Gabriel, por exemplo, destacamos os Assis Brasil, os Abbott e os Jobim; em Alegrete, os Miranda, os Ribeiro e os Alves Pahim; em São Borja, a família Baptista e a família Vargas; em Uruguaiana, os Ribeiro de Almeida e os Fagundes. Todas essas eram famílias de elite locais, algumas delas, inclusive, reconhecidas em âmbito provincial e mesmo fora do Rio Grande do Sul, dependendo da amplitude e extensão de suas redes de relacionamento. Os membros dessas famílias investiam conjuntamente na política, dentro de um espectro de opções possíveis, visando acessar ou mesmo permanecer em alguns espaços de representação e poder e, de modo geral, permitir sua reprodução social. A seguir, realizaremos um estudo de caso, partindo de uma análise da atuação da família Assis Brasil na propaganda republicana. No entanto, antes disso, é necessário traçar um panorama geral sobre os estudos relativos à história da família.

1.2 HISTÓRIA DA FAMÍLIA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Já dizia Sheila de Castro Faria que “a história da família, enquanto ramo específico do conhecimento [...] iniciou-se, basicamente, através dos resultados surpreendentes da demografia histórica”.⁸² Por sua vez, a trajetória dos estudos acerca da família no Brasil também esteve, pelo menos nas últimas quatro décadas do século XX, estreitamente ligada a este tipo de abordagem. Baseando-se, em grande medida, no uso de fontes tais como os registros paroquiais e as listas nominativas de habitantes, os trabalhos se concentraram especialmente no período que corresponde à segunda metade do século XVIII e à primeira do século XIX. Ana Scott aponta que, dentre outras contribuições, os trabalhos produzidos apontaram para “[...] a extrema variação da organização familiar latino-americana e brasileira, impondo a utilização do termo ‘famílias’, no plural, porque são inúmeras as possibilidades de arranjos familiares, que por sua vez, também variavam no tempo, no espaço e de acordo com os distintos grupos sociais”.⁸³

Nos últimos anos, e em função do constante diálogo com as ciências sociais a perspectiva dos estudos da família tem se dilatado. As novas pesquisas sobre a família tem se detido não somente no seu aspecto demográfico, mas também na tentativa de compreender a organização e as dinâmicas familiares. Logo, a partir do contato com disciplinas como a sociologia e a antropologia, para além do núcleo constituído por pais e filhos e/ou corresidentes, passou-se a dar valor à parentela, de forma geral.⁸⁴

Fundamental, nesse sentido, foi a contribuição da micro-história e da redução da escala de análise, operações que colaboram para refletirmos acerca da complexidade do comportamento histórico e social dos agentes, bem como das inúmeras ligações sociais que eles efetivaram ao longo de suas trajetórias. Os jogos de escala permitiram avançar nas discussões sobre estratégias familiares e redes sociais, contribuições fundamentais para a análise do universo familiar. Nesse sentido, as ações sociais passaram a ser vistas como resultado de escolhas, tanto dos indivíduos como do grupo familiar. A análise dessas escolhas dentro de um espectro de opções possíveis e as estratégias de manobra acionadas pelos

⁸² FARIA, Sheila de Castro. História da família e demografia histórica. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org). **Domínios da história**. Ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 350.

⁸³ SCOTT, Ana Sílvia. As teias que a família tece: uma reflexão sobre o percurso da história da família no Brasil. **Revista História: Questões e Debates**, Curitiba: UFPR, n. 51, p. 16, jul./dez. 2009.

⁸⁴ Ibid.

agentes a fim de driblar algumas limitações às suas ações passaram a ser um rico campo de investigação.⁸⁵

Ferramentas conceituais como a noção de estratégia familiar e rede social tem ganhado bastante espaço ultimamente. A partir de uma análise dos vínculos de consanguinidade, aliança ou afinidade é possível entender o acesso de determinadas famílias a posições sociais de prestígio, bem como sua ascensão a espaços de mando e poder. Scott pontua que “compreender as diferentes tramas que ligavam indivíduos e famílias de distintas posições sociais, num universo heterogêneo como era o Brasil escravista, passou a ser o grande desafio dos historiadores da família”.⁸⁶

A importância política da família em especial, tem sido objeto de várias pesquisas recentes. Em estudos de comunidades europeias do antigo regime, os pesquisadores tem procurado compreender e explicar a ascensão de determinadas famílias ao poder a partir de estratégias matrimoniais, patrimoniais e relacionais, ou seja, da economia doméstica destas famílias, para explicar sua própria condição de elites, como elas se reproduziam e seu impacto na comunidade. Do mesmo modo, essa redução na escala de análise também colabora para refletirmos acerca do funcionamento efetivo de algumas instituições, bem como do processo de construção da monarquia e dos Estados Nacionais.⁸⁷

No Brasil, os estudos mais recentes acerca da família tem se detido sobretudo nos séculos XVIII e XIX, conferindo especial atenção nos seus investimentos políticos. Maria Fernanda Martins, ao analisar o mais alto escalão da elite política monárquica, os conselheiros de Estado, enfatizou a importância de suas famílias como base social de apoio, concluindo que “no centro da noção de rede encontravam-se as famílias, não apenas a família nuclear, mas uma teia que englobava as relações decorrentes de estratégias de aliança, principalmente através do casamento”.⁸⁸

No caso do Rio Grande do sul, destaca-se o trabalho Fábio Kuhn que analisou a trajetória de importantes famílias de elite e sua atuação nas câmaras municipais de Porto

⁸⁵ Ver, por exemplo, os trabalhos de LEVI, Giovanni. **A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000; IMIZCOZ, José María. Actores, redes, procesos: reflexiones para una historia más global. **Revista da Faculdade de Letras – História**, Porto, III série, v. 5, p. 1-28, 2004.

⁸⁶ SCOTT, op. cit., p. 25.

⁸⁷ IMIZCOZ, José María; KORTA, Oihane Oliveri. Economía doméstica y redes sociales: una propuesta metodológica. In: _____ (Ed.). **Economía doméstica y redes sociales en el antiguo régimen**. Madrid: Sílex Universidad, 2010. p. 15-51.

⁸⁸ MARTINS, Maria Fernanda. **A velha arte de governar: um estudo sobre política e elites a partir do Conselho de Estado (1842-1889)**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2007, p. 26.

Alegre e Viamão.⁸⁹ Luís Augusto Farinatti pesquisou algumas famílias na fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, avaliando a composição, lógica social e estratégias da elite agrária do município de Alegrete, na primeira metade do século XIX.⁹⁰ O autor demonstrou o modo como estas famílias de estancieiros reuniam, estrategicamente, recursos militares e econômicos naquela região.

Também é necessário destacar o trabalho de Carla Menegat, que pesquisou a atuação política e os negócios de uma família farroupilha, avaliando os mecanismos e estratégias familiares que permitiram sua ascensão e reprodução social durante a após a Revolução de 1835.⁹¹ Por sua vez, Carina Martiny analisou o acesso e a permanência de importantes famílias de imigrantes na Câmara Municipal de São Sebastião do Caí, no último quartel do século XIX, avaliando alianças e estratégias que permitiram sua ascensão e perpetuidade naquele espaço político.⁹²

Assim, no caso das elites, em geral os trabalhos têm demonstrado, a partir de uma redução da escala de análise e do uso das noções de estratégia e rede social, a existência de projetos familiares coletivos, que tinham como finalidade garantir o acesso e permanência dessas famílias no topo da hierarquia social e mesmo em espaços de representação política. No interior desses projetos, cada membro da família exercia um papel específico, o que diversificava os espaços de atuação familiar, bem como conferia maior dinâmica às suas ações. Nesse sentido, assumia importância as diferentes atividades realizadas pelos membros do núcleo familiar, o que facilitava a configuração de amplas redes de relacionamentos, a partir das quais se conseguia eleger um parente a algum cargo político, ou acessar os mais variados tipos de recursos e benefícios à casa.

Jonas Vargas, por sua vez, analisou a elite política do Rio Grande do Sul que acessou os cargos mais altos da administração provincial e geral (deputados provinciais e gerais, senadores e ministros) entre os anos de 1850 e 1889.⁹³ O autor demonstrou que o acesso

⁸⁹ KUHN, Fábio. **Gente da Fronteira: família, sociedade e poder no sul da América Portuguesa – século XVIII.** Tese de Doutorado. Niterói: PPG em História da UFF, 2006;

⁹⁰ FARINATTI, Luís Augusto Ebling. **Confins meridionais: famílias de elite e sociedade agrária na fronteira sul do Brasil (1825-1865).** 2007. 421 páginas. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, UFRJ, Rio de Janeiro, 2007.

⁹¹ MENEGAT, Carla. **O tramado, a pena e as tropas: família, política e negócios do casal Domingos José de Almeida e Bernardina Rodrigues Barcellos.** 2009. 205 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, UFRGS, Porto Alegre, 2009.

⁹² MARTINY, Carina. **Os seus serviços públicos e políticos estão de certo modo ligados à prosperidade do município** – Construindo redes e consolidando o poder: uma elite política local (São Sebastião do Caí, 1875-1900). 2010. 366 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Unisinos, São Leopoldo, 2010.

⁹³ VARGAS, Jonas Moreira. **Entre a paróquia e a Corte: os mediadores e as estratégias familiares da elite política do Rio Grande do Sul (1850-1889).** Santa Maria: UFSM/Anpuh-RS, 2010.

desses indivíduos ao mundo da alta política, ou ao mundo da Corte, “[...] era em grande parte fruto de uma estratégia familiar, e exigia um esforço coletivo de todos os seus membros”.⁹⁴ Nesse sentido, fazia parte dos projetos familiares a distribuição da parentela em posições-chave como o Exército, a Guarda Nacional e os juizados de paz, muito embora a estância continuasse sendo a principal fonte econômica destes núcleos familiares. A ocupação destes espaços contribuía para a formulação de redes de relacionamento que tinham entre seus objetivos a captação de votos em períodos eleitorais. Também o investimento na formação superior de um dos membros da casa era uma estratégia importante, visto que portar um diploma acadêmico tornou-se praticamente um pré-requisito para se ingressar na carreira política ao longo do século XIX. A ocupação de um posto político provincial ou geral permitia que as redes da família se estendessem e, a partir delas e do trânsito de um de seus membros por diversos espaços políticos, se pudesse captar recursos os mais diversos aos seus membros.⁹⁵

Entretanto, se as famílias de elite monarquistas já foram alvo desse tipo de estudos, uma análise mais aprofundada sobre a atuação política das famílias republicanas rio-grandenses ainda não foi realizada. As principais pesquisas relativas ao movimento republicano na Província, e que são datadas das últimas décadas do século XX, destacaram majoritariamente a atuação dos principais líderes republicanos, partindo de uma análise de suas performances isoladamente, sem conferir atenção à importância dos projetos familiares compartilhados, bem como aos investimentos coletivos dessas famílias na política. De tal modo negligenciou-se, por exemplo, a atuação de personagens tais como Carlos Nunes Ribeiro, irmão de Demétrio Ribeiro; Francisco e Carlos de Castilhos, irmãos de Júlio de Castilhos; e muitos outros indivíduos e famílias praticamente desconhecidos, mas que podem ser trazidos a luz através da leitura de fontes como os Livros de Atas dos Clubes Republicanos do interior da Província, ou mesmo de noticiários da imprensa.

Tomando por base a análise das trajetórias dos líderes republicanos isoladamente, sem conferir atenção às suas bases sociais e políticas de apoio, consagrou-se na historiografia rio-grandense um perfil destas lideranças, revisitado ao longo dos anos. Segundo este perfil, os propagandistas eram originários, em sua maioria, de uma classe média urbana, que não tinha vínculos com a oligarquia política da província e tampouco com os estancieiros da região da

⁹⁴ VARGAS, op. cit., p. 266.

⁹⁵ Ibid., p. 266.

campanha. Portanto, a elite republicana estaria descolada, tanto ideologicamente (destacando a adoção do positivismo), quanto socialmente, das elites mais tradicionais da província.⁹⁶

Entretanto, uma análise mais aprofundada da origem social dos principais líderes do PRR, bem como de suas famílias, é capaz de demonstrar que, ao contrário desses propagandistas pertencerem a uma nova classe média urbana, o que ajudaria a explicar a adoção de uma nova ideologia; eles faziam parte de uma elite bastante tradicional da Província. Muitos desses propagandistas, em sua maioria, eram filhos, netos, sobrinhos, enfim, nutriam diferentes graus de parentesco com os estancieiros da região da campanha. Muitos desses pecuaristas tinham vínculos diretos com a política conservadora, inclusive sendo alguns destes indivíduos nobilitados.⁹⁷ Esse era o caso do propagandista Joaquim Francisco de Assis Brasil e sua família, que veremos a seguir, mas também o era de outros propagandistas, casos que serão analisados de forma mais aprofundada no capítulo 3.

Neste sentido, tomar a família como unidade explicativa se torna uma importante decisão metodológica, já que as famílias eram o sujeito central da vida econômica, social e política em sociedades como o Brasil do século XIX. As famílias constituíam a forma básica de organização dos atores sociais: elas eram o centro das redes de relações, do ordenamento da produção e do trabalho, da transmissão de recursos, saberes e práticas, enfim, constituíam o centro da vida política e social. Portanto, ao definimos as famílias e não os indivíduos como unidades políticas principais em nossa análise, será possível compreender a complexidade da atuação das lideranças republicanas, seu movimento para a tomada de decisões e seu posicionamento no jogo político.⁹⁸

Logo, o que propomos aqui é uma reflexão acerca da atuação política das famílias republicanas, partindo de uma análise das ações coletivas da família Assis Brasil na década de

⁹⁶ A construção desse modelo teve contribuição de diversos autores e apresentou poucas variações ao longo do tempo. Destacaram-se, neste sentido, os trabalhos PINTO, Celi Regina Jardim. **Contribuição ao Estudo do Partido Republicano Rio-Grandense**. Porto Alegre, UFRGS. Dissertação de mestrado. PPG – Ciência Política da UFRGS, 1979; FRANCO, Sérgio da Costa. **Júlio de Castilhos e sua época**. Porto Alegre: Globo, 1967; FRANCO, Sérgio da Costa. **A guerra civil de 1893**. Porto Alegre: UFRGS, 1993; BARETTA, Sílvio Rogério Duncán. **Political violence and regime change: a study of the 1893 civil war in southern Brazil**. Pittsburgh: University of Pittsburgh, 1985. As pequenas diferenças que estas pesquisas apresentam acerca do perfil dos republicanos foram analisadas na introdução de nosso trabalho.

⁹⁷ Uma análise pormenorizada da origem social dos principais líderes republicanos já foi realizada em texto anterior. Para maiores detalhes, ver SACCOL, Tassiana M. P.; VARGAS, Jonas M. Pai monarquista, filho republicano: propaganda republicana, eleições e relações familiares a partir da trajetória de Joaquim Francisco de Assis Brasil (1877-1889). In: VIII MOSTRA DE PESQUISA DO ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL: PRODUZINDO HISTÓRIA A PARTIR DE FONTES PRIMÁRIAS, 2010, Porto Alegre, **Anais...** Porto Alegre. Corag/APERS, 2010. p. 225-249.

⁹⁸ Nossas principais referências são os trabalhos de VARGAS, Jonas Moreira. **Entre a paróquia e a Corte: os mediadores e as estratégias familiares da elite política do Rio Grande do Sul (1850-1889)**. Santa Maria: UFSM/Anpuh-RS, 2010; e MARTINS, Maria Fernanda. **A velha arte de governar: um estudo sobre política e elites a partir do Conselho de Estado (1842-1889)**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2007.p. 26.

1880. Para isso, demonstraremos alguns detalhes de sua organização interna, ressaltando a atribuição de diferentes papéis entre seus membros, de como a família se colocava politicamente e geria suas principais atividades. Ao longo de nossa análise, ver-se-á que algumas características, como a tendência a uma diversificação profissional dos membros, o investimento nos estudos superiores dos filhos e a configuração de redes de relacionamentos eram estratégias familiares que tornavam muito próximos os modelos de atuação política das famílias monarquistas e republicanas da província.

Considerando que essas elites estavam intrinsecamente ligadas por laços de parentesco na região da campanha, torna-se natural pensar que o modelo organizacional das famílias republicanas assemelhava-se, em diversos aspectos, àqueles levados a cabo pela elite tradicional. Fossem liberais, conservadores ou republicanos, as famílias costumavam partilhar projetos coletivos de envolvimento com a política, de onde pudessem acessar recursos à casa, parentes e amigos, enfim, seu círculo de relações mais próximas. No interior desses projetos, cada membro da família exercia um papel específico, muito embora todos estes papéis se complementassem. No caso da família Assis Brasil, essas atribuições passavam por uma divisão entre a atuação de alguns indivíduos na propaganda republicana local, enquanto outros atuavam também fora da Província, o que agregava à família um importante elemento de distinção perante os demais republicanos. Analisemos, pois, mais de perto essa família, na tentativa de compreender sua dinâmica de funcionamento.

1.2.1 Os Assis Brasil: um estudo de caso sobre famílias republicanas na região da campanha

No município de São Gabriel, interior da Província do Rio Grande do Sul, o mês de agosto de 1872 mudaria radicalmente os destinos da família Assis Brasil. Dava-se início, no Cartório de Órfãos da cidade, ao processo de inventário dos bens deixados em razão da morte de seu patriarca, Francisco de Assis Brasil.⁹⁹ Dentre os herdeiros, além da viúva Joaquina, constavam nove filhos, sendo a maioria ainda menores de idade: João (27 anos), Antônio (21), Felisberta (19), Florinda (17), Joaquim Francisco (15), Maria Francisca (13), Bartholomeu (11), Paulo (9) e Diogo (7).

⁹⁹ Inventário de Francisco de Assis Brasil, São Gabriel, Ano 1872, Processo 247, Maço 12, Estante 107, Cartório de Órfãos e Ausentes, (APERS). Doravante, as demais informações encontram-se no mesmo documento.

Creemos que o falecimento do patriarca, naquele momento, deve ter afetado sobremaneira os destinos do núcleo familiar. Muito provavelmente, a perda daquele importante protagonista tenha alterado o espectro de opções e planos para o futuro da família e exigido mesmo alguns rearranjos. A partir dali, a mãe e os filhos mais velhos projetariam o encaminhamento dos menores, seja em termos profissionais ou matrimoniais. Contudo, Francisco deixara a família em ótima situação econômica e, sendo assim, todo e qualquer investimento que a família decidisse realizar, embora pudesse lhe exigir alguns sacrifícios, provavelmente não encontraria maiores dificuldades financeiras.

Dentre os bens registrados no inventário constavam uma fazenda de criação, denominada São Gonçalo, localizada no 2º distrito de São Gabriel, e que também servia de moradia para a família; uma segunda fazenda, de nome São José, situada no mesmo distrito, e de proporções um tanto menores do que a primeira; onze escravos e 3.961 rezes chucras de criar, dentre outros animais. O montante total dos bens avaliados era de 108:848\$880 réis. Não havia dívidas passivas e nem ativas. Assim, quando da morte de Francisco, os Assis Brasil gozavam de posição social bastante estável, proveniente dos recursos obtidos com a criação de gado, a principal atividade econômica da região da campanha.

Além da favorável situação econômica, a família exercia certa influência no contexto local, através de seu envolvimento com a política. Francisco, o pai, havia sido respeitável político legalista e chefe do Partido Conservador no município.¹⁰⁰ Além disso, os Assis Brasil eram aparentados com os Jobim - conservadores e íntimos do imperador - o que lhes conferia uma descendência aristocrática. Um dos membros mais importantes da família Jobim era o *Barão de Cambaí* (Antônio Martins da Cruz Jobim), que casou-se com Ana Maria de Sousa Brasil, a *Baronesa de Cambaí*, irmã de Francisco, e portanto, tia dos órfãos. O Barão de Cambaí era senhor de avultados bens de fortuna, tendo, em sua juventude, sido negociante no Rio de Janeiro e depois se tornando estancieiro em São Gabriel, período em que também contribuiu na campanha do Paraguai. No ano de 1859 recebera o título de Barão, tendo sido, pouco antes, agraciado com as comendas de Cavaleiro da Imperial Ordem de Cristo e Cavaleiro da Imperial Ordem da Rosa.¹⁰¹ Em São Gabriel, foi vereador por diversas vezes e serviu a comunidade auxiliando financeiramente na construção da Igreja Matriz e também na

¹⁰⁰ AITA, Carmen. *Perfil biográfico de Assis Brasil. Perfis Parlamentares: Joaquim Francisco de Assis Brasil*. Porto Alegre: ALRS, 2006, p. 178.

¹⁰¹ CARVALHO, Mário Teixeira de. *Nobiliário Sul-riograndense*. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Livraria do Globo, 1937, p. 51.

Santa Casa de Caridade, o que indica a importância que a comunidade local provavelmente lhe atribuía.¹⁰²

O prestígio político do Barão de Cambaí assume importância ainda maior ao analisarmos a ligação direta que ele mantinha com a Corte. Seu irmão, o médico José da Cruz Jobim, foi professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, instituição da qual também foi diretor por trinta anos (1842-1872). Médico do Paço, no ano de 1848, José da Cruz Jobim decidiu ingressar na carreira política, fazendo-o por meio do Partido Conservador. Foi eleito deputado geral pelo Rio Grande do Sul, sua província de origem, por duas legislaturas (1848-1851), e depois escolhido senador pela província do Espírito Santo, cargo em que permaneceu de 1851 a 1878, quando faleceu.¹⁰³ A filha do senador, Viscondessa de Sabóia, casara-se com Vicente Candido Figueira de Sabóia. O Visconde também fora diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, durante a década de 1880, período em que também fora nomeado médico da casa imperial e que fora médico particular do imperador.¹⁰⁴

O estreito parentesco com o Barão de Cambaí sugere a existência de um importante capital relacional a ser mobilizado pelos Assis Brasil, bem como a importância política e simbólica que deveria ser atribuída socialmente à família. Além disso, os laços existentes com o casal de aristocratas, que tinham vínculos diretos com o mundo da Corte, também beneficiaram a família financeiramente. Algum tempo após o falecimento do Barão, a Baronesa, herdeira de fortuna avantajada, foi declarada interdita e seus bens foram judicialmente arrendados, por espaço de seis anos, à João de Assis Brasil, o primogênito da família. Ainda que, quando da morte da Baronesa (1881), faltassem cerca de dois anos para o término do período do arrendamento, a família Assis Brasil teve uma oportunidade de quatro anos para aumentar seu patrimônio, através da exploração da fazenda da Baronesa, para além da administração dos seus próprios bens.¹⁰⁵

Quando do falecimento da Baronesa, dada a inexistência de filhos herdeiros, os Assis Brasil acabaram beneficiados pela divisão de sua herança, recebendo um montante de 136:520\$381 réis, importância maior do que aquela deixada no inventário do próprio pai,

¹⁰² FIGUEIREDO, Osório Santana. **História de São Gabriel**. 1993, p. 220.

¹⁰³ PORTO ALEGRE, Aquiles. **Homens ilustres do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: ERUS, s/d., p. 25.

¹⁰⁴ A trajetória de José da Cruz Jobim, seus investimentos na medicina e também no campo político já foram analisadas em trabalho anterior. Para mais informações, ver: CORADINI, Odaci Luiz. Grandes famílias e elite 'profissional' na medicina no Brasil. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**. Rio de Janeiro: v. III, 1997, p. 425-466.

¹⁰⁵ Informações obtidas no Inventário de Antônio de Assis Brasil. São Gabriel, Ano 1882, Número 337, Maço 19, Estante 107, Cartório de Órfãos e Ausentes (APERS), p. 30.

Francisco.¹⁰⁶ Considere-se a transmissão do patrimônio não como algo meramente material, mas sim como um fenômeno mais amplo, composto por um conjunto de insígnias sociais. Neste sentido, é possível que, para além de receberem os bens do casal de aristocratas, os Assis Brasil também tenham herdado simbolicamente parte da influência política do falecido Barão, o que ajudava a reforçar a posição de prestígio ocupada pela família.

Ainda que vários elementos convergissem para o sucesso político dos Assis Brasil, a morte de Francisco exigiu alguns rearranjos no interior do núcleo familiar. A partilha dos bens beneficiou os filhos mais velhos, João e Antônio, que deram continuidade aos negócios do pai, e a mãe, com auxílio de um tutor, passou a administrar os bens dos filhos menores. À morte do pai sucedeu-se um pesado investimento na educação dos filhos mais novos, onde os demais tiveram efetiva colaboração. Assim, Antônio foi quem encaminhou Joaquim Francisco para estudar na Escola do Professor Bernardo Taveira Júnior, em Pelotas, tendo recomendado Joaquim a um seu amigo, Candido Vicente Rodrigues, também criador, que lhe faria companhia no trajeto, posto que levaria uma tropa de gado para comercializar naquele município.¹⁰⁷

No ano de 1875, Joaquim Francisco já cursava o secundário em Porto Alegre, de onde pretendia partir para frequentar “uma das faculdades do Império, a fim de alcançar sua formatura em ciência médica, para a qual tinha caracterizada vocação”, conforme depoimento da mãe. Enquanto isso, Bartholomeu, Paulo e Diogo frequentavam colégios em São Gabriel. Dona Joaquina, inclusive, abandonara temporariamente sua residência na fazenda, pagando aluguel de casa na área urbana do município, a fim de acompanhar os filhos mais novos e viabilizar seus estudos.¹⁰⁸ Portanto, e ainda que a família tivesse boa situação econômica, a educação de alguns de seus membros exigiu uma mobilização conjunta por parte dos demais, tal como exemplifica a opção da mãe em acompanhar os menores durante o período de estudos na cidade, mas também a responsabilidade que recaiu sobre os mais velhos, no que se refere à administração da estância e o bom andamento dos negócios.

Em 1881, todos os jovens haviam avançado nos estudos. Joaquim Francisco e Bartholomeu residiam em São Paulo, onde frequentavam a Faculdade de Direito, ao passo que Paulo e Diogo estudavam em Porto Alegre. Joaquim Francisco bacharelou-se em Direito no ano de 1882 e Bartholomeu estudou em São Paulo pelo menos até 1886; entretanto, não

¹⁰⁶ Inventário da Baroneza de Cambahy. São Gabriel, Ano 1881, Número 332, Maço 18, Estante 16, Cartório de Órfãos e Ausentes (APERS).

¹⁰⁷ FIGUEIREDO, Osório Santana. **História de São Gabriel**. São Gabriel: s/ed., 1993. p. 187.

¹⁰⁸ Inventário de Francisco de Assis Brasil. São Gabriel, Ano 1872, Processo 247, Maço 12, Estante 107, Cartório de Órfãos e Ausentes, (APERS). p. 62.

encontramos informações de que tenha se formado.¹⁰⁹ Diogo matriculou-se, em 1884, na Escola de Minas de Ouro Preto, tendo se formado em agrimensura no ano de 1886, ao passo que Paulo não prosseguiu nos estudos.¹¹⁰ Uma possível explicação para tal interrupção pode estar na morte de Antônio, no ano de 1882, visto que a partir daquele momento Paulo passou a exercer o papel atribuído ao falecido irmão, dedicando-se à estância da família, juntamente com o primogênito.

Além de Paulo, também Joaquim Francisco teve seus planos modificados, tendo cursado Direito, em detrimento de sua primeira opção, a Medicina – conforme havia mencionado sua mãe, em depoimento. Possuir um médico na família poderia certamente mobilizar um capital relacional significativo; no entanto, o longo processo de profissionalização da política no século XIX fez com que, em suas últimas décadas, o diploma de bacharel em Direito se tornasse um pré-requisito importante para se ingressar na carreira.¹¹¹ Sendo assim, era politicamente mais vantajoso, naquele momento, a família contar com um advogado e não com um médico. Logo, é possível, embora não tenhamos como comprovar tal hipótese, que a opção pelo Direito tenha ocorrido em função da morte do pai, o único membro da família envolvido com a política até então, numa tentativa de manter a ingerência desta na política local.

Percebe-se, portanto, a existência de um projeto familiar, partilhado pelos membros da casa, onde cada indivíduo exercia um papel específico, muito embora todos estes papéis se complementassem. No que se refere à vida profissional, seus membros procuraram diversificar suas atividades de modo a ocupar diferentes espaços. Logo, os irmãos distribuíram-se entre a atividade pecuarista, que continuava a ser sua principal fonte de renda, a agrimensura e o Direito, sendo que ser portador de um diploma de advogado era extremamente necessário se a família almejasse a ocupação de algum posto político na esfera provincial ou nacional, por exemplo.¹¹² Ora, o fato de existir na família dois de seus membros dedicados ao Direito, considerando os custos exigidos para manter um jovem estudando nas

¹⁰⁹ Conforme noticiou o periódico *A Revista Federal* (31.10.1886 – Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro), em princípios de 1886, Bartholomeu fora suspenso da instituição por dois anos, após ter entrado em atrito com a direção da Faculdade, em função de alguns exames que fora impedido de realizar. Provavelmente tal fato tenha o desmotivado a continuar. Spencer Vampré, em seu livro sobre a história da academia paulista, também analisa o episódio. Para mais informações ver: VAMPRE, Spencer. **Memórias para a história da Academia de São Paulo**. São Paulo: Saraiva e Cia., 1924. V. II, em especial as páginas 504-507.

¹¹⁰ RACIOPPI, Vicente. **Estudantes do Rio Grande do Sul em Ouro Preto**. Belo Horizonte: Typ. Castro, 1940, p. 37.

¹¹¹ VARGAS, Jonas Moreira. **Entre a paróquia e a Corte: os mediadores e as estratégias familiares da elite política do Rio Grande do Sul (1850-1889)**. Santa Maria: UFSM/Anpuh-RS, 2010.

¹¹² *Ibid.*

academias do centro do país, sugere que a política era um dos espaços que a família vislumbrava ocupar mais efetivamente.

A tentativa de uma diversificação de ocupações e a inserção da família em diferentes espaços poderia facilitar o estabelecimento de redes de relacionamento, potencialmente operacionais em algumas situações, bem como o acesso de recursos variados à casa. As alianças matrimoniais também colaboraram no sentido da diversificação profissional familiar. Imízcoz e Oliveri apontam que “los matrimonios eran especialmente importantes para la conformación de las redes de relaciones, para reforzar las relaciones ya existentes o para acceder a nuevos ámbitos a través de los parentescos creados por los mismos”.¹¹³ Desse modo, os matrimônios constituídos pelos membros da família Assis Brasil visavam o estabelecimento de vínculos com indivíduos que se dedicavam a ocupações diferentes daquelas dos irmãos Assis Brasil, mas que nem por isso tinham menor importância e prestígio político.

Vejamos as alianças estabelecidas a partir dos casamentos das mulheres da família. Para isso, consideramos os vínculos efetuados como uma escolha realizada pelo conjunto dos membros da casa, dentro de um espectro de opções possíveis. Maria Francisca, uniu-se ao capitão do Exército, Miguel de Oliveira Paes, integrante do Regimento de Artilharia a Cavalos, e que tinha formação pela Escola Militar do Rio de Janeiro. Por sua vez, a mais velha, Felisberta, casou-se com Antônio Martins de Castro Jobim, alferes da Guarda Nacional e também criador em São Gabriel. Tal união reforçou os laços de parentesco da família com os Jobim e a aristocracia ligada ao já mencionado Barão de Cambaí.¹¹⁴ Considere-se que tanto o Exército quanto a Guarda Nacional eram instituições bastante importantes no Império e ambas tinham forte potencial político, que poderia ser administrado por seus membros de diversas maneiras em favor das facções locais.¹¹⁵ Logo, essas uniões matrimoniais agregaram a família um importante capital político e prestígio social.

¹¹³ IMIZCOZ, José María; OLIVERI, Oihane. Economía doméstica y redes sociales: una propuesta metodológica. In: IMÍZCOZ, José María; KORTA, Oihane Oliveri (Ed.). **Economía doméstica y redes sociales en el antiguo régimen**. Madrid: Sílex Universidad, 2010. p. 31.

¹¹⁴ Florinda, a última das irmãs, faleceu solteira. Não sabemos exatamente o ano de sua morte, entretanto, no inventário de sua mãe (1885), já constava como falecida.

¹¹⁵ GRAHAM, Richard. **Clientelismo e política no Brasil do Século XIX**. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1997. Sobre a atuação da Guarda Nacional na província do Rio Grande do Sul, ver FERTIG, André Atila. **Clientelismo político em tempos belicosos: a Guarda Nacional da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul na defesa do Império do Brasil (1850-1873)**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2010. Sobre o Exército, ver SEIDL, Ernesto. **A espada como vocação: padrões de recrutamento e de seleção das elites do Exército no Rio Grande do Sul (1850-1930)**. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da UFRGS. Porto Alegre, 1999.

Dos homens, Antônio de Assis Brasil casou-se com Idaliana Laureano da Silva, filha de Hermengildo Laureano da Silva, oficial do Exército em São Gabriel. Posto que Antônio faleceu precocemente, outro militar foi agregado, ainda que indiretamente, à família Assis Brasil, através das segundas núpcias de Idalina com o tenente do Exército Juvêncio Zubaran.¹¹⁶ Por sua vez, Joaquim Francisco casou-se em 1885 com Cecília Prates Castilhos, filha de um rico estancieiro de São Martinho, irmã de Júlio de Castilhos, seu amigo e companheiro político.¹¹⁷

O envolvimento do patriarca Francisco com o Partido Conservador não fora seguido pelos demais membros da família. De fato, tratavam-se de duas gerações distintas e a própria situação econômica e política da região da campanha sofrera algumas modificações. Os irmãos Assis Brasil tiveram suas trajetórias marcadas pela intensa atuação na propaganda republicana, havendo mesmo uma distribuição entre os que atuavam local e regionalmente e aqueles que propagandearam a República fora da Província. Do mesmo modo, seus cunhados também atuaram na propaganda republicana, figurando entre os sócios do Clube Republicano de São Gabriel.

Mas se os Assis Brasil já faziam parte de uma tradição política (conservadora), já bastante arraigada na província, quais fatores teriam impulsionado a sua conversão ao republicanismo? Um primeiro aspecto a ressaltar está relacionado ao fato de que, tanto o Barão de Cambaí quanto Francisco de Assis Brasil (o pai) - os dois membros da família ligados ao Partido Conservador - faleceram ainda na década de 1870. Ou seja, a situação de orfandade pode ter contribuído para favorecer uma militância mais livre de tensões dentro da própria casa.¹¹⁸

Outro fator importante diz respeito aos espaços de circulação dos membros da família e os indivíduos com os quais eles se relacionavam. Joaquim Francisco, por exemplo, havia cursado as primeiras letras na cidade de Pelotas, importante centro cultural da província, com o Professor Bernardo Taveira Júnior, renomado intelectual republicano. Já no ano de 1874, passou a frequentar o colégio do Professor Fernando Gomes, em Porto Alegre, este também

¹¹⁶ Deve-se considerar o fato de que, em São Gabriel (região estratégica em função de sua proximidade com a fronteira) haviam várias unidades militares, o que acaba por aumentar as possibilidades de os membros da família Assis Brasil efetuarem matrimônio com pessoas ligadas aos quartéis.

¹¹⁷ A respeito dos demais irmãos: João casou-se com Leônida Marçal, entretanto não encontramos informações sobre a família da mesma. Paulo faleceu solteiro. Bartholomeu casou-se com Alire Paixão Cortes, porém, já em período bastante posterior à Proclamação da República. Diogo também casou-se na virada do século XIX para o século XX, com Mariana Coimbra Gonçalves, uma sua prima em segundo grau. (Informações disponíveis em: <http://assisbrasil.org/gen.html>, acesso em 14-11-2012, as 20:37).

¹¹⁸ Além dos propagandistas da família Assis Brasil, também eram órfãos, pelo menos desde a juventude, os republicanos rio-grandenses Júlio de Castilhos, José Gomes Pinheiro Machado, Ramiro Barcellos e Vitorino Monteiro.

manifesto adepto da causa republicana. Ali fora colega e passou a investir nas letras e na imprensa, juntamente com alguns dos jovens que seriam futuramente seus colegas de partido, dentre eles, Júlio de Castilhos.¹¹⁹ Sendo assim, para além de já haver uma predisposição à política por parte da família, os espaços frequentados por alguns de seus membros, bem como o grupo de indivíduos com os quais eles se relacionavam, acabavam tornando as ideias republicanas muito próximas e simpáticas, exercendo, provavelmente, certa influência no que se refere a adesão dos Assis Brasil ao movimento republicano. A circulação dos filhos mais novos no ambiente acadêmico (especialmente na Faculdade de Direito de São Paulo), ao que parece, deve ter coroado esta trajetória de aproximação paulatina da família com as ideias republicanas. O clima intelectual e as agitações vivenciadas na academia contrinuíam para reforçar uma adesão que já vinha se fazendo ao longo dos anos.

Há que se considerar que, pelo menos desde a década de 1870, o cenário político rio-grandense vinha sendo marcado por uma radicalização das posições político-partidárias e pela proposição de reformas diversas, especialmente no que diz respeito ao Partido Liberal, que tinha então como liderança principal Gaspar Silveira Martins.¹²⁰ Ao longo desta década, vários estudantes, dentre eles, os irmãos Assis Brasil, realizavam seus estudos preparatórios na capital da província, visando ingressar nas academias imperiais. Sendo assim, o período de juventude dos irmãos Assis Brasil, assim como de outros propagandistas (Castilhos, Pinheiro Machado, Borges de Medeiros, etc) foi marcado por uma visualização da tomada de posições e da defesa de ideias bastante radicais na província. Luiz Alberto Grijó aponta que, ao desembarcarem em São Paulo, estes jovens “[...] já traziam certas predisposições condicionadas pela própria dinâmica político-partidária provincial para tomar decisões mais radicais que, na época, se abrigavam mais coerentemente no movimento republicano, pelo menos no caso de São Paulo”; o autor ainda aponta que “a vivência na capital paulista teria proporcionado a estes estudantes ‘vindos do campo’, a possibilidade de operarem eles próprios uma tradução mais culturalmente elaborada de suas posições e predisposições políticas”.¹²¹

¹¹⁹ Os dados biográficos estão presentes em AITA, Carmem (Org.). **Joaquim Francisco de Assis Brasil: perfil biográfico e discursos (1857-1938)**. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 2006.

¹²⁰ Helga Piccolo chega a pontuar essa radicalização do discurso do Partido Liberal como um dos fatores que colaboraram para a tardia criação do partido republicano na província, se comparado a outras regiões do país, onde os grupos republicanos organizavam-se já desde a assinatura do Manifesto Republicano de 1870. (PICCOLO, Helga I. L. **A política rio-grandense no II Império (1868-1882)**. Porto Alegre: Gabinete de Pesquisa de História do Rio Grande do Sul, 1974).

¹²¹ GRIJÓ, Luiz Alberto. **Ensino jurídico e política partidária no Brasil: a Faculdade de Direito de Porto Alegre (1900-1937)**. 2005. 275 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

Não obstante, a agitação política vivenciada na própria região da campanha também deve ter colaborado para que a família Assis Brasil se convertesse ao republicanismo. Conforme apontamos anteriormente, os primeiros clubes e núcleos republicanos, criados na província entre os anos de 1882 e 1883, situavam-se na região fronteiriça.¹²² A indústria pecuarista, principal atividade econômica da região, vinha sofrendo inúmeras dificuldades; em contrapartida, tanto o governo provincial quanto as instâncias de representação política, pouco respondiam as reivindicações dos criadores locais. Tal situação gerava descontentamentos por parte destes grupos em relação ao governo e, possivelmente, resultavam em adesões, pelo menos de parte daqueles que se sentiam prejudicados, ao movimento republicano.¹²³

Feitas algumas considerações acerca da conversão da família Assis Brasil ao republicanismo, vejamos agora alguns detalhes da atuação de seus membros na propaganda republicana. Os primeiros anos da década de 1880 foram de intensa atividade política por parte da família. Fosse em São Gabriel, Porto Alegre, São Paulo ou Ouro Preto, seus investimentos foram constantes e, tiveram como um de seus primeiros e talvez principais espaços de atuação uma agremiação que, inclusive, ajudaram a construir: o Clube Republicano de São Gabriel.

1.2.2 – A atuação da família Assis Brasil no Clube Republicano de São Gabriel

O Livro de Atas do Clube Republicano de São Gabriel nos traz alguns indícios sobre o nível de envolvimento dos Assis Brasil com a propaganda republicana local.¹²⁴ A sessão de instalação da agremiação realizou-se na casa da matriarca, Dona Joaquina, o que evidencia o protagonismo da família no que se refere a mobilização republicana local, mas também a importância do papel exercido pela mãe no interior do projeto familiar.¹²⁵ Joaquina era uma mulher letrada e seu pai, o carioca Joaquim Thomas de Bensalinas, cirurgião-mor do Exército, era publicamente reconhecido por seus conhecimentos de Gramática Latina, Francês,

¹²² RAMOS, Eloísa H. Capovilla. Op. Cit., p. 109.

¹²³ A correlação entre a adesão ao republicanismo e a crise econômica da atividade pecuarista da região da campanha será analisada de maneira pormenorizada no capítulo 4.

¹²⁴ Livro de Atas do Clube Republicano de São Gabriel – Acervo do Museu João Pedro Nunes (São Gabriel). Doravante, as informações citadas encontram-se no mesmo documento.

¹²⁵ Fato semelhante ocorreu no Clube Republicano de São Borja, tendo as primeiras reuniões da agremiação ocorrido na residência de Dona Maria da Conceição Canteiro de Miranda, mãe do republicano Francisco Miranda, importante líder republicano local. (Livro de Atas do Clube Republicano de São Borja – Acervo do IHGRGS).

Geometria e Filosofia. Na década de 1820, quando a instrução pública teve início no Rio Grande do Sul, foi nomeado professor-régio, para o ensino das primeiras Letras, no município de Rio Pardo, vindo se estabelecer na província.¹²⁶

A ênfase no culto às letras, portanto, parecia hereditário e tal pôde ser demonstrado a partir dos esforços da matriarca Joaquina em prol da educação dos filhos mais novos, aqui já referenciados. Sua atuação sistemática no interior do núcleo familiar foi reconhecida pelo filho Joaquim Francisco, que dedicou à mãe seu primeiro livro de propaganda, publicado quando o jovem ainda estudava na academia. Em suas palavras: “Dedico estas páginas àquela a quem me prende o duplo laço do amor e da gratidão; dedico-as à minha santa e carinhosa Mãe, a quem devo o que de mais elevado tenho e prezo – *a cultura de espírito*, a dignidade e o *patriotismo*”.¹²⁷

Do mesmo modo, os mais velhos, João e Antônio também pareciam ter certa familiaridade com os livros, ainda que não tenhamos informações sobre seu nível de instrução. Na leitura do inventário de Antônio, criador, entre os bens deixados como herança, constavam 88 volumes de obras diversas de literatura¹²⁸, ao passo que no de João, também pecuarista, embora não houvesse referência a livros, constavam entre os bens alguns móveis que sugerem a existência dos mesmos: uma escrivaninha com estante envidraçada, uma mesa e cadeira para escritório.¹²⁹

No que se refere a participação dos irmãos Assis Brasil no Clube Republicano, dos seis varões da família, somente o caçula Diogo não tem registros de frequência à agremiação. No entanto, deve-se considerar que entre os anos de 1881 e 1886 Diogo não residia em São Gabriel, mas sim em Porto Alegre e, posteriormente, em Ouro Preto, onde estudava na Escola de Minas. Na capital da província de Minas Gerais, também ele desenvolveu intensa propaganda a favor da República, tendo sido um dos fundadores, no ano de 1884, do *Club Republicano Vinte e Um de Abril*, agremiação que reuniu vários republicanos mineiros, inclusive o renomado João Pandiá Calógeras, também seu fundador.¹³⁰ Em 1885, a agremiação passou a contar com um jornal, *A Inconfidência*, que publicava artigos de cunho republicano e abolicionista e tinha como um de seus redatores Diogo Assis Brasil. Além dele,

¹²⁶ Informações disponíveis em: <http://assisbrasil.org/gen.html>, acesso em 17-12-2012, as 15:21.

¹²⁷ *Apud* ROCHA, Artheniza; ALMEIDA, Luiz Gonzaga; MARCHIORI, José Newton. **J. F. de Assis Brasil: interpretações**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 1995, pg. 43.

¹²⁸ Inventário de Antônio de Assis Brasil. São Gabriel, Ano 1882, Número 337, Maço 19, Estante 107, Cartório de Órfãos e Ausentes (APERS).

¹²⁹ Inventário de João de Assis Brasil. São Gabriel. Ano 1890, Número 441, Maço 26, Estante 107, Cartório de Órfãos e Ausentes (APERS).

¹³⁰ *Jornal A Federação*. 07.05.1885. Acervo do NPH (UFRGS).

também integravam a comissão de redação Josephino Pires, Juvenal Sá e Silva, Eloy de Araújo e Saturnino de Oliveira.¹³¹

Importante atuação teve Diogo também no que diz respeito ao contato estabelecido entre os republicanos mineiros e rio-grandenses. Diogo foi, durante seu período de residência e estudos na Escola de Minas, agente do jornal *A Federação* (órgão oficial do PRR) em Ouro Preto.¹³² Além de ser o responsável pela distribuição do jornal, o agente também tinha outras atribuições como cobranças e venda de novas assinaturas. Tal atividade sugere um contato frequente com os correligionários locais, que provavelmente ocasionou o estreitamento de alguns laços pessoais, estes também possibilitados através de sua participação no Clube. Diogo, pois, tinha o importante papel de divulgar entre os correligionários mineiros a produção e as atividades que vinham sendo realizadas pelos republicanos rio-grandenses, também seus companheiros de propaganda. Do mesmo modo, a interlocução que realizava entre os dois grupos também tornava possível que a atuação republicana mineira fosse divulgada no Rio Grande.

Mas voltemos à análise da atuação dos irmãos Assis Brasil na agremiação gabrielense. Além da participação nas sessões, a maioria dos irmãos ocupou posições no diretório da agremiação e/ou foram escolhidos, através de votação interna do Clube, como candidato republicano para concorrer nas disputas por cargos locais, tal como se vê no Quadro 2:

Quadro 2 – Representatividade dos irmãos Assis Brasil no Clube Republicano de São Gabriel

Nomes	Cargos ocupados no diretório do Clube	Indicações a cargos locais
João	- Membro da comissão diretora de 1881 - Tesoureiro em 1882 e 1883	- indicado pelo Clube para concorrer às eleições ao cargo de juiz de paz nos anos de 1882 e 1886.
Antônio	- Membro da comissão diretora de 1881 - Vogal ¹³³ em 1882	-
Joaquim Francisco	- Presidente nos anos de 1883, 1884 e 1885	-
Bartholomeu	-	-
Paulo	- Vogal do 2º distrito em 1886	-

Fonte: Livro de Atas do Clube Republicano de São Gabriel (1881-1887). (Acervo do Museu João Pedro Nunes – São Gabriel/RS).

¹³¹ *Jornal A Inconfidência*. 21.04.1885. Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

¹³² Conforme listagem dos agentes, publicada no jornal *A Federação*, de 06.08.1885. Acervo do NPH (UFRGS).

¹³³ Vogal = Membro de uma assembleia, conselho ou tribunal deliberativo, com direito de voto.

Algumas considerações podem ser feitas a partir da leitura do Quadro 2. De modo geral, as posições ocupadas pelos irmãos no interior do clube demonstram o reconhecimento de sua importância política pelos demais correligionários, bem como a confiança neles depositada. Tanto é que os dois mais velhos – João e Antônio - integraram a primeira comissão diretora, que se responsabilizou por alguns dos trabalhos mais elementares do clube (como, por exemplo, a elaboração dos Estatutos). Do mesmo modo, o posto de presidente da agremiação, ocupado por Joaquim Francisco durante três anos, demonstra a liderança política que ele exercia perante o grupo.

De fato, durante o período em que o jovem estudava na Faculdade de Direito em São Paulo (1878-1882), fizera inúmeros investimentos que colaboraram positivamente para o aumento de seu prestígio político. Ali travou amizade com propagandistas de renome nacional, participou de inúmeros jornais republicanos, publicou de livros de crítica ao regime monarquista e de divulgação do ideal do republicano. Portanto, tanto o seu investimento na imprensa e no mundo das letras quanto o seu trânsito e acesso privilegiado a um circuito de informações fora da província, agregavam-lhe importantes elementos de distinção que colaboravam para que os correligionários de São Gabriel reconhecessem-no como importante liderança.¹³⁴

Por outro lado, o Quadro 2 sugere, em um primeiro momento, a pouca importância atribuída a Bartholomeu no interior da agremiação, já que diferentemente dos demais irmãos que frequentavam as sessões do Clube, este não foi indicado/votado para assumir nenhum cargo. Entretanto, deve-se ressaltar que as reuniões do Clube Republicano ocorreram entre os anos de 1881 e 1887 e, durante boa parte deste período, Bartholomeu residiu em São Paulo, onde estudava Direito e também propagandeava a República. Assim como Joaquim Francisco, Bartholomeu também fora colaborador de alguns periódicos republicanos e sócio de agremiações instaladas naquela cidade. Também como o irmão, Bartholomeu integrou o *Clube Vinte de Setembro*, através do qual publicou um livro, *Apelo ao Rio Grande do Sul* (1886), em comemoração ao 51º aniversário da Revolução Farroupilha.

No jornal *A Federação* tinha suas correspondências publicadas com regularidade entre os anos de 1884 e 1886. Tal era o espaço ocupado por essas missivas no jornal que elas chegaram a ser publicadas semanalmente e receberam um título de coluna: *Cartas de São Paulo*. Nelas o propagandista informava os rio-grandenses sobre os últimos acontecimentos

¹³⁴ A atuação de Joaquim Francisco de Assis Brasil na propaganda republicana, durante o período que residiu em São Paulo e os inúmeros contatos travados naquela cidade e/ou a partir dela serão analisados mais detidamente no próximo capítulo.

políticos nacionais, trazendo um comentário crítico a respeito deles. Ainda em São Paulo, Bartholomeu realizou várias conferências públicas, muitas delas em Campinas, ao lado de propagandistas como os irmãos Alberto e Campos Salles, José do Patrocínio, Quintino Bocayuva e Saldanha Marinho, o que demonstra a existência de vários contatos travados com importantes correligionários, bem como o reconhecimento da atuação política de Bartholomeu pelos demais.¹³⁵ Desse modo, se houve um afastamento dos trabalhos do Clube Republicano de São Gabriel, o mesmo não pode ser dito em relação à propaganda republicana de forma geral. De fato, se a participação de Bartholomeu na propaganda republicana local (São Gabriel) parece ter sido menos enfática, esta foi compensada pela importante inserção na propaganda nacional e mesmo nos contatos estabelecidos com republicanos de fora da Província do Rio Grande do Sul.

Portanto, seja atuando politicamente em seu município de origem ou em espaços sociais mais distantes – em alguns dos principais núcleos de efervescência política da época (São Paulo e Minas Gerais) - os Assis Brasil tiveram papel destacado no interior da propaganda republicana. No Clube de São Gabriel os irmãos ocuparam diferentes posições, evidências que demonstram a forte ingerência e, mais do que isto, um protagonismo da família na propaganda republicana local. Além de ocupar esses postos, os irmãos Assis Brasil desempenharam uma série de outros papéis. João, o primogênito, era quem estabelecia e mantinha contato com alguns correligionários e clubes da região da campanha e missioneira. Prova disso é que, já na sessão de instalação do Clube gabrielense, registrou-se que João havia recebido telegramas pessoais de Américo Brito (líder republicano de Uruguaiana) e de Francisco Miranda (líder republicano de São Borja), procurando saber se em São Gabriel havia algum clube republicano e pedindo esforços em favor do candidato à deputação, Venâncio Ayres.¹³⁶

Logo, João era o republicano procurado por correligionários de outros municípios para falar de assuntos políticos, trocar informações e pedir apoio eleitoral. Tal evidência demonstra sua importância política em meio ao grupo gabrielense, mas também sua capacidade de estabelecer contato e laços de confiança com indivíduos ligados a outros núcleos republicanos, vínculos estes extremamente importantes na política do século XIX. Do mesmo modo, a partir da atuação de João percebe-se que a família investia politicamente não só em seu município de origem, mas na região da campanha de forma geral. Logo, a ambição de

¹³⁵ *Revista Federal*, 30.11.1886. Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

¹³⁶ Livro de Atas do Clube Republicano de São Gabriel (Acervo do Museu João Pedro Nunes – São Gabriel/RS)

exercício do poder por parte da família não se resumia ao espaço exclusivamente local, mas também regional.

Se o registro em ata evidencia apenas a atuação de João no sentido de travar contatos com os correligionários comprovincianos, outras fontes deixam evidente que não era apenas ele quem o realizava, mas também os demais irmãos. De tal modo, Bartholomeu correspondia-se, por exemplo, com Apolinário Porto Alegre, reforçando os vínculos da família com propagandistas mais experientes e atuantes na capital da Província. A existência dessa missiva demonstra que alguns laços com importantes propagandistas foram estabelecidos precocemente (mesmo antes da criação do PRR) pelos Assis Brasil e do mesmo modo sugere o investimento e a importância política atribuída a estes vínculos pela família. Na carta, escrita quando esteve de passagem por São Gabriel, Bartholomeu enfatiza o envolvimento conjunto dos membros da família com a propaganda republicana e os investimentos que vinham sendo feitos na política local:

Eu e meus manos aqui chegamos cheios de saúde e de saudades de V.mce., família e amigos.

Por estes três ou quatro dias pretendo seguir daqui para São Paulo, onde peço-lhe que disponha de mim como da pessoa que mais lhe deseja servir.

No dia 1º de janeiro reuniram-se em casa de meu mano João os republicanos daqui, tratando de diversos assuntos, como a discussão dos estatutos (do Clube), quais os candidatos ao senado e à Assembleia Provincial [...].

Temos eu e o meu mano Joaquim passeado por diversos pontos do círculo e nesses passeios notamos que o nosso partido triplica de dia em dia.

Depois de amanhã o Joaquim deve sair daqui com o fim de percorrer também a serra e todo o sul da província, efetuando em todos os lugares possíveis conferências.¹³⁷

A carta demonstra o forte investimento que os irmãos vinham fazendo, coletivamente, na divulgação do ideal republicano na região da campanha. Do mesmo modo, evidencia o relacionamento travado com um importante propagandista que atuava na capital da Província, vínculo este capaz de possibilitar a prestação de alguns favores/serviços entre eles. A disposição em servir ao amigo, exposta na carta, abria precedente para que também se pudesse pedir alguns favores. De tal modo, foi provavelmente a pedido de um ou do conjunto dos irmãos Assis Brasil que Apolinário abrigou José de Assis Brasil, filho do falecido Antônio, em sua residência em Porto Alegre, durante alguns dos anos em que o moço estudou na Escola Militar.

Em carta de José de Assis Brasil escrita a Apolinário, o jovem agradeceu pelos cinco anos em que esteve hospedado em sua casa e, mais do que isso, enfatizou a importância do

¹³⁷ Carta de Bartholomeu de Assis Brasil a Apolinário Porto Alegre. São Gabriel. 02.01.1882. Arquivo Pessoal de Apolinário Porto Alegre (APA-067 – IHGRGS).

apoio que recebera em momento tão difícil de sua vida: “[...] O Senhor arrancou-me da miséria, abrigando-me das intempéries, alimentou-me física e intelectualmente e, o que é mais ainda, encheu-me muitas vezes de dinheiro as algibeiras! De nada disto eu me esqueci”.¹³⁸ Em outra passagem, o jovem pontuou: “Eu sei Sr. Apolinário, [...] que eu era bem desgraçado quando o Sr. me acolheu em sua casa, mas foi tal a sua bondade, foi tal o cuidado que teve comigo que pôde conservar-me o caráter sem prejuízo, o que raramente sucede àqueles que chegam a uma posição crítica como foi a minha”.¹³⁹ De fato, quando da morte de seu pai - Antônio de Assis Brasil - no ano de 1882, este encontrava-se em difícil situação econômica, tendo deixado a esposa e os filhos com inúmeras dívidas. No inventário, a viúva depôs que as dívidas eram decorrentes “da compra de gado para duas tropas que o inventariado fez e levou à Pelotas, nas quais teve grande prejuízo, como é de notoriedade pública, o que concorreu para a agravação de seu estado de saúde”.¹⁴⁰ Ou seja, a situação crítica que a indústria pecuarista da região da campanha vinha atravessando, em boa medida vinculada aos maus negócios que vinham sendo realizados com as charqueadas, vinha afetando negativamente os destinos da família Assis Brasil.

No mesmo depoimento, a viúva relatou as dificuldades que ela e os três filhos estavam atravessando e pontuou que vinha recebendo auxílio de sua família e de parentes de cuja solicitude e amparo natural não poderia prescindir na posição em que se encontrava.¹⁴¹ Logo, vendo os sobrinhos e a cunhada atravessarem difícil situação econômica, provavelmente um dos irmãos Assis Brasil tenha intercedido pelo sobrinho José, pedindo auxílio e estadia para o moço ao amigo Apolinário Porto Alegre, a fim de viabilizar seus estudos. Considere-se ainda que a carreira militar não havia recebido investimento direto por parte de nenhum dos irmãos Assis Brasil, muito embora seus dois cunhados, como vimos, seguissem carreira no Exército e na Guarda Nacional. Possivelmente o encaminhamento de José à Escola Militar faça parte do projeto familiar, dentro do qual a diversificação profissional ocupava um papel importante. Dentro desse projeto, as redes de relações - e a solidariedade que lhe era característica - ocupavam espaço importante e tal se pode demonstrar através da ajuda obtida do amigo e correligionário Apolinário Porto Alegre.

¹³⁸ Carta de José de Assis Brasil a Apolinário Porto Alegre. Porto Alegre. 26.01.1886. Arquivo Pessoal de Apolinário Porto Alegre – (APA-0134 - IHGRGS).

¹³⁹ Carta de José de Assis Brasil a Apolinário Porto Alegre. Porto Alegre. 26.01.1886. Arquivo Pessoal de Apolinário Porto Alegre – (APA-0134 - IHGRGS).

¹⁴⁰ Inventário de Antonio de Assis Brasil. São Gabriel. Número 347, Maço 19, Estante 107, Ano 1882. Cartório de Órfãos e Ausentes (APERS).

¹⁴¹ Inventário de Antonio de Assis Brasil. São Gabriel. Número 347, Maço 19, Estante 107, Ano 1882. Cartório de Órfãos e Ausentes (APERS).

Em síntese, a análise de parte da trajetória da família Assis Brasil, bem como de sua atuação na propaganda republicana, demonstra a existência de um projeto coletivo de envolvimento com a política, que poderia trazer recursos e benefícios para todos os membros da casa. No interior do núcleo familiar, cada indivíduo exercia um papel específico, sendo perceptível, de maneira geral, uma divisão entre os irmãos que concentravam sua atuação na propaganda republicana em nível local, especialmente em São Gabriel (João, Antônio e Paulo) e outros que atuaram não só em sua região de origem, mas também nas grandes capitais onde residiram e estudaram (Joaquim Francisco, Bartholomeu e Diogo).¹⁴² Entretanto, tais atribuições não estavam descoladas umas das outras, mas, pelo contrário, faziam parte de um mesmo projeto onde todas elas se complementavam.

Os membros da família, pois, organizaram-se de maneira a ocupar diferentes espaços, o que pode ser visualizado a partir de dois aspectos:

1) a existência de uma certa tendência a diversificação profissional, que incluía tanto os irmãos Assis Brasil quanto os seus cunhados. Ou seja, seus membros haviam se distribuído entre o Direito, agrimensura e a administração da estância, ao passo que a engenharia dos matrimônios foi pensada no sentido de agregar à família integrantes de instituições de grande influência política no Império: o Exército e a Guarda Nacional; e

2) os diferentes locais de formação superior dos filhos, que demonstram o estabelecimento de vínculos pessoais e redes de relacionamento que colaboravam para a difusão do republicanismo. A distribuição geográfica e estratégica dos irmãos possibilitavam a circulação de informações privilegiadas no interior da família e que certamente colaboraram com a proeminência política do irmão Joaquim Francisco, conforme veremos no capítulo seguinte.

Analisando de perto essa família, que tinha entre seus membros um importante líder do Partido Republicano Rio-Grandense (Joaquim Francisco de Assis Brasil), foi possível perceber que a sua base econômica era essencialmente agrária, assumindo papel primordial para o sustento de todos, bem como para o financiamento da formação superior de alguns deles, os rendimentos provenientes da criação de gado na estância. Por outro lado, refletindo acerca de sua origem social, foi possível visualizar os vínculos diretos que os Assis Brasil tinham com membros da oligarquia política da província. O próprio pai, Francisco, grande estancieiro da região da campanha, era um importante líder local, ligado as fileiras do Partido Conservador. Além disso, os vínculos com o Barão do Cambaí demonstram a importante

¹⁴² A atuação destes últimos em São Paulo e Ouro Preto será analisada mais detidamente no capítulo seguinte.

ligação que existia entre os republicanos e as elites mais tradicionais da província, sendo que muitos destes parentes, como era o caso do Barão, tinha vínculos diretos com a Corte, além de imensurável prestígio local.

Portanto, analisando mais detidamente a configuração da família Assis Brasil, alguns aspectos referentes ao perfil das lideranças republicanas da província, trabalhado pela historiografia ao longo dos anos, podem ser repensados. Dentre eles, a tão propalada vinculação a uma classe média urbana, sem vínculos com a região da campanha e com as oligarquias mais tradicionais da província. É importante ressaltar que o caso que aqui analisamos não se trata de uma exceção, mas pelo contrário, é representativo de várias outras famílias de líderes republicanos que tinham a mesma origem social. Outros casos serão vistos no terceiro capítulo e darão maior subsídio para que possamos comprovar esta hipótese.

É importante ressaltar que tal maneira de organização, demonstrada a partir do caso da família Assis Brasil (focada na distribuição de seus membros em diversas atividades, no investimento na formação superior de alguns dos filhos, etc), mas que pode ser estendida a outras famílias republicanas, praticamente não difere do modelo organizacional das elites monarquistas da província, estudado por Vargas.¹⁴³ Em outras palavras, trata-se do modelo de organização das elites mais tradicionais e não de um padrão organizacional, vinculado a uma nova classe média, urbana e mais intelectualizada. A explicação para tal proximidade pode ser encontrada na própria origem social das famílias republicanas, ou seja, em seu vínculo com a elite conservadora e com os estancieiros da região da campanha.

Para finalizar, gostaríamos de salientar que a ideia da existência de um projeto político, compartilhado pelos membros da família, que contava com uma diversificação profissional intrínseca e estabelecimento de redes de relacionamento em diversos locais não deve ser pensado como algo excessivamente racional e premeditado, mas sim como um projeto que envolve diferentes estratégias (eivadas de incertezas), onde seus mobilizadores não detêm o total controle das situações e, portanto, podem levar tanto ao sucesso (e eles buscavam isso) como ao fracasso.¹⁴⁴

¹⁴³ VARGAS, Jonas Moreira. **Entre a paróquia e a Corte: os mediadores e as estratégias familiares da elite política do Rio Grande do Sul (1850-1889)**. Santa Maria: UFSM/Anpuh-RS, 2010.

¹⁴⁴ IMÍZCOZ, José María. Actores, redes, procesos: reflexiones para una historia más global. **Revista da Faculdade de Letras – História**, Porto, III série, v. 5, p. 1-28, 2004.

2 UMA REDE DE LETRADOS: INDIVÍDUOS E SOLIDARIEDADES NA PROPAGANDA REPUBLICANA

O presente capítulo tem como objetivo analisar a configuração de uma rede social, da qual fazia parte Assis Brasil e seus irmãos Bartholomeu e Diogo, ou seja, os três irmãos da família Assis Brasil que tiveram oportunidade de estudar fora da província e, a partir daí, travar contato com outros propagandistas de renome nacional. No interior desse circuito de relacionamentos, através da solidariedade que lhe era inerente, seus membros colaboravam para a publicação e/ou circulação dos escritos de propaganda de uns e outros, a fim de fortalecer as bases do movimento republicano e aumentar o número de seus simpatizantes. Mas antes de analisarmos a dinâmica dessa rede e a identidade de seus componentes, teceremos alguns comentários a respeito de como a historiografia tem trabalhado a temática da circulação de ideias nas últimas décadas do oitocentos e, a partir daí, faremos uma exposição a respeito de nossas opções teóricas e metodológicas em trabalhar com um grupo reduzido de propagandistas, privilegiando os laços que os conectavam.

2. 1 O MOVIMENTO DE IDEIAS NAS ÚLTIMAS DÉCADAS DO SÉCULO XIX

A circulação de novas ideias no Brasil, em fins do século XIX, e especialmente o movimento reformista da *Geração de 1870*, tem recebido atenção e diferentes tratamentos teóricos e metodológicos de vários pesquisadores ao longo das últimas décadas. Os primeiros estudos que tiveram destaque na análise do tema podem ser divididos em duas grandes vertentes. A primeira, partindo de uma abordagem da história das ideias, acabou definindo o movimento como uma versão brasileira de correntes de ideias europeias, interpretando-o em termos de gênese e desenvolvimento de doutrinas ou “escolas de pensamento”.

Os dois principais expoentes dessa vertente são Antonio Paim (1966) e Cruz Costa (1956).¹⁴⁵ O primeiro, tomando como ponto de partida a noção de “influência”, tratou o movimento reformista como um feixe de réplicas nacionais do pensamento europeu, compondo escolas de pensamento (tais como o positivismo ilustrado, darwinismo social, liberalismo doutrinário etc.). Desse modo, sua tese privilegiou o valor heurístico das obras e extirpou qualquer característica exógena ao próprio campo das ideias. Por sua vez, Cruz Costa

¹⁴⁵ PAIM, Antonio. **A filosofia da Escola de Recife**. Rio de Janeiro: Saga, 1966; CRUZ COSTA, J. **Contribuição à história das idéias no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

buscou enfatizar o modo pelo qual as ideias europeias se conformavam a realidade brasileira, enfatizando os processos de adaptação ou mesmo deformação sofridos por estas teorias estrangeiras no Brasil, para que pudessem se tornar instrumentos de ação social e política para grupos específicos. De todo modo, ambos os autores realizam uma classificação em sistemas de ideias, passando ao largo de uma avaliação de suas possíveis conexões com a prática política ou das ações que tais teorias desencadeavam.

Uma segunda vertente de estudos, iniciada por volta da década de 1970, caracterizou o movimento oitocentista como produtor de uma ideologia modernizadora para novos grupos sociais, em especial, à nova classe média urbana. Em outras palavras, o movimento reformista expressaria anseios de grupos sociais em ascensão, surgidos com o processo de modernização econômica do país.¹⁴⁶ Esse tipo de análise trouxe alguns ganhos explicativos ao enfatizar uma variedade de grupos se apropriando das novas doutrinas – vários estudos apontaram mesmo para uma diversidade geográfica (positivismo ortodoxo na Corte, spencerianismo paulista, positivismo modernizador e de bem-estar no Rio Grande do Sul). No entanto, embora tenham avançado ao enfatizar a ação política desses grupos, indicaram, erroneamente, que os componentes do movimento reformista não tinham identificação com o grupo social do qual se originava a elite imperial.

Além desses estudos, mais contemporaneamente ganharam espaço uma série de monografias que buscaram reconstruir a visão dos intelectuais sobre determinados temas, através de uma análise combinada de suas biografias e obras. Tais trabalhos trouxeram ganhos historiográficos ao implodirem grandes categorias como o positivismo ou o liberalismo. No entanto, ao analisar esses intelectuais isoladamente, acabaram abandonando a perspectiva de uma identidade dos grupos reformistas ou do próprio movimento de forma geral.¹⁴⁷

Já por volta da década de 1990 alguns trabalhos passaram a atribuir importância às escolas de ensino superior do Império, vendo-as como unidades de organização do movimento reformista ou de produção de sua identidade coletiva, enfatizando a importância destas instituições como espaços de socialização dos agentes que nele atuaram. Destacaram-se

¹⁴⁶ Dentre os principais trabalhos, destacaram-se CARVALHO, José Murilo de. A ortodoxia positivista no Brasil: um bolchevismo de classe média. In: _____. **Pontos e bordados: escritos de história e política**. Belo Horizonte: UFMG, 1998. p. 189-201; HALL, M. Reformadores de classe média no Império Brasileiro: a Sociedade Central de Imigração. **Revista de História**, São Paulo, v. 53, n. 105, p. 147-161, 1976; LOVE, Joseph. **O regionalismo gaúcho**. São Paulo: Perspectiva, 1971; BRESSIANI, Maria Stella Martins. **Liberalismo: ideologia e controle social (um estudo sobre São Paulo de 1850 a 1910)**. 1976. 256 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 1976.

¹⁴⁷ Veja-se, por exemplo: CARVALHO, M. A. R. **O quinto século**. André Rebouças e a construção do Brasil. Rio de Janeiro: Iuperj/Revan, 1998; CORRÊA, Arsênio Eduardo. **O pensamento político de Campos Salles**. Londrina: Humanidades, 2009; AXT, Gunter [et. al]. (Orgs.). **Julio de Castilhos e o paradoxo republicano**. Porto Alegre: Nova Prova, 2005.

nesse sentido os estudos de Celso Castro sobre a Escola Militar, e o de Lília Schwarcz, referentes às Escolas de Direito e Medicina.¹⁴⁸

Em tese recente, Angela Alonso, lançando novo olhar sobre a *Geração de 1870*, abordou o movimento reformista como um fenômeno de dupla face: intelectual e político. Para a autora, um dos principais problemas das abordagens anteriores era tratar os reformistas como uma ‘*intelligentsia*’, ou seja, um grupo de intelectuais, apartados do cerne do processo político. Assim, Alonso toma como pressuposto a complementaridade das duas principais formas de expressão do grupo, os textos e as ações práticas (manifestações públicas, organização de agremiações e clubes), posto que os próprios escritos nada mais eram do que uma forma de intervenção política. A fim de realizar uma sociologia das ideias dessa geração, a autora tomou como base de seu argumento o pressuposto de que “ [...] formas de pensar estão imersas em práticas e redes sociais”.¹⁴⁹ Por conseguinte, adotou como perspectiva analítica o desvelamento das experiências compartilhadas pelos seus integrantes.

Conforme Alonso, havia uma enorme diversidade de origem social no interior do movimento, que agrupava setores decadentes, estacionários e ascendentes – membros originários tanto de áreas de agricultura nova (como os grupos vinculados à economia do café do oeste paulista), quanto antiga (as áreas de engenho de açúcar do norte e as lavouras do vale do Paraíba), tanto do sul quanto do norte. O movimento, portanto, comportava grupos muito diferenciados em acesso a recursos sociais, econômicos e políticos, e tal era esta diversidade que poderíamos pensar em “[...] um conjunto de círculos concêntricos em progressivo afastamento em relação ao núcleo da estrutura estamental do Império e de suas instâncias de poder”.¹⁵⁰

O ponto de contato entre grupos tão diferenciados era a partilha de uma experiência de marginalização política em relação ao domínio saquarema: o bloqueio do acesso a instituições políticas fundamentais levava ao prejuízo de suas carreiras e, em alguns casos, uma marginalização em relação à própria sociedade de Corte dificultava seu acesso a posições sociais de prestígio.¹⁵¹ Essas experiências compartilhadas aproximavam tais agentes e

¹⁴⁸ CASTRO, Celso. **Os militares e a República**: um estudo sobre cultura e ação política. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995; SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

¹⁴⁹ ALONSO, Angela. **Idéias em movimento**: a geração 1870 na crise do Brasil Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 38.

¹⁵⁰ Ibid., p. 100.

¹⁵¹ Embora a situação de marginalização seja a chave metodológica para explicar a geração de 1870, a autora enfatiza que esta marginalização era relativa., visto que, “um movimento intelectual é, por definição, um movimento de elite”. Seus membros compunham um grupo restrito na sociedade imperial, pois: 1) tinham acesso ao ensino superior; 2) tinham acesso a outros recursos preciosos, como a imprensa e contatos com chefes políticos; ou seja, tinham cabedal social suficiente para exprimir e amplificar suas opiniões e

constituem, na visão da autora, a principal chave para compreendermos sua mobilização conjunta e o sentido de suas manifestações: a crítica às instituições, práticas e valores essenciais da ordem imperial. Dentre suas principais reivindicações estavam a abolição da escravidão, a secularização das instituições, o liberalismo econômico e a descentralização político-administrativa, além da defesa da República, para alguns grupos. Os reformistas não aderiram a um corpus doutrinário fixo para expressar essas reivindicações: positivismo, spencerianismo, darwinismo social, novo liberalismo, eram todos referências intelectuais e sua adoção ajuda a diferenciar os núcleos regionais que integravam o movimento (liberais republicanos, novos liberais, positivistas abolicionistas, federalistas científicos e federalistas positivistas).¹⁵²

Ao chamar atenção para o caráter de ação coletiva do movimento, formado por diferentes núcleos regionais, a autora pontuou que “de um ponto de vista microssociológico, os grupos eram também uma teia de relações pessoais”.¹⁵³ Algumas experiências sociais comuns consolidaram laços entre aqueles indivíduos, normalmente a frequência a algum colégio ou faculdade, ou a própria semelhança de posição social ou política de suas famílias. Nas palavras de Alonso, “[...] seja como for, todos os grupos do movimento da geração de 1870 tinham seus membros conectados entre si por vínculos sociais muito estreitos”.¹⁵⁴ Muitas dessas relações eram familiares e tantas outras se fizeram na juventude. É significativa a presença de irmãos (os Sales, os Falcão, os Mendonça) e cunhados, entretanto, a regra geral era que fossem grupos de amigos.¹⁵⁵

Dentre as pesquisas aqui expostas, o estudo de Angela Alonso é o que está mais próximo de nossa proposta e, portanto, constituirá nosso principal diálogo. Assim como a autora, preocupamo-nos com a circulação de ideias associada à prática política de alguns propagandistas, à medida que cremos na complementaridade dos dois movimentos. Interessamos, sobretudo, a importância dos vínculos sociais que ligavam esses agentes e tornavam mais ágil a difusão destas novas ideias e projetos políticos. Alonso demonstrou com muita propriedade a existência de uma gama de laços afetivos que uniam os diversos integrantes de um núcleo regional. Nossa análise permitirá demonstrar que, para além das relações estabelecidas entre os membros de um mesmo grupo, vários indivíduos formularam laços de amizade e camaradagem com integrantes dos demais núcleos regionais. Ou seja, existia uma

reivindicações (ALONSO, Angela. **Idéias em movimento**: a geração 1870 na crise do Brasil Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 101-102).

¹⁵² Ibid.

¹⁵³ Ibid., p. 102.

¹⁵⁴ Ibid., p. 102.

¹⁵⁵ Ibid., p. 102.

transversalidade de laços que conectavam indivíduos dos diferentes grupos que compunham o movimento e a dinâmica de funcionamento desses laços só pode ser demonstrada à medida que se toma como centro da análise um grupo menor de indivíduos do que aquele trabalhado por Alonso.

Nossa investigação partiu do grupo de rio-grandenses que integraram a *Geração de 1870*, especialmente de Joaquim Francisco de Assis Brasil. Um de nossos primeiros passos foi investigar quais os circuitos de relacionamento em que esses agentes estavam inseridos, ou seja, quem eram as pessoas próximas a ponto de se projetar conjuntamente algumas ações de divulgação das ideias republicanas. Correspondências trocadas e os próprios jornais de propaganda da época demonstraram a existência de diferentes laços que uniam alguns propagandistas dos mais variados núcleos, em detrimento de outros. Aqui são necessárias algumas ressalvas:

- 1) nossa pesquisa incorporou somente os reformistas republicanos, excluindo, portanto, o leque das relações travadas com os monarquistas, ainda que também integrantes da *Geração de 1870*;
- 2) a pesquisa ultrapassou os limites da *Geração de 1870* propostos por Alonso, incluindo neste círculo de relações mais estreitas que iremos analisar alguns indivíduos que, embora tivessem importante atuação na propaganda republicana local e regional, comumente não foram incluídos nos trabalhos de maior expressão sobre o tema;
- 3) nossa investigação não tomou como base primordial as diferenças ideológicas entre os grupos, mas sim procuramos ver a solidariedade entre alguns de seus membros independentemente destas divergências, daí que nosso foco recaia mais sobre a região de atuação de alguns republicanos do que à filiação aos subgrupos do movimento reformista.

Assim, nosso objetivo é analisar a configuração de uma rede composta por indivíduos que atuaram politicamente nas províncias do Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, e que tinha como finalidade propagandear a República. A ideia principal é tentar compreender como uma rede estabelecida a partir de laços de amizade, e também de parentesco, colaborava na difusão das ideias republicanas. Em outras palavras, trata-se de uma análise de como os agentes implicados nessa rede mobilizavam os laços existentes entre si, utilizando-se de diferentes estratégias, que visavam aumentar o número de simpatizantes e adeptos da causa republicana.

Trata-se de um círculo de relacionamentos que tornava mais ágil e também mais estreito o contato entre os principais núcleos republicanos da década de 1880. Cremos que os vínculos, os contatos e as experiências sociais compartilhadas pelos agentes (especialmente em instituições de ensino), em última instância, era o que fazia as novas ideias circularem. Daí que se justifique a análise de uma rede em especial, composta por um número de indivíduos menor do que a totalidade do movimento reformista e, portanto, mais manejável. Analisado exaustivamente, um pequeno grupo de indivíduos poderá nos oferecer indícios de uma solidariedade latente entre aqueles republicanos, que desaparece em trabalhos de maior amplitude.

2.2 A OPÇÃO PELA “REDE SOCIAL” COMO ARTIFÍCIO TEÓRICO E METODOLÓGICO

A noção de rede social tem sido, a partir dos anos 1990, bastante utilizada nos trabalhos que se caracterizam por uma abordagem social da história. O método conhecido como análise de redes sociais (*network analysis*) trouxe certa complexidade às explicações estrutural-funcionalistas acerca do comportamento dos indivíduos e grupos sociais em uma determinada sociedade. De modo geral, e especialmente a partir de estudos de comunidades do Antigo Regime, vários autores têm demonstrado a importância de se levar em conta os circuitos de relacionamento em que os agentes históricos estavam inseridos e a partir dos quais produziam suas ações.¹⁵⁶

José María Imízcoz, por exemplo, caracteriza a análise relacional como

[...] una aproximación que parte de la observación de las relaciones efectivas entre los actores sociales para reconstruir sus agrupaciones o configuraciones colectivas, con el objeto de percibir, desde dentro, las dinámicas económicas, sociales, políticas y culturales que producen con su acción.¹⁵⁷

¹⁵⁶ Entre outros trabalhos, ver, por exemplo, IMÍZCOZ, José María. Actores, redes, procesos: reflexiones para una historia más global. **Revista da Faculdade de Letras – História**, Porto, III série, v. 5, p. 1-28, 2004; BERTRAND. Michel. De la familia a la red de sociabilidad. **Revista Mexicana de Sociología**, Cidade do México, v. 61, n. 2, p. 107-135, abr./jun. 1999; Id. Los modos relacionales de las élites hispanoamericanas coloniales: enfoques y posturas. **Anuario del IEHS**, Tandil, n. 15, 2000. p. 61-79; MOUTOUKIAS, Zacarías. Familia patriarcal o redes sociales: balance de una imagen de la estratificación social. **Anuario del IEHS**, Tandil, n. 15, p. 133-151, 2000. Ainda que o método tenha sido desenvolvido especialmente a partir de estudos de comunidades do Antigo Regime, sua utilização a fim de compreender e explicar a atuação e a dinâmica de grupos sociais no Brasil do século XIX justifica-se a medida que, também nesta sociedade, os vínculos interpessoais tinham primazia nas relações sociais de modo geral.

¹⁵⁷ IMÍZCOZ, José María. Las redes sociales de las elites: conceptos, fuentes y aplicaciones. In: MESA, Enrique Soria; CARO, Juan Jesús Bravo; BARRADO, José Miguel Delgado (Ed.). **Las elites en la época moderna:**

Na mesma linha, Mitchell definiu a rede social como um conjunto específico de conexões entre um grupo definido de pessoas, sendo que as características de tais conexões podem ser usadas para interpretar o comportamento social dos indivíduos nela implicados.¹⁵⁸

A fim de tornar mais claro o conceito, Michel Bertrand pontuou o que considera o triplo conteúdo de uma “rede social”: a) *morfológico*: a rede é uma estrutura constituída por um conjunto de pontos e linhas que materializam laços e relações mantidas por um conjunto de indivíduos; b). *relacional*: a rede é um sistema de intercâmbios pessoais que permite a circulação de bens e serviços; c). *transversalidade*: a rede consiste em um sistema submetido a uma dinâmica relacional regida por um princípio de transversalidade dos laços e susceptível de movimentar-se em função de uma finalidade precisa. Em síntese, conforme Bertrand, se

[...] puede definir entonces a la red social como un complejo sistema relacional que permite la circulación de bienes y servicios, tanto materiales como inmateriales, dentro de un conjunto de relaciones establecidas entre sus miembros, que los afecta a todos, directa o indirectamente y muy desigualmente.¹⁵⁹

No emaranhado de ligações pessoais que constituem uma rede, destacam-se diferentes tipologias de vínculos, dentre eles o parentesco e as relações de amizade (que constituem os dois tipos mais importantes de uma relação social primária), os laços débeis e mesmo algumas relações verticais (que compõem o espectro social mais variado).¹⁶⁰ Interessa-nos, para além dos vínculos de parentesco que uniam alguns dos integrantes da rede, especialmente os laços de amizade. Imízcoz caracterizou estes laços como “[...] un vínculo social especialmente operativo, una relación de confianza y reciprocidad, sobre todo entre semejantes, que daba lugar a un intercambio de favores y servicios”.¹⁶¹ Para o autor, entre os amigos existia uma serie de obrigações, similares às que se estabeleciam entre os próprios parentes. Destaca-se que os vínculos não eram compartimentos estanques, mas, pelo contrário, podiam se modificar ao longo do tempo. No caso das amizades e dos vínculos profissionais, era comum

la monarquía española. Nuevas perspectivas. Córdoba: Servicio de Publicaciones, Universidad de Córdoba, 2009. V. 1, p. 79.

¹⁵⁸ MITCHELL, J. Clyde. Social networks. **Annual Review of Anthropology**, v. 3, p. 279-299, 1974.

¹⁵⁹ BERTRAND, Michel. Los modos relacionales de las élites hispanoamericanas coloniales: enfoques y posturas. **Anuario del IEHS**, Tandil, n. 15, p. 74, 2000.

¹⁶⁰ IMÍZCOZ, José María. Las redes sociales de las elites: conceptos, fuentes y aplicaciones. In: MESA, Enrique Soria; CARO, Juan Jesús Bravo; BARRADO, José Miguel Delgado (Ed.). **Las elites en la época moderna: la monarquía española.** Nuevas perspectivas. Córdoba: Servicio de Publicaciones, Universidad de Córdoba, 2009. V. 1.

¹⁶¹ Ibid., p. 90.

que alguns laços se solidificassem através do matrimônio com algum parente próximo, o que acabava por reforçar ainda mais a relação outrora estabelecida.¹⁶²

Os indivíduos não se relacionavam entre si livre e aleatoriamente, mas sim em função da estrutura de relações em que estavam imersos. As redes não são cadeias com ligações homogêneas, mas um conjunto de relações pessoais transversais que podem envolver amigos, parentes ou indivíduos em condições desiguais.¹⁶³ Isso quer dizer que uma rede social conectava pessoas com diferentes recursos e atributos e, que, conseqüentemente, os indivíduos ocupam diferentes posições dentro destes círculos de relacionamento. A diversidade dos vínculos e posições ocupadas dentro de uma rede levou Zacarias Moutoukias a pontuar que, apesar de não contarem com uma coesão de classe, ordem ou corporação, os membros de uma rede “[...] tendem a estabelecer um consenso acerca das normas e a exercer uma pressão constante, informal, uns sobre os outros, para que todos se adequem às mesmas”.¹⁶⁴ A definição de regras era importante à medida que tomamos as relações sociais como construções mutáveis, ou seja, os vínculos sociais não eram compartimentos estanques e podiam se refazer, reforçar ou mesmo desfazer ao longo do tempo. Deve se considerar, pois, as margens de liberdade e incerteza dentro das quais os indivíduos projetavam suas ações.¹⁶⁵

O método de análise de redes sociais perpassa por questões importantes, tais como a identificação da natureza dos vínculos entre os agentes e o tipo de recursos que circulam através dela. Da mesma forma, é importante que o pesquisador consiga detectar a intensidade de seu uso, a espacialidade da rede e a permanência dos vínculos ao longo do tempo. Posto isso, é necessário deixar claro que a rede social com a qual estamos trabalhando guarda algumas características específicas. Os indivíduos que dela faziam parte eram todos propagandistas da República, o que poderia sugerir, inicialmente, uma igualdade de posições no interior da rede. Entretanto, como veremos, alguns dispunham de maiores atributos (recursos materiais e imateriais) e inserção no meio político. A rede tinha espacialidade bastante variada, conformando dimensão nacional, e conectava, como dissemos, os propagandistas que atuavam nos principais núcleos republicanos da década de 1880.

¹⁶² Joaquim Francisco de Assis Brasil, por exemplo, casou-se com a irmã de Júlio de Castilhos e, conseqüentemente tornou-se cunhado deste. Teixeira Mendes e Miguel Lemos também eram cunhados.

¹⁶³ Ver, por exemplo, IMÍZCOZ, José María. Las redes sociales de las elites: conceptos, fuentes y aplicaciones. In: MESA, Enrique Soria; CARO, Juan Jesús Bravo; BARRADO, José Miguel Delgado (Ed.). **Las elites en la época moderna: la monarquía española**. Nuevas perspectivas. Córdoba: Servicio de Publicaciones, Universidad de Córdoba, 2009. V. 1.

¹⁶⁴ MOUTOUKIAS, Zacarias. Familia patriarcal o redes sociales: balance de una imagen de la estratificación social. **Anuario del IEHS**, n. 15, Tandil, p. 121, 2000.

¹⁶⁵ IMÍZCOZ, op. cit.

Por possuir características bastante específicas, e pela tipologia de favores e serviços que através dela circulavam, optamos denominar o circuito relacional que investigamos de *rede de letrados*. Optou-se por essa denominação tendo em conta que os indivíduos que integravam esse círculo tinham instrução educacional bem acima da média da população brasileira, além de fortes vínculos com o mundo das letras. No entanto, nem todos eram diplomados nas academias imperiais, tornando o termo “letrado” preferível ao de “bacharel”. O termo “letrado” foi usado, portanto, para caracterizar um grupo de indivíduos que, ao propagandear a República, o faziam de forma sistematizada, utilizando-se especialmente da palavra escrita, seja através da publicação de livros e/ou da imprensa. Portanto, tais indivíduos protagonizavam a difusão das ideias republicanas em meio a um grupo maior e mais heterogêneo de pessoas, ligadas aos clubes e núcleos republicanos, espaço do qual estes letrados também participavam.

Parte-se do princípio de que laços de amizade foram formulados a partir de experiências estudantis compartilhadas e/ou do período de residência de alguns destes agentes nos principais centros de estudos do país. A frequência às academias, as vivências nas repúblicas, a frequência a cafés e livrarias impulsionavam a criação de vínculos de amizade e redes de relacionamento entre os indivíduos que os frequentavam, ultrapassando, portanto, o público acadêmico, e aproximando pessoas que tinham em comum novos projetos políticos para o país. Tal aproximação se tornava, com o passar do tempo, mais efetiva e tornava possível uma atuação política conjunta por parte desses indivíduos ao longo da década de 1880.

Embora a ideia de rede parta do princípio de que todos os indivíduos que fazem parte dela se conheçam (como pontuou Bertrand, ao defender a transversalidade da rede) e mantêm algum tipo de vínculo pessoal, incluiremos em nossa análise alguns indivíduos os quais, ainda que não tenhamos evidências de que tenham se conhecido pessoalmente, mantiveram contato através de correspondências. Essa opção metodológica foi tomada à medida que nosso interesse se volta para a formação de uma rede de solidariedades que tinha por fim divulgar suas ideias e práticas em favor da República. Se pensarmos que toda rede implica numa troca, essa inclusão se justifica quando percebemos que esses indivíduos contribuíam uns com os outros, trocando ideias, leituras, informações e experiências entre si. Ou seja, seus membros comungavam de uma comunidade ou identidade de interesses que acabava os aproximando, ainda que não gerasse um contato pessoal.

A dificuldade de capturar o formato das redes sociais e suas dinâmicas de funcionamento levou Moutoukias a considerar que essas “cadeias” de relações pessoais estão

“[...] incluídas em um tecido inextrincável e em ocasiões confusas, na qual é difícil distinguir o alcance e a configuração dos grupos de lealdade”.¹⁶⁶ De tal modo, seria mais apropriado, e também uma possível solução para o problema, tentar identificar a rede de vínculos usados com maior frequência, uma vez que, alguns laços são acionados mais vezes do que outros.¹⁶⁷

Ao longo das pesquisas, foi possível perceber que a *rede de letrados* guardava em si algumas funcionalidades/atribuições específicas, dentre elas:

- 1) colaborava para a divulgação de ideias e valores, tais como o republicanismo e o abolicionismo, a partir do momento que seus membros mobilizavam os laços existentes entre si no sentido de facilitar a publicação e a circulação dos escritos de propaganda dos quais eram autores;
- 2) o contato entre seus membros contribuía para uma rápida circulação de informações, especialmente referentes às novas adesões aos partidos, à mobilização dos núcleos republicanos e à atuação dos propagandistas nos pleitos eleitorais; e
- 3) seus membros colaboravam uns com os outros, prestando solidariedade e/ou apoio mútuo, especialmente através da imprensa, nos momentos em que alguns deles sofriam críticas ou atravessavam situações adversas, decorrentes de sua atuação política mais prática.¹⁶⁸

Desse modo, as atribuições da *rede de letrados* eram múltiplas. Porém, dados os limites deste trabalho, optamos centrar nossa análise na sua efetiva colaboração em relação a circulação dos escritos de propaganda e somente em poucos momentos nos reportamos às demais funcionalidades. A dinâmica de funcionamento desse circuito foi mapeada a partir da leitura de algumas correspondências, mas também por meio dos jornais republicanos, onde encontramos inúmeras informações que sugerem um intercâmbio frequente entre os agentes a eles vinculados.¹⁶⁹ De fato, a imprensa era um dos meios mais eficientes e rápidos para que os

¹⁶⁶ MOUTOUKIAS, Zacarías. Familia patriarcal o redes sociales: balance de una imagen de la estratificación social. *Anuario del IEHS*, n. 15, Tandil, p. 134, 2000.

¹⁶⁷ Ibid.

¹⁶⁸ Era bastante comum o(s) responsável(eis) por um jornal republicano se solidarizar e abrir espaço em suas páginas para que seus correligionários se retratassem ou respondessem a polêmicas nas quais haviam se envolvido. Também se publicava artigos em defesa de posições assumidas por correligionários políticos dos grupos aliados. Um exemplo disso é que Castilhos e Assis Brasil, com certa frequência, escreveram artigos publicados n’*A Federação*, em defesa dos correligionários paulistas, visto que estes continuamente sofriam críticas por não assumirem uma posição mais efetiva no que dizia respeito às questões abolicionistas.

¹⁶⁹ As correspondências trocadas constituem uma das fontes mais ricas para detectar as relações sociais entre os agentes, podendo nos dar indícios acerca da durabilidade dos laços e do tipo de serviços e favores prestados, conforme já pontuaram Imízcoz e Arroyo (IMÍZCOZ, José María; ARROYO RUIZ, Lara. Redes sociales y correspondência epistolar. Del análisis cualitativo de las relaciones personales a la reconstrucción de redes egocentradas. In: **REDES – Revista hispana para el análisis de redes sociales**. vol. 21, dezembro 2011, p. 98-138.) Entretanto, considerando que nossa pesquisa trata de uma rede da qual faziam parte indivíduos de várias províncias, a busca pelas correspondências encontrou dificuldades, visto que esse tipo de material

propagandistas mantivessem contato, obtivessem informações sobre o movimento republicano e mesmo se posicionassem em relação aos últimos acontecimentos nos quais estavam envolvidos. Portanto, analisar a rede de relacionamentos que esses propagandistas configuraram nos ajudará a perceber como através dos vínculos formulados entre esses agentes se colocava em prática diferentes ações coletivas e mesmo estratégias de divulgação do ideal republicano. De modo geral, tais estratégias podiam ser mobilizadas de duas maneiras: a primeira tinha caráter de troca e auxílio mais direto entre os propagandistas, ao passo que a segunda se dava através da intervenção destes agentes nas agremiações republicanas, em favor dos demais letrados.

Na leitura dos periódicos de propaganda também foi possível perceber um intercâmbio bastante frequente dos brasileiros com os republicanos de Portugal, especialmente do núcleo que atuava em Lisboa. Se as notícias sobre o movimento republicano português apareciam com frequência nos periódicos brasileiros, a recíproca também é verdadeira. Logo, alguns republicanos de Lisboa também integraram a rede de letrados. Portanto, a rede de letrados era composta por indivíduos ligados a diferentes núcleos republicanos, quais sejam: rio-grandenses, paulistas, cariocas, mineiros e lisboetas, considerando-se que, a princípio, os lisboetas pareciam ter relações pessoais menos estreitas com os indivíduos dos demais grupos, dadas as circunstâncias de seu afastamento geográfico, as consequentes limitações de transporte e comunicação e o fato de não terem sido colegas nas academias imperiais. Ainda assim, as trocas realizadas entre brasileiros e portugueses era bastante intensa, o que justifica a inclusão do último grupo na rede de letrados aqui proposta. Assim, a rede de letrados que iremos analisar tinha configuração nacional e também transatlântica, já que seus integrantes provinham de diferentes regiões do Brasil e também de Portugal. A disseminação dos livros e dos periódicos de propaganda entre esses núcleos contribuía para ampliar a reflexão das bases ideológicas do republicanismo no sudeste do Brasil e em terras de além-mar, bem como para fortalecer a sua propaganda política.

Tomando como ponto de partida o fato de que os propagandistas que terão destaque neste texto têm vínculos estreitos com as chamadas *gerações de 1870* brasileira e portuguesa, consideramos, pois, pertinentes as proposições de Berrini, quando a autora enfatiza que não é possível entender as *gerações de 1870* separadamente, já que estas “não compunham dois

encontra-se disperso em diversos arquivos e instituições de guarda. As correspondências a que tivemos acesso, e que foram citadas ao longo do texto, foram localizadas em arquivos localizados em Porto Alegre (RS), além de outras que haviam sido publicadas em livros. Dada a dificuldade de encontrarmos correspondências, a leitura dos jornais de propaganda acabaram por assumir importante papel em nossa análise.

grupos distintos, porém formavam uma mesma plêiade em que brasileiros e portugueses se confundiam”.¹⁷⁰ Logo, importa trabalhar os dois grupos através de seu assíduo contato, seja por meio das influências que ambas as literaturas exerciam uma sobre a outra, seja pela troca de informações e do apoio mútuo que é possível verificar em seus periódicos. Tal era a relação estabelecida entre as gerações, muitas vezes envolvendo inclusive componentes afetivos, que Berrini enfatiza: “a geração de 70 é portuguesa e é brasileira; é luso-brasileira ou brasileiro-lusa”.¹⁷¹

Portanto, tomamos como ponto de partida a ideia de que entre essas elites letradas havia um contato frequente, decorrente dos laços ideológicos que as uniam, especialmente a defesa do ideal republicano. Se comparados às elites monarquistas em seus respectivos países, os grupos republicanos eram minorias nas décadas de 1870/80, e, embora seu contingente de filiados tenha aumentado consideravelmente neste período, a configuração de uma rede de trocas de notícias de diversos lugares e grupos republicanos, e o apoio mútuo prestado em seu interior, certamente serviam para fortificar as bases da propaganda. Como demonstraremos, a imprensa política era um dos espaços privilegiados para esse intercâmbio, inclusive porque através dela o republicanismo poderia ultrapassar o discurso intralite (teoricamente mais elaborado e complexo), para simplificar-se e conquistar mais adeptos ao movimento.

Antes de adentrarmos nossa análise, deve-se considerar ainda três aspectos:

- 1) que a existência de tais solidariedades era extremamente importante dentro de um contexto em que os republicanos se constituíam como minorias políticas e a adoção da crítica ao *status quo* imperial significava posicionar-se politicamente de forma arriscada;
- 2) os indivíduos implicados nessa rede eram membros das elites regionais, que contavam com importante capital econômico e cultural, que os distinguiam socialmente do restante da população, e lhes permitia, por exemplo, frequentar as academias do Império, compartilhar de espaços socioculturais privilegiados, pagar pela publicação de seus livros e sustentar financeiramente seus jornais;
- 3) mesmo considerando a origem social privilegiada desses sujeitos, o espaço para publicações na época era um tanto restrito, de modo que estratégias pensadas previamente e a mobilização de amigos influentes neste meio apareciam como uma solução viável para contornar tal situação.

¹⁷⁰ BERRINI, Beatriz. **Brasil e Portugal: a geração de 70**. Porto: Campo das Letras, 2003. p. 86.

¹⁷¹ *Ibid.*, p. 84.

Por fim, devemos destacar que a rede de letrados que nos propusemos a analisar não era a única existente no Brasil ou mesmo no mundo Atlântico. Pelo contrário, existiram vários desses circuitos de relacionamentos, inclusive em contextos diferenciados ao longo do século XIX. Do mesmo modo, os membros da rede que terão destaque em nosso texto provavelmente faziam parte de outras redes de letrados, que envolviam indivíduos que atuavam na Bahia, Pernambuco, ou em outros espaços sociais.

2.3 A DINÂMICA DA REDE DE LETRADOS

A presença dos bacharéis e sua influência na política marcou significativamente a história do Brasil no século XIX. As academias imperiais, especialmente as de Direito, localizadas em São Paulo e Recife, foram responsáveis, pelo menos a partir da segunda metade do oitocentos, pela formação dos quadros da elite política que dirigiu o país. Os jovens que cursavam Direito nestas duas instituições, eram os que tinham maiores chances, em função do próprio currículo do curso e da militância acadêmica que lhe característica, de ingressar na carreira política, campo que vinha se profissionalizando cada vez mais nas últimas décadas do século XIX.¹⁷² Não obstante, os egressos da Faculdade de Medicina e das Escolas Militar e Politécnica localizadas no Rio de Janeiro, também encontravam importantes espaços de atuação política que se iniciava, normalmente, na imprensa acadêmica. Na década de 1870, outra oportunidade de formação superior surgiu com a criação da Escola de Minas de Ouro Preto. Essa oferecia cursos de Engenharia, Agrimensura, Química Industrial; enfim, tratava-se de diplomas e cursos de características mais técnicas, mas que também chamaram a atenção dos jovens estudantes.¹⁷³

Sabe-se que a passagem pelas academias e escolas superiores tiveram grande importância no processo de socialização dos jovens que ingressavam nos quadros políticos do país. Do mesmo modo, Alonso apontou que a frequência a essas instituições colaborou

¹⁷² ADORNO, Sérgio. **Os aprendizes do poder**: o bacharelismo liberal na política brasileira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988; FILHO, Alberto Venâncio. **Das arcadas ao bacharelismo**: 150 anos de ensino jurídico no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 1982; CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem**: a elite política imperial / Teatro das Sombras: a política imperial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

¹⁷³ Para mais informações sobre a história destas instituições de ensino, ver, por exemplo: VAMPRÉ, Spencer. **Memórias para a história da Academia de São Paulo**. São Paulo: Saraiva e Cia., 1924. V. II; BEVILAQUA, Clovis. **História da Faculdade de Direito do Recife**. Brasília: INL/Conselho Federal de Cultura, 1977; CASTRO, Celso. **Os militares e a República**: um estudo sobre cultura e ação política. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995; CARVALHO, José Murilo de. **A Escola de Minas de Ouro Preto**: o peso da glória. Rio de Janeiro, 2010.

também para a socialização dos membros da *geração de 1870*, ou seja, dos indivíduos que guardavam um significativo descontentamento para com a conjuntura monárquica.¹⁷⁴ O ambiente acadêmico facilitava a formulação de laços de amizade entre os moços de várias províncias que ali estudavam. A convivência nas aulas e nas repúblicas onde residiam, as experiências compartilhadas em agremiações como os clubes acadêmicos, e mesmo nos periódicos dos quais eram colaboradores ou organizadores, tudo contribuía para que amizades fossem travadas e o vínculo entre os moços se reforçasse ao longo dos anos.

A residência nas capitais onde se localizavam as academias também tornava possível a formulação de vínculos com pessoas de fora destas instituições, como por exemplo, os egressos de turmas anteriores, ou mesmo jornalistas envolvidos com a propaganda republicana. De fato, a vida nas capitais onde as academias estavam localizadas tinha sua peculiar agitação. Eram inúmeros os espaços de sociabilidade: cafés, livrarias, bibliotecas, salões, sociedades secretas, clubes de encontro e discussão. Sendo assim, não podemos minimizar a possibilidade de alguns encontros, casuais ou não, entre os propagandistas, tanto os moços recém-estreados no cenário político, como também os propagandistas mais experientes.

A família Assis Brasil, originária do interior do Rio Grande do Sul, como se viu no primeiro capítulo, em meio a uma estratégia familiar da qual fazia parte a formação superior dos filhos, enviou três de seus membros para estudar no centro do país. Joaquim Francisco e Bartholomeu estudaram na Faculdade de Direito de São Paulo, ao passo que Diogo se formou pela Escola de Minas de Ouro Preto. Os três faziam parte da rede de letrados aqui analisada e atuaram em jornais e agremiações republicanas nas capitais em que residiram, o que atesta sua atuação em um movimento de bases nacionais e não só na propaganda republicana local ou regional. Embora os três irmãos fizessem parte da mesma rede, ao que parece, Joaquim Francisco se sobressaiu em importância em relação aos irmãos, provavelmente porque os investimentos que fez foram mais decisivos.

Joaquim Francisco ingressou na Faculdade de Direito no ano de 1878, formando-se em 1882. Bartholomeu ingressou no ano de 1883, mas sabe-se que, desde 1881 já residia naquela capital. No ano de 1886, fora afastado da instituição por dois anos, em função de um atrito que teve com a direção. Após o incidente e seu afastamento da Faculdade, o mesmo não retomou os estudos, pois não encontramos informações de que tenha formado.¹⁷⁵ A Faculdade

¹⁷⁴ ALONSO, Angela. **Idéias em movimento**: a geração 1870 na crise do Brasil Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

¹⁷⁵ O episódio já foi referenciado anteriormente. Para mais informações, ver a nota nº 109, Capítulo 1.

de Direito de São Paulo, concentrava principalmente, além dos estudantes paulistas, aqueles originários das províncias do sul e de Minas Gerais.¹⁷⁶ Principal produtora de diplomados a serem recrutados pela burocracia estatal, Adorno enfatiza a importância das práticas operadas fora do contexto das relações didáticas estabelecidas entre os corpos docente e discente. Para o autor, nesse ambiente extra-ensino reuniam-se “a militância política, o jornalismo, a literatura, a advocacia e, sobretudo a ação no interior dos gabinetes” e era através dessas atividades que se dava a profissionalização dos bacharéis.¹⁷⁷

As amizades iniciadas na Faculdade, ou a partir dela, tornavam possível uma atuação política conjunta por parte de alguns indivíduos, que se iniciava normalmente na imprensa acadêmica. Tal dinâmica possibilitou aos rio-grandenses Júlio de Castilhos, Assis Brasil, Alcides Lima, Argemiro Galvão e Borges de Medeiros participarem de alguns jornais com os paulistas Rangel Pestana, Prudente de Moraes, os irmãos Alberto e Campos Sales e Júlio Mesquita, que já militavam no Partido Republicano Paulista, fundado em 1873. Conforme Alonso, “a relação dos grupos paulista e gaúcho era de aliança política sólida e duradoura e [...] o elo principal entre os dois grupos era Alberto Sales e Júlio Mesquita, companheiros de turma dos gaúchos na Faculdade”.¹⁷⁸ A amizade formulada com estes dois propagandistas tornou possível o relacionamento dos rio-grandenses com os demais. Alberto era irmão de Campos Sales e este último havia sido colega de faculdade e companheiro de partido de Prudente e Rangel.¹⁷⁹

Mas não foi só com os paulistas que os rio-grandenses travaram contato. Na Faculdade de Direito também criaram laços com Lúcio de Mendonça, que teve forte atuação política em Minas Gerais - pelo menos até o ano de 1885 - e depois no Rio de Janeiro, onde passou a residir. Valentim Magalhães, que atuava em meio ao núcleo republicano carioca, também se constituiu em importante aliado político, especialmente nos foros da imprensa. A partir desses laços vários outros seriam estabelecidos, alguns inclusive a partir deles, ao longo dos anos.

Dentre as principais formas de divulgação do ideal republicano (e também abolicionista, frequentemente associados) encontrava-se a publicação de livros, panfletos e periódicos de propaganda. A participação em periódicos diversos contribuía para a

¹⁷⁶ Uma listagem dos rio-grandenses que se formaram pela Faculdade de Direito pode ser vista em FRANCO, Sérgio da Costa. Gaúchos na Academia de Direito de São Paulo no século XIX. In: **Revista Justiça e História**. v. 1, nº 1 e 2. Porto Alegre: Centro de Memória do Judiciário do Estado do Rio Grande do Sul, s/d.

¹⁷⁷ ADORNO, Sérgio. **Os aprendizes do poder: o bacharelismo liberal na política brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 92.

¹⁷⁸ ALONSO, Angela. **Idéias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil Império**. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 159.

¹⁷⁹ Campos Sales, Prudente de Moraes e Rangel Pestana receberam o título de bacharéis em Direito ainda na década de 1870.

sofisticação paulatina da retórica e do verso. Os jornais, fossem eles acadêmicos ou ligados aos clubes e partidos republicanos, traduziam um esforço coletivo por parte de um pequeno grupo de pessoas, dentre eles seus editores, os quais podiam dividir, por exemplo, seus custos de publicação, mas também as honras e o reconhecimento de um bom editorial. Por outro lado, a publicação de um livro representava um esforço mais individualizado por parte de seu autor, seja em termos financeiros, ou no que dizia respeito ao investimento intelectual empregado e um possível reconhecimento por parte dos leitores. De todo modo, tanto a participação em periódicos quanto a publicação individual de livros eram importantes investimentos por parte dos propagandistas e, mesmo no caso dos livros, seus autores não se furtavam de algum auxílio externo, normalmente requisitando auxílio de correligionários com maior experiência no mundo das letras.

2.3.1 Os primeiros investimentos de Assis Brasil no mundo das letras: alguns contatos com a Corte

Após ter acumulado uma razoável experiência com as letras, escrevendo durante dois ou três anos para periódicos diversos, a publicação de um livro de cunho mais teórico se tornou um dos principais investimentos de Assis Brasil na propaganda republicana. Assim como ele, vários outros propagandistas, também vinculados a geração de 1870 realizavam o mesmo percurso. Daí que inúmeras obras que propunham reformas diversas foram publicadas ao longo dos anos 1880.

Alonso analisou grande parte da produção intelectual dos reformistas, destacando que os livros faziam parte de uma estratégia de propaganda e persuasão destes grupos. Conforme Alonso, “os livros não eram obras teóricas que visassem a formulação de sistemas filosóficos próprios”, pelo contrário, “eram escritas em poucos meses por gente muito jovem, recém formada ou ainda nos bancos das faculdades, muitas vezes compilando simplesmente artigos antes saídos em jornais estudantis”.¹⁸⁰ Daí que, segundo a autora, houvesse uma preocupação com o adensamento do debate público em torno dos temas teóricos (questão religiosa, centralização política, abolição da escravidão e imigração), especialmente nos termos de Comte e Spencer.

¹⁸⁰ ALONSO, Angela. **Crítica intelectual e reforma política: positivistas e liberais na crise do Império.** In: Anais do XXIII Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, 1999, p. 13-14.

Assis Brasil publicou seu primeiro livro, *A República Federal* (1881), quando ainda era acadêmico da Faculdade de Direito.¹⁸¹ A obra circulou por vários espaços políticos na época, no que teve colaboração a solidariedade prestada pelos amigos, integrantes da *rede de letrados*. Como vimos, fazer circular os escritos de propaganda era uma das finalidades da rede e, de fato, seus membros não poupavam esforços quando se tratava de colaborar para a publicação ou divulgação de um novo trabalho de propaganda que, ao fim e ao cabo, trazia vantagens a todos.

Assis Brasil valeu-se do fato de residir em São Paulo (1878-1882), um dos principais centros políticos e culturais do Império, e de fazer parte de um grande círculo de pessoas que vinham debatendo novos projetos políticos para o país, para investir nessa publicação. Provavelmente tentar fazê-lo residindo no Rio Grande dificultaria muito o processo. Entretanto, os percursos para se publicar um livro, ainda que em uma grande capital, encontrava algumas dificuldades.¹⁸² Logo, acionar um amigo que contasse com certa experiência nesse sentido e já conhecesse os procedimentos a serem realizados, se apresentava como uma importante estratégia. Nesse sentido, os laços estabelecidos na Faculdade e a partir dela foram de grande utilidade. Na academia, Assis Brasil era contemporâneo e amigo do fluminense Valentim Magalhães¹⁸³, com quem, inclusive, dividia alguns trabalhos jornalísticos.

A amizade com Magalhães tornou possível o contato de Assis Brasil com o já reconhecido Capistrano de Abreu, estabelecido no Rio de Janeiro e então bibliotecário da Biblioteca Nacional. Capistrano por algumas vezes visitou o amigo Magalhães em Rio Claro (SP), onde passavam as férias. Numa dessas ocasiões conheceu Assis Brasil, que também fora

¹⁸¹ *A República Federal* tratava de três temas relacionados. A primeira parte contemplava as formas de governo e nela era ressaltada a superioridade da República e sua oportunidade no Brasil. Uma segunda parte era dedicada à federação, evidenciando a inclinação do Brasil para esse sistema administrativo. Um último item trazia a defesa do sufrágio universal como forma de viabilizar a democracia.

¹⁸² Veja-se, por exemplo, os trabalhos de MOREL, Marco; BARROS, Mariana Monteiro. **Palavra, imagem e poder:** o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX. Rio de Janeiro: DP&A, 2003; CAVENAGHI, Airton José. **Lembranças de livros e impressores:** um mapeamento da produção livresca paulista durante o século XIX. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH . São Paulo, julho de 2011, p. 1-13.

¹⁸³ Valentim Magalhães - jornalista, contista, romancista e poeta, nasceu no Rio de Janeiro, no ano de 1859. Formou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo no ano de 1881. Ali colaborou para diversos periódicos acadêmicos, dentre eles *A República*, dirigido por Lúcio de Mendonça. Em São Paulo publicou alguns livros de poesia, um deles em parceria com Silva Jardim, também acadêmico da Faculdade. Retornando ao Rio de Janeiro, dedicou-se ao jornalismo e passou a dirigir o periódico *A Semana*, fundado em 1885. Além de literatura, esse periódico fazia propaganda da Abolição e da República. Quase todos os homens que, mais tarde, teriam algum papel nas letras brasileiras colaboraram em *A Semana* (Fonte: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=124&sid=125>, acesso em 12-12-13, às 17:40).

lá passar alguns dias.¹⁸⁴ A amizade ali formulada traria inúmeras vantagens a Assis Brasil. Além da ajuda concedida para a publicação do livro, Capistrano abriu-lhe espaço para outras atividades, bem como para o contato com os demais propagandistas que atuavam no Rio de Janeiro. Em uma das primeiras cartas trocadas que se tem referência, escreveu Capistrano:

Assis Brasil,
 Já ontem lhe escrevi dando-lhe notícia de sua comissão; escrevo-lhe, porém, novamente, para responder a sua carta de 10.
 Começo desde logo retirando o oferecimento que fiz de rever as provas [do livro]. Venha, venha. Não tenha medo do meio, não tenha medo de nada. Há de conservar-se refratário; há de com sua presença concorrer para elevar e purificar.
 Vou comunicar sua vinda provável a Patrocínio. Quer isto dizer que V. há de fazer uma conferência; apronte-se, pois, desde logo. [...]
 Outras cousas que não posso deixar de lhe pedir. Traga as *Chispas* e a coleção dos jornais em que tem colaborado para a Biblioteca. Traga os documentos para a Exposição. Apronte-se também para tomar parte nas conferências de História do Brasil. O questionário está quase pronto, e entre as questões algumas existem que V. tratará proficientemente [...].¹⁸⁵

A função ocupada por Capistrano na Biblioteca Nacional permitia que inúmeros contatos fossem travados com os frequentadores da instituição, como também a organização de algumas publicações e eventos, tal qual as conferências para as quais convidou Assis Brasil a fazer parte. Capistrano demonstrou interesse pelos primeiros escritos de Assis Brasil, dentre eles o seu primeiro livro de poesias (*Chispas*), publicado aos seus dezoito anos, no interior do Rio Grande, e que já trazia um tom de crítica ao *status quo* imperial. Além disso, a missiva sugere que Capistrano foi o responsável pelo contato entre o rio-grandense e José do Patrocínio, afamado jornalista na época, também republicano. De fato, os escritos de Assis Brasil e também a sua própria pessoa haviam agradado Capistrano, tanto é que, o cearense lhe prestou auxílio, iniciando o amigo em meio ao núcleo de republicanos que atuavam no Rio de Janeiro, abrindo brechas para sua circulação em um espaço no qual o próprio Assis Brasil parecia ter algum receio de colocar-se.

¹⁸⁴ Conforme informações obtidas em RODRIGUES, José Honório (Org.). **Correspondência de Capistrano de Abreu**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1977. V. I. Capistrano de Abreu foi um historiador, nascido no Ceará no ano de 1853. Seus primeiros estudos foram feitos em rápidas passagens por várias escolas. Em 1869, ingressou na Faculdade de Direito do Recife, onde conheceu Silvio Romero e Tobias Barreto, entretanto, não chegou a se formar. No ano de 1875, passou a residir no Rio de Janeiro, onde trabalhou na tipografia Garnier e logo depois, como bibliotecário da Biblioteca Nacional (1879-1883). Deixou a Biblioteca para tornar-se lente do Colégio Pedro II. Durante a década de 1880, e quando ainda era um positivista fervoroso, colaborou para a *Gazeta de Notícias*. Entretanto, ao longo da vida, passou a ler cada vez mais os teóricos alemães, modificando suas opiniões políticas (RODRIGUES, op.cit.)

¹⁸⁵ Correspondência de Capistrano de Abreu a Assis Brasil. 12 de março de 1881. RODRIGUES, José Honório (Org.). **Correspondência de Capistrano de Abreu**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1977. V. I. p. 73.

Além do cargo ocupado na Biblioteca, Capistrano também já havia trabalhado na tipografia *Garnier*, onde adquirira alguns conhecimentos que foram utilizados no sentido de tornar mais ágil a publicação do livro de Assis Brasil. Capistrano não poupou esforços ao pedido de auxílio por parte do amigo, colaborando em todo o processo de publicação da obra. Na correspondência trocada, e que tinha muitas vezes como portador Raul Pompéia, também acadêmico da Faculdade de Direito, percebe-se que Capistrano se encarregou pessoalmente de entrar em contato com as principais tipografias do Rio de Janeiro, verificando os custos da publicação. Feito isso, escreveu ao amigo, opinando a respeito da decisão a ser tomada:

Deixei cair a alma aos pés... quando soube que *Leuzinger*, que eu julgava ser o mais caro de todos, é exatamente o mais barato.
Um meu colega, que com ele falou, disse que ele fará a impressão por 35\$ - incluindo a brochura. À vista disso, nem é bom pensar nos outros dois, que, inferiores como artistas, só levam-lhe vantagem por serem mais careiros.
[...] A vista disso, tendo-lhe submetido as propostas das três melhores tipografias, fico à espera de sua decisão.¹⁸⁶

Após a escolha pela *Leuzinger*, Capistrano continuou intermediando o contato entre Assis Brasil e a tipografia. Nas missivas que trocaram, percebe-se que Capistrano, auxiliou o amigo na resolução de vários detalhes como a escolha do tipo de folha e brochura a serem utilizados no livro e a decisão sobre o número de exemplares especiais e serem encomendados. Ao mesmo tempo em que prestava este favor a Assis Brasil, Capistrano noivou e se casou, fato que parece ter gerado certa preocupação ao rio-grandense. Tentando acalmá-lo, Capistrano pontuou, em uma de suas cartas: “Já vê, portanto, que não há perigo de que, no meio de um noivado que já passou, esqueça-me de sua incumbência. Ao contrário, há probabilidade de que quantas incumbências me forem cometidas sejam melhor executadas, porque duplicaram os órgãos”.¹⁸⁷ De fato, a preocupação de Assis Brasil demonstra o quão essencial era a ajuda do amigo naquele empreendimento.

Capistrano também revisara as provas e as primeiras páginas impressas do livro: “Como me prometera, hoje, deu-me *Leuzinger* as primeiras provas. Lendo-as ligeiramente, antes como amador do que como revisor, reconheci que no geral estão limpas. À vista disso não continuei a revisão, e dora em diante não exigirei mais duas provas de *paquet*”.¹⁸⁸ Na

¹⁸⁶ Correspondência de Capistrano de Abreu a Assis Brasil. 15 de março de 1881. RODRIGUES, José Honório (Org.). **Correspondência de Capistrano de Abreu**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1977. V. I. p. 74.

¹⁸⁷ Correspondência de Capistrano de Abreu a Assis Brasil. 11 de abril de 1881. In: RODRIGUES, José. Op. Cit., p. 77.

¹⁸⁸ Correspondência de Capistrano de Abreu a Assis Brasil. 20 de abril de 1881. In: RODRIGUES, José. Op. Cit., p. 78.

mesma missiva, o cearense declarou não concordar inteiramente com as ideias expostas no livro, ainda que estivesse prestando todo o auxílio para a sua publicação:

Agora outro ponto. Pela primeira vez li hoje a *República Federal* e, francamente, gostei muito. O prólogo está como uma de suas grandes poesias, com o mesmo sopro vasto, inspiração concentrada e soído metálico. Quanto ao corpo, existem entre nós divergências que ainda não posso calcular até onde irão; mas devo reconhecer que V. argumenta com lucidez, com elevação e calor, que torna simpáticas suas idéias e muito, mesmo muito interessante a leitura.¹⁸⁹

Capistrano de Abreu era adepto das leituras e da doutrina positivista, ao passo que Assis Brasil guardava certas ressalvas a doutrina. Este último, em certa oportunidade, declarou que nunca chegara a ser positivista, e que “havia sido sempre só e exclusivamente republicano”; o propagandista confessou-se inclinado a aceitar o método, mas não a doutrina do filósofo francês, salientando que: “mas daí a ser discípulo sistemático da escola vai grande distância”.¹⁹⁰

Angela Alonso já ressaltou que, entre os membros da geração de 1870, não havia adesão a um *corpus* doutrinário fixo. Ao invés disso, o positivismo, spencerianismo, darwinismo social, novo liberalismo, eram todos modalidades visitadas pelos reformistas e seus grupos. Embora os núcleos reformistas guardassem diferenças profundas entre si, eles comungavam uma unidade de problemas a ser tematizada nos textos, dentre eles a crítica a base sócio-econômica escravista e a forma da monarquia centralizada; Desse modo, ainda que não houvesse nenhuma unidade propriamente teórica entre os textos, a produção dos reformistas exprimia um ponto de vista político comum, ou, em outras palavras, um mesmo tom geral. Daí que os membros da geração de 1870 prefaciassem os livros uns dos outros ainda que não concordassem com as resoluções apontadas para as questões para as quais reivindicavam reformas. Alonso conclui salientando que esse envolvimento comum acerca de alguns projetos era antes a regra que a exceção e “tomando a sério a intenção de uso político dos textos, fica compreensível o desleixo com as contradições teóricas”.¹⁹¹

Algo semelhante acontecia, como vimos, no interior da rede de letrados, visto que pelo menos dois de seus membros divergiam sobre o próprio modelo de República a ser implementado. Ainda assim, tal era o descontentamento com a Monarquia que as divergências

¹⁸⁹ RODRIGUES, José Honório (Org.). **Correspondência de Capistrano de Abreu**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1977. V. I. p. 79.

¹⁹⁰ Manifesto de 1891 – Assis Brasil aos seus concidadãos. In: BROSSARD, Paulo. **Ideias políticas de Assis Brasil**. Rio de Janeiro: Senado Federal/Casa de Rui Barbosa, 1989, p. 44.

¹⁹¹ ALONSO, Angela. **Crítica intelectual e reforma política**: positivistas e liberais na crise do Império. In: Anais do XXIII Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, 1999, p. 15

entre os propagandistas, que davam cor a complexidade da geração de 1870, eram minimizadas em prol de uma solidariedade que beneficiava a todos eles. Pelo menos enquanto a hora decisiva de se pensar o modelo republicano a ser instaurado não chegasse.

Feitas as devidas ressalvas e demonstrado o auxílio de Capistrano de Abreu para a publicação de *A República Federal*, passemos a falar a respeito de um outro projeto, já que o laço com Capistrano de Abreu foi acionado também para a publicação do segundo livro de Assis Brasil: *História da República Rio-Grandense*.¹⁹² O livro seria uma edição comemorativa ao 46º aniversário da Revolução Farroupilha, lançada sob encomenda do Club Vinte de Setembro, agremiação que reunia os estudantes gaúchos da Faculdade de Direito de São Paulo. A resolução inicial tomada pelo Clube era de que vários de seus integrantes escreveriam conjuntamente o livro, havendo mesmo uma prévia subdivisão de capítulos e dos estudantes que se responsabilizariam por sua escrita. Tratava-se de uma comissão de seis membros, composta por Júlio de Castilhos, Antônio Mercado, Homero Baptista, Alcides Lima, Assis Brasil e Eduardo Lima.¹⁹³

Inicialmente a organização de um livro sobre a história da Revolução Farroupilha parece ter gerado uma intensa mobilização entre aqueles propagandistas. Júlio de Castilhos chegara a escrever a Apolinário Porto Alegre¹⁹⁴, pedindo-lhe que dispusesse algum material que pudesse ajudar na escrita. Na missiva, após expor a ideia do projeto do livro, Castilhos pedia auxílio ao professor, em nome do grupo:

Mas para escrever um livro de tal natureza precisamos de bases seguras e diretoras, como documentos, dados, informações etc. É exatamente isso o que venho lhe pedir. [...]

Com meus companheiros, espero – fora supérfluo acrescentar – que o distinto correligionário não se recusará a auxiliar-nos o mais que lhe for possível, fornecendo-nos para aquele fim tudo o que puder obter, principalmente sobre os sucessos da revolução de 1835.

Tomo a liberdade de lembrar que na biblioteca ou na coleção da Revista do Parthenon, há, segundo estou informado, muitos e preciosos documentos sobre o mesmo movimento revolucionário. Se não for possível enviar-nos o original, ainda

¹⁹² Uma análise da construção do livro *História da República Rio-Grandense*, bem como do uso político do mesmo no sentido de legitimar o PRR a partir de uma identificação dos membros deste partido com os ideais expressos pelos farrapos na Revolução de 1835, pode ser vista em: GRIJÓ, Luiz Alberto. A elite do Partido Republicano se apropria da “Revolução”. In: **Revista História Unisinos**. Vol. 14, n. 1, janeiro-abril de 2010, p. 29-37.

¹⁹³ Jornal *A Província de São Paulo*. 20 maio 1881 (Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

¹⁹⁴ Apolinário Porto Alegre nasceu no Rio Grande do Sul, no ano de 1844. Em 1861 ingressou na Faculdade de Direito de São Paulo, entretanto, não concluiu o curso em função do falecimento de seu pai. Retornando ao Rio Grande passou a trabalhar como professor particular e a divulgar a causa republicana através da imprensa. Fundou e dirigiu dois estabelecimentos de ensino em Porto Alegre e foi um dos membros fundadores e mais atuantes da Sociedade Parthenon Literário (1868-1880). (Fonte: MARTINS, Ari. **Escritores do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS/IEL, 1978, p. 452).

mesmo com a condição de prontamente devolver, rogo-lhe o especial obséquio de enviar-nos, ao menos, a cópia.

Enfim, não me consta que haja na nossa província quem conheça mais a história da mesma do que o senhor. Ninguém, portanto, mais do que o senhor pode auxiliar-nos nessa patriótica tarefa que todos nos impusemos a levar a efeito. [...]

Contamos com o seu apoio e, portanto, com a sua indispensável coadjuvação.

Antecipadamente enviamos-lhe, todos nós, os nossos mais cordiais agradecimentos.¹⁹⁵

O tom da carta sugere o pedido de um favor a um homem de letras, além de também propagandista, que contava com alguns recursos que poderia disponibilizar aos moços. A posição humilde em que o grupo se colocou e o fato de reconhecerem Apolinário como a pessoa mais entendida sobre a história da província reforçam esta ideia. A experiência didática, os longos anos de estudos e preparação de Apolinário e, mais do que isto, a documentação que conseguira reunir sobre a história da Revolução interessava aos então estudantes. O interesse pela documentação era tal que, além de Apolinário Porto Alegre, outras pessoas foram mobilizadas, no mesmo sentido, para a escrita do livro.¹⁹⁶ De fato, numa década em que a preocupação com o método era uma constante, a busca por fontes, documentos e depoimentos de pessoas que haviam testemunhado os fatos era importante para a escrita da história. Especialmente para a escrita da história de uma revolução que os estudantes acreditavam ter sido difamada por publicação anterior, o livro de Tristão de Alencar Araripe, *Guerra Civil no Rio Grande do Sul* (1881).

Embora inúmeros contatos tenham sido acionados a fim de obter-se material para o livro, o projeto não se concretizou naquele ano. Somente em 1882, já então em comemoração ao 47º aniversário da Revolução Farroupilha, Assis Brasil publicou individualmente sua *História da República Rio-Grandense*.¹⁹⁷ Por motivos que não nos foi possível desvendar, os demais membros da comissão “desistiram” do projeto. No projeto levado a cabo por Assis Brasil, o amigo Capistrano de Abreu também assumiu papel importante, fazendo circular algumas informações, bem como, mais uma vez, auxiliando na publicação da obra.

¹⁹⁵ Correspondência de Júlio de Castilhos a Apolinário Porto Alegre. São Paulo, 28 de maio de 1881. (Arquivo Pessoal Apolinário Porto Alegre – APA-056 – IHGRGS).

¹⁹⁶ Manoel Lourenço do Nascimento, em carta a Apolinário Porto Alegre, aponta que “alguns estudantes que frequentam a academia de São Paulo, endereçaram-me uma circular pedindo os apontamentos que podem obter para a história da revolução rio-grandense, cujo primeiro volume pretendem publicar no dia 20 de setembro próximo. No intuito de prestar-me a exigência de nossos patrícios, escrevi, na medida das minhas forças, o que me ocorria sobre os primeiros passos para a revolta, respeitando os ditames da verdade.” (Correspondência de Manoel Lourenço do Nascimento a Apolinário Porto Alegre. Pelotas, 14 de agosto de 1881 – Arquivo Pessoal Apolinário Porto Alegre – APA-064 – IHGRGS).

¹⁹⁷ Uma análise da construção do livro *História da República Rio-Grandense*, bem como do uso político do mesmo no sentido de legitimar o PRR a partir de uma identificação dos membros deste partido com os ideais expressos pelos farrapos na Revolução de 1835, pode ser vista em: GRIJÓ, Luiz Alberto. A elite do Partido Republicano se apropria da “Revolução”. In: **Revista História Unisinos**. Vol. 14, n. 1, janeiro-abril de 2010, p. 29-37.

Noticiando Assis Brasil sobre o livro que tanta curiosidade gerava nos rio-grandenses, dizia ele: “Tenho que dar-lhe uma notícia: o livro do Araripe sobre a Guerra dos Farrapos está pronto até o fim do mês. Quero ver se consigo que V. seja a primeira pessoa de São Paulo que o leia”.¹⁹⁸ Na mesma carta, relatando o diálogo em que obteve estas informações, Capistrano pontuou: “Disse-me ele ontem, no bonde, que sabe que os rio-grandenses não hão de gostar muito do seu livro; mas que não se preocupa com isto, porque, no meio de reclamações interessadas, hão de vir clamores justos e talvez documentos curiosos, que tragam a luz e a verdade”.¹⁹⁹

Em outra oportunidade, Capistrano sinaliza cumprir com o prometido, conforme escreve na missiva: “Foi hoje publicado o livro do Araripe. Se ele tiver mandado para a *Gazeta*, hoje mesmo lhe enviarei o exemplar que prometi, se não, irei a casa dele, e amanhã mandarei”.²⁰⁰ De fato, os rio-grandenses não gostaram do livro de Araripe e o livro financiado pelo Clube 20 de Setembro seria uma resposta política ao mesmo. Castilhos, na carta que escreveu a Apolinário Porto Alegre, enfatizou a dupla finalidade do projeto: “[...] rememorar a Revolução de 1835, restabelecendo ao mesmo tempo a verdade dos sucessos que tão adulterados tem sido (como acabou de sê-lo em uma memória do Conselheiro Alencar Araripe)”.²⁰¹ No prefácio do livro publicado, um ano depois, por Assis Brasil, seu autor pontuava que o livro de Araripe era uma verdadeira construção com elementos que estavam desconexos; entretanto, “[...] conquanto me ache em fundamental discordância com as idéias do autor e mesmo quanto à exatidão de alguns fatos, devo confessar que no seu livro aprendi mais do que em parte alguma, além de ter nele bebido a inspiração de escrever o meu”.²⁰² De tal modo, o processo de verificação de dados e informações sobre a Revolução ganhava maior importância.

O próprio Capistrano ajudou Assis Brasil a verificar alguns fatos da guerra, contatando conhecidos no Rio de Janeiro, dentre eles o professor Antônio Alves Pereira Coruja²⁰³: “Está

¹⁹⁸ Correspondência de Capistrano de Abreu a Assis Brasil. 20 de abril de 1881. RODRIGUES, José Honório (Org.). **Correspondência de Capistrano de Abreu**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1977. V. I. p. 79.

¹⁹⁹ Ibid., p. 79

²⁰⁰ Correspondência de Capistrano de Abreu a Assis Brasil. 05 de maio de 1881. Ibid., p. 80.

²⁰¹ Correspondência de Júlio de Castilhos a Apolinário Porto Alegre. São Paulo, 28 de maio de 1881. (APA-056 – Arquivo Pessoal Apolinário Porto Alegre – IHGRGS).

²⁰² ASSIS BRASIL, Joaquim Francisco de. **História da República Rio-Grandense**. Porto Alegre: ERUS, 1981, p. IX.

²⁰³ Antônio Coruja – político, educador, historiador e escritor brasileiro - nasceu em Porto Alegre, no ano de 1806. Ainda jovem, dedicou-se a ensinar as primeiras letras e dar aulas particulares m Porto Alegre, onde também colaborou para uma série de jornais. Envolvido com a Revolução Farroupilha, integrou, como deputado, a 1ª Legislatura da Assembleia Legislativa Provincial, em 1835. Após o término da guerra, foi preso pelas tropas imperiais. Em 1837, passou a residir com sua família no Rio de Janeiro. Ali começou a

aqui o Coruja, com quem conversei sobre o caso do Vicente Ferrer. Diz ele que ocorreu em Porto Alegre, que foram-lhe cortadas as orelhas e que Marques Alfaiate as teve em seu poder [...]”.²⁰⁴ De fato, tanto Alves Coruja quanto Apolinário Porto Alegre prestaram auxílio àqueles pedidos de colaboração, conforme sugerem algumas anotações feitas por Assis Brasil, num seu exemplar, reproduzidas posteriormente. Nelas, encontram-se indicadas algumas correções a serem feitas, como, por exemplo: “Pg. 82, 25ª linha: (1) Ampliar de acordo com os documentos da Revista do Parthenon” e “Pg.149, 4ª linha: (1) Informa Coruja ser Bibiano Je. Carneiro da Fontoura, coronel e primo de Onofre (os pais eram irmãos)”, dentre várias outras anotações que indicam que o autor recebera o auxílio de ambos.²⁰⁵

Anos depois, Alves Coruja também recebeu o apoio do amigo Assis Brasil, quando tentara publicar um livro, já em 1887. Nesta oportunidade, Assis Brasil era deputado da Assembleia Provincial do Rio Grande do Sul e, pediu à casa incentivo financeiro para a publicação do *Anno Histórico Sul-Riograndense*. No discurso proferido, os elogios ao trabalho do ilustrado professor foram muitos. Provavelmente Assis Brasil viu naquela ocasião uma boa oportunidade de retribuir o favor que Coruja havia lhe prestado alguns anos antes. Na ocasião, Assis Brasil remeteu-se àquele momento:

Tenho conhecimento particular do Sr. Antonio Alves Pereira Coruja, posso mesmo dizer que tenho a honra de ser seu amigo. Quando, há oito anos, tentei escrever um esboço histórico da República Rio-Grandense, não encontrei um melhor auxiliar, não encontrei conselho mais digno de ser seguido, nem coadjuvação mais provecta do que a deste cidadão. Lembro-me ainda de por esta ocasião ouvir de um dos espíritos mais eminentes nas letras pátrias – de Capistrano de Abreu, um conceito muito exato, bem que um tanto gracioso: Admira que este homem tão velho, dizia-me aquele amigo, tenha o espírito tão claro e precioso; se eu pudesse filtrar a sua memória poderosa, teria, sem trabalho nenhum, a crônica das duas gerações.²⁰⁶

trabalhar como professor particular e participou de algumas sociedades literárias. Foi tesoureiro do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil por quase vinte anos e publicou, durante este tempo, alguns livros didáticos e gramaticais. (MARTINS, Ari. **Escritores do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS/IEL, 1978, p. 159).

²⁰⁴ Correspondência de Capistrano de Abreu a Assis Brasil. 19 de setembro de 1882. RODRIGUES, José Honório (Org.). **Correspondência de Capistrano de Abreu**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1977. V. I. p. 82. Dias depois, nova missiva trazia informações importantes: “Por uma causalidade encontrei-me com Carlos Jansen, que era muito amigo de Berlink, e trabalhou com ele no *Cruzeiro*. Perguntei-lhe pela casa da viúva e pela biografia do Duque de Caxias”. Em outro trecho, na mesma carta dizia: “Relativamente a Cunha, nada lhe posso dizer agora. Vou falar com o Paz, que se deve dar com ele, ou com o Bocayuva. Do que houver de novo lhe darei notícia” (Correspondência de Capistrano de Abreu a Assis Brasil. 28 de setembro de 1882. *Ibid.*, p. 82).

²⁰⁵ ASSIS BRASIL, Joaquim Francisco de. **História da República Rio-Grandense**. Porto Alegre: ERUS, 1981, p. XIII e XIV.

²⁰⁶ Anais da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul. Sessão de 23 de novembro de 1887.

Na fala à Assembleia, Assis Brasil reforçou o pedido de auxílio: “Apelo para a boa vontade e o patriotismo da digna comissão de orçamento, para que consigne uma verba minguada de 2:000.000, que irá produzir um grande tesouro e concorrer para a divulgação de uma obra monumental da historia da nossa província, obra que não deve deixar de ser lida por nenhum rio-grandense”. Entregando os projetos às mãos do membro da comissão de orçamento, pontuou: “Espero que S. Ex. , com a boa vontade que diz ter faça com que ele não durma na comissão, mas que seja convertido em realidade”.²⁰⁷

No interior da rede de letrados, como já se disse, os laços entre os indivíduos que dela faziam parte, eram acionados visando facilitar a publicação de alguns escritos. Ao passo que Coruja havia contribuído com Assis Brasil, concedendo informações e dados para a escrita do seu livro, este último retribuiu o auxílio prestado tentando angariar fundos para a publicação da obra de Coruja, já que o professor, ao fim da vida, vinha sofrendo inúmeras dificuldades financeiras.²⁰⁸ Considerando que a ideia de rede implica numa contínua troca, era extremamente necessário que Assis Brasil conseguisse, de alguma maneira, auxiliar o amigo, daí que não tenha poupado palavras em sua fala na Assembleia.

Mas voltemos a falar a respeito de Capistrano de Abreu visto que, para além do já comentado papel exercido na circulação de informações sobre o livro de Araripe Júnior, o mesmo auxiliou Assis Brasil mais uma vez na publicação e divulgação de seu novo livro. Nesta oportunidade, estava prestando auxílio não só a Assis Brasil, mas também aos demais rio-grandenses do Clube Vinte de Setembro que tinham interesse na publicação. Capistrano de Abreu nutria vínculos com vários deles, citando-os nas cartas, enviando-lhes recordações e mesmo participações de seu casamento.²⁰⁹ A rede de letrados de que temos falado era composta por vários indivíduos. De fato, no interior deste círculo de relações, alguns laços eram mais estreitos do que outros e tal pode ser medido pelo próprio acionamento dos amigos, a fim de se obter algum tipo de auxílio ou favor. Não nos foi possível investigar a relação de Capistrano de Abreu com todos e cada um dos indivíduos citados nas cartas, pela própria complexidade e tamanho que a rede adquiriria, tornando-se pouco manejável. Ainda assim, sabemos da importância destas referências se apresentarem nas missivas, a medida que elas nos informam sobre a própria complexidade e tamanho do conjunto que compõe a rede.

²⁰⁷ Anais da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul. Sessão de 23 de novembro de 1887.

²⁰⁸ MARTINS, Ari. **Escritores do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS/IEL, 1978, p. 159

²⁰⁹ Num rol de 12 cartas trocadas entre Capistrano de Abreu e Assis Brasil, durante a década de 1880, e que foram publicadas em livro, foram citados Pereira da Costa, Camargo Neves, Antônio Mercado, Júlio de Castilhos, Romaguera Corrêa, Lamonier, Bartholomeu Brasil, Alcides Lima, Randolpho Fabrino. Para além dos gaúchos, foram citados Raul Pompéia, Afonso Celso e Bulhões Jardim como portadores de cartas e objetos trocados. Além destes, foram citados Ubaldino do Amaral, José do Patrocínio, Valentim Magalhães, Araripe, Araripe Jr. e Teixeira de Melo.

O conjunto de cartas trocadas entre Capistrano de Abreu e Assis Brasil e que trata da publicação de *História da República Rio-Grandense* é muito menos numeroso se comparado ao número de missivas que versam sobre a publicação de *A República Federal*. Ainda assim, depreende-se pela leitura que Capistrano prestou o mesmo tipo de auxílio já oferecido anteriormente ao amigo. A carta que aponta para uma ação diferenciada realizada por Capistrano sugere seu importante papel na divulgação do livro e na tentativa de fazer circular, através da imprensa, informações e comentários sobre o texto recém-publicado. Para isso, distribuiu alguns exemplares a pessoas influentes, livrarias e jornais de maior prestígio na Corte. Em suas palavras:

Acabo de chegar da casa do *Leuzinger*, donde trouxe 10 exemplares para distribuir pelos jornais. Já entreguei o do *Globo*; vou entregar ao Araripe Jr. o dele, que servirá ao mesmo tempo para a *Gazeta da Tarde*; o que assim economizei darei ao Teixeira de Melo. Os outros distribuirei amanhã. Deixei um na vitrine da Faro e Lino para ser exposto: amanhã somente é que será exposto à venda.[...]

Penso que o livro será bem vendido, não só porque foram muito apreciados os extratos que deu *A Gazeta*, como, porque o preço torna-o muito acessível. [...] Se suceder, porém, o contrário, pois tudo é possível neste inverossímil Rio de Janeiro, é melhor, passado certo tempo, levantar o preço.²¹⁰

No auge da propaganda republicana, o objetivo daqueles que escreviam livros e periódicos desta alcunha não era o de obter lucro com tais publicações, mas sim fazê-las circular, veiculando as ideias e valores defendidos. Nesse sentido, algumas práticas eram comuns e necessárias, à medida que se objetivasse uma circulação mínima das obras recém-publicadas em um espaço que o próprio Capistrano considerava imprevisível. Além de estabelecer um valor baixo para as aquisições, o envio de exemplares a alguns jornalistas notáveis, especialmente àqueles com os quais se nutria uma relação no mínimo amistosa, se constituía em importante estratégia. Através de comentários elogiosos nas páginas de seus periódicos, esses jornalistas poderiam trazer vantagens ao livro, aumentando a curiosidade do público leitor a seu respeito. Conhecer estas ‘regras’ era um passo importante a todos aqueles que quisessem investir na escrita de livros, tal como Assis Brasil fez. Inexperiente nesses assuntos, mas agindo de forma pragmática, mobilizou o laço existente com o amigo Capistrano, aproveitando-se do conhecimento prático e das relações pessoais com jornalistas que o amigo possuía.

²¹⁰ Correspondência de Capistrano de Abreu a Assis Brasil. 05 de maio de 1881. RODRIGUES, José Honório (Org.). **Correspondência de Capistrano de Abreu**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1977. V. I. p. 80.

A relação de amizade entre Capistrano de Abreu e Assis Brasil perdurou por vários anos e o laço existente entre ambos foi mobilizado várias outras vezes, gerando inúmeras trocas. No que se refere ao mundo das letras, Capistrano convidaria Assis Brasil para participar de vários outros projetos. Ainda em 1882, Capistrano avisava ao amigo que Ubaldino do Amaral estava com a ideia de publicar anualmente alguns livros sobre a História do Brasil e perguntava se ele não gostaria de escrever a história da revolução do Rio Grande, insistindo mesmo para que o amigo aceitasse o convite: “[...] Responda depressa e responda sim”.²¹¹ Já em 1893, sendo um dos organizadores da coleção intitulada *Monografias Brasileiras*, que objetivava preparar o centenário do descobrimento do Brasil, ainda na procura de escritores para alguns volumes, Capistrano atribui a tarefa de redigir um deles ao amigo: “Já vê que V. não pode deixar de escrever o volume, e ditatorialmente já o inscrevi entre os colaboradores cujos volumes podemos garantir”.²¹²

Capistrano visitou o amigo algumas vezes no Rio Grande, tendo se hospedado em sua casa. Quando da morte de seu filho, em 1918, “desorientado, refugiou-se em Pedras Altas”, onde recebeu todo o apoio da família de Assis Brasil, que ajudara-o atravessar aquele momento difícil.²¹³ Assim, pode-se dizer que os vínculos entre os amigos Capistrano de Abreu e Assis Brasil eram bastante estáveis e duradouros e foram acionados em situações-chave para ambos, sendo que nestes momentos, os dois corresponderam às expectativas. Tal foi possível de ser demonstrado, pois as informações a respeito das relações entre estes atores sociais, presentes nas correspondências, são de grande riqueza qualitativa. Conforme ponderou Imízcoz, “Las cartas informan sobre relaciones efectivas. Muestran su funcionamiento real y revelan la globalidad de sus dimensiones. Las relaciones aparecen con sus contenidos y atributos. Evidencian su funcionalidade operativa real”.²¹⁴ O autor complementa enfatizando que as correspondências revelam o desenvolvimento das ações, a mobilização dos atores implicados, a circulação de informação, os intercâmbios de bens e serviços e, por fim, “revelan también el significado que dan a sus relaciones los propios actores implicados”.²¹⁵

²¹¹ Correspondência de Capistrano de Abreu a Assis Brasil. 19 de novembro de 1882. RODRIGUES, José Honório (Org.). **Correspondência de Capistrano de Abreu**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1977. V. I. p. 83.

²¹² Correspondência de Capistrano de Abreu a Assis Brasil. 23 de janeiro de 1893. *Ibid.*, p. 84.

²¹³ *Ibid.*, p. XXX.

²¹⁴ IMIZCOZ, José María. Actores, redes, procesos: reflexiones para una historia más global. In: **Revista da Faculdade de Letras – História**, Porto, III série, v. 5, p. 1-28, 2004. p. 26.

²¹⁵ IMIZCOZ, José María. *Op. Cit.* p. 26.

2.3.2 A participação dos mineiros na rede de letrados

Voltemos ao tema da dinâmica de circulação dos escritos políticos, favorecida pelos laços existentes entre os membros da rede de letrados. O principal ponto de contato dos rio-grandenses com os republicanos mineiros era, de início, o Dr. Lúcio de Mendonça.²¹⁶ Durante sua passagem pela Faculdade de Direito foi contemporâneo dos rio-grandenses José Gomes Pinheiro Machado, Júlio de Castilhos e Assis Brasil, dentre outros. No ano de 1878, já com o diploma de bacharel, retornou a Minas Gerais, onde montou banca de advogado e desenvolveu intensa propaganda republicana através do jornal *O Colombo*, periódico do qual era redator, e que tinha sede no município de Campanha.²¹⁷ Homem de letras, nas páginas de *O Colombo* abriu uma sessão intitulada “Poesia”, na qual publicava seus escritos, geralmente em oferecimento aos amigos, tal como o fez a Assis Brasil e Valentim Magalhães.²¹⁸

Vale ressaltar que a leitura dos jornais, dada a dificuldade em encontrar correspondências trocadas pelos letrados, constituiu-se em importante fonte de pesquisa. Essas publicações nos deram a dimensão dos espaços de debate e solidariedade política, bem como explicitaram algumas conexões que existiam entre esses letrados. Naqueles anos, era comum que alguns diálogos fossem travados através dos próprios jornais. De tal modo, residindo na capital paulista, Assis Brasil publicou na sessão *Letras e Artes*, do jornal *A*

²¹⁶ Lúcio de Mendonça nasceu em Piraí (RJ) no ano de 1854. Durante boa parte da infância e adolescência residiu em São Gonçalo de Sapucaí (MG). A convite de seu irmão, Salvador de Mendonça, seguiu para São Paulo, matriculando-se na Faculdade de Direito no ano de 1871. A este tempo iniciou suas atividades poéticas e literárias. Tendo tomado parte num movimento de protesto dos estudantes contra os professores da Faculdade, foi suspenso por dois anos da instituição. Passou esse período no Rio de Janeiro, onde entrou para a redação do jornal *A República*. Ali conviveu com Quintino Bocayuva, Salvador de Mendonça, Machado de Assis, Joaquim Nabuco, dentre outros. Em 1872, publicou seu primeiro livro, *Névoas Matutinas*, prefaciado por Machado de Assis. Em 1873 retomou seus estudos na Faculdade, entrou para a redação do jornal *A Província de São Paulo*, passando também a colaborar em *A República*, órgão do Clube Republicano Acadêmico, que ele dirigiu em 1877. Em 1878, formado, regressou a São Gonçalo de Sapucaí. Ali estabeleceu banca de advogado e passou a colaborar em *O Colombo*, periódico republicano que se publicava na cidade vizinha, Campanha. Nos primeiros anos da década de 1880 foi vereador da Câmara de São Gonçalo. Em 1885, passou a residir em Valença (RJ), onde advogou e colaborou assiduamente no periódico *A Semana*, de Valentim Magalhães. Em 1888, transferiu-se para o Rio e entrou para a redação de *O Paíz*. Com a proclamação da República, foi nomeado secretário do ministro da Justiça. Depois disso, exerceu várias funções públicas.
(Fonte: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=729&sid=152>, acesso em 14.12.2013, as 20:43).

²¹⁷ Boherer destaca o jornal *O Colombo* como um dos periódicos mais importantes do movimento republicano em Minas Gerais. Inclusive, somente no ano de 1888 é que seria criado um periódico oficial, *O Movimento*, ligado ao Partido Republicano Mineiro. (BOEHRER, George. **Da monarquia à república: história do Partido Republicano do Brasil (1870-1889)**. Ministério da Educação e Cultura, 1950?. A respeito dos principais debates promovidos pela imprensa republicana mineira, especialmente através do periódico *O Movimento*, ver: VISCARDI, Cláudia. **Federalismo e cidadania na imprensa republicana (1870-1889)**. **Tempo. Revista do Departamento de História da UFF**, Niterói, v. 16, p. 137-161, 2012.

²¹⁸ Jornal *O Colombo*. 08.01.1882. Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Província de São Paulo, uma Palestra Literária, com Lúcio de Mendonça, onde é possível depreender um contato estreito entre ambos, e que tornava possível a circulação de diversas informações sobre os escritos de propaganda. Escrevia Assis Brasil:

Meu ilustre amigo, ando tão cheio de acanhamento a seu respeito – que para escrever estas insignificâncias preciso de invocar uma suprema energia. Devo-lhe esta palestra, há quase um ano. Uma dívida de honra vai reduplicando o peso com a acumulação do tempo, e eu sentia já afundar-se-me demasiado a concha na consciência.

Ainda hoje, sacudindo o pó a uns velhos alfarrábios, caiu-me nas mãos um número do *Colombo* (que certamente não é um alfarrábio), em cujo rodapé encontrei aquela amabilíssima palestra que o senhor entreteve comigo, numa de suas numerosas horas de grande bondade. Reli a sua carta e corei sinceramente do meu desleixo. Quis desculpar-me ... falta de tempo, falta de assunto ... etc. Mas, não pude iludir o meu crime. Reconheci que aos seus olhos nada me desculparia: o senhor foi, há bem pouco tempo, estudante, como eu ainda sou agora, e deve saber que tempo e assunto são coisas que andam superabundando nesta doce vida.[...]. Reconheci que neste ponto, como em tudo, o remédio estava em eu cumprir o meu dever. É o que eu estou fazendo.

Quanto ao assunto, imita-lo-ei: escrever-lhe-ei sobre alguns promissores sinais de novo alento que vai patenteando esta gloriosa propagadora da nossa geração – a Academia de São Paulo.

Apraz-me palestrar com o senhor a este respeito, com o senhor, cujo radiante espírito, ainda hoje, através da interposição de quatro anos, nos ilumina e guia [...].²¹⁹

A carta, em formato de palestra, demonstra, para além do vínculo de amizade que entrelaçava os propagandistas, a existência de uma reciprocidade no que dizia respeito às ações/atividades vinculadas ao mundo das letras e à propaganda republicana de forma geral. Assis Brasil reconhecia estar em dívida com o amigo, visto que chamado a conferenciar com ele, ainda que através do jornal, deixara passar muito tempo sem responder-lhe, minando suas expectativas. Ciente do comportamento que era esperado de sua parte e do erro cometido, Assis Brasil se colocou em posição humilde, desculpando-se longamente. Para além dessa dívida, a forma como Assis Brasil se remeteu a Mendonça supõe o reconhecimento de um colega com mais experiência do que ele e também posicionado em um lugar mais estratégico no interior da rede. De fato, Lúcio ocupava posição mais central no interior do círculo de letrados, em função dos próprios laços e contatos que podia mobilizar.

O Dr. Lúcio formara-se quando os gaúchos recém estavam entrando na faculdade e, no ano de 1881, já contava com larga experiência jornalística e política. Além desses atributos, ele tinha livre passagem entre propagandistas republicanos e homens de letras do Rio de Janeiro, tais como seu irmão Salvador de Mendonça, Quintino Bocayuva, Joaquim Nabuco e Machado de Assis. Esse último chegara, inclusive, a escrever um prefácio para o seu primeiro

²¹⁹ Jornal *A Província de São Paulo*. 12 junho de 1881. Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

livro de versos, publicado em fins de 1872. O papel central ocupado por Lúcio de Mendonça na rede era reconhecido pelos demais indivíduos a ele conectados. Possivelmente, os moços da academia paulista viam nele um importante interlocutor e ponto de contato com o grupo que já atuava no Rio de Janeiro, pelo menos desde a assinatura do Manifesto de 1870.

A sequência da conferência escrita por Assis Brasil a Lúcio de Mendonça trazia uma análise da produção poética mais recente de alguns alunos da Academia, dentre eles Valentim Magalhães, Raymundo Corrêa, Augusto de Lima e Theophilo Dias (todos eles companheiros de Assis Brasil na redação do jornal *A Lucta*).²²⁰ Pontuando que todos aqueles poetas se preparavam para enviar ao prelo as suas coleções, Assis Brasil fez um pedido especial ao amigo Mendonça, deixando evidente a sua importância e influência no círculo das letras: “Quando estas belas promessas se realizarem, espero que o senhor não ficará impassível. Pela minha parte, desde já o concito, como juiz. Quero ouvir, queremos todos ouvir a opinião do mestre”.²²¹ Desse modo, Assis Brasil, além de fazer circular informações a respeito dos últimos escritos de propaganda, solicitava ao amigo melhor posicionado no mundo das letras, algum comentário que pudesse colaborar para a circulação dos novos opúsculos.

Entretanto, não pedia este auxílio somente com a finalidade de beneficiar colegas e amigos da propaganda, mas também para o seu próprio benefício. Ao finalizar a conferência, Assis Brasil noticiou o lançamento de seu próprio livro: “E para não concluir sem dar-lhe uma notícia minha, deixe dizer-lhe que, dentro de poucos dias, estarei fazendo-lhe uma nova visita espiritual, pois *A República Federal*, para servir-me da frase de Cervantes ao Conde de Lemos – ‘queda calzadas las espuelas para ir a besar las manos a vuestra excelencia’”.²²² Provavelmente ele também esperava ouvir uma apreciação do mestre, ainda que seu livro não fosse de versos. O comentário do livro foi realizado por Mendonça, sem muita demora, nas páginas de *O Colombo*. Na Sessão “Biblioteca”, uma longa resenha sobre o livro de Assis Brasil foi veiculada.

Nela, vários elogios foram tecidos àquele “excelente livro de propaganda republicana”, lido “com a atenção que merece e que impõe”. O livro foi considerado “uma bela obra, de traços largos e vigorosos, e tão claros e firmes que maravilham um escritor de tão poucos anos”. Escreveu Mendonça que, seu escritor “[...] não é só um moço, mas também um poeta, e poeta de versos encantadores, como se tem lido nestas mesmas colunas”. Ainda que “divergindo em alguns pontos acidentais de doutrina”, dizia o redator do *Colombo*, “[...]”

²²⁰ Não somente livros de doutrina, mas também a poesia era utilizada como forma de manifestação política, contendo críticas ao *status quo* imperial.

²²¹ Jornal *A Província de São Paulo*. 09.06.1881. Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

²²² Jornal *A Província de São Paulo*. 09.06.1881. Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

esta limitada divergência de opiniões em nada diminui, para nós mesmos, o alto valor doutrinário da obra e o notável serviço que com ela presta o Sr. Assis Brasil à propagação das idéias republicanas em nossa pátria”. Ao finalizar o texto, seu autor sustentava que o livro de Assis Brasil, “[...] magnificamente escrito, magnificamente impresso, pode, com muita justiça, contar-se entre os melhores de nossa escassa literatura científica”.²²³

Os elogios por parte do editorial certamente colaboravam para o aumento da circulação do livro de Assis Brasil, senão para o público em geral, pelo menos em meio aos leitores republicanos mineiros. Em várias outras oportunidades a atuação política de Assis Brasil foi elogiada nas páginas de *O Colombo*. No ano seguinte, o rio-grandense chegou a ser convidado para escrever um artigo para um número especial, comemorativo à morte de Tiradentes.²²⁴ Às vésperas de sua formatura, *O Colombo* o saudou individualmente, fato pouco comum, já que se costumava parabenizar conjuntamente as turmas de novos bacharéis. Dizia a notícia a seu respeito, escrita por Mendonça:

Este ilustre acadêmico de São Paulo, nosso distintíssimo correligionário e amigo, já conhecido ao país por livros de alto merecimento, como *A República Federal e História da República Rio-Grandense*, recentemente publicada, deve graduar-se em Direito no dia 17 deste mês.
Assis Brasil é um dos mais esforçados lutadores da causa republicana, e há de ser, com certeza, na vida real, para que entra laureado, com um caráter provado e um nome feito, um dos nomes mais respeitados da nossa política militante.
Abraçamo-lo com toda a expansão de uma fraternidade de que nos ufamamos.²²⁵

Se Assis Brasil já tinha “um nome feito”, tal não se devia somente a sua competência intelectual na escrita de livros de propaganda, mas também, ou talvez principalmente, à colaboração de seus correligionários-amigos na divulgação de seus escritos e aos comentários elogiosos de que era alvo. De fato, existia uma fraternidade que a notícia bem pontuou, e que chegava mesmo a minimizar algumas discordâncias teóricas, em favor da circulação de escritos que beneficiavam a propaganda de modo geral. Lúcio de Mendonça, como se viu, prestou todo o apoio, através de seu jornal, divulgando e elogiando as linhas escritas por Assis Brasil. Os demais integrantes da rede de letrados agiram da mesma forma, protagonizando uma dinâmica de reciprocidade, que era característica do círculo de relações do qual faziam

²²³ Jornal *O Colombo*. 26.07.1881. Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

²²⁴ Conforme a edição de 26 abril de 1882 de *O Colombo*: “O nosso distinto amigo, Assis Brasil, a quem nos havíamos dirigido pedindo a sua colaboração para o Colombo do dia 21 do corrente, atendeu-nos delicadamente enviando-nos um escrito. Recebendo, porém, a nossa carta com muita demora, não pôde a sua resposta chegar a tempo de incluímos em nosso último número o artigo que nos envia e que só recebemos depois de impressa a folha de 21. Nem por isso, entretanto, deixamos de dar publicidade ao seu escrito, como prova do nosso reconhecimento à sua delicadeza e apreço à sua colaboração. Segue o artigo: [...]” Jornal *O Colombo*; 26.04.1882 (Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro)

²²⁵ Jornal *O Colombo*. 08.11.1882. Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

parte. Eles reconheciam os talentos dos membros de outras regiões e províncias que não a sua e pelos mesmos eram reconhecidos.

Além de Lúcio de Mendonça, Diogo de Assis Brasil também colaborou para a circulação dos escritos rio-grandenses entre os republicanos mineiros. Conforme mencionamos no capítulo anterior, Diogo estudou na Escola de Minas de Ouro Preto entre os anos de 1884 e 1886. Já no primeiro ano em que residiu naquela capital, o jovem participou da fundação do *Clube Republicano Vinte e Um de Abril*, agremiação que reunia importantes propagandistas daquela província.²²⁶ Em princípios do ano seguinte, constava entre os redatores do jornal vinculado ao Club, *A Inconfidência*. Desse modo, Diogo parecia não só ter uma livre passagem em meio ao grupo dos republicanos de Ouro Preto, mas também parecia ter sua importância intelectual reconhecida por eles, já que era um dos porta-vozes do periódico oficial do Club. Para além da participação neste jornal - e possivelmente também tenha participado de outros periódicos locais - Diogo não chegou a escrever nenhum livro de propaganda. Entretanto, assumiu importante papel, divulgando os escritos rio-grandenses entre os mineiros.

Durante o período que residiu em Ouro Preto, Diogo era o agente do jornal *A Federação* (órgão oficial do PRR), naquela capital.²²⁷ Logo, ele era o indivíduo responsável pela sua divulgação, pela regularidade da distribuição, pelo controle das assinaturas, enfim, era o responsável pela circulação do periódico rio-grandense em terras mineiras e, mais do que isto, pela circulação das ideias veiculadas através dele. Diogo transitava com facilidade em meio aos republicanos mineiros e esse fator certamente facilitava o seu trabalho de fazer circular a produção dos rio-grandenses. Não é difícil supor que, convivendo com inúmeros propagandistas da República mineiros, fossem eles colegas da faculdade, os membros do clube ou mesmo os assinantes do jornal, ele tecesse elogios e divulgasse a produção do irmão Assis Brasil.²²⁸

Por outro lado, ele divulgava e fazia circular as ideias expressas no órgão de propaganda do PRR - que tinha Castilhos e Assis Brasil como importantes protagonistas - entre os mineiros. Em contrapartida, provavelmente Diogo também divulgava a produção dos mineiros aos republicanos rio-grandenses. Logo, é possível afirmar que ele foi um importante

²²⁶ Dentre eles, João Pandiá Calógeras, Tibério Mineiro, Josephino Pires, Juvenal Sá e Silva, Bernardino Torres, José Eloy de Araújo, Saturnino de Oliveira (Jornal *A Inconfidência*, 21.04.1885. Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

²²⁷ Conforme listagem dos agentes, publicada no jornal *A Federação*, de 06.08.1885. Acervo do NPH (UFRGS).

²²⁸ Lembre-se que *A República Federal*, foi reeditada várias vezes ao longo da década de 1880 e era constantemente citada e revisitada pelos propagandistas da República.

ponto de contato entre os dois grupos, ainda que não tenhamos muitas informações a respeito de sua atuação.

Ao passo que os republicanos de Ouro Preto abriram importante espaço para atuação de um republicano rio-grandense naquela capital, também um mineiro foi muito bem recebido entre os membros do PRR, em Porto Alegre. Luiz Americano, na década de 1880, fora designado para trabalhar no Escritório Central da Estrada de Ferro de Porto Alegre a Uruguaiana, como secretário, estabelecendo-se em Porto Alegre.²²⁹ Nesta capital, tornou-se membro do Clube Republicano de Porto Alegre, sendo eleito, inclusive, como seu secretário. A importância de sua atuação na propaganda republicana foi reconhecida entre os correligionários políticos rio-grandenses e seu nome figurou várias vezes no jornal *A Federação*. Tanto é que Castilhos, em correspondência a Assis Brasil, refere-se à investida realizada para que Americano fizesse parte da administração do jornal vinculado ao PRR:

Conserva-se na gerência interina o Dyonísio Porto, que faz todo o esforço para desempenhar o árduo encargo. É ativo, tem boa vontade e procura melhorar, mas ainda não realiza o nosso ideal. Decididamente, o nosso homem é o Luiz Americano. A ele escrevi, consultando-o sobre o assunto e fazendo-lhe a proposta que combinamos quando aqui estiveste [...].

Estou esperando a resposta, que não há de demorar. Tenho esperanças de que ele não se recuse ao nosso convite. Se assim acontecer, posso garantir-te que *A Federação* quando não ganhe dinheiro, há de manter-se solidamente. Tal é a confiança que me inspira a aptidão do Americano.²³⁰

Trabalhando no Rio Grande em prol da causa republicana, Americano não se afastou dos propagandistas mineiros, mantendo contato frequente com eles, quando não visitando sua província natal. Quando *O Contemporâneo*, órgão republicano mineiro, passou a circular em Ouro Preto, Americano escreveu um telegrama aos seus diretores, felicitando-os pela empreitada: “Longe de Minas, e militando como republicano no Rio Grande do Sul, entre os descendentes dos heróis de 1835, me é grato nesta data enviar aos correligionários meus comprovincianos um aperto de mão como prova do quanto me desvanço em ser também filho desta terra”.²³¹ Finalizava o telegrama prestando reverência e admiração àquele projeto que tanto bem faria a propaganda.

Desse modo, Luiz Americano também protagonizava o contato dos dois grupos de republicanos: mineiros e rio-grandenses. Seja através de viagens a sua terra natal ou mesmo através de correspondências trocadas, ele era um importante ponto de ligação entre os dois

²²⁹ Conforme informações do Jornal *A Federação*, 18.08.1884 (Acervo do NPH-UFRGS).

²³⁰ Correspondência de Júlio de Castilhos a Assis Brasil. Porto Alegre, 11.05.1885. (Arquivo Particular de Assis Brasil - AB, nº 15, IHGRGS)

²³¹ Jornal *O Contemporâneo*. 21.04.1886. Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

grupos, que incluíam alguns dos letrados da rede que temos trabalhado. Este contato possibilitava uma circulação de informações a respeito da propaganda desenvolvida por rio-grandenses e mineiros e, muito provavelmente também de seus principais escritos. Após tecer algumas hipóteses sobre a importância de Diogo de Assis Brasil e Luiz Americano, no interior da rede de letrados, voltemos nossa atenção novamente para a produção de Assis Brasil, analisando agora como alguns letrados paulistas colaboraram para a circulação dos seus escritos.

2.3.3 O intercâmbio com os republicanos paulistas

Assim como Lúcio de Mendonça, que divulgou o livro de Assis Brasil em meio aos republicanos mineiros, os republicanos paulistas também não se mantiveram indiferentes à publicação do amigo Assis Brasil, antes o contrário, fizeram dela uma pauta que foi comentada por vários dias nos jornais. Os redatores d'*A Província de São Paulo*, Rangel Pestana e Américo de Campos - amigos e companheiros de Assis Brasil de outras publicações acadêmicas (dentre elas *A Lucta*) -, além de divulgarem a venda de *A República Federal* na seção de anúncios do jornal, veicularam um longo comentário sobre a recente publicação. Nele, o livro foi considerado “uma importantíssima obra de doutrina política que haveria de trazer muita glória ao seu autor”. Para o editorial, “o trabalho do ilustrado moço está destinado a exercer imensa influência no desenvolvimento da mentalidade do povo brasileiro e atuar poderosamente sobre o seu ânimo, para vencer os obstáculos que adiam a realização do ideal do jovem escritor – *A República Federal*.” Mencionaram ainda que “a argumentação vigorosa, a linguagem corrente e o estilo simples, mas elegante, imprimem no dizer do Sr. Assis Brasil um toque convincente que lhe abrirá largo caminho para a conquista do povo em favor da idéia que defende e evangeliza”. Finalizando a matéria, reconheceram o mérito incontestável do livro, dirigindo ao escritor sinceros aplausos.²³²

Ainda no mesmo jornal, também o correligionário, colega de faculdade e do jornal *A Lucta*, Theophilo Dias²³³ - que havia tido seus versos elogiados por Assis Brasil na

²³² Jornal *A Província de São Paulo*. 08.07.1881. Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

²³³ Theophilo Dias – advogado, jornalista e poeta. Nasceu em Caxias, no Maranhão, no ano de 1854. Era sobrinho do poeta Antônio Gonçalves Dias. Residiu no Rio de Janeiro durante dois anos, onde realizou os exames preparatórios para ingressar no curso de Direito, em São Paulo. Durante este período, travou relações com Aluísio Azevedo, Benjamin Constant, José do Patrocínio e Machado de Assis. Ingressou na Faculdade de Direito de São Paulo em 1877, onde cultivou intensa amizade com Assis Brasil, Valentim Magalhães e Afonso Celso Júnior. Nesta cidade, colaborou nos jornais *A Província de São Paulo* e *A República*. Ingressou

conferência escrita a Lúcio de Mendonça -, manifestou-se sobre a publicação, enfatizando a importância do livro trazido a luz:

Um célebre escritor francês escrevendo de outro não menos notável, disse que não conhecia sentimento mais difícil de exprimir-se do que o da admiração. É este o meu embaraço todas as vezes que aprecio trabalhos de Assis Brasil, o mais vivaz, o mais fecundo e o mais sério talento da geração pujante que o nosso país funda as suas mais belas esperanças.

Ligam-me ao distinto acadêmico a entranhada afeição que tributo a nobreza do seu caráter e a simpatia das idéias literárias e políticas que ambos professamos.

Tolhido pelos sentimentos de simpatia e de admiração e de acordo completo com as idéias expendidas pelo intemerato paladino da República Federal, não vou propriamente fazer uma apreciação crítica sobre o recente livro, em que ele compedia, discute a explana com método e clareza inexcedíveis, o pensamento quase unanime do partido republicano brasileiro.

O livro de Assis Brasil precisa mais de quem o estude e medite, de que de quem lhe prodigalize elogios; e se estes forem indispensáveis, bastavam-lhe as palavras eloquentes com que o Dr. Rangel Pestana saudou-lhe o aparecimento no noticiário deste jornal.

Dos livros, que desde a época mais remota até a atual, têm surgido no seio da Academia de São Paulo, destoa este pela severidade do estudo, pela aplicação genuína dos processos científicos, pela limpidez da exposição e pela altura do estilo.

O maior elogio a este livro faz-se em poucas frases: é um livro de lealdade e patriotismo: é atual, urgente, oportuno e necessário.²³⁴

Como dissemos, no interior da rede de letrados havia uma solidariedade que conferia dinâmica à propaganda republicana à medida que seus membros, divulgando os trabalhos uns dos outros, colaboravam na difusão daquelas ideias. Toda rede social tem uma lógica interna de funcionamento, e, por mais que os indivíduos a ela vinculados não detivessem controle total das situações, os comportamentos que uns esperavam dos outros podiam ser facilmente detectados. Logo, Theophilo Dias não fez mais do que retribuir o favor que Assis Brasil havia lhe prestado quando divulgou seus versos a Lúcio de Mendonça e, mais do que isto, incitou Mendonça a comentá-los quando fossem publicados.

Por parte dos correligionários paulistas, a produção do rio-grandense Assis Brasil receberia ainda outros incentivos. Como vimos, a mobilização de amigos que detinham maior inserção no meio intelectual e político era uma importante estratégia que facilitava as publicações doutrinárias. Do mesmo modo, a colaboração prestada por esses amigos, escrevendo em seus jornais boas críticas aos livros, também potencializava a sua circulação. Se tais estratégias tinham como característica a mobilização mais direta de alguns amigos, que se disponibilizavam a prestar estes favores sem maiores dificuldades, também existiam

na política por meio do Partido Liberal, sendo eleito deputado provincial em São Paulo no ano de 1885. Faleceu na cidade de São Paulo, em 1889.

(Fonte: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=809&sid=326>, acesso em 28.12.2012, as 17:15).

²³⁴ *Jornal A Província de São Paulo*. 13.08.1881. Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

aquelas onde os amigos tinham o importante papel de intervir em algumas instâncias, muito embora não detivessem o controle da resposta a ser dada. De fato, os clubes, o congresso e o próprio partido eram os principais lócus da mobilização republicana e a partir deles também se fazia algumas publicações circularem. A presença dos integrantes da rede de letrados nesses núcleos criava margem para que esses indivíduos intervissem nas decisões tomadas, argumentando possíveis vantagens em fazer circular as publicações dos demais agentes envolvidos na rede.

Tal prática tornou possível que uma segunda edição de *A República Federal* fosse subsidiada e distribuída gratuitamente pelo Partido Republicano Paulista (PRP). A presença dos amigos e contemporâneos de faculdade Alberto Sales e Júlio Mesquita, dentre outros, no Congresso Republicano ali realizado em 1884, provavelmente colaborou para a tomada desta decisão. Em carta publicada pelo jornal *A Federação*, órgão ligado ao Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), o paulista Júlio Mesquita noticiava aos correligionários e amigos rio-grandenses que, nas últimas deliberações votadas pelo Congresso Republicano, decidiu-se:

[...] que se reimprimisse a *República Federal* de Assis Brasil e que se encarregasse Alberto Salles de escrever um *Catecismo Republicano*. Uma comissão se encarregará de espalhar ambos os livros pela província. O que é a *República Federal* não o preciso dizer aos rio-grandenses, que sabem perfeitamente quanto faz a bem da idéia o patriota que traçou aquelas vigorosas páginas de argumentação e doutrina.²³⁵

A decisão tomada no congresso demonstra que, para além da imprensa jornalística e da tribuna, também a circulação dos livros de propaganda tinha papel importante, já que poderia influenciar seus leitores nas posições políticas assumidas, fortalecer convicções ideológicas e obter mesmo algumas adesões ao partido. O livro de Assis Brasil, de fato fizera grande sucesso no ano de sua publicação, inclusive esgotando-se rapidamente. *A Província de São Paulo* chegara a considerá-lo, dentre os livros de propaganda publicados no Brasil, “o melhor que se tinha neste gênero”.²³⁶ Daí que mandaram-na imprimir em grande quantidade, ao mesmo tempo em que encomendaram também um livro de vulgarização das ideias republicanas a Alberto Salles.²³⁷

²³⁵ Jornal *A Federação*. 11-07-1884. Acervo do NPH (UFRGS).

²³⁶ Jornal *A Província de São Paulo*. 16.09.1883. Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

²³⁷ O *Catecismo Republicano (1884)* era uma versão resumida de uma obra anterior, *Política Republicana*, publicada por Alberto Salles no ano de 1882. Tratava-se de um livro de divulgação dos princípios republicanos e seu conteúdo era bastante semelhante ao de *A República Federal*. Para mais informação sobre as proximidades entre estas duas obras, ver MELLO, Maria Tereza Chaves de. Narrativas nacionais e tempo: do Romantismo ao Cientificismo. In: PAMPLONA, Marco; STUVEN, Ana Maria. **Estado e Nação no Brasil e no Chile ao longo do século XIX**. Rio de Janeiro: Garamont, 2010, p. 291-322.

Já enfatizamos que toda rede social implica em uma troca ou reciprocidade de ações entre seus membros. De tal modo, Assis Brasil acabara de contrair uma espécie de dívida com a agremiação paulista, e especialmente com os amigos que intercederam a seu favor no congresso. Em agradecimento a iniciativa tomada, o Clube Republicano de São Gabriel, que tinha como presidente Assis Brasil, resolveu que se dirigisse “[...] em nome da província e da pátria uma mensagem ao Clube Republicano de São Paulo, pelo patriótico serviço que o mesmo acaba de prestar com a publicação de dez mil exemplares de *A República Federal*, mandando-a distribuir entre o povo”.²³⁸ Além disso, em retribuição ao serviço prestado, o mesmo clube decidira “espalhar o *Cathecismo Republicano*, de Alberto Sales e *A República Federal*, fazendo-os acompanhar de cartas políticas a seus destinatários”.²³⁹

A iniciativa tomada por rio-grandenses e paulistas demonstra o quão estreitos eram os laços entre estes grupos, especialmente entre aqueles indivíduos que faziam parte da *rede de letrados*. Os vínculos de amizade que uniam esses agentes possivelmente motivavam alguns deles a intervir em favor dos demais nas reuniões das agremiações que integravam. Logo, Assis Brasil, Alberto Sales e Júlio Mesquita devem ter exercido papel importante nas decisões tomadas pelos seus núcleos republicanos a respeito dessas publicações, argumentando possíveis vantagens se as realizassem. Os clubes republicanos, em sua maioria, implementavam mensalidades aos seus sócios que podiam ser utilizadas para os mais diversos fins. O fato de as duas agremiações investirem seus fundos na publicação de livros de propaganda demonstra a crença no potencial destes livros na conquista de mais adeptos, mas também uma atuação mais efetiva por parte dos núcleos ao oferecê-los gratuitamente. Além do mais, também parece claro que, apesar da proeminência política e econômica de São Paulo no período, Assis Brasil não era tratado como um colega de patamar inferior, muito pelo contrário. No interior da rede de letrados, onde muitos agentes orbitavam em torno de estrelas de maior grandeza, o propagandista rio-grandense parecia ocupar um papel de igualdade para com os grandes nomes do grupo.

Do mesmo modo, Bartholomeu de Assis Brasil travou inúmeros contatos com alguns republicanos que atuavam em São Paulo, enquanto estudou na Faculdade de Direito. Para tal deve ter colaborado a própria inserção e notabilidade que seu irmão mais velho adquirira em meio à rede de letrados, alguns anos antes. Os laços efetivados a partir da academia provavelmente colaboraram para que, no ano de 1886, Bartholomeu fosse um dos

²³⁸ Livro de Atas do clube Republicano de São Gabriel. Acervo do Museu João Pedro Nunes (São Gabriel). Sessão de 15 de dezembro de 1885.

²³⁹ Ibid.

republicanos que participou de um grande projeto, levado a cabo pelo Clube Republicano de Campinas.²⁴⁰ Várias conferências públicas foram realizadas naquele município, em favor da propaganda das ideias republicanas e democráticas. Dentre os conferencistas estavam os irmãos Alberto e Campos Sales, José do Patrocínio, Quintino Bocayuva, Saldanha Marinho e Bartholomeu de Assis Brasil.²⁴¹

Ou seja, Bartholomeu, assim como o irmão mais velho, também teve sua atuação reconhecida pelos paulistas, a ponto de ser convidado, juntamente com alguns dos principais propagandistas da República de São Paulo e também do Rio de Janeiro para participar daquele projeto. Algum tempo depois as conferências pronunciadas foram reunidas e publicadas em livro.²⁴² O fato do nome de Bartholomeu figurar lado a lado dos demais propagandistas, no livro publicado, provavelmente aumentava seu prestígio em meio ao grupo dos letrados. A solidariedade inerente a *rede de letrados*, não se resumia somente a colaboração para publicações ou a circulação dos escritos individuais de seus membros. Os letrados chegavam mesmo a levar a cabo projeto coletivos, o que demonstra a estreiteza dos laços entre eles, mas também a crença de que a colaboração de todos e de cada um especial, era de extrema importância para a difusão do ideal republicano.

2.3.4 As trocas com os propagandistas do Rio de Janeiro

Voltemos a falar a respeito do contato dos rio-grandenses com alguns propagandistas que atuavam na província do Rio de Janeiro. A colaboração de Capistrano de Abreu para a publicação dos livros de Assis Brasil já foi demonstrada de forma pormenorizada. Passemos a ver, a partir de agora, a intensidade das trocas realizadas com outros propagandistas que também atuavam na província mais central do Império. A passagem de alguns rio-grandenses pela Faculdade de Medicina, pela Escola Militar e pela Politécnica, ali localizadas, e o período de residência na Corte, facilitaram a formulação de inúmeros laços pessoais. Não só

²⁴⁰ Campinas é constantemente indicado pela bibliografia como um dos municípios paulistas em que a propaganda republicana teve mais força. De fato, vários dos principais propagandistas paulistas, dentre eles, Alberto e Campos Sales eram daquela região. Tese recente analisou as várias conquistas do partido republicano em Campinas e o significativo número de votos obtidos por seus candidatos nos pleitos municipais, provinciais e gerais nos últimos anos do Império. Para mais informações, ver: GALDINO, Antonio Carlos. **Campinas, uma cidade republicana: política e eleições no oeste paulista (1870-1889)**. 2006. 336 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

²⁴¹ *A Revista Federal*, 30.11.1886. Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

²⁴² *A Revista Federal*, 05.02.1887. Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

os colegas e contemporâneos de faculdade se tornavam amigos, mas também com indivíduos externos à academia se podia efetivar laços, visto que o ambiente da Corte proporcionava aos moços inúmeros espaços de sociabilidade. Para além de cafés, livrarias, bibliotecas e salões, as próprias agremiações republicanas permitiam um certo convívio pessoal. Do mesmo modo, projetos jornalísticos pensados e mantidos coletivamente também estreitavam alguns laços.

Dos rio-grandenses que atuaram politicamente no Rio de Janeiro, destacamos Bruno Gonçalves Chaves, Francisco de Paula Maiwald, José Romaguêra da Cunha Corrêa e Oscar da Cunha Corrêa, todos eles importantes lideranças do PRR, amigos e correligionários políticos dos já citados Assis Brasil e Castilhos, dentre outros. À exceção de Oscar da Cunha Corrêa, estudante de engenharia na Escola Politécnica, os demais eram estudantes da Faculdade de Medicina e se tornaram importantes pontos de contato com os republicanos que atuaram no Rio de Janeiro, muitos deles já consagrados no cenário político. O irmão de Bruno Chaves, o Dr. Álvaro Chaves, bacharel em Direito pela Faculdade de São Paulo, também exercera papel importante nesse contato.

Diplomado no ano de 1883 – um ano depois da formatura de Assis Brasil - Álvaro Chaves retornou ao Rio Grande, tendo montado banca de advogado em Pelotas, seu município de origem. Lá residira até meados de 1885, quando se transferiu para o Rio de Janeiro, onde passou a trabalhar no escritório de advocacia do renomado Dr. Joaquim Saldanha Marinho.²⁴³ Nesse ano, por iniciativa do Dr. Álvaro, de Bruno Chaves e Romaguêra Corrêa fundou-se na Corte um clube republicano, formado pelos acadêmicos rio-grandenses e que tinha como finalidade comemorar anualmente o aniversário da Revolução Farroupilha.

Na primeira reunião comemorativa promovida pelo *Clube Republicano Rio-Grandense* estiveram presentes vários propagandistas de renome – José do Patrocínio, Quintino Bocayuva, Dr. Campos Salles, Vicente de Souza e João Clapp – que, inclusive, tomaram a palavra para conferenciar após a fala do orador oficial, o Dr. Álvaro Chaves.²⁴⁴ A participação desses letrados no evento sugere a existência de vínculos pessoais pelo menos entre alguns desses propagandistas. Do mesmo modo, sugere um reconhecimento do importante papel que os rio-grandenses vinham realizando na propaganda republicana, não só no Rio de Janeiro, mas também em outros locais, como, por exemplo, São Paulo. Conforme já mencionamos, inúmeros eram os laços que uniam os propagandistas. Esses vínculos eram transversais e conectavam agentes dos diferentes núcleos republicanos. À medida que alguns poucos indivíduos desses grupos travavam contato entre si, abria-se precedente para que

²⁴³ Conforme informações obtidas no jornal *A Federação* (06.03.1888). Acervo do NPH (UFRGS).

²⁴⁴ Jornal *O Paíz*, 29.09.1885. Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

outros inúmeros contatos se efetivassem e, aos, poucos, fosse se configurando a rede aqui estudada.

Bocayuva, por exemplo, desde pelo menos 1881, já estava em contato com a mocidade republicana, não só das escolas do Rio de Janeiro, como também de São Paulo. Em nome do Clube Republicano Acadêmico da Faculdade de Direito de São Paulo, os acadêmicos Assis Brasil e Alberto Salles haviam escrito um telegrama a Quintino Bocayuva, saudando “os trabalhos do ilustre patriota, o Boyard da Democracia brasileira”, que havia presidido a festa em que se comemorou o 89º aniversário da morte de Tiradentes.²⁴⁵ O telegrama, que à primeira vista parece bastante simples e formal, demonstra o investimento dos moços na tentativa de um primeiro contato com o experiente jornalista, e, conseqüentemente, a importância que atribuíam à efetivação de laços pessoais com ele, que poderiam se estender também a outros propagandistas.

Bocayuva mostrou-se bastante receptivo na resposta enviada aos moços, considerando-os “os representantes da geração nova que tem de ser no futuro a fiadora da nossa liberdade”. Dizia ele que, ao invés de ser saudado pelos acadêmicos, “[...] a vós, é que devemos saudar, nós, os trabalhadores antigos, porque nos orgulhamos de ver na mocidade esclarecida do nosso tempo, mais do que a esperança do futuro, a digna legatária das augustas tradições da causa republicana”. Finalizou a carta com as seguintes palavras: “a vós é que saúdo e rendo a homenagem da minha fraternal estima e afetuosa amizade como vosso correligionário, cidadão e amigo”.²⁴⁶

Os contatos iniciais entre os propagandistas eram cautelosos, especialmente quando se tratava de uma abordagem que partia dos recém-chegados àqueles indivíduos mais experientes no cenário político. A troca de algumas correspondências e a manutenção de um contato, ainda que não tão estreito, com esses republicanos de longa data, era uma importante estratégia utilizada pelos moços visando adentrarem na cena política pela porta da frente, de forma legítima e com a benção dos “trabalhadores antigos”. Através desses contatos, era possível conseguir publicações em grandes jornais, apoio na divulgação dos livros recém-publicados, ou vários outros tipos de favores que poderiam ser prestados entre os letrados, ao sabor das necessidades do momento.

Exemplo disso é que a *Gazeta da Tarde*, propriedade de José do Patrocínio entre os anos de 1881 e 1887, publicada no Rio de Janeiro, referenciou várias vezes a produção de rio-grandenses e paulistas. A publicação chegara a abrir sessão especial, intitulada Parnaso da

²⁴⁵ Jornal *A Província de São Paulo*. 26.04.1881. Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

²⁴⁶ Jornal *A Província de São Paulo*. 27.04.1881. Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Pauliceia, “destinada à publicação de poesias dos melhores poetas de São Paulo”. O redator da seção era Valentim Magalhães, carioca e acadêmico da Faculdade de Direito de São Paulo. Aliás, conforme publicado na notícia, a ideia de criar a sessão havia sido igualmente sua, o que demonstra a existência de um laço afetivo entre ambos, bem como a liberdade de Magalhães para “negociar” a publicação da sessão. Entre os colaboradores estavam Assis Brasil, Theophilo Dias, Augusto Lima, Fontoura Xavier, Luiz Murat, Randolpho Fabrino; todos colegas e amigos de Magalhães.²⁴⁷ Teophilo Dias, inclusive, também já conhecia José do Patrocínio desde quando residira no Rio de Janeiro e prestara os exames preparatórios.

O fato de Valentim Magalhães e Teophilo Dias já conhecerem Patrocínio provavelmente influenciou na decisão deste último em publicar a coluna, estendendo o auxílio prestado aos demais colegas, que também iniciavam a divulgação de sua produção. Para além da coluna de poesias, que podiam ou não ter cunho republicano, Patrocínio, por meio de seu jornal, divulgara também outros livros, tais como *A República Federal*: “Apareceu A República Federal, de Assis Brasil. Até onde a lemos vem soberba. É uma pedra lançada com pulso audacioso na obra da propaganda republicana. Concisão, espírito de crítica, clareza, estilo fácil, tudo reúne o novo e importante trabalho”.²⁴⁸

A solidariedade prestada entre os letrados dessa rede não se dava somente a partir da abertura de espaço para publicações e do incentivo à circulação dos escritos através de comentários elogiosos nas páginas desses jornais. Alguns projetos mais ambiciosos eram mesmo levados a cabo conjuntamente por membros de diferentes núcleos republicanos. Outros contavam com colaboradores assíduos, que garantiam um diálogo, bem como a circulação de informações. Não era de forma aleatória que projetos conjuntos eram pensados e levados a cabo, mas sim a partir de uma afinidade de ideias e interesses e a partir de vínculos sociais que estes indivíduos nutriam entre si.

Mas voltemos a tratar do contato dos membros do *Club Republicano Rio-Grandense* com os propagandistas que atuavam no Rio de Janeiro no ano de 1885. O principal ponto de contato entre esses letrados cremos ser o Dr. Álvaro Chaves, devido a sua própria inserção em outros espaços políticos, para além do clube rio-grandense, no que provavelmente deve ter colaborado a relação que mantinha com Joaquim Saldanha Marinho, seu companheiro do escritório de advocacia.²⁴⁹ Em dezembro de 1885, realizou-se uma reunião republicana na

²⁴⁷ Jornal *Gazeta da Tarde*. 06.07.1881. Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

²⁴⁸ Jornal *Gazeta da Tarde*. 29.07.1881. Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

²⁴⁹ Álvaro Chaves era natural de Pelotas, filho de um dos charqueadores mais ricos da cidade e que também havia estudado em São Paulo. Neto de Antônio José Gonçalves Chaves, escritor da Memórias Econômico-

capital do Império, a fim de tratar da constituinte do partido. A primeira mesa diretora foi votada naquela ocasião, e dela fizeram parte o Dr. Saldanha Marinho (presidente), Quintino Bocayuva (vice-presidente), José do Patrocínio (1º secretário) e Álvaro Chaves (3º secretário), dentre outros. Naquela data, o Dr. Álvaro Chaves também fora nomeado para integrar a comissão que redigiria o regimento do partido, juntamente com Aristides Lobo.²⁵⁰

A participação de Álvaro Chaves no partido republicano da Corte, os laços estreitados com alguns propagandistas, aproveitando-se deste convívio, provavelmente foi o que tornou possível uma efetiva colaboração de vários membros do partido nas publicações promovidas pelo Clube Republicano Rio-Grandense. O primeiro jornal lançado pela agremiação, e que teve vida efêmera, trazia artigos redigidos por Saldanha Marinho, Bocayuva, Campos Salles, José do Patrocínio e Prudente de Moraes.²⁵¹ Outro projeto de maior duração, periódico oficial do Clube Republicano Rio-Grandense chamava-se *Revista Federal* (1886-1887), publicação dirigida pelos gaúchos Álvaro Chaves, Romaguêra Corrêa e Francisco de Paula Maiwald. A publicação tinha como colaboradores assíduos o Dr. Saldanha Marinho, o Dr. Ennes de Souza (lente da Escola politécnica) e o Dr. Lúcio de Mendonça, que residia no Rio de Janeiro desde 1885. Tal projeto coletivo foi bem sucedido a ponto não só de circular, mas também de ser reconhecido internacionalmente.²⁵² A publicação era mensal e trouxe, ao longo dos dois anos em que foi editada, colaboração contínua dos acima citados.

A existência desse projeto demonstra o quão próximas podiam ser as atuações de propagandistas dos diferentes núcleos, quando facilitadas por algum tipo de vínculo social. Poderíamos mesmo caracterizar esse fenômeno como uma atuação política conjunta, em certos aspectos semelhante ao que ocorria com rio-grandenses e paulistas, estudantes da

Políticas (1821) e que também era charqueador. Portanto, a tradição das letras perpassava as gerações da família.

²⁵⁰ Jornal *A Federação*. 11.11.1885. Acervo do NPH (UFRGS). No ano seguinte, mais uma vez encontramos Álvaro Chaves participando dessa organização. A Assembleia consituente votada naquele ano, que tratava da organização do partido no município neutro, tinha como membros: Saldanha Marinho (presidente); Dr. José Napoles Telles de Menezes (1º vice-presidente); Dr. Antonio Ennes de Souza, engenheiro e lente da Escola Politécnica (2º vice-presidente); José do Patrocínio (1º secretário); Alfredo Luiz de Mello (2º secretário) e Álvaro Chaves (3º secretário) (Fonte: *A Revista Federal*, 30.06.1886 – Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

²⁵¹ Lembre-se que os paulistas Prudente de Moraes e Campos Salles já haviam participado de outros periódicos com os rio-grandenses da Faculdade de Direito de São Paulo, dentre eles Álvaro Chaves.

²⁵² *A Revista Federal* era lida especialmente pelos republicanos de Lisboa, que teciam inúmeros elogios à publicação. No jornal *O Século*, de 01-07-1886, encontramos a seguinte notícia: “Recebemos ontem o primeiro número da *Revista Federal*, e que visa espalhar as novas ideias no Brasil e a tornar conhecidos não só todos os trabalhos da agremiação democrática como também os homens eminentes que têm prestado serviço à causa” (Jornal *O Século*, 01.07.1886. Acervo da Biblioteca Nacional de Lisboa). No mesmo periódico, em publicação do dia 10-08-1886, publicou-se que: “Recebemos o número 2 desta preciosa publicação, que é admiravelmente escrita, tratando das questões magnas do partido, e registrando todo o movimento nas fileiras e novas adesões”. (Jornal *O Século*. 10.08.1886. Acervo da Biblioteca Nacional de Lisboa).

Faculdade de Direito, que participaram de vários jornais conjuntamente. Ainda assim, cremos que o tipo de vínculo nutrido entre amigos de faculdade trata-se de uma relação mais horizontal se comparada às relações travadas entre os moços com grandes ícones da política brasileira.

2.3.5 Os correligionários de além-mar: lisboetas também integravam a rede

Como já dissemos, também houve uma significativa relação de reciprocidade e troca entre os propagandistas brasileiros e portugueses. A atuação da *geração de 1870*, como sabemos, não era uma especificidade do momento de crise brasileiro, mas também caracterizava o cenário político português. Assim, para além do diálogo estabelecido entre alguns propagandistas da *geração de 1870* brasileira, havia também uma interlocução desta com o mesmo movimento em Portugal. Beatriz Berrini considera que não é possível entender as *gerações de 1870* separadamente, já que estas “[...] não compunham dois grupos distintos, porém formavam uma mesma plêiade em que brasileiros e portugueses se confundiam”.²⁵³ De acordo com a autora, o assíduo contato entre os brasileiros e portugueses desta comum geração de 1870, era de foro mais ou menos íntimo, envolvendo questões de caráter familiar e pessoal, do campo profissional, do domínio do debate de ideias e da partilha de projetos que cultivavam entre si.²⁵⁴ Logo, importa trabalhar os dois grupos através de seu assíduo contato, seja através das influências que ambas as literaturas exerciam uma sobre a outra, seja por meio da solidariedade prestada entre alguns de seus propagandistas.

Numa rápida definição, a fim de esclarecimento, a *geração de 1870* portuguesa, ou *geração nova*, “era formada por um grupo de jovens intelectuais, afastado do poder cultural e do poder político que contestaram, a propósito do ensino, o estado de ilustração do país”, lutando em prol de sua cientifização.²⁵⁵ Embora o debate pareça ter sido predominantemente literário, seus elementos mais aguerridos, como Teophilo Braga e Antero de Quental, pretendiam ir ainda mais longe do que a renovação do plano estético. Eles buscavam “conquistar uma hegemonia cultural que visava liquidar o sentimentalismo ultra-romântico, no plano político minar os alicerces da ordem monárquico-constitucional e no plano cultural

²⁵³ BERRINI, Beatriz. **Brasil e Portugal**: a geração de 70. Porto: Campo das Letras, 2003. p. 86.

²⁵⁴ Ibid.

²⁵⁵ CATROGA, Fernando. Os caminhos polêmicos da “Geração Nova”. In: MATTOSO, José. (Org.). **História de Portugal**: o Liberalismo (1807-1890). Lisboa: Estampa, 1998. V. V. p. 484.

combater a influência do catolicismo e da Igreja, em prol da razão e da ciência”.²⁵⁶ Podemos destacar ainda, dentre os integrantes dessa geração, alguns nomes como Ramalho Ortigão, Eça de Queirós, Oliveira Martins, Adolfo Coelho e Jaime Batalha Reis.²⁵⁷

A imprensa política, mais uma vez, foi um dos espaços privilegiados para o intercâmbio entre propagandistas brasileiros e portugueses, já que “não poucos portugueses eram colaboradores dos nossos periódicos, como alguns brasileiros também compareciam nas páginas dos jornais portugueses”.²⁵⁸ Portanto, do caráter inicialmente nacional das trocas²⁵⁹, traduzido na estreita relação entre os letrados que atuavam no Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, passamos a analisar a configuração de uma rede de letrados “transatlântica”, que conectava estes diversos grupos também aos republicanos portugueses.

O distanciamento geográfico entre os brasileiros e seus “correligionários de além-mar” era compensado pela similaridade do processo político vivenciado nos dois países. Daí que travavam “um diálogo que envolvia as respectivas pátrias, partilhavam inquietações, frustrações e problemas, sempre em busca de soluções dignas e honrosas”.²⁶⁰ Tal similaridade acabava aproximando a atuação política destes grupos, seja através de uma solidariedade prestada em diversas situações, seja na organização de projetos coletivos de propaganda política.²⁶¹ Além disso, provavelmente a língua comum tenha favorecido esse intercâmbio, já que facilitava a comunicação entre os membros das duas gerações de 1870. Segundo Berrini, “[...] a mesma língua sendo o veículo de expressão de ambos os lados do Atlântico, tal fato

²⁵⁶ Ibid., p. 484.

²⁵⁷ Há vários trabalhos sobre a geração de 1870 portuguesa. Ver, por exemplo: MACHADO, Álvaro Manuel. **A Geração de 70: uma revolução cultural e literária**. Lisboa: Editorial Presença, 1998; SIMÕES, João Gaspar. **A Geração de 70: alguns tópicos para a sua história**. 2.ed. Lisboa: Editorial Inquérito Limitada, s/d. Sobre os as trajetórias dos principais membros da geração de 1870 portuguesa, ver: MEDINA, João. **Eça de Queirós e a geração de 70**. Lisboa: Moraes, 1980; MINÉ, Elza. Prefácio. In: REIS, Jaime Batalha. **O descobrimento do Brasil intelectual pelos portugueses do século XX**. Organização, prefácio e notas de Elza Miné. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988. p. 11-41; CATROGA, Fernando. **O problema político em Antero de Quental: um confronto com Oliveira Martins**. Coimbra: Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra, 1981.

²⁵⁸ BERRINI, Beatriz. **Brasil e Portugal: a geração de 70**. Porto: Campo das Letras, 2003. p. 68.

²⁵⁹ Esse “nacional” refere-se, obviamente, à metade sul do Império. A importância de grandes políticos e figuras de proeminência nas letras que viviam na Bahia e em Pernambuco, por exemplo, foi notável e dispensa comentários. Homens como Joaquim Nabuco, Castro Alves, Rui Barbosa, entre outros, eram bastante respeitados no cenário aqui analisado. No entanto, os contatos dessa rede de letrados com outros agentes republicanos e abolicionistas do norte e do nordeste do Império não foram verificados com a mesma intensidade e fôlego da proposta desta dissertação. Tal análise ainda está por ser feita.

²⁶⁰ BERRINI, op. cit.

²⁶¹ Um exemplo era a *Revista de Estudos Livres*, que tinha como diretores, em Portugal, Theophilo Braga e Teixeira Bastos e, no Brasil, Américo Brasiliense, Sílvio Romero e Carlos Von Koseritz. Durante algum tempo, a Revista também contou com a colaboração do rio-grandense Argemiro Galvão. (*Jornal A Província de São Paulo*, 06.01.1884 – Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

acarretou em consequência uma unidade acima das autonomias (das literaturas) de cada uma.”²⁶²

Embora reconheçamos a importância desses fatores, cremos que a circulação de alguns homens é que fora, de fato, essencial para a efetivação e manutenção desse contato. Tamanho era o intercâmbio entre esses grupos que nos faz crer que laços de amizade entre alguns de seus membros devem ter se efetivado em algum momento, seja no Brasil ou em Portugal.²⁶³ Brasileiros e portugueses recebiam periódicos dos grupos aliados, publicavam cartas de seus correligionários políticos e, principalmente, divulgavam a produção uns dos outros. Portanto, temos elementos para crer que a existência de vínculos sociais entre alguns desses letrados é que tornava possível, ou pelo menos facilitava, o intercâmbio entre esses grupos. Embora a busca por esse ponto de contato, ou, pelo(s) indivíduo(s) que conectavam esses dois grupos, tenha sido exaustiva, conseguimos detectar quem era um destes agentes, bem como temos informações pontuais da circulação de outros homens de letras, que também podem ter favorecido esse contato.

Dessa maneira, pelo menos desde o ano de 1881, o português, então residente no Brasil, Boaventura Gaspar da Silva Costa Barbosa, realizava esse contato. As informações sobre a trajetória de Gaspar da Silva em textos e bibliografia acadêmica são esparsas. Entretanto, as menções ao seu nome nos jornais de época eram muitas, de modo que as principais informações que aqui trazemos acerca de sua trajetória foram reunidas a partir da leitura desses periódicos. Sabemos que Gaspar da Silva completou seus estudos em Coimbra e veio para o Brasil ainda moço;²⁶⁴ entretanto, nada podemos dizer sobre os possíveis motivos que o trouxeram. No Brasil, ele foi jornalista, livreiro e também escritor de livros. Republicano e abolicionista, atuou politicamente nas províncias de São Paulo e Minas Gerais. Na capital paulista foi redator da *República das Letras* (1876), e colaborador do jornal *A Província de São Paulo* em seus primeiros anos (1875-1879). No ano de 1880, já residia em Uberaba (MG), onde era redator do *Correio Uberabense* (órgão abolicionista) e do *Tiradentes*

²⁶² BERRINI, op. cit., p. 48.

²⁶³ Berrini enfatiza a convivência de alguns membros das gerações de 70 brasileira e portuguesa na Europa, especialmente em Paris e Londres. A autora destaca a residência de Eça de Queiroz, em Paris, como um importante ponto de encontro (Ibid., p. 76). Por sua vez, Elza Miné destaca a residência de Joaquim Nabuco, em Londres, e seus famosos jantares, como ambiente de encontro dos intelectuais (MINÉ, op. cit., p. 19).

²⁶⁴ Assim como no Brasil, as instituições de ensino superior cumpriram papel importante para a socialização dos membros da geração de 1870 portuguesa. Fernando Catroga destacou que, desde o início da década de 1870, haviam se formado vários núcleos de irradiação do positivismo, muitos deles nestas instituições. O autor pontua que, na Universidade de Coimbra, o ideário comtiano havia sido perflhado por professores de várias Faculdades, ao passo que no Porto o pensamento de Stuart Mill e Spencer haviam causado maior entusiasmo. Por outro lado, em Lisboa, a conversão de Theophilo Braga (lente do Curso Superior de Letras) ao positivismo, por volta da década de 1870, marcou decisivamente a orientação daquele estabelecimento de ensino. (CATROGA, op. cit., p. 488).

(jornal republicano). Ali fôra professor de filosofia positiva e vice-presidente do Clube Literário Uberabense, que promovia diversas atividades em favor da abolição e tinha como sócios importantes escritores portugueses e brasileiros.²⁶⁵

Retornando a Paulicéia, em 1883, foi nomeado chanceler do vice-consulado de Portugal em São Paulo. No mesmo ano fora redator literário do *Jornal do Comércio*; em 1884 começou a publicação do *Diário Mercantil*, órgão do qual era diretor, tornando-se, concomitantemente, membro da diretoria do Centro Abolicionista de São Paulo. No ano de 1886, abriu uma casa comercial, especializada na venda de vinhos e conhaques. No fim da década de 1880, fora agraciado pelo governo português com o título de 1º Visconde de São Boaventura. É de se imaginar que a própria passagem de Gaspar da Silva por inúmeros jornais o tenham tornado reconhecido na época. De fato, durante os anos em que residiu e atuou na imprensa paulista e mineira, o português travara contato com alguns importantes letrados, dentre eles Lúcio de Mendonça, com quem participou nos primeiros anos da *Província de São Paulo*, e Joaquim Nabuco, com quem travou inúmeras batalhas em prol da abolição dos escravos.

Embora, a princípio, não tivesse nenhum vínculo com a Faculdade de Direito de São Paulo, nutria intenso contato com os acadêmicos que ali estudavam, provavelmente fruto de sua passagem pelo jornal *A Província de São Paulo*, onde muitos estudantes faziam a sua iniciação na imprensa. De tal modo, em viagem à capital paulista, quando já residia em Minas Gerais, “foi recebido pela mocidade acadêmica da Paulicéia, que fez-lhe uma recepção entusiástica, oferecendo-lhe, inclusive, um samba literário, a que assistiram todos”. Conforme a notícia publicada no jornal, os triolets que compunham o samba foram escritos por Fontoura Xavier. Neles foram referenciados vários dos alunos da academia: Assis Brasil, Valentim Magalhães, Augusto de Lima, Randolpho Fabrino, Luiz Murat e Theophilo Dias, que estavam presentes na manifestação.²⁶⁶ O samba trazia uma homenagem, um brinde “ao vate de Uberaba” e tinha um tom de festejo, bastante descontraído. O fato dos moços terem se permitido certa liberdade para a escrita da homenagem, sugere a natureza do vínculo entre os acadêmicos e o português.

Logo, o português parecia ter inúmeros contatos, não só no meio jornalístico, mas no próprio meio acadêmico. Em um de seus artigos publicados na imprensa, Gaspar da Silva expôs a admiração que tinha em relação a alguns letrados e propagandistas brasileiros. Do

²⁶⁵ O Club Uberabense foi fundado no ano de 1881. Dentre seus sócios honorários figuravam Theophilo Braga, Ramalho Ortigão, Pinheiro Chagas, D. Guiomar Torrezão, Dr. Ferreira de Menezes, José do Patrocínio e Joaquim Nabuco. (*Jornal Gazeta da Tarde*, 24.05.1881. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira).

²⁶⁶ *Jornal Gazeta da Tarde*. 6 de julho de 81. Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

mesmo modo, Gaspar deixa claro o papel que exercia, no contato entre escritores brasileiros e portugueses, facilitando a circulação dos escritos entre uns e outros. Em suas palavras:

Admirador do pujante talento de alguns moços brasileiros, como Assis Brasil, Afonso Celso, Valentim Magalhães, Arthur Azevedo, Theophilo Dias etc., tenho procurado torná-los conhecidos em Portugal. Há poucos dias remeti à Sra. D. Guiomar Torrezão e a Rodrigues Cordeiro, versos de quase todos os novos poetas brasileiros. Ao mesmo tempo emprego os meios para popularizar no Brasil os nomes dos bons poetas portugueses.²⁶⁷

Gaspar da Silva, portanto, era um dos indivíduos que realizava a conexão entre brasileiros e portugueses, o que imprimia configuração internacional à rede de letrados que temos mencionado. No interior desse circuito que conectava vários indivíduos, Gaspar exercia um importante papel na divulgação e circulação da produção de uns e outros, especialmente dos trabalhos de cunho republicano e abolicionista - fossem eles em forma de poesia ou não - ideias que Gaspar também defendia.²⁶⁸ Em outra oportunidade, o português atestara mais uma vez sua vinculação com vários letrados e o meio pelo qual este contato era travado. Afirmou ele que, em sua gaveta, era possível encontrar “cartas honrosíssimas de Luiz Gama, de Mendes Leal, de Ferreira de Menezes, de Assis Brasil, de Raymundo Corrêa, de Theophilo Ottoni, de Afonso Celso Júnior e de muitos outros homens ilustres de Portugal e do Brasil”.²⁶⁹

O fato de encontramos essas referências às cartas trocadas por Assis Brasil e Gaspar da Silva sugere que ambos possuíam um significativo contato, pois mantinham correspondência. Tal era a estreiteza da relação entre ambos que, partilhando interesses comuns, solidarizaram-se em alguns projetos. No ano de 1882, o Dr. Lúcio de Mendonça, também amigo de Gaspar da Silva, noticiou a publicação de seu *Reverberos*, “título de um lindo volumesinho de poesia, primeiro de uma série intitulada – Viagem à roda da literatura – do nosso talentoso colega da imprensa, Gaspar da Silva [...]” e que traz “[...] um conceituoso prefácio escrito por Assis Brasil”.²⁷⁰

Como vimos, Gaspar havia admitido se empenhar na divulgação dos escritos do rio-grandense, sejam eles em forma de poesia ou não, ainda que ambas as formas fossem por ele

²⁶⁷ Jornal *Gazeta da Tarde*. 25 janeiro de 81. Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

²⁶⁸ Maria Tereza Chaves de Mello aponta que as ‘novas ideias’ trazidas a tona pelos homens da geração de 1870 deram ensejo, no Brasil, a uma robusta e variada produção que teve na chamada ‘poesia social’ o seu exemplo mais acabado. Conforme a autora, Valentim Magalhães teria qualificado esta forma de expressão de ‘cívica, revolucionária ou combatente’. Ainda para Mello, poetas de grande prestígio naquele momento, tais como Raimundo Correia, Teophilo Dias, Lúcio de Mendonça e outros, sobre o influxo do cientificismo, teriam se jogado contra a religião e o regime monárquico (MELLO, Maria Tereza Chaves de. A modernidade republicana. In: *Tempo* - Revista do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense, v. 13, 2009, p. 21).

²⁶⁹ Jornal *Gazeta da Tarde*. 15 de maio de 1883. Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

²⁷⁰ Jornal *O Colombo*. 02.05. 1882. Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

usadas com a finalidade de propagandear a República. Ao passo que Assis Brasil colaborou com Gaspar ao escrever o prefácio de seu livro em 1882, também o português contribuiu na divulgação do livro de Assis Brasil em Portugal, escrevendo ao jornal republicano *O Século*, de Lisboa.²⁷¹ Nas palavras de Gaspar da Silva:

O Sr. Assis Brasil, um dos mais fúlgidos talentos da nova geração brasileira, acaba de publicar um precioso livro intitulado *A República Federal*. Pela forma e pela idéia, é um trabalho verdadeiramente notável, que eu tomo a liberdade de recomendar aos republicanos portugueses e muito especialmente ao grande cidadão Theophilo Braga.²⁷²

O fato de Theophilo Braga, importante propagandista português, constar na lista de sócios do Clube Literário Uberabense, do qual Gaspar da Silva era diretor, indica que ambos mantinham algum tipo de vínculo, que podia ser acionado de várias maneiras, seja através de correspondência ou dos próprios periódicos de cunho republicano. A indicação especial de leitura a esse letrado demonstra que Gaspar conectava, de modo geral, os letrados brasileiros e os portugueses e, de modo mais específico, Braga e Assis Brasil, prestando mesmo um favor a este último ao divulgar sua obra aos correligionários de além-mar. Sem muita demora, o periódico *O Positivismo: Revista de Philosophia* publicou uma resenha de *A República Federal*. Da revista eram diretores Theophilo Braga e Júlio de Mattos que, além de companheiros na publicação, também eram cunhados. Coube ao último a escrita do comentário que trouxe vários elogios ao texto:

A República Federal é o título de um formoso volume que acaba de ser-nos oferecido pelo autor, um dos talentos mais robustos e mais bem orientados da moderna geração brasileira. Este volume tão profundamente pensado como vigorosamente escrito é, diz o autor, “destinado mais imediatamente àqueles que alimentam a aspiração revolucionária, sem disciplina e, muitas vezes, com perfeita consciência”. Quer dizer: é um livro de propaganda para ser lido por aqueles que, sentindo vagamente em face do mal estar social d’agora a necessidade de uma reorganização futura pela liberdade e pela democracia, não sabem formular essa necessidade nem precisar as bases d’essa organização.²⁷³

²⁷¹ Carvalho Homem, ao analisar o avanço do movimento republicano em Portugal, destaca o período de 1880-1885 como um período de grande agitação, marcado pela consolidação de uma imprensa democrática bastante duradoura. O autor pontua que um dos exemplos de maior sucesso editorial e de tiragem surpreendente era o jornal *O Século*, fundado em 1880, por Magalhães Lima. (HOMEM, Amadeu Carvalho. O avanço do republicanismo e a crise da Monarquia Constitucional. In: MATTOSO, José (Org.). **História de Portugal**. O liberalismo (1807-1890). Lisboa: Estampa, 1998. V. V. p. 116.)

²⁷² Jornal *O Século*. 16.09.1881. Acervo da Biblioteca Nacional de Lisboa.

²⁷³ MATTOS, Júlio de. *A República Federal*, por Assis Brasil. **O Positivismo**: Revista de Filosofia, a. 3, n. 6, p. 438, ago./set. 1881. Acervo da Biblioteca Nacional de Lisboa.

Na edição seguinte da revista, Mattos referiu-se novamente ao texto de Assis Brasil. Entretanto, nesse momento, ele associou-o ao livro de Alberto Salles e o periódico do qual ambos haviam participado, o que atesta não só a circulação dos escritos rio-grandenses, mas também da produção paulista entre os portugueses. Lembre-se que também com os paulistas Gaspar nutria intensas relações. Elogiando de forma genérica a organização do movimento republicano brasileiro, Mattos comentou que:

É notável o movimento democrático atual no Brasil. Não é uma agitação indisciplinada, um aspirar inconsciente e anárquico a reformas políticas e sociais, o que aí se observa; é, sim, uma forte opinião radicada, metodicamente posta à luz com a coragem serena e paciente, a mais poderosa de todas as coragens, emanada da ciência e alimentada por um forte patriotismo. [...] Motiva estas reflexões o oferecimento que o Sr. Alberto Salles, publicista brasileiro, acaba de fazer-nos do seu belo livro *Política Republicana*. Ainda não há muito noticiamos nesta revista o aparecimento da *República Federal* do Sr. Assis Brasil e já hoje denunciemos sob o mesmo ponto de vista de sua doutrinação. E ao lado dos livros estão os periódicos, alguns perfeitamente redigidos, como *A Lucta* de São Paulo.²⁷⁴

De fato, os republicanos portugueses liam muito os escritos brasileiros. Berrini destaca que “as revistas e periódicos de Portugal publicavam múltiplos e constantes artigos, críticas e resenhas sobre o Brasil e seus mentores”.²⁷⁵ A circulação dos opúsculos de propaganda brasileiros em terras de além-mar pode ser medida a partir do momento que encontramos vários anúncios de venda de livros nos jornais de Lisboa, dentre eles o de Assis Brasil: “*A República Federal*. Estudo político por Assis Brasil. Preço 800 réis. Vende-se na Rua do Arsenal, nº 96, Lisboa”.²⁷⁶ Em contrapartida, também no Brasil os escritos portugueses circulavam e eram alvo de comentários por parte de alguns propagandistas. No jornal *A Federação*, periódico oficial do PRR, Assis Brasil publicou um artigo onde tecia vários elogios ao livro de Teophilo Braga: “Sob o título – *Mal estar de Portugal* – o notável escritor português Theophilo Braga, escreveu recentemente uma vigorosa página, em que traçou com a mais eloquente verdade a situação atual de seu país.” Os comentários feitos a respeito do conteúdo do livro, provavelmente incitavam sua leitura pelos correligionários que tinham contato com o jornal: “O Brasil mantém com Portugal uma tal afinidade em política, que ainda nos mínimos aspectos não se pôde observar dissemelhança. Quase tudo, senão tudo, o

²⁷⁴ MATTOS, Júlio de. O movimento republicano no Brasil. **O Positivismo**: Revista de Filosofia, a. 4, n. 3, p. 246, maio/jun. 1882. Acervo da Biblioteca Nacional de Lisboa.

²⁷⁵ BERRINI, Beatriz. **Brasil e Portugal**: a geração de 70. Porto: Campo das Letras, 2003. p. 70.

²⁷⁶ Jornal *O Século*. 25 fevereiro 1882. Acervo da Biblioteca Nacional de Lisboa.

que escreveu o ilustre republicano português sobre o mal estar da sua pátria, pode ser aplicado, *mutatis mutandis*, à situação do nosso país [...]”.²⁷⁷

Como se pode ver, a circulação de livros e periódicos republicanos entre Brasil e Portugal foi um fenômeno bastante intenso ao longo da década de 1880, e certamente facilitado pela existência de relações pessoais entre alguns propagandistas. Gaspar da Silva prestou um grande favor a Assis Brasil, divulgando seu livro no jornal lisboeta e sugerindo a sua leitura ao amigo Theophilo Braga. O rio-grandense, por sua vez, comentou o livro de Braga, algum tempo após a revista que o lisboeta dirigia ter publicado uma resenha de sua *A República Federal*. Logo, por mais que ambos não se conhecessem pessoalmente, integraram uma dinâmica de reciprocidade, que só foi possibilitada a partir do momento que Gaspar da Silva, que nutria laços com ambos, a intermediou.

Por fim, para além da conexão que Gaspar da Silva realizava entre os letrados de Lisboa e do Brasil e do seu papel na divulgação dos livros em ambos os lados do Atlântico, é bastante provável que outros protagonistas também intermediassem alguns contatos e beneficiassem a circulação dos escritos de propaganda. Na leitura dos jornais, encontramos informações acerca de viagens realizadas entre os dois países, por alguns propagandistas. Essas viagens, ainda que não se prolongassem muito, oportunizavam inúmeros contatos e, também colaboravam para o intercâmbio entre as duas gerações de 1870 e, mais especificamente, para a solidariedade prestada entre os membros da rede de letrados. De tal modo, sabe-se, por exemplo, que no ano de 1881 o filho de Ramalho Ortigão esteve visitando São Paulo. Noticiou *A Província de São Paulo* que “Tem estado há dias nesta capital e em outros pontos da província o moço – José R. Ortigão, filho do distintíssimo escrito português Ramalho Ortigão, tão popular e apreciado no Brasil, como em sua pátria”. A notícia seguia enfatizando que “é justa homenagem ao esforçado publicista a curiosidade que entre nós desperta o seu filho”.²⁷⁸

Magalhães Lima também estivera no Brasil, perpassando por várias províncias no ano de 1884. A notícia de sua vinda enfatizava “Já partiu de Lisboa, com direção ao Brasil, trazendo os respectivos prospectos, o gerente da empresa tipográfica do *Paquete*, periódico destinado a enviar-nos notícias circunstanciadas do movimento republicano em toda a Europa”. Sobre o roteiro da viagem, dizia *A Federação*, “depois de visitar o Rio de Janeiro e São Paulo, virá ao Rio Grande - a Pelotas e a esta capital”.²⁷⁹ Por sua vez, José do Patrocínio

²⁷⁷ Jornal *A Federação*, 16.07.1884. Acervo do NPH (UFRGS).

²⁷⁸ Jornal *A Província de São Paulo*, 23.02.1881. Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

²⁷⁹ Jornal *A Federação*, 29.03.1884. Acervo do NPH (UFRGS).

estivera em Portugal em princípios de 1884 e, antes de deixar Lisboa, foi alvo de uma esplêndida manifestação, da qual participaram Manuel d'Arriaga, José Elias Garcia e Magalhães Lima. No ano de 1887, o paulista Júlio Mesquita esteve em Portugal, de onde retornou somente em princípios de 1888. Lá fez alguns contatos e inclusive conseguiu um colaborador para *A Província de São Paulo*, de que então era redator principal.

Em suma, procuramos demonstrar, ao longo do capítulo, que os republicanos, enquanto minorias políticas nas últimas décadas do século XIX, lançavam mão de algumas estratégias, que podiam colaborar para a difusão das ideias republicanas e a conquista de novos adeptos a causa. Analisando um grupo reduzido de indivíduos, percebemos que eles, com frequência, mobilizavam os laços existentes entre si - especialmente os vínculos de amizade -, a fim de facilitar a publicação ou mesmo a circulação de livros e jornais por eles assinados e recém-lançados a luz.

Desse modo, era comum que alguns propagandistas pedissem ajuda a outros melhor posicionados no mundo das letras, visando facilitar algumas publicações (lembramos da colaboração de Capistrano de Abreu na publicação dos livros de Assis Brasil). Por outro lado, a intervenção dos amigos em meio aos clubes/núcleos republicanos a fim de se publicar ou fazer circular os opúsculos de propaganda, também se constituíam em importante estratégia. Os comentários elogiosos que esses amigos escreviam na imprensa a respeito das novas publicações também se constituíam como importantes medidas, que visavam colaborar para sua circulação e, conseqüentemente, possibilitar novas adesões à causa da República.

Por mais que se tratasse de indivíduos que atuavam em locais geograficamente distantes, esses letrados tinham em comum algumas experiências compartilhadas, seja através de sua passagem pelas academias imperiais ou mesmo em função de encontros proporcionados quando residiam nessas grandes capitais. No caso dos vínculos com os lisboetas, vimos que, era a circulação de alguns homens que possibilitavam alguns contatos, fosse através do período de residência de portugueses no Brasil e vice-e-versa, fosse através de viagens mais pontuais. Essa circulação possibilitava que ideias fossem trocadas e mesmo projetos fossem compartilhados, gerando mesmo uma solidariedade entre alguns propagandistas, que ao fim e ao cabo, trazia benefícios a todos eles, já que divulgava a um público mais amplo as novas ideias e os novos projetos políticos defendidos para ambas as nações.

Tanto a escrita como a leitura, além das críticas que disparavam ao regime e os novos ideais que compartilhavam para a nação faziam parte da experiência social desses agentes e acabavam por aproximá-los, facilitando a criação de diversos vínculos entre si, vínculos estes

que se traduziam em diversos tipos de solidariedades. Estas solidariedades, conforme apontamos no início deste capítulo, não se resumiam apenas à contribuição que estes agentes prestavam uns aos outros na publicação e circulação de seus escritos – ainda que esta fosse uma importante atribuição da rede -, mas se estendiam a várias outras situações. Embora os limites deste trabalho não nos tenham permitido avançar nas demais atribuições da rede de letrados, é possível indicar que existia uma solidariedade entre os grupos republicanos, que ia desde o apoio em adversidades atravessadas nos momentos de disputa eleitoral até situações de maior visibilidade política. Exemplo deste último caso são as inúmeras manifestações de apoio que os republicanos rio-grandenses receberam ao se pronunciarem a favor da Moção São Borja e ao problematizarem as questões militares, ocorridas entre os anos de 1887 e 1888. Manifestações solidárias e de apoio político foram encontradas em vários dos periódicos ligados aos grupos políticos que pesquisamos, em especial aqueles vinculados ao núcleo de republicanos paulistas.

A análise da rede de letrados, que tinha Joaquim Francisco de Assis Brasil como um de seus principais agentes, contribuiu para demonstrarmos que o movimento de circulação de novas ideias nas últimas décadas do século XIX, não se dava somente no sentido de difusão do centro do país em relação às províncias mais afastadas. Ao invés disso, no interior deste fenômeno, onde atuavam tanto os protagonistas de províncias mais centrais quanto das mais periféricas, seus membros reconheciam a importância uns dos outros, independente do seu local de origem e de sua posição no meio intelectual e jornalístico.

Entretanto, esses letrados não travavam apenas relações entre si e propagandeavam a República em âmbito discursivo; pelo contrário, participavam integralmente do jogo político da época, integrando clubes republicanos, participando da criação de partidos políticos, disputando eleições e, mais do que isto, relacionando-se com outros correligionários de menor instrução. É sobre esses correligionários que iremos falar no próximo capítulo.

3 OS ELEITORES REPUBLICANOS DO TERCEIRO CÍRCULO ELEITORAL E A ELITE REPUBLICANA DA PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DO SUL

No capítulo anterior, analisamos a atuação de alguns dos principais líderes republicanos rio-grandenses no interior de uma rede de letrados, que tinha por finalidade propagandar a República. Dessa rede faziam parte indivíduos que, em função de terem avançado consideravelmente em seus estudos – muito deles, inclusive, tinham formação acadêmica superior – e de terem atuado em publicações diversas, tornaram-se alguns dos principais difusores do ideal republicano. A configuração desse circuito, que tinha bases nacionais e internacionais, implicava numa solidariedade entre esses republicanos, especialmente no que dizia respeito a fazer circular os escritos de uns e outros.

Portanto, à primeira vista, esses indivíduos formavam uma elite intelectual dentro do movimento republicano. Entretanto, os atores que compunham esse circuito não atuavam somente em relação uns aos outros e em âmbito mais discursivo, mas interagem, em suas regiões, com os demais adeptos da causa republicana – em muitos casos convencendo-os a essa adesão – de forma mais pragmática. Desse modo, tomaram a dianteira na criação dos partidos políticos e clubes republicanos, disputavam eleições, relacionavam-se com os correligionários locais, ou seja, participavam integralmente do jogo político da época. Mais do que isso, sabiam da importância de manter esse relacionamento com os correligionários locais e, de modo mais abrangente, com a região pela qual disputavam as eleições.

Esse era o caso de Assis Brasil, por exemplo, que, membro da rede de letrados, também fora um dos fundadores do Clube Republicano de São Gabriel e presidente da agremiação por vários anos. De fato, como integrante de dois círculos de relacionamentos bastante distintos, alguns atributos que lhes eram inerentes possibilitavam que ele conseguisse transitar por esses dois universos e conectá-los, sem maiores dificuldades. O propagandista, de fato, era hábil em adaptar o discurso republicano, teoricamente mais elaborado e que circulava nas grandes capitais, a uma linguagem mais simples, e, portanto, possível de ser compreendida no mundo rural (região da campanha e núcleo missioneiro).

No Rio Grande do Sul, conforme já mencionamos anteriormente, a região fronteira foi a que mais cedo se mobilizou, criando diversos clubes republicanos.²⁸⁰ Sua mobilização

²⁸⁰ Conforme Ramos, entre os anos de 1882 e 1883 já havia clubes nos municípios de São Borja, Santo Ângelo, São Luiz Gonzaga, Itaqui, Uruguaiana, Alegrete, Rosário do Sul, São Gabriel, Livramento, Bagé e Jaguarão. RAMOS, Eloísa H. Capovilla. **O Partido Republicano rio-grandense e o poder local no litoral norte do Rio Grande do Sul (1882-1895)**. 1990. 284 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, UFRGS, Porto Alegre, 1990. p. 74

foi eficiente a ponto de a região ser a única da Província a eleger um deputado republicano à Assembleia: Assis Brasil. Mas, para além desses poucos letrados, que assumiam mesmo certa liderança no interior dos núcleos republicanos, qual era o perfil do conjunto de indivíduos que esse tipo de agremiação atraía? Desse modo, a pergunta principal, que tentaremos responder no início deste capítulo, está relacionada ao perfil do eleitorado republicano do terceiro círculo eleitoral e alguns dos possíveis motivos da significativa adesão ao republicanismo nesta região.

As principais pesquisas relativas ao movimento republicano na Província destacaram majoritariamente a atuação dos líderes republicanos de maior notabilidade conferindo pouca ou quase nenhuma atenção àqueles que tinham atuação mais restrita às suas comunidades locais, embora estes também tivessem papel importante no interior do partido. Desse modo, não existem pesquisas que tenham tratado do perfil socioeconômico do eleitorado republicano e as próximas páginas buscam suprir esta lacuna na historiografia sobre o tema. Assim, em um primeiro momento, realizaremos uma análise prosopográfica do grupo de eleitores do terceiro círculo, a fim de saber quem eram os indivíduos que aderiram ao movimento republicano naquela região. Depois, retomaremos o debate historiográfico a respeito do perfil das lideranças do PRR, e, a partir de um novo exercício prosopográfico, pretendemos colaborar para a revisão deste perfil que tem sido reproduzido ao longo dos anos.

3.1 OS ELEITORES REPUBLICANOS DO TERCEIRO CÍRCULO ELEITORAL

A presente análise objetiva propor um perfil socioeconômico dos indivíduos que, entre os anos de 1881 e 1889, participaram das reuniões dos clubes republicanos no 3º círculo eleitoral ou apoiaram localmente estes núcleos de propaganda. A partir disso, será possível vislumbrar o perfil do eleitorado republicano na fronteira, tanto na região da campanha como na missioneira, ou seja, dos homens que trabalharam para eleger Assis Brasil ao parlamento provincial e que formavam a sua base social e política local e regional. A esse grupo, a partir de agora, chamaremos *Grupo Eleitores*. Muitos deles eram líderes políticos nos distritos rurais em que residiam e era em nome deles que Assis Brasil atuava no Parlamento, conforme veremos no capítulo seguinte.

Para realizar este estudo foram analisados os livros de atas das reuniões dos clubes republicanos de Alegrete, São Borja e São Gabriel, e uma listagem dos republicanos de

Uruguaiana.²⁸¹ Essas quatro localidades constituíam-se nos principais municípios do círculo eleitoral, sendo São Borja representativa da região missioneira. A partir dessa pesquisa inicial foi possível estabelecer a população primária. Essa soma 399 indivíduos, reunindo 71 indivíduos em Alegrete, 86 em São Gabriel, 126 em São Borja e 117 em Uruguaiana. Não obstante, Alegrete apresenta um caso à parte. Além dos 71 homens que frequentaram as reuniões do clube republicano, temos outros 116 que assinaram um manifesto de apoio à Moção São Borja, no ano de 1887.²⁸² Nossa opção foi a de não agregá-los em parte da análise que será realizada, já que muitos deles não participaram de nenhuma reunião do clube. Apesar disso, eles não foram totalmente desprezados, pois se tratava de apoiadores em potencial, servindo como um indício de como o republicanismo vinha se difundindo em Alegrete. Trataremos deles em alguns momentos do capítulo. Nessas oportunidades, eles serão identificados como os *Republicanos do Manifesto de Alegrete (1887)*.

Tendo estabelecido a referida população primária, nosso próximo passo foi cruzar os nomes destes indivíduos com outras fontes documentais que poderiam nos dar informações acerca de suas profissões, idade, escolaridade, entre outras. Entre as principais fontes pesquisadas estão as listas de qualificação de Votantes e da Guarda Nacional para os respectivos municípios. Essa etapa juntou-se à outra, na qual foi realizada uma profunda pesquisa bibliográfica em dicionários biográficos e histórias municipais. Na última etapa da pesquisa, buscamos localizar os inventários *post-mortem* dos mesmos republicanos do grupo ou de suas cônjuges (pois nesta ocasião eram avaliados os bens do casal), com a finalidade de obter uma estimativa aproximada de sua riqueza e padrões de vida.

O tratamento quantitativo dado ao material citado acima inspirou-se em diferentes autores. Além das recomendações teórico-metodológicas sobre o uso da prosopografia para a análise das elites²⁸³, nos baseamos em trabalhos que utilizaram o método para tratar de elites políticas em diferentes níveis de atuação.²⁸⁴ Para a análise da riqueza e das estruturas agrárias

²⁸¹ Livro de Atas do Clube Republicano de São Gabriel. Acervo do Museu João Pedro Nunes (São Gabriel); Livro de Atas do Clube Republicano de Alegrete (1882-1889). Fundo Diversos - República. Maço 01. Nº 04. (AHRs); Livro de Atas do Clube Republicano de São Borja (IHGRGS). A Listagem dos republicanos de Uruguaiana foi publicada por SOARES, Manoel Adolpho. **Uruguaiana: um século de história (1843-1943)**. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Livraria do Globo, 1942.

²⁸² Alegrete – Abaixo assinado em favor do Plebiscito. 25.02.1888. Arquivo Pessoal de Aparício Mariense da Silva (AM – AM052 – IHGRS). Em outra oportunidade (Introdução, nota de rodapé nº 26), já oferecemos ao leitor uma rápida explicação acerca do caso da Moção São Borja.

²⁸³ HEINZ, Flávio Madureira. O historiador e as elites – à guisa de introdução. In: _____ (Org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 07-15; CHARLE, Christophe. A prosopografia ou biografia coletiva: balanço e perspectivas. In: HEINZ, op. cit., p. 41-53; STONE, Lawrence. Prosopografia. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba: UFPR, p. 115-137, n. 39, 2011.

²⁸⁴ CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem: a elite política imperial / Teatro das Sombras: a política imperial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003; MARTINS, Maria Fernanda. **A velha arte de**

do grupo, a leitura de outras pesquisas foi fundamental, assim como os métodos empregados por estes autores.²⁸⁵ Como o tratamento quantitativo foi somente uma etapa da pesquisa, num segundo momento aprofundamos a análise dos resultados estudando as relações familiares entre os membros do clube com o objetivo de enriquecer o painel socioeconômico e político.

3.1.1 Análise dos dados coletados: *grupo eleitores*

O primeiro ponto a ser desenvolvido trata da ocupação profissional e/ou das atividades econômicas em que os republicanos do círculo estavam envolvidos. A primeira ressalva a se fazer é que esse tipo de informação é bastante difícil de ser encontrada. Autores que pesquisaram elites políticas de maior notabilidade nunca conseguem 100% das informações. Para os deputados provinciais da Bahia, por exemplo, Katia Mattoso obteve pouco mais da metade desses indicadores.²⁸⁶ São Gabriel foi o município em que obtivemos o maior sucesso, visto que foram localizadas as ocupações/profissões para 50% do grupo. Alegrete foi o segundo colocado, com 46,5%; seguido de Uruguaiana, com 39%; e São Borja, com 31%. No geral, localizamos essas informações para 40% dos 399 republicanos dos quatro municípios somados. Tendo em vista a pouca proeminência social dos indivíduos que formavam o grupo – lembramos que eles atuavam apenas localmente, no interior da Província – acreditamos ser esse um bom índice para realizar uma análise do perfil socioeconômico dos mesmos.

Algumas questões se destacam inicialmente na Tabela 1. Optamos por dividir as ocupações/profissões em três subgrupos distintos, utilizando como referência a divisão estabelecida por José Murilo de Carvalho.²⁸⁷ Esse critério, sabe-se, não está livre de problemas metodológicos e, portanto, está sujeito a críticas. No entanto, trata-se somente de

governar: um estudo sobre política e elites a partir do Conselho de Estado (1842-1889). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2007; VARGAS, Jonas Moreira. **Entre a paróquia e a Corte:** os mediadores e as estratégias familiares da elite política do Rio Grande do Sul (1850-1889). Santa Maria: UFSM/Anpuh-RS, 2010; VISCARDI, Cláudia. VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. **Elites políticas mineiras na Primeira República Brasileira:** um levantamento prosopográfico. Porto Alegre: FEE, 2000 (Comunicação - Primeiras Jornadas de História Regional Comparada - FEE).

²⁸⁵ FARINATTI, Luís Augusto Ebling. **Confins meridionais:** famílias de elite e sociedade agrária na fronteira sul do Brasil (1825-1865). 2007. 421 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, UFRJ, Rio de Janeiro, 2007; GARCIA, Graciela. **O domínio da terra:** conflitos e estrutura agrária na campanha rio-grandense oitocentista. 2005. 191 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, UFRGS, Porto Alegre, 2005; ORTIZ, Helen Scorsatto. **O banquete dos ausentes:** a lei de terras e a formação do latifúndio no norte do Rio Grande do Sul (Soledade – 1850-1889). 2006. 213 f. Dissertação (Mestrado em História) – UPF, Passo Fundo, 2006; VARGAS, Jonas Moreira. **De charque, couros e escravos:** a concentração de riqueza, terras e mão-de-obra em Pelotas (1850-1890). **Revista Saeculum**, João Pessoa: Univ. Federal da Paraíba, 2013, no prelo.

²⁸⁶ MATTOSO, Kátia. **Bahia:** uma província no Império. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

²⁸⁷ CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem:** a elite política imperial / Teatro das Sombras: a política imperial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

uma opção expositiva e que busca evitar reunir num mesmo grupo indivíduos que recebiam do governo vencimentos fixos e que estavam sujeitos aos desmandos dos seus superiores (*burocracia*), indivíduos que extraíam suas rendas das atividades ligadas à terra (em geral, com o trabalho de escravos) e/ou ao comércio de mercadorias (*economia*), de pessoas que eram “profissionais” no exercício de suas funções, atuando geralmente na cidade e apresentando certas especificidades técnicas, que necessitavam de certo saber especializado (*profissões*).

Exercer múltiplas atividades, como já indicaram outros autores, era uma das características das elites brasileiras no século XIX.²⁸⁸ Daí que o critério para separar os indivíduos nos subgrupos *economia* e *profissão* foi o mesmo realizado por outros pesquisadores.²⁸⁹ Sempre que o indivíduo possuía um diploma de curso superior (Direito, Medicina e Engenharia), o mesmo era classificado entre os “profissionais”. No geral, eram esses os que poderiam acumular funções, atuando no jornalismo, lecionando em cursos superiores ou em atividades ligadas ao subgrupo *economia*. É provável que os profissionais de menor prestígio social (carpinteiros, professores, farmacêuticos, artistas, boleiros etc.) reservavam-se a exercer somente as suas atividades. No entanto, como demonstrou Jonas Vargas²⁹⁰, entre os advogados era comum que muitos também fossem grandes proprietários. O próprio Assis Brasil, que era advogado, declarou-se fazendeiro diante dos seus eleitores, embora não cuidasse dos negócios da família. Ele declarou-se enquanto tal certamente por ser filho, cunhado e irmão de fazendeiros.²⁹¹ Em função disso, ao longo deste capítulo iremos demonstrar que uma abordagem que tome as famílias como unidades políticas principais é mais proveitosa do que uma que tome os indivíduos de forma isolada, especialmente nesta sociedade.²⁹²

Prosseguindo na análise dos dados, é importante ressaltar que, de acordo com Carvalho, o subgrupo *burocracia* estaria menos propenso a se envolver com o movimento republicano, pois seus integrantes eram empregados do governo monárquico e podiam sofrer represálias ou até exoneração por conta deste envolvimento. A exceção, segundo esse autor, estaria entre os militares, que, de fato, tiveram importante papel na propaganda republicana e

²⁸⁸ MARTINS, Maria Fernanda. **A velha arte de governar**: um estudo sobre política e elites a partir do Conselho de Estado (1842-1889). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2007.

²⁸⁹ CARVALHO, op. cit.; VARGAS, Jonas Moreira. **Entre a paróquia e a Corte**: os mediadores e as estratégias familiares da elite política do Rio Grande do Sul (1850-1889). Santa Maria: UFSM/Anpuh-RS, 2010.

²⁹⁰ VARGAS, op. cit.

²⁹¹ Será visto no próximo capítulo.

²⁹² Como enfatizaram VARGAS, op. cit.; MARTINS, op. cit.; e GRAHAM, Richard. **Clientelismo e política no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

na difusão do positivismo. Os militares teriam funcionado como uma contra-elite dentro do sistema político imperial, se opondo aos bacharéis.²⁹³

Tabela 1 – Profissões e atividades econômicas dos membros dos clubes republicanos por município

Atividade econômica/ Profissional	Municípios				Total
	Alegrete	São Gabriel	São Borja	Uruguaiana	
Magistrados	1	1	-	-	2
Empregados públicos	-	2	-	1	3
Militares	-	15	6	1	22
Padres	1	-	1	-	1 ²⁹⁴
Total Burocracia	2	18	7	2	28
Professor	-	1	-	-	1
Estudante	-	-	-	2	2
Advogados	4	5	2	4	15
Jornalistas	-	-	-	1	1
Médicos	-	2	1	-	3
Engenheiros	1	1	-	-	2
Farmacêuticos	1	-	1	1	3
Rábula	-	-	2	1	3
Carpinteiro	-	-	1	-	1
Boleeiro	1	-	-	-	1
Cirurgião	-	-	1	-	1
Padeiro	-	-	-	1	1
Artista	-	1	2	-	3
Total Profissões	7	10	10	10	37
Fazendeiros/criadores	18	11	12	18	59
Comerciantes	3	3	2	4	12
Agência	-	-	3	12	15
Proprietário	3	1	5	1	10
Total Economia	24	15	22	35	96
Não localizados	38	43	87	70	238
Total	71	86	126	117	399

Fonte: A construção da tabela tomou como base as informações de fontes como inventários *post-mortem* (APERS), listas de qualificação de votantes (AHRs) e listas de qualificação da Guarda Nacional (AHRs).

A Tabela 1 demonstra que no 3º círculo a presença dos militares entre os republicanos foi bastante significativa. Em termos quantitativos, esse grupo só perdeu em importância para os fazendeiros/criadores. No entanto, é importante fazer uma ressalva: é possível que entre os militares indicados na Tabela 1 estejam alguns estudantes da Escola Militar do Rio de Janeiro ou de Porto Alegre, pois não nos foi possível identificar com precisão estas informações. Caso fossem estudantes, isto os retiraria do grupo *burocracia*. Ainda assim, como São Gabriel possuía muitas companhias e batalhões do Exército, é provável que vários dos militares presentes na Tabela estivessem prestando serviços naquele município. Em resumo, é possível

²⁹³ CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem**: a elite política imperial / Teatro das Sombras: a política imperial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

²⁹⁴ Trata-se do mesmo padre que esteve presente em sessões nos clubes de Alegrete e São Borja. Portanto, na soma total contabilizamos somente um indivíduo.

afirmar que mais de 1/3 do grupo republicano gabrielense era formado por militares. Entre esses, havia desde veteranos da Guerra do Paraguai, como Acácio de Faria Corrêa, até soldados rasos humildes, como Alípio Menezes, que faleceu na pobreza.

Podemos dizer, de início, que o republicanismo em São Gabriel, mais do que em qualquer outra localidade aqui analisada, tinha um importante espaço dentro dos quartéis. Não foi por coincidência que os irmãos Assis Brasil atraíram dois desses oficiais propagandistas do grupo gabrielense para se casarem com suas irmãs: o Tenente Juvêncio Zubaran e o Capitão Miguel de Oliveira Paes. Esse último estudou na Escola Militar da Corte, importante centro positivista e republicano, e devia ser um importante interlocutor entre a família e a mocidade republicana²⁹⁵, ajudando a explicar o sucesso de Assis Brasil entre os militares.²⁹⁶

O subgrupo dos *profissionais* formava 23% do total dos republicanos com informações. Tratava-se do grupo mais diversificado da nossa amostra. Os advogados somados aos 2 estudantes de Direito formavam quase a metade do grupo. Os médicos (3) e os engenheiros (2) somavam-se aos republicanos com formação superior. Aliás, de todos os republicanos aqui analisados, pelo menos 25 deles, ou seja, 15,5%, possuíam formação educacional de nível considerado superior.²⁹⁷ Esse número devia ser maior, visto que não foi possível identificar os militares que estudaram nas academias do Império. Esse índice é totalmente aceitável, visto que estamos analisando membros de clubes políticos e eleitores em regiões agrárias e com organização de caráter local e não a elite republicana da Província (potencialmente elegível a altos cargos), o que será realizado no final deste capítulo.

Os demais profissionais formavam uma pequena minoria e exerciam atividades de menor prestígio. Os rábulas (advogados provisionados e sem diplomas), sempre presentes nos foros do século XIX, comumente se destacavam entre as elites políticas locais.²⁹⁸ Também exerciam atividades mais intelectualizadas um professor público e um jornalista. Além desses, temos três artistas (um deles era um ourives), um farmacêutico, um carpinteiro, um boleeiro, um padeiro e um cirurgião. Notamos que eram todas profissões exercidas nas cidades. Alguns deles compunham os setores mais pobres entre os republicanos.

²⁹⁵ CASTRO, Celso. **Os militares e a República**: um estudo sobre cultura e ação política. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

²⁹⁶ Lembramos que, conforme apontamos no primeiro capítulo, seu livro *A República Federal* era leitura obrigatória entre os membros de um clube republicano secreto, formado pelos alunos da Academia, conforme aponta Castro. *Ibid.*, p. 81.

²⁹⁷ Desses 25, também havia dois doutores em Uruguaiana cuja profissão não foi identificada, um padre e dois militares diplomados na Escola do Rio.

²⁹⁸ VARGAS, Jonas Moreira. **Entre a paróquia e a Corte**: os mediadores e as estratégias familiares da elite política do Rio Grande do Sul (1850-1889). Santa Maria: UFSM/Anpuh-RS, 2010;

De longe, a principal atividade exercida pelos republicanos em todos os municípios era a de fazendeiros/criadores de gado – os militares só perdiam para eles. Eles compunham 61,4% do subgrupo *economia* e 36,6% de todos os republicanos para os quais encontramos informações. É muito provável que o número de criadores fosse ainda maior, visto que não localizamos a atividade de uma boa parte do grupo, como já dissemos.²⁹⁹ Além daqueles que se autodeclararam “proprietários”, qualificamos também neste grupo aqueles que possuíam muitas terras e nenhum rebanho, podendo arrendá-las, e aqueles que tinham como único patrimônio muitas casas na cidade. Os proprietários somavam 10 republicanos. Vivendo na cidade também havia 12 comerciantes, que formavam um grupo importante, visto que as lojas e vendas eram um ponto de grande circulação de pessoas e certamente serviam para o contato e disseminação de ideias.

O núcleo dos “agências” completava o subgrupo *economia*. Ser um “agência” no século XIX significava que o indivíduo “vivia de suas agências”, ou seja, não possuía uma única ocupação que o definisse, como criador ou negociante. O agência geralmente era mais pobre que aqueles. Podia realizar transações com gado e animais diversos, realizar pequenos negócios, possuir uma roça, vender sua força de trabalho eventualmente ou executar outras tarefas. Dos 12 republicanos que o Conselho de Qualificação de Uruguaiiana classificou como “agência”, conseguimos localizar o inventário de somente um deles. Luciano Gomes faleceu em 1893 e possuía dois terrenos na cidade, cedidos pela Câmara Municipal, uma chácara e uns terrenos numa sesmaria. É provável que Gomes residisse na chácara e buscasse negociar alguma produção da mesma. Como não tinha animais, devia arrendar parte dos outros terrenos. Seu patrimônio está entre os menores de todo o grupo.

O significativo número de “agências” em Uruguaiiana está relacionado, é preciso ressaltar, ao tipo de fonte que utilizamos para analisar este município. O município foi o único para o qual localizamos listas de qualificação para a Guarda Nacional na década de 1880. Levando em conta que a Guarda qualificava a maior parte dos homens livres maiores de 21 anos, foi possível chegar até esses indivíduos pouco conhecidos e de menores posses. Se tivéssemos encontrado listas da Guarda para os outros municípios, provavelmente iriam aparecer outros “agências”, pois é muito difícil obter informações sobre estes sujeitos mais pobres em fontes como inventários *post-mortem*, dicionários biográficos, entre outros. Tendo em vista o tipo de atividades do mencionado Luciano Gomes, classificamos outros três

²⁹⁹ Lembramos que esses municípios tinham como principal atividade a criação de gado e que pequenos criadores tendiam a não dar início a processos de inventários.

indivíduos de São Borja como “agências” por apresentarem um patrimônio bastante semelhante ao dele.

Tendo observado o perfil sócio-ocupacional dos republicanos do 3º círculo, agora analisaremos melhor a hierarquia socioeconômica no interior do grupo. Seria o eleitorado republicano economicamente mais pobre se comparado ao monarquista? Os dados expostos a seguir começam a sugerir que isso servia para algumas regiões, mas talvez não para outras, e, mais do que isto, que dentro dos próprios clubes havia muita diferença entre as fortunas. A fim de testar essa hipótese, partimos da listagem dos 399 indivíduos dos clubes republicanos dos quatro municípios analisados e buscamos localizar os seus inventários *post-mortem* no Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. Essa pesquisa resultou numa amostra de 75 inventários, ou seja, poucos menos de 20% do grupo. De acordo com o que ressaltaram os autores trabalhados, estamos cientes de que os inventários *post-mortem* sobrerrepresentam a população analisada, pois negligenciam a camada mais pobre da sociedade, cujos bens praticamente não são passíveis de serem inventariados.³⁰⁰ No entanto, como não estamos tratando de um grupo cuja presença de homens livres pobres tenha grande destaque, essa análise é válida.

Tabela 2 – Propriedades urbanas e bens rurais nos inventários *post-mortem* analisados por município

	Municípios				Total
	Alegrete	São Gabriel	São Borja	Uruguaiana	
Inventários com reses de criar	24	7	13	6	50
Inventários com imóveis rurais	26	9	17	6	58
Inventários com imóveis urbanos	11	5	11	6	33
Total de inventários	28	13	24	10	75

Fonte: Inventários *post-mortem* (APERS).

A pesquisa com os inventários *post-mortem* reforça aspectos verificados anteriormente e aponta outros para serem investigados. A partir da Tabela 2 é possível perceber que 58 dos inventariados (77.3%) possuíam imóveis rurais em seus municípios. Foram classificados

³⁰⁰ Além dos trabalhos já citados VARGAS, Jonas Moreira. **Entre a paróquia e a Corte**: os mediadores e as estratégias familiares da elite política do Rio Grande do Sul (1850-1889). Santa Maria: UFSM/Anpuh-RS, 2010; e MARTINS, Maria Fernanda. **A velha arte de governar**: um estudo sobre política e elites a partir do Conselho de Estado (1842-1889). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2007, o texto do historiador João Fragoso também problematiza a questão. Para mais informações, ver: FRAGOSO, João; PITZER, Renato Rocha. Barões, homens livres pobres e escravos – notas sobre uma fonte múltipla. Os inventários *post-mortem*. **Revista Arrabalde**s, Petrópolis, a. I, n. 2, p. 37, set./dez. 1988.

como imóveis rurais as propriedades que apareciam como estâncias, fazendas, estabelecimentos rurais, partes de campos ou sesmarias. Dos 75 inventariados, 50 possuíam rebanhos de gado *vacum* (66,6%). Ainda é importante mencionar que menos da metade dos inventariados possuía casa na cidade. Essa informação evidencia o forte caráter rural do grupo aqui analisado.

O caráter rural desse grupo é reforçado mais ainda quando agregamos os dados da Tabela 2, inter-relacionando os mesmos. A partir disso verificamos que, dos 33 proprietários de imóveis urbanos, somente 11 não possuíam também imóveis rurais. Desse modo, somente 14,6% de todos os inventariados eram, sem dúvida, moradores da cidade e ligados a sua vida urbana (para os padrões da época). Portanto, é possível concluir que o movimento republicano no 3º círculo, envolvendo a campanha e a região missioneira, possuía uma forte base social no meio rural. Dos 28 inventariados de Alegrete, por exemplo, somente 2 eram moradores na cidade e não possuíam imóveis rurais. Um deles era um comerciante e o outro um boleiro. Além disso, analisando os inventários percebemos que grande maioria dos proprietários criavam seus gados em suas próprias terras. Portanto, havia poucos indivíduos despossuídos de imóveis (somente 3) e poucos arrendatários, o que demonstra que, entre os criadores de gado, o grupo era formado por proprietários de terra, o que, sem dúvida, não os colocava entre os setores mais pobres daquela sociedade. Contudo, uma análise da composição dos seus rebanhos e dos montantes acumulados em vida pode trazer outras questões para a análise.

Conforme demonstra a Tabela 3, mais da metade dos criadores de gado do grupo podiam ser classificados como *pequenos criadores*, pois possuíam rebanhos menores do que 500 reses. De acordo com Farinatti e Garcia, essa era a faixa que separava pequenos de médios criadores em Alegrete nas primeiras décadas da segunda metade do século XIX. Entretanto, isso não significa que todos eles pertencessem às camadas pobres da sociedade. Como demonstrou Garcia, boa parte desses pequenos criadores possuía escravos.³⁰¹ Além disso, conforme demonstrou Farinatti, a pequena criação de animais podia ser combinada com outras atividades econômicas e estar associada a uma economia familiar que envolvia outros membros da casa, empregados em outras ocupações acessórias e complementares.³⁰²

³⁰¹ GARCIA, Graciela. **O domínio da terra**: conflitos e estrutura agrária na campanha rio-grandense oitocentista. 2005. 191 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, UFRGS, Porto Alegre, 2005.

³⁰² FARINATTI, Luís Augusto Ebling. **Confins meridionais**: famílias de elite e sociedade agrária na fronteira sul do Brasil (1825-1865). 2007. 421 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, UFRJ, Rio de Janeiro, 2007.

Tabela 3 – Faixas de rebanho por município entre os republicanos inventariados

Faixas de rebanho de gado vacum	Municípios				
	Alegrete	São Gabriel	São Borja	Uruguaiana	Total
A Mais de 2000 reses	2	-	-	1	3
B De 1001 a 2000 reses	5	1	4	-	10
C De 501 a 1000 reses	3	3	2	2	10
D De 201 a 500 reses	6	2	1	1	10
E De 101 a 200 reses	6	-	1	1	8
F Menos de 100 reses	2	1	5	1	9
Total de inventários	24	7	13	6	50

Fonte: Inventários *post-mortem* (APERS).

Ainda segundo Graciela Garcia, os rebanhos entre 500 e 1.000 reses de criar podiam ser considerados como intermediários e os proprietários com mais de 1.000 reses como grandes criadores.³⁰³ Assim sendo, 13 republicanos ocupavam essa faixa superior, o que significa que pelo menos alguns dos membros da elite agrária da fronteira também compunham o eleitorado republicano. Os maiores criadores eram Joaquim Antônio da Silveira, com 2.800 reses de criar, e Candido Machado da Silveira, com 2.438 reses. Na vizinha Uruguaiana, Bernardino Sant'Anna possuía 2.088 cabeças de gado. É importante ressaltar que Alegrete reunia mais da metade desses ricos criadores de gado, ao passo que São Gabriel, onde os militares tinham maior destaque, quase não os possuía.

Conforme Farinatti³⁰⁴, a quantidade de rebanhos necessários para qualificar um criador como grande, médio e pequeno pode variar de região para região. Seriam os mais ricos criadores republicanos comparáveis aos mais ricos criadores monarquistas? No caso aqui analisado, temos como ensaiar uma comparação entre os rebanhos dos republicanos alegretenses com o dos monarquistas somente para Alegrete. Graciela Garcia levantou essas informações para todos os criadores de Alegrete na década de 1870. Como os patrimônios dos mesmos foram avaliados antes do surgimento do Clube Republicano de Alegrete, podemos

³⁰³ GARCIA, Graciela. **O domínio da terra: conflitos e estrutura agrária na campanha rio-grandense oitocentista**. 2005. 191 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, UFRGS, Porto Alegre, 2005. p. 46-47.

³⁰⁴ FARINATTI, Luís Augusto Ebling. **Confins meridionais: famílias de elite e sociedade agrária na fronteira sul do Brasil (1825-1865)**. 2007. 421 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, UFRJ, Rio de Janeiro, 2007.

considerar esses criadores como sendo todos de famílias monarquistas, fossem liberais ou fossem conservadores. Segundo a autora, a média dos rebanhos dos 8 maiores criadores de gado naquela década ficava em torno de 2.836 reses. Portanto, os rebanhos dos republicanos alegretenses equiparavam-se aos rebanhos dos estancieiros monarquistas.

É possível que para a região missioneira os padrões de tamanho de rebanhos fossem semelhantes, sendo o teto para se tornar um grande criador ainda menor. Conforme Thiago Araújo³⁰⁵, em Cruz Alta somente um criador possuía mais de 1.000 reses de criar. Ele era o Barão de Ibicuí, inventariado também na década de 1870 e possuidor de um plantel de mais de 40 escravos. Em São Borja, temos quatro republicanos com rebanhos superiores a 1.000 reses. É plausível que São Borja, na década de 1880, possuísse uma estrutura agrária semelhante a de Cruz Alta. Se isso for verdade, os estancieiros monarquistas teriam uma fortuna agrária semelhante ou até inferior aos quatro republicanos são-borjenses.

Associada à análise dos rebanhos formamos uma outra tabela (Tabela 4) onde destacamos a hierarquia das fortunas acumuladas pelos inventários. Nela, convertemos o valor do monte-mor de cada inventário para libras esterlinas. Esse procedimento é muito comum e recomendado por autores que analisaram as fortunas inventariadas no Brasil do século XIX, visto que o mil-réis era uma moeda bastante instável, e a moeda inglesa assegura uma comparação entre valores de diferentes épocas. Como aqui estamos reunindo patrimônios avaliados na década de 1870 até outros da década de 1890, optamos por realizar tal conversão.³⁰⁶

³⁰⁵ ARAÚJO, Thiago Leitão de. **Escravidão, fronteira e liberdade**: políticas de domínio, trabalho e luta em um contexto produtivo agropecuário (vila de Cruz Alta, província do Rio Grande de São Pedro, 1834-1884). 2008. 333 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, UFRGS, Porto Alegre, 2008.

³⁰⁶ Os autores aqui citados são FARINATTI, Luís Augusto Ebling. **Confins meridionais**: famílias de elite e sociedade agrária na fronteira sul do Brasil (1825-1865). 2007. 421 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, UFRJ, Rio de Janeiro, 2007; GARCIA, Graciela. **O domínio da terra**: conflitos e estrutura agrária na campanha rio-grandense oitocentista. 2005. 191 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, UFRGS, Porto Alegre, 2005; VARGAS, Jonas Moreira. **De charque, couros e escravos: a concentração de riqueza, terras e mão-de-obra em Pelotas (1850-1890)**. **Revista Saeculum**, João Pessoa: Univ. Federal da Paraíba, 2013. No prelo. Os valores para realizar a conversão estão disponíveis no site do IPEA, no item *séries históricas*. Disponível em: <<http://www.ipeadata.gov.br>>. Acesso em: 30 out. 2012.

Tabela 4 – Faixas de fortunas por município dos republicanos com patrimônio inventariados

Faixas de fortuna (em libras esterlinas)	Município				
	Alegrete	São Gabriel	São Borja	Uruguaiana	Total
A Acima de 10 mil	-	-	-	1	1
B De 5 a 10 mil	2	-	1	1	4
C De 3 a 5 mil	5	1	1	-	7
D De 1 a 3 mil	12	5	3	4	24
E De 500 a 1 mil	-	2	2	2	6
F De 100 a 500	7	1	10	1	19
G Menos de 100	1	1	7	1	10

Fonte: Inventários *post-mortem* (APERS).

Analisando a Tabela 4 nos salta aos olhos as diferenças entre pelo menos dois municípios. Ao passo que os republicanos de Alegrete pertenciam, na sua maior parte, aos setores intermediários e mais ricos, os de São Borja ocupavam as faixas mais pobres da amostra. O fato de São Borja ocupar a posição econômica mais subalterna entre os municípios aqui analisados pode ajudar a explicar porque Aparício Mariense e Francisco Miranda tornaram-se os líderes mais proeminentes do republicanismo naquela localidade. Ao contrário de São Gabriel e Alegrete, onde os seus principais líderes eram advogados, médicos ou engenheiros, ou seja, indivíduos com formação superior, em São Borja, Miranda e Mariense não apresentavam este perfil. Ambos não haviam estudado nas academias imperiais e não tinham este recurso para se impor perante os demais membros do seu clube. No entanto, tendo em vista o baixo nível de renda dos republicanos são-borjenses e o fato de que eles também estavam entre os de menor nível de educação dos quatro municípios, é possível concluir que as exigências para tornar-se líder do Clube Republicano em São Borja eram menores do que nos demais clubes.

Se em termos de comparação de rebanhos os republicanos alegretenses não perdiam em nada para os monarquistas (e talvez os de São Borja também não), na comparação das fortunas acumuladas eles sofrem uma significativa desvantagem. Elencando as 8 maiores fortunas da década de 1870 em Alegrete, Graciela Garcia verificou que as mesmas ficavam entre 10 mil e 45 mil libras esterlinas. Na nossa amostra, nenhum republicano alegretense atingiu esse nível de riqueza. Somente o estancieiro Bernardino Sant'Anna, membro do Clube Republicano de Uruguaiana e dono de terras no Uruguai, ingressou nessa faixa, ultrapassando

as 11 mil libras. Analisando a composição das fortunas trabalhadas por Graciela Garcia, percebemos que o fator que favoreceu essa grande diferença entre monarquistas e republicanos foi a participação das propriedades rurais no patrimônio dos primeiros. Entre os 8 mais ricos estancieiros estudados por Garcia, algo em torno de 70% e 80% dos seus bens eram compostos por terras. Portanto, é possível mencionar que alguns dos eleitores republicanos eram grandes criadores de gado, mas não possuíam terras na mesma qualidade e quantidade que os mais ricos de Alegrete, o que tornava suas fortunas inferiores. É bem verdade que os dados de Garcia foram levantados na década de 1870. Uma afirmação mais segura deveria comparar os rebanhos e as fortunas dos republicanos com as dos monarquistas na década de 1880. Visto a derradeira crise das charqueadas escravistas que marcou essa década e a gradual emancipação e abolição da escravidão, é possível que as fortunas dos monarquistas fossem menores na década de 1880, ficando mais à altura do alcance dos criadores republicanos.

Para finalizar essa parte analisaremos a condição dos mais ricos republicanos. Dos 16 republicanos mais ricos da amostra total (com fortunas superiores a 2.500 libras esterlinas) temos 15 criadores de gado, sendo que um deles também era rábula, e um farmacêutico. Esses 16 republicanos mais ricos, que constituem 21,3% dos inventários analisados, concentravam 71% da riqueza total do grupo. Portanto, havia uma nítida hierarquia socioeconômica entre os membros dos clubes aqui analisados. Seria possível considerar que o poder econômico se confundia com o poder político? Cremos que sim. Entre os 16 mais ricos estão membros das famílias proeminentes de todos os clubes. Em São Borja, por exemplo, temos Aparício Mariense e Felisberto Baptista da Costa, que era pai dos doutores Homero e Alvaro Baptista. Secretário da Câmara de Vereadores de São Borja desde a década de 1860, Felisberto era uma importante liderança local e certamente foi responsável por encaminhar os filhos na vida política.

Em Alegrete, por exemplo, temos Sebastião Nunes de Miranda e Joaquim Antônio da Silveira. O primeiro pertencia a uma família onde o republicano mais importante foi o engenheiro Demétrio Nunes Ribeiro, presidente do Clube de Alegrete. O segundo foi figura presente em diversas reuniões do Partido e era respeitado em toda a Província. E em São Gabriel, João de Assis Brasil estava presente no grupo dos mais ricos. Analisando os demais afortunados do grupo dos 16 mais ricos, temos também membros de outras famílias de destaque, como os Jobim (de São Gabriel), os Alves Pahim e Machado da Silveira (em Alegrete), e os Dornelles (em São Borja). Na faixa D, com fortunas intermediárias, também é possível verificar três parentes de Assis Brasil, sendo dois militares (Juvêncio Zubaran e

Miguel de Oliveira Paes) e um fazendeiro (Antônio Martins da Cruz Jobim). Portanto, riqueza, prestígio social e liderança política local, nos quadros do Partido Republicano da região da campanha e missioneira, possuíam uma forte relação.

Em síntese, o movimento republicano nas regiões missioneira e da campanha tinha forte base social rural. Os criadores de gado do grupo estavam entre os maiores criadores da região. No entanto, em Alegrete, os seus patrimônios agrários não eram rivais para os grandes latifundiários monarquistas inventariados na década de 1870. A partir do caso de Alegrete não se pode afirmar que os republicanos eram os maiores proprietários de terra da localidade (apesar de terem grandes rebanhos vacuns), mas sim, que, mesmo ocupando uma faixa secundária de afortunados, eles estavam entre os proprietários mais ricos. Não cremos que essas diferenças de fortuna fossem motivo para que os mesmos aderissem ao PRR. Talvez o fossem para aqueles que vinham tendo seu patrimônio diminuído ao longo dos anos e sendo prejudicados pelas crise da pecuária. Os são-borjenses, por exemplo, podiam ter uma motivação mais econômica, visto a sua posição de inferioridade. No próximo capítulo falaremos mais dessas questões.

O grupo aqui analisado era profundamente hierarquizado, reunindo na sua camada superior famílias com uma riqueza muito acima da média da população local. No entanto, a maior parte dos donos de rebanhos eram pequenos criadores e junto deles um outro grupo era formado por figuras de pouca notabilidade socioeconômica, como os agências, os pequenos comerciantes e os profissionais de modestas posses que atuavam na cidade, como o boleeiro José Alves de Macedo, o carpinteiro João Carbunk e o padeiro Antônio Cidade. São eles que ocupam as faixas E, F e G da Tabela 4.

Ocupando um setor de riqueza intermediário, temos os médios criadores, e, provavelmente, boa parte dos profissionais de maior prestígio (como os advogados, médicos e engenheiros) e os militares. Era nesses dois últimos grupos, que tinha íntimos laços de parentesco com os grandes criadores, que o republicanismo fluía das cidades para o meio rural. Era desse grupo que emergiam os mediadores em potencial, como Assis Brasil, por exemplo. Em toda a Província, esses mediadores realizaram essa conexão. Em sua maioria, eles nutriam-se do poder econômico de suas famílias, que financiavam sua formação escolar, para ocupar os cargos de maior prestígio político. Eles formavam a elite republicana da propaganda no Rio Grande do Sul, pois se tornaram os mais conhecidos e proeminentes membros do PRR, regendo os editoriais de *A Federação*, formulando e debatendo as ideias que eram defendidas pelo Partido, liderando as reuniões nas convenções do PRR, negociando

o apoio eleitoral dos fazendeiros nas mais diversas localidades e sendo escolhidos como candidatos às eleições em que o Partido concorria. São eles que iremos analisar agora.

3.2 A ELITE DA PROPAGANDA REPUBLICANA RIO-GRANDENSE: O CÂNONE DO DEBATE

Reunindo um prestígio social e político muito maior do que o dos seus eleitores e ocupando um papel central nas engrenagens do PRR, um grupo de indivíduos formava o que podemos chamar de *a elite da propaganda republicana rio-grandense*. As pesquisas que citam ou analisam a propaganda republicana no Rio Grande do Sul tratam desses indivíduos e não dos que analisamos anteriormente, que constituíam-se nos seus eleitores e apoiadores locais. Diferentes autores buscaram compreender quem eram esses propagandistas e porque teriam aderido às ideias republicanas.

Walter Spalding foi o primeiro a se deter exclusivamente sobre o período da propaganda republicana. O autor trouxe importante contribuição ao reunir e apresentar notas biográficas dos principais propagandistas rio-grandenses, que se notabilizaram antes da proclamação da República.³⁰⁷ Essa listagem preliminar, contendo informações sobre a trajetória de vários propagandistas, foi revisitada diversas vezes por pesquisas posteriores, colaborando para que se traçasse um perfil dos mesmos, ainda que o próprio Spalding não o tenha feito.

Na década de 1970, algumas pesquisas começaram a vincular as ideias políticas às respectivas classes sociais dos seus defensores. A maioria dos trabalhos passou então a vincular o republicanismo aos novos grupos que vinham surgindo no cenário político. De tal modo, Sérgio da Costa Franco assinalou que “a ascensão dos castilhistas correspondeu a modificações na hierarquia social, já que boa parte do eleitorado republicano provinha de setores de classe média, que o regime eleitoral do Império havia privado do exercício do voto”.³⁰⁸ Em outra oportunidade, Franco afirmou que “a ascensão dos castilhistas ao poder, se não correspondeu exatamente à substituição de uma classe social por outra no exercício de

³⁰⁷ SPALDING, Walter. Propaganda e propagandistas republicanos no Rio Grande do Sul. **Revista do Museu Júlio de Castilhos**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 57-136, jan. 1952.

³⁰⁸ FRANCO, Sérgio da Costa. **Júlio de Castilhos e sua época**. Porto Alegre: Globo, 1967. p. 155.

mando, equivaleu à promoção de novos segmentos que em geral tinham estado afastados da partilha das benesses do Estado”.³⁰⁹

Por outro lado, Joseph Love pontuou que a partir da Proclamação da República e, especialmente, da guerra de 1893, processou-se uma mudança no poder, “de uma elite estancieira para uma outra, próxima desta”.³¹⁰ Para esse autor, os dirigentes dos partidos Liberal e Conservador formavam a aristocracia da Província, possuindo as maiores e mais antigas estâncias além de muitos deles possuírem títulos imperiais, ao passo que “Castilhos e seus companheiros eram um pouco menos ricos e tinham vínculos mais tênues com a nobreza provincial”.³¹¹ Love concluiu que, de maneira geral, os estancieiros continuaram a dominar o Rio Grande durante a República, assim como no Império; entretanto, havia uma diferença com relação à origem regional dos líderes: “nas posições, em outros tempos ocupadas em sua maioria por líderes vindos da campanha, assentaram-se cada vez mais os naturais da Serra”.³¹²

Sendo assim, na década de 1970, em trabalho de extremo rigor científico, baseado em profunda pesquisa empírica, Love já havia apontado para uma origem também agrária dos principais líderes do PRR – ainda que enfatize uma diferença em termos de origem regional em relação às elites monarquistas – bem como para a existência de vínculos parentais de algumas dessas lideranças com famílias nobres da Província. Entretanto, embora sua pesquisa tenha sido constantemente revisitada, a vinculação entre os novos grupos urbanos e o republicanismo continuou a ser propagada pelos trabalhos posteriores.

O trabalho de Celi Pinto é bastante elucidativo nesse sentido. Em sua dissertação de mestrado, datada de fins da década de 1970, Pinto realizou uma análise do perfil dos principais líderes do PRR, na fase da propaganda republicana.³¹³ Para tal, selecionou um grupo composto por 71 indivíduos, utilizando como critério para esta seleção a sua participação ativa no Partido e em eventos oficiais promovidos por ele.³¹⁴ A autora realizou o estudo do grupo em questão a partir de variáveis tais como: local de nascimento, faixa etária,

³⁰⁹ FRANCO, Sérgio da Costa. **A guerra civil de 1893**. Porto Alegre: UFRGS, 1993. p. 56.

³¹⁰ LOVE, Joseph. **O regionalismo gaúcho e as origens da Revolução de 1930**. São Paulo: Perspectiva, 1975. A versão original, publicada na língua inglesa, é do ano de 1970, p. 79.

³¹¹ *Ibid.*, p. 79.

³¹² *Ibid.*

³¹³ PINTO, Celi Regina Jardim. **Contribuição ao estudo do Partido Republicano Rio-Grandense**. 1979. 148 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, UFRGS, Porto Alegre, 1979.

³¹⁴ Integram o “grupo dos 71” indivíduos que participaram da Convenção de 1882, que foram representantes de núcleos republicanos nos congressos anuais do partido, que se candidataram oficialmente às eleições municipais e provinciais e, por fim, indivíduos que integraram a bancada gaúcha na constituinte estadual e federal de 1891. Cremos que a inclusão desses últimos no grupo podem ter distorcido em certa medida os resultados obtidos, pois muitos deles não eram republicanos históricos, mas sim adesistas. Entretanto, tal será analisado mais detidamente a seguir.

grau de instrução, atividades profissionais, atividades políticas no período da propaganda, adesão ao positivismo e situação socioeconômica. A partir da análise dos dados coletados, a autora concluiu que um perfil dos propagandistas republicanos no Rio Grande do Sul poderia ser descrito da seguinte maneira:

O grupo em estudo constitui-se de elementos muito jovens, com uma instrução formal excepcional para o contexto intelectual em que viviam, e que, em sua grande maioria, pertencia à classe média urbana. Portanto, trata-se de um grupo que não estava envolvido diretamente nos interesses do grupo dominante da campanha ou de grupos dominantes das regiões mais pobres do norte da província. A propaganda republicana foi feita à revelia destes segmentos da sociedade gaúcha e por isto mesmo o movimento não obedeceu aos interesses de cada uma das regiões.³¹⁵

Não obstante, ao longo de sua exposição, algumas afirmações realizadas pela autora e dados apresentados no texto devem ser considerados. Quanto ao nível de instrução, a autora obteve informações para 61 dos casos. Desses, 45 referem-se a republicanos com instrução superior (praticamente $\frac{3}{4}$ do grupo), havendo uma predominância significativa de bacharéis em Direito formados pela Faculdade de São Paulo (27 casos).³¹⁶

A respeito da posição socioeconômica dos republicanos da propaganda, Pinto destacou que havia “uma grande incidência de elementos dos setores médios urbanos entre os republicanos gaúchos, acompanhados de um número menor de representantes da burguesia urbana e da oligarquia rural”.³¹⁷ Tendo identificado a maioria do grupo em estudo como pertencentes aos setores médios urbanos, a autora fez duas ressalvas: a primeira diz respeito à origem familiar de seus componentes, pois, “numa época em que a urbanização era um fenômeno recente é provável que os componentes dos setores médios urbanos procedessem da oligarquia rural”.³¹⁸ A partir de algumas informações coletadas, entretanto, e observando que a origem familiar dos líderes do PRR não foi seu objeto de investigação, a autora pontuou que esta procedência estava diversificada entre o meio rural e urbano, daí concluindo que “os republicanos gaúchos que se concentravam nos centros urbanos, não podem ser identificados com um grupo de origem rural que representava os interesses desta aristocracia nas

³¹⁵ PINTO, Celi Regina Jardim. **Contribuição ao estudo do Partido Republicano Rio-Grandense**. 1979. 148 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, UFRGS, Porto Alegre, 1979. p. 101.

³¹⁶ *Ibid.*, p. 83-84.

³¹⁷ *Ibid.*, p. 95. A exposição dos dados ao longo do texto é, por vezes, pouco sistemática. A autora pontua, em notas de rodapé, 27 indivíduos inclusos no primeiro grupo, 5 indivíduos no segundo e 13 casos como membros da oligarquia rural. Entretanto, não é possível identificar se o somatório desses números diz respeito à totalidade dos casos para os quais se obteve informações ou se foram apenas utilizados como exemplo.

³¹⁸ *Ibid.*, p. 96.

idades”.³¹⁹ A segunda ressalva está relacionada ao fato de que o grupo que se constituía como maioria não permeava todos os setores médios urbanos, mas, ao contrário, “ [...] pertencia a um setor bastante específico – onde se destacavam os profissionais liberais³²⁰ e os militares, que dentro dos setores médios, formavam uma elite, pelo seu próprio grau de instrução”.³²¹

Os integrantes do grupo, classificados pela autora como pertencentes à “burguesia urbana”, foram divididos em dois subgrupos: o primeiro, formado por homens de posse e com nível educacional superior, e, o segundo, formado por comerciantes, em maioria sem instrução formal.³²² Por fim, o terceiro grupo era formado por grandes proprietários rurais. A autora encontrou treze indivíduos que tinham essa ocupação, distribuídos por todo o Estado. Ao concluir, Pinto pontuou que a adesão dos elementos pertencentes à burguesia e à oligarquia rural, no período da propaganda, “deve ser visto como adesões esparsas, na medida que seu número pouco expressivo, não permite situá-los como representativos dos interesses dos grupos dominantes”, sendo que “a participação destes elementos na propaganda republicana pode ser explicado, no nosso entender, pela identidade do grupo como um todo em função da homogeneidade em relação ao grau de instrução”.³²³

Em trabalho posterior, a autora pontuou, ainda, em relação ao perfil dos republicanos da propaganda, que “os fundadores do partido tinham características comuns muito distintas das elites políticas da época – eram jovens, com instrução superior e não tinham experiência partidária anterior”.³²⁴ Ainda, conforme a autora:

Seria errôneo afirmar que os jovens fundadores do PRR não eram membros da elite econômica rio-grandense. *Entretanto, deve ter-se presente que não pertenciam à tradicional elite pecuária da campanha, que quase em sua totalidade, formava o Partido Liberal. Eram, na sua maioria provenientes da região norte do Estado, de ocupação recente e mais pobre do que a campanha [...]. Portanto, se eram estancieiros, não eram membros da oligarquia política rio-grandense.*³²⁵ (grifo nosso).

³¹⁹ PINTO, Celi Regina Jardim. **Contribuição ao estudo do Partido Republicano Rio-Grandense**. 1979. 148 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, UFRGS, Porto Alegre, 1979. p. 97.

³²⁰ Dentre eles, escritores, professores, médicos, engenheiros e advogados.

³²¹ PINTO, op. cit., p. 97-98. Ainda, para a autora, a leitura dos inventários dos membros desse grupo dá uma ideia das resumidas posses de seus componentes. Entretanto, é necessário ressaltar que a maioria da documentação vista pela autora adentra por vários anos o século XX e reflete, portanto, a situação econômica desses homens ao fim da vida e não no período da propaganda, o que acabou distorcendo, em parte, os resultados obtidos na análise.

³²² Ibid., p. 99.

³²³ Ibid., p. 107-108.

³²⁴ Id. **Positivismo**: um projeto político alternativo (RS: 1889-1930). Porto Alegre: L&PM, 1986. p. 9.

³²⁵ Ibid., p. 12.

A autora, a respeito da organização partidária, ainda afirmou que “o PRR, no período da propaganda, era um partido bastante pequeno, mas que se destacava por sua excepcional organização e disciplina partidárias”, tendo por base a doutrina positivista.³²⁶ Portanto, para a autora, a elite republicana estaria descolada, tanto ideologicamente, quanto socialmente, das elites mais tradicionais da Província.

Anos depois, Sílvio Duncan Baretta, analisando as motivações que levaram à guerra civil rio-grandense de 1893-1895 e à extrema violência que caracterizou este conflito, também ofereceu algumas considerações sobre o perfil socioeconômico dos republicanos. Debatendo com Sérgio da Costa Franco, Baretta buscou demonstrar que a guerra não fora resultado de um conflito de classes.³²⁷ Pesquisando os inventários *post-mortem* de lideranças republicanas e federalistas, Baretta verificou que os segundos não eram muito mais ricos e que havia fazendeiros entre os republicanos. Mesmo que seu interesse fosse o panorama político após a Proclamação da República, Baretta utilizou-se da listagem dos propagandistas republicanos da década de 1880 organizado por Walter Spalding. Analisando-os juntamente com republicanos que aderiram ao Partido nas vésperas do 15 de novembro e até depois disto, o autor sugeriu que os mesmos apresentavam um caráter mais profissional e com formação educacional superior, em relação aos federalistas. Além disso, o republicanismo seria um movimento eminentemente urbano e os seus líderes não possuíam nenhuma ligação com a nobreza monarquista que caracterizou a elite do regime político derrubado.³²⁸

Mais recentemente, outra importante pesquisa trouxe grandes contribuições para o tema. Angela Alonso, em trabalho inovador a respeito da *Geração de 1870*, explicou a configuração do movimento, bem como o seu caráter de ação coletiva, partindo da ideia de que seus membros compartilhavam uma experiência em comum, ou seja, a marginalização política em relação à dominação saquarema durante o Segundo Reinado. Na visão da autora, essa marginalização influenciou fortemente para que estudantes e intelectuais de diferentes regiões disparassem suas críticas contra a ordem monárquica. Para Alonso, os membros da *Geração de 1870* identificavam-se pelo fato de não pertencerem à mesma base do Partido Conservador

³²⁶ PINTO, Celi Regina Jardim. **Positivismo**: um projeto político alternativo (RS: 1889-1930). Porto Alegre: L&PM, 1986. p. 12.

³²⁷ Franco defendia que os federalistas eram muito mais ricos e tinham suas bases nas grandes estâncias da campanha, enquanto que os republicanos eram os mais pobres, pertencentes a uma classe média urbana com forte traço urbanizado. FRANCO, Sérgio da Costa. **A guerra civil de 1893**. Porto Alegre: UFRGS, 1993.

³²⁸ BARETTA, Sílvio Rogério Duncán. **Political violence and regime change**: a study of the 1893 civil war in southern Brazil. Pittsburgh: University of Pittsburgh, 1985. p. 192-217.

– instituição responsável pela construção do Estado imperial e que possuía a hegemonia na nomeação dos cargos públicos.³²⁹

Tal modelo, conforme Alonso, também podia ser aplicado ao grupo de rio-grandenses (“federalistas positivistas”) que compunham a *Geração de 1870*. Para ela, esses eram predominantemente filhos de estancieiros economicamente estacionários ou decadentes, *sem* ligação com a oligarquia política da Província. Faziam parte da elite econômica rio-grandense, no entanto, não pertenciam à tradicional elite pecuária da campanha gaúcha, que quase em sua totalidade formava o Partido Liberal. Conclui, enfatizando que eram, em sua maioria, provenientes da região norte da Província, esta última de ocupação recente e mais pobre do que a campanha.³³⁰

É necessário considerar que Alonso, em função do caráter bastante amplo de sua pesquisa, teve de recorrer à bibliografia existente (tomando como base principal a pesquisa de Pinto) para sistematizar as principais características do movimento republicano e de seus membros na província sulina. Portanto, por não contar com referências que revisem essas teses, esse modelo de interpretação da propaganda republicana rio-grandense e do perfil socioeconômico dos seus principais líderes ainda se mantém com significativa importância historiográfica, tendo sido reproduzido, na íntegra, em sínteses mais recentes, como a de Ricardo Pacheco (2007).³³¹ Em suma, o quadro geral que podemos construir a partir das contribuições desses autores é o seguinte:

- a) os membros do PRR não possuíam ligação com a classe econômica tradicional do Rio Grande do Sul, seja da campanha, seja do planalto serrano. Essa classe era representada pelo Partido Liberal;
- b) o republicanismo foi um movimento eminentemente urbano e os seus líderes pertenciam a uma classe média localizada nas cidades, devido a sua atuação profissional;
- c) os membros do PRR não possuíam ligação alguma com a nobreza monárquica e estavam excluídos dos centros de poder político do período;
- d) o PRR era um partido de jovens com uma educação acima da média.

³²⁹ ALONSO, Angela. **Idéias em movimento**: a geração 1870 na crise do Brasil Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 161.

³³⁰ *Ibid.*, p. 156.

³³¹ PACHECO, Ricardo de Aguiar. Conservadorismo na tradição liberal: movimento republicano (1870-1889). In: PICCOLO, Helga e PADOIN, Maria M. (Org.) **História geral do Rio Grande do Sul**: Império. Porto Alegre: Méritos, 2007. V. 2. p. 139-153. Também está presente em TRINDADE, Héliogio. Aspectos políticos do sistema partidário republicano rio-grandense (1882-1937). In: DACANAL, José H.; GONZAGA, Sergius (Org.). **RS**: economia e política. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979. p. 119-191.

Luiz Alberto Grijó foi um dos primeiros a tecer algumas considerações, problematizando a tese de que a origem social das principais lideranças do PRR estaria ligada a uma classe média urbana e que a mobilização dos líderes da propaganda poderia ser explicada, em grande medida, como uma contraposição aos interesses dominantes da oligarquia rural gaúcha (que, segundo a mesma tese, integrava o Partido Liberal). Ainda que este não tenha sido seu objeto de estudo, o autor pontua que o problema desta abordagem consiste em dar importância demasiada a indicadores de local de nascimento e de residência dos agentes pesquisados, bem como sobrevalorizar uma possível clivagem entre os interesses urbanos e os da "oligarquia". Grijó salientou que, a elite do Partido Liberal não parecia diferir muito em termos de origens sociais e escolaridade da elite dos republicanos da propaganda, ainda que este autor não tivesse dados disponíveis para comprovar sua ideia, visto a falta de uma pesquisa mais profunda sobre os componentes da facção gasparista. Grijó conclui sua exposição apontando que, as diferenças mais significativas entre liberais e republicanos podem ser encontradas mais nas influências conjunturais que forjaram a geração dos republicanos do que por interesses contrapostos entre "setores médios urbanos" e a "oligarquia rural".³³²

Jonas Vargas, pouco tempo depois, foi o primeiro a criticar mais diretamente o modelo que acabamos de expor. O autor demonstrou que o Partido Conservador foi um importante espaço de representação dos estancieiros da região da campanha e que a elite monarquista era altamente educada em termos de formação superior. No entanto, sua ênfase foi dada à elite política monárquica. Portanto, ainda resta testar esse modelo para a elite da propaganda republicana no Rio Grande do Sul. A análise dos dados que se segue busca alterar essa imagem no que diz respeito ao Partido Republicano Rio-Grandense. O foco de análise deixa de ser os indivíduos isolados e o estudo das ideias políticas. A origem social e as vinculações familiares, como estamos enfatizando desde o início deste trabalho, possuem importância maior. Como demonstrou Vargas, as famílias eram a unidade social principal no sistema político da época e suas redes de relações davam vida aos partidos políticos monárquicos.³³³ Nosso objetivo é demonstrar que o mesmo parecia acontecer também entre os republicanos.

O grupo aqui analisado e que formava a elite da propaganda republicana rio-grandense foi composto a partir de três listagens básicas. A primeira delas foi a mencionada relação de

³³² GRIJÓ, Luiz Alberto. **Ensino jurídico e política partidária no Brasil:** a Faculdade de Direito de Porto Alegre (1900-1937). 2005. 275 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

³³³ VARGAS, Jonas Moreira. **Entre a paróquia e a Corte:** os mediadores e as estratégias familiares da elite política do Rio Grande do Sul (1850-1889). Santa Maria: UFSM/Anpuh-RS, 2010.

propagandistas rio-grandenses feita por Walter Spalding³³⁴, contendo os principais líderes do movimento republicano provincial em todos os seis círculos eleitorais. Sua lista apresenta o nome de 46 indivíduos e traz informações biográficas para todos eles. A segunda fonte utilizada foi a relação dos membros do Club 20 de Setembro na década de 1880.³³⁵ Essa organização reunia todos os estudantes rio-grandenses que eram republicanos e passaram pela Academia de Direito de São Paulo, onde o Club funcionava. O Club foi o principal núcleo intelectual do PRR e formador de boa parte das lideranças do mesmo. Essa lista soma 36 indivíduos. A terceira lista foi organizada por Celi Pinto e é composta por candidatos do PRR às eleições da época, líderes nas convenções e reuniões do partido e indivíduos que foram eleitos tanto na primeira Constituinte Republicana Estadual, quanto Federal, entre 1890 e 1891. A relação de Pinto reúne 72 indivíduos. No entanto, resolvemos excluir vários deles por serem “adesistas”, ou seja, políticos com reconhecida trajetória política monárquica e que filiaram-se ao PRR nas vésperas do 15 de novembro ou depois dele. Somando todos os indivíduos que aparecem nas listas e excluindo os “adesistas” e aqueles que se repetiam em outras relações, nos restou um grupo final de 87 líderes republicanos, que denominaremos a partri de agora *Grupo Lideranças*. São esses os que iremos analisar agora.

3.3 PERFIL DAS LIDERANÇAS REPUBLICANAS

Iniciamos a análise dos membros do *Grupo Lideranças* a partir dos dados educacionais. Dos 86 líderes, 66 possuíam formação superior, ou seja, 76,7%, o que não foge da estimativa de Celi Pinto. Os bacharéis em eram de longe os mais representativos, somando 44 indivíduos, ou 2/3 dos diplomados. Esse índice é exatamente o mesmo encontrado por Jonas Vargas na análise da elite política provincial entre 1868 e 1889, o que demonstra uma possível semelhança entre os padrões de recrutamento para compor os quadros superiores dos republicanos e monarquistas.³³⁶ Uma única diferença é que entre os republicanos os líderes com formação militar constituíam o segundo grupo mais importante, ficando à frente daquele dos formados em Medicina, que tinha forte destaque entre os monarquistas. Entre os republicanos do grupo temos 7 formados em Medicina e 10 formados nas Escolas Militares

³³⁴ SPALDING, Walter. Propaganda e propagandistas republicanos no Rio Grande do Sul. **Revista do Museu Julio de Castilhos**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 57-136, jan. 1952.

³³⁵ A lista foi publicada em ASSIS BRASIL, Joaquim Francisco de. **História da República Rio-Grandense**. Porto Alegre: ERUS, 1981.

³³⁶ VARGAS, Jonas Moreira. **Entre a paróquia e a Corte: os mediadores e as estratégias familiares da elite política do Rio Grande do Sul (1850-1889)**. Santa Maria: UFSM/Anpuh-RS, 2010.

do Rio de Janeiro e de Porto Alegre. Completam o grupo 5 engenheiros, sendo que um se formou na Bélgica.

Dos 44 bacharéis em Direito, somente 3 não se formaram em São Paulo. Isso comprova a importância da Academia paulista na formação dos republicanos rio-grandenses. Pelo fato de muitos deles terem sido estudantes nas décadas de 1870 e 1880, o grupo apresenta uma grande quantidade de jovens. O mais velho republicano do grupo era Felicíssimo de Azevedo, nascido em 1823 e contando com 59 anos por ocasião da fundação do PRR, em 1882. Em relação às datas de nascimento dos membros do *Grupo Lideranças*, conseguimos informações para 50 dos 87 relacionados. Entre esses, dois haviam nascido na década de 1830 e outros dois na década de 1840, atingindo, no início dos anos 1880, entre 40 e 50 anos. Tratava-se de um grupo minoritário e composto por líderes experientes, como Francisco Xavier da Cunha e Apolinário Porto Alegre, por exemplo.

Tomando o ano de 1882 como um ponto de chegada dos membros aqui analisados, percebemos que mais da metade deles (27 membros) possuía, nesta data, entre 23 e 32 anos. Eram todos nascidos entre 1850 e 1859. Os nascidos em 1860 e 1861, somavam 9 indivíduos e, junto com os nascidos em 1859, compõem a principal faixa etária (os nascidos entre 1859 e 1861 somavam 15 membros). Ao longo da década de 1880, outros 9 jovens, nascidos entre 1862 e 1866, incorporaram-se ao grupo. Portanto, não resta dúvida que os republicanos formavam um grupo jovem se comparado àquele dos membros da elite política monárquica estudado por Jonas Vargas. Na década de 1880, os membros da elite política monarquista possuíam, em média, 50 anos.

Com relação às categorias sócio-ocupacionais e atividades econômicas desenvolvidas, temos informações para 81 dos 87 líderes arrolados. Os números realmente demonstram se tratar de um grupo de profissionais. Pelo menos 37 deles eram advogados, ou seja, 42,5% do total. Trata-se de um índice muito próximo àquele dos políticos monarquistas estudados por Vargas, o que demonstra que o republicanismo não se dissociou do bacharelismo que marcou a elite monarquista. Nesse grupo profissional temos ainda 5 engenheiros e 7 médicos. Tendo em vista a multiplicidade de funções, tem-se também 11 jornalistas, sendo que somente 5 foram classificados como jornalistas a partir das informações que conseguimos. Entre os funcionários públicos temos 2 juízes municipais e 1 promotor. Entre os não diplomados temos 4 fazendeiros, 2 comerciantes, 1 dentista, 1 relojoeiro, 2 rábulas e 2 professores.

Percebe-se que, pelo fato de o número de diplomados ser bastante alto, o percentual de indivíduos que compõe o subgrupo fazendeiros/criadores acaba caindo, uma vez que classificamos enquanto tal somente aqueles homens que não possuíam uma profissão técnica.

Talvez esse seja um dos grandes problemas dessa divisão socioprofissional. Para remediar esse problema, agora verificaremos as origens sociais, analisando as atividades dos familiares destes líderes.³³⁷ Como já foi defendido, ao definirmos as famílias como unidades políticas principais e não os indivíduos, a visão de que o movimento era eminentemente urbano e profissionalizado, descolado das estruturas agrárias mais tradicionais e da nobreza monarquista, pode ser fortemente relativizada.

Uma análise que comece investigando o local de nascimento dos líderes republicanos já deixa claro que suas famílias e as rendas que financiaram seus estudos não provinham da cidade, mas sim do meio rural. Conseguimos informações para 72 dos membros do *Grupo Lideranças*. Desses, pelos menos 22 provinham da região da Campanha e outros 7 da região missioneira, que compunham o terceiro círculo eleitoral. Portanto, somavam 41% da amostra. Outras regiões de pecuária, tais como Jaguarão, Cachoeira, Caçapava, Rio Pardo, São Sepé e Cruz Alta, somavam mais 12 indivíduos (13,8%). Os filhos da charqueadora Pelotas atingiam 13 republicanos, os nascidos em Rio Grande eram 6 e em Porto Alegre temos 7 líderes do grupo, entre outros municípios. Assim sendo, a ligação de suas famílias com as regiões de grande criação de gado (tanto na campanha quanto no planalto serrano) é evidente.

No entanto, se os republicanos aqui analisados migravam para as cidades em busca de notabilidade e prestígio, seus pais, tios, irmãos e compadres, em suma, sua família, permanecia estabelecida em suas regiões de origem. Jonas Vargas³³⁸ demonstrou que isso funcionava para a elite monarquista nos anos 1870 e 1880. O mesmo parecia acontecer entre os republicanos. Em capítulo anterior demonstramos que, se Assis Brasil alçou voos mais altos até a capital da Província, sua família constituiu importante base econômica e política na região da campanha. Portanto, o fato de exercer uma atividade profissional não o descolava de sua origem agrária, pois era de lá que vinham seus votos.

³³⁷ Luiz Alberto Grijó já havia tecido algumas considerações, relativizando a tese de que a origem social das principais lideranças do PRR estaria ligada a uma classe média urbana e que a mobilização do PRR poderia ser explicada, em grande medida, como uma contraoposição aos interesses dominantes da oligarquia rural gaucha, por se encontrarem num estado de marginalização política. Ainda que este não tenha sido seu objeto de estudo, o autor pontua que o problema desta abordagem é dar importância demasiada a indicadores de local de nascimento e de residência dos agentes pesquisados, bem como valorizar demais uma possível clivagem entre interesses urbanos e os da "oligarquia". O que se pode salientar, porém, é que a elite do partido liberal não parece diferir muito em termos de origens sociais e escolaridade da elite dos republicanos da propaganda. Pelo que se tem analisado aqui, as diferenças significativas podem ser encontradas mais pelas influências conjunturais que forjaram a geração dos republicanos do que por interesses contrapostos entre "setores médios urbanos" e a "oligarquia rural". Depois de proclamada a República, porém, o PRR passaria a receber novas adesões, entre elas a de vários estancieiros do interior, assim como a consolidação da liderança de Júlio de Castilhos levaria a várias defecções no seu próprio partido.

³³⁸ VARGAS, Jonas Moreira. **Entre a paróquia e a Corte: os mediadores e as estratégias familiares da elite política do Rio Grande do Sul (1850-1889)**. Santa Maria: UFSM/Anpuh-RS, 2010.

A seguir ofereceremos uma série de exemplos de como isso também funcionava para boa parte dos demais republicanos da elite propagandista aqui analisada. Do mesmo modo, o fato de pertencerem a essas famílias indicam que os republicanos estavam situados dentro de uma tradição política, especialmente conservadora.

3.3.1 Líderes republicanos – famílias conservadoras: alguns casos para análise

Tomemos Júlio de Castilhos, importante liderança do PRR, como exemplo inicial. Seu pai, Francisco Ferreira de Castilhos, era um estancieiro de considerável fortuna em São Martinho. Num levantamento de todos os inventários *post-mortem* que apresentavam escravos entre os bens de herança, para o município onde Francisco residia, organizado pelo Arquivo Público, ele foi apontado como o maior senhor de escravos da região, possuindo cerca de 56 escravos – um plantel muito acima da média daquela região.³³⁹

Além disso, “pelo lado materno, [Júlio de Castilhos] descendia de família aristocrática”. O avô de Castilhos era o Capitão Fidelis Nepomuceno Prates, grande estancieiro em São Gabriel, que chegou a ajudar financeiramente os rebeldes farrapos e foi deputado na Constituinte da República Rio-Grandense. Outros dois parentes também ligavam a família à elite provincial. O primeiro deles foi Dom Feliciano José Rodrigues Prates, primeiro bispo do Rio Grande do Sul e cuja influência política devia ser grande. O segundo foi Fidêncio Nepomuceno Prates, médico em São Gabriel e deputado provincial entre 1848 e 1859 e geral entre 1853 e 1856.³⁴⁰

As redes sociais da família de Castilhos estenderam-se até o mundo da Corte quando Fidêncio se casou com a filha do Barão de Antonina. Esse era senador do Império pela Província do Paraná e já havia sido deputado em São Paulo, para onde enviava tropas de mulas. O Barão de Antonina era irmão do Barão de Ibicuí, rico estancieiro e o maior criador de gados de Cruz Alta, com terras em São Martinho, Palmeira e Santo Ângelo. Ambos os irmãos foram importantes chefes conservadores.³⁴¹ Os laços de Castilhos com os chefes conservadores do planalto norte da Província tornaram-se mais íntimos quando ele se casou com a sobrinha do Barão de Nonoai – rico estancieiro de Cruz Alta. O Barão de Nonoai era

³³⁹ PESSI, Bruno. **Catálogo de Inventários do APERS**. Porto Alegre: Corag, 2011. V. 3. p. 304.

³⁴⁰ SOARES, Mozart Pereira Soares. **Júlio de Castilhos**. Porto Alegre: IEL, 1996. p. 9.

³⁴¹ CARVALHO, Mário Teixeira de. **Nobiliário sul-riograndense**. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Livraria do Globo, 1937. p. 51. As informações a respeito das lideranças fornecidas a seguir encontram-se no mesmo livro.

padrinho de batismo de Castilhos e tio/sogro de Joaquim Pereira da Costa, outro membro da elite propagandista.

Outro exemplo foi José Gomes Pinheiro Machado. Propagandista da região missioneira (São Luís Gonzaga era um dos municípios que compunham o 3º círculo eleitoral), era filho de Antônio Pinheiro Machado, advogado renomado em São Paulo e que, ao se envolver com a Revolta Liberal de 1842, teve que se refugiar na região serrana do Rio Grande do Sul, onde já possuía parentes e negócios com tropas de animais. Fixados em São Luís, os Pinheiro Machado tornaram-se ricos estancieiros. Antônio foi deputado provincial (1858 a 1864) e geral (1864 a 1866) – quando defendeu os progressistas e derrotou Silveira Martins na região. Portanto, ele conseguiu ingressar na elite política imperial, tomando assento no Parlamento nacional. Os Pinheiro Machado também eram parentes dos Oliveira Ayres, família a qual pertencia o também paulista Venâncio Ayres, cunhado de José Gomes, e que contribuiu muito com a propaganda republicana na Província, após ter sido deputado em São Paulo pelo Partido Conservador.

Vejamos agora os exemplos dos Abbott e dos Ribeiro de Almeida. Os Abbott eram uma família de estancieiros e médicos com base em São Gabriel e eleitores do Partido Conservador. O pai, Jonathas Abbott, era comendador. Fernando e João foram os principais membros da família a aderirem ao republicanismo na década de 1880. Ambos eram cunhados de João Borges Fortes Filho, cujo pai era o grande chefe do Partido Conservador na região da campanha. O Doutor Borges Fortes foi deputado provincial (1850 a 1863, 1869 a 1872 e 1887 a 1888) e geral (1857 a 1860).³⁴² Os Ribeiro de Almeida, por sua vez, eram uma família igualmente conservadora, com forte influência em Alegrete, Quaraí, Uruguiana e Livramento, onde possuíam estâncias. Severino Ribeiro foi o chefe político máximo da família, tornando-se deputado provincial (1885-1886) e geral (1877, 1882-1884 e 1886). O republicano da família foi seu irmão caçula, Vitorino, que havia sido colega de Assis Brasil e de Castilhos na Faculdade de Direito. Ambos eram filhos do Barão de São Borja – comandante de destaque na Guerra do Paraguai e um dos principais chefes conservadores da região da campanha – e netos de Bento Manoel Ribeiro, estancieiro que pegou em armas em 1835, mas passou para o lado legalista por duas vezes.

Podemos citar outros casos de forma mais resumida. Demétrio Ribeiro era sobrinho do Barão de Santana do Livramento, antigo líder conservador de Alegrete, mas que, por desavenças com os Ribeiro de Almeida, se tornou o principal chefe liberal-gasparista da

³⁴² Além disso, uma das filhas do Doutor Borges Fortes casou-se com Carlos Prates de Castilhos, irmão de Júlio de Castilhos. *Ibid.*, p. 92.

região. Além disso, um outro tio, Francisco Nunes de Miranda, foi deputado provincial. Marçal Escobar, por exemplo, era neto do poderoso Barão de São Lucas – rico estancieiro são-borjense. Alfredo Lobo d’Eça era filho do Barão de Batovi, marechal do Exército e estancieiro com enorme destaque na campanha do Paraguai e com terras em São Gabriel. Enéias Galvão era filho do Visconde de Maracajú, outro militar que chegou a ser Ministro da Guerra, e que era irmão do Barão de Rio Apa, principal repressor da Revolta do Vintém, na Corte.

Temos outros exemplos. Ramiro Barcellos era sobrinho do Barão de Viamão, chefe do Partido Conservador de Cachoeira. Os irmãos Carlos e José Barbosa pertenciam a uma importante família de estancieiros de Jaguarão e eram sobrinhos-netos de Bento Gonçalves da Silva. Antônio Francisco de Abreu era filho do Barão de Santos Abreu, rico comerciante pelotense. O Barão de Candiota, outro importante estancieiro gabrielense que possuía terras em diversos municípios da região da campanha e que era primo do Senador e Ministro Henrique D’Avila, era pai de José Maria Chagas.

Também havia republicanos entre as famílias charqueadores de Pelotas, que constituíam, segundo Vargas³⁴³, a elite mais rica do Rio Grande do Sul. Alexandre Cassiano do Nascimento era filho do Capitão Manoel Lourenço do Nascimento, charqueador e deputado provincial. Alberto Cunha e Possidônio Cunha eram, respectivamente, filho e sobrinho do Barão de Corrientes, um rico capitalista e charqueadore pelotense. Sua fortuna, em 1877, foi avaliada em mais de 50 mil libras, ou seja, ele era muito mais rico do que os eleitores republicanos que analisamos anteriormente. João Jacintho Mendonça pertencia a uma rica família de charqueadores conservadores de Pelotas e Adolpho Osório era filho do General Osório e Marquês do Herval, principal chefe político do Rio Grande do Sul nos anos 1870, ligado ao Partido Liberal. Antônio e Henrique Chaves eram filhos de João Maria e Antônio Gonçalves Chaves, charqueadores que se destacaram entre as maiores fortunas na década de 1870 e 1880. Ismael Simões Lopes, por sua vez, era filho do Visconde da Graça, outro rico charqueador pelotense que também foi presidente da Província e era o chefe do Partido Conservador em Pelotas. Seu irmão, o Dr. Ildefonso, foi deputado geral.

Tendo em vista os dados apresentados, podemos revisar o modelo geral exposto anteriormente, propondo uma reavaliação do mesmo. O mencionado modelo foi fortemente amparado na tese desenvolvida por Celi Pinto, inspirada em parte pelos trabalhos anteriores de Joseph Love e Sérgio da Costa Franco, e que são tributárias de um tipo de interpretação

³⁴³ VARGAS, Jonas Moreira. De charque, couros e escravos: a concentração de riqueza, terras e mão-de-obra em Pelotas (1850-1890). **Revista Saeculum**, João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2013. No prelo.

bastante em voga nos anos 1970, que associava a história das ideias a um determinismo geográfico e de classe. Posteriormente, tal modelo foi retomado por Trindade, Ricardo Pacheco e Angela Alonso, ainda que o movimento republicano no Rio Grande do Sul não tenha sido o objeto de análise desta última.

Primeiro, é necessário dizer que a educação recebida pelos membros do partido republicano não era algo tão extraordinário para o período. Jonas Vargas demonstrou que o nível de instrução dos políticos monárquicos era bastante alto. Entre os líderes monarquistas da política provincial, 80% possuíam formação superior, ao passo que entre os deputados gerais este índice ultrapassava os 90%, e para os ministros e senadores ele era ainda maior.³⁴⁴ Ou seja, não é possível afirmar que os líderes republicanos da propaganda formavam uma elite “mais educada” em comparação com a elite política monarquista. Os números apresentados por Vargas são extremamente eloquentes nesse sentido e são inclusive superiores aos índices que encontramos para os propagandistas republicanos mencionados anteriormente.

Em segundo lugar, a relação “juventude = republicanismo”, enfatizada por Pinto, deve ser relativizada, pois esta aconteceu justamente porque as academias estavam se tornando importantes focos de crítica à Monarquia – como Angela Alonso enfatiza – e, obviamente, eram redutos de jovem estudantes. Entretanto, fora dali, e até mesmo naqueles espaços, existiam tanto jovens monarquistas quanto republicanos de idade mais avançada. Nas turmas da academia paulista, entre 1878 e 1885, por exemplo, uma série de jovens monarquistas também veio a diplomar-se, engrossando as fileiras liberais e conservadoras da Província. Estavam entre eles Manoel de Campos Cartier, Carlos Ferreira Ramos, Carlos Silveira Martins, José Vieira da Cunha, Antônio Lara da Fontoura Palmeiro, Severino de Freitas Prestes, entre outros.

Também não é possível afirmar que os republicanos não possuíam ligação com as elites políticas monarquistas e, especialmente, com os estancieiros da região da campanha que, conforme os autores mencionados, em sua maioria, formavam o Partido Liberal. Uma análise da origem social dos principais membros do PRR foi capaz de demonstrar que, ao invés de os republicanos pertencerem a uma camada social afastada das elites mais tradicionais da província, – configurando assim uma nova classe média urbana, estreante no cenário político e com anseios de representação – eles eram, em sua maioria, oriundos de importantes famílias de estancieiros (sendo muitos deles da região da Campanha), famílias

³⁴⁴ VARGAS, Jonas Moreira. **Entre a paróquia e a Corte: os mediadores e as estratégias familiares da elite política do Rio Grande do Sul (1850-1889)**. Santa Maria: UFSM/Anpuh-RS, 2010.

estas envolvidas especialmente com a política conservadora, através de gerações. Inclusive, a ligação entre republicanos e monarquistas na campanha possibilitou que esta fosse a única região a eleger um deputado republicano – Assis Brasil – no período monárquico.³⁴⁵ O candidato, portanto, pode ser utilizado como exemplo dessas conexões existentes entre os membros do partido republicano e as elites mais tradicionais da região.

Conforme vimos no primeiro capítulo, embora a família Assis Brasil tenha aderido conjuntamente ao republicanismo por volta da década de 1880, seu patriarca integrava as fileiras do Partido Conservador em São Gabriel. Da mesma forma, o tio de Assis Brasil, o *Barão de Cambaí*, indivíduo de considerável influência política no município, era membro de uma família de conservadores – os Jobim –, que tinham vínculos estreitos com a Corte. Seu irmão, o médico José Cruz Jobim, fora professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, instituição da qual também foi diretor por cerca de vinte anos. Em 1848, Cruz Jobim ingressou na carreira política, por meio do partido conservador, sendo eleito deputado geral pelo Rio Grande do Sul, sua província de origem, e depois escolhido senador pela província do Espírito Santo, cargo em que permaneceu de 1851 a 1878. A filha do senador, Viscondessa de Sabóia, casara-se com Vicente Candido Figueira de Sabóia. O Visconde também fora diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, durante a década de 1880, período em que também fora nomeado médico da casa imperial e que fora médico particular do Imperador.

Portanto, uma parte significativa dos líderes republicanos, notadamente os principais, pertenciam a tradicionais famílias rio-grandenses, repletas de títulos de nobreza, membros com importantes cargos políticos e possuidoras de fortuna com destacado patrimônio agrário. Os propagandistas republicanos possuíam muito mais em comum com os monarquistas do que acreditava a historiografia tradicional do Estado. Eles possuíam, no seu círculo parental mais próximo, nobres monarquistas, ricos escravistas e membros da elite política provincial e imperial. Portanto, não estavam tão excluídos dos centros de poder político e não eram socialmente desprestigiados. De fato, foi o uso estratégico desse vínculo com as elites monarquistas, especialmente com os conservadores, que possibilitou a única vitória eleitoral do PRR à Assembleia Provincial, ao longo da década de 1880. É sobre a eleição de Assis Brasil e seu papel no Parlamento que trataremos no capítulo seguinte.

³⁴⁵ Tal será verificado, mais detidamente, no capítulo 4.

4 UM REPUBLICANO NO PARLAMENTO PROVINCIAL (RS): ELEIÇÕES E MEDIAÇÃO POLÍTICA ATRAVÉS DA TRAJETÓRIA DE JOAQUIM FRANCISCO DE ASSIS BRASIL

No capítulo anterior, partindo do pressuposto de que o movimento republicano teve bastante força nos municípios que compunham o terceiro círculo eleitoral, realizamos uma análise do perfil socioeconômico dos republicanos daquela região, a fim de compreender quem eram os indivíduos que se sentiam atraídos pelas novas ideias em circulação. Essa investigação demonstrou que a grande maioria do grupo dos eleitores republicanos era formada por pecuaristas, fossem eles criadores de pequenos, médios ou grandes rebanhos. Por outro lado, analisando o perfil do grupo das lideranças do partido, afirmamos que, em sua grande maioria, tratava-se de um grupo de profissionais. No entanto, se esses pareciam, em um primeiro momento, não ter vínculos diretos com a atividade pecuarista e mesmo com as elites mais tradicionais da Província, uma análise de suas famílias demonstrou que estes indivíduos estavam conectados, por diferentes laços de parentesco, a indivíduos que tiravam da criação de gado o seu sustento e que já vinham atuando politicamente na Província através de gerações.

Uma de nossas hipóteses, que será melhor desenvolvida ao final deste capítulo, é de que a atividade pecuarista, principal fonte econômica dos municípios que compunham o terceiro círculo eleitoral, vinha passando por inúmeras dificuldades, relacionadas à crise vivenciada pelas charqueadas pelotenses, seu principal mercado consumidor, mas também em função dos furtos de gado na fronteira.³⁴⁶ Reclamações eram constantes nas correspondências enviadas pelas câmaras municipais à presidência da Província e chegam a sugerir um certo abandono da região por parte dos poderes constituídos. As cartas mencionavam as dificuldades que os criadores vinham enfrentando, mas também reivindicavam soluções para outros problemas, tais como a criação de aulas públicas e a regularização do serviço dos correios. Porém, tantas reclamações geravam pouco ou quase nenhum resultado. É provável que o descontentamento dos moradores da região para com as instâncias de representação política tenha exercido influência direta sobre a adesão ao partido republicano. De fato, os moradores do terceiro círculo precisavam de um representante que defendesse seus interesses no Parlamento.

³⁴⁶ Sobre a situação das charqueadas na segunda metade do século XIX, ver: VARGAS, Jonas. Das charqueadas para os cafezais? O tráfico interprovincial de escravos envolvendo as charqueadas de Pelotas (RS) entre as décadas de 1850 e 1880. In: XAVIER, Regina Célia Lima (Org.). **Escravidão e Liberdade: temas, problemas e perspectivas de análise**. São Paulo: Alameda, 2012, p. 275-302.

Em outras oportunidades já destacamos que o terceiro círculo eleitoral foi o único a conseguir eleger um deputado republicano à Assembleia provincial rio-grandense durante a década de 1880. A região abrigava inúmeros clubes e núcleos republicanos, que vinham se mobilizando e tentando angariar espaços de representação política (sejam eles municipais, provinciais ou gerais) desde os anos de 1881/82. Vários republicanos do grupo que analisamos no capítulo anterior conseguiram acessar os quadros da vereança municipal; muitos deles, inclusive, para mais de um mandato. Outros, porém, em menor quantidade, conseguiram se eleger aos cargos de juiz de paz. A título de exemplo, ao longo da década de 1880, Uruguaiana contou cinco vereadores republicanos, além de alguns suplentes que esperavam por uma oportunidade de assumir uma vaga aberta, o que era bastante comum; São Gabriel teve um vereador republicano. Por fim, São Borja teve dois juízes de paz republicanos, além de outros na suplência; e três vereadores, além dos que aguardavam, na suplência, por uma vaga. Um dos vereadores são-borjenses era Aparício Mariense da Silva, importante liderança republicana de São Borja, que chegou a ser vice-presidente da Câmara Municipal por vários anos.³⁴⁷

Mas, se para os republicanos vencer as eleições municipais era perfeitamente viável, embora se encontrasse algumas dificuldades, conquistar espaços de representação na Assembleia Provincial se tornava uma tarefa bem mais difícil. Primeiro, porque dependia de uma mobilização conjunta de todos os núcleos republicanos que compunham o círculo eleitoral, ou seja, tratava-se de uma mobilização que deveria ser eficiente em âmbito regional e não exclusivamente local. Segundo, porque o candidato, ainda que escolhido previamente através de eleição dos núcleos, deveria ser aceito por todos os eleitores e contar com atributos que facilitassem essa aceitação.

Mesmo no caso de Assis Brasil, houve, é necessário dizer, tentativas frustradas, pois na primeira vez em que ele disputou as eleições os resultados foram pouco promissores. Contudo, na sua segunda tentativa de alcançar uma vaga à Assembleia Provincial, o candidato conseguira vencer, ainda que também com alguma dificuldade. Para tal vitória teve extrema importância o apoio que os líderes republicanos dos diversos clubes que compunham o terceiro círculo prestaram a sua candidatura. A atuação de alguns líderes locais em favor dos candidatos que apoiavam, além de ser decisiva, era uma prática corrente no século XIX,

³⁴⁷ As vagas foram contabilizadas a partir da leitura do acervo das Correspondências das câmaras municipais enviadas a presidência da província (AHRs). Durante o período em que Aparício Mariense foi vice-presidente da Câmara apresentou uma Moção Plebiscitária (1887), que defendia que, em caso de morte do imperador, se realizasse um plebiscito a fim de que a população fosse consultada a respeito da concretização de um terceiro reinado.

independente do partido no qual se militava.³⁴⁸ Não obstante, o candidato ainda teve de lançar mão de uma importante estratégia – a formulação de uma aliança política com os conservadores – que fora essencial para sua vitória no segundo escrutínio.

Como grupos minoritários, embora apresentando índices de crescimento ao longo da década de 1880, para os republicanos, a necessidade de pensar e colocar em prática algumas estratégias que visassem facilitar a vitória do partido nas eleições era latente. Tais estratégias passavam pela tentativa de burlar a legislação eleitoral, conseguindo qualificar mais eleitores ao partido, e, conseqüentemente, obter mais votos aos seus candidatos. Por outro lado, promover alianças e troca de votos com políticos monarquistas também se constituía num bom negócio. No último caso, essas alianças eram facilitadas pelos próprios vínculos sociais que uniam os republicanos à elite e às famílias mais tradicionais da província, especialmente lideranças do Partido Conservador, como vimos no capítulo anterior.

A existência dessas práticas ajuda a demonstrar o longo percurso que separava, por vezes, o discurso ideologizado adotado pelo PRR (que tinha como uma de suas principais matrizes o positivismo) e o pragmatismo político de alguns de seus membros. De fato, o partido objetivava ocupar o *poder* e, sendo assim, algumas práticas eram necessárias para alcançar esta meta. Contudo, a posição de negociação com outras agremiações deve ser vista como algo que não escapava à realidade de seu tempo, onde este tipo de relação era bastante comum, especialmente quando os vínculos interpessoais as facilitavam e as estimulavam.

Neste capítulo, portanto, realizaremos uma análise do percurso que levou Assis Brasil a eleger-se à vaga de deputado provincial pelo terceiro círculo eleitoral. No decorrer desse processo veremos quais estratégias foram colocadas em prática e quais agentes foram mobilizados para que ele acessasse tal cargo. Outras questões ainda merecerão destaque: De que maneira Assis Brasil comportou-se no Parlamento? Em quais debates se pronunciou e quais interesses ele defendeu? Os pecuaristas que, em grande parte, formavam o eleitorado republicano do terceiro círculo foram devidamente representados por ele no Parlamento? Quais atributos Assis Brasil utilizou no processo de legitimação de sua candidatura e do seu mandato perante os republicanos que o elegeram?

³⁴⁸ GRAHAM, Richard. **Clientelismo e política no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997; VARGAS, Jonas Moreira. **Entre a paróquia e a Corte: os mediadores e as estratégias familiares da elite política do Rio Grande do Sul (1850-1889)**. Santa Maria: UFSM/Anpuh-RS, 2010.

4.1 A CONDUTA ELEITORAL RECOMENDADA PELO PARTIDO E A FORMAÇÃO DAS PRIMEIRAS ALIANÇAS POLÍTICAS

Considerar a profusão de ideias estrangeiras e de teorias sociais e políticas que adentraram no Brasil das décadas de 1870/80 é um passo importante na tentativa de compreender o discurso ideologizado adotado pelo Partido Republicano Rio-Grandense (PRR). Fundado em 1882, por iniciativa de alguns acadêmicos recém-egressos da Faculdade de Direito de São Paulo, e tendo como principal base a doutrina positivista, os membros da agremiação procuravam apresentá-la como um “partido de ideias”, ou seja, não movido por interesses particulares ou de determinados grupos sociais. Adotando um programa definido a partir de reuniões e congressos republicanos, enfatizaram a defesa de um sistema de governo republicano e federativo, a abolição do trabalho escravo, a moralização da política nacional e, conseqüentemente, do sistema eleitoral subjacente.³⁴⁹

Na leitura do periódico oficial do PRR, *A Federação*, é possível encontrar vários artigos onde as principais ideias e mesmo o programa do partido foram expostos, na maioria das vezes através da pena de Julio de Castilhos, seu redator e também principal escritor. Em um desses textos, apresentando aos leitores o cenário político no qual o PRR adentrava e a bandeira que a agremiação defendia, Castilhos pontuou que “a política vem sendo exercida no meio de todas as imoralidades, quaisquer que sejam, contanto que o fim seja atingido, contanto que os indivíduos afirmem o maior proveito individual de todos os seus atos”. Na seqüência afirmava que “em relação aos partidos, que fornecem o pessoal dos governos, a política, na sua maior simplicidade, se reduz a isto: vencer, custe o que custar, vencer pelo emprego de todos os meios, sem seleção de qualidade”. Se na política monarquista

[...] para governar, é preciso corromper tudo, as idéias e os homens, o espírito e as opiniões, a consciência e o voto, [...] ao Partido Republicano está reservada a tarefa de reconstituição dos costumes políticos, pregando tenazmente a subordinação da política à moral. É o princípio culminante da sua bandeira.³⁵⁰

A entrada do PRR num cenário de crise política do regime monárquico tornava necessária a tentativa de diferenciação dos mesmos com relação aos partidos hegemônicos,

³⁴⁹ As resoluções tomadas nos congressos republicanos e as Bases para o programa do partido e dos candidatos republicanos podem ser vistas em: FRANCO, Sérgio da Costa. **Júlio de Castilhos e sua época**. Porto Alegre: Globo, 1967; e MONTEIRO, Hiram Ayres. **Venâncio Ayres: o cavaleiro do ideal**. São Paulo: Gril, 1997.

³⁵⁰ Jornal *A Federação*, 20.05.1884. Apud MARTINS, Liana Bach; SILVA, Luís Antônio Costa da; NEVES, Gervásio Rodrigues (Org.). **O pensamento político de Júlio de Castilhos**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2003. p. 17-19.

enfatizando pontos positivos da nova agremiação, quando comparada às demais. Nesse sentido, o fato de contarem com um programa partidário a ser seguido fielmente (ao contrário dos monarquistas) foi tomado como uma importante evidência de tal distanciamento. De fato, até meados do oitocentos, pouca importância era atribuída aos programas partidários, e a adesão a um ou outro dos partidos monárquicos se dava, principalmente, através de alianças pessoais. Conforme Carvalho³⁵¹, “somente em 1864 é que foi elaborado o primeiro programa partidário e este foi feito pelos progressistas”, enquanto que o “Partido Conservador, nunca apresentou qualquer programa escrito”. Já na Província do Rio Grande do Sul, conforme Vargas³⁵², o programa liberal só foi redigido em 1863 e, embora o Partido “inaugurasse um novo discurso, onde os ideais superariam as pessoas, parece-nos que a prática política das próximas décadas pouco mudou”, sendo a proeminência das lideranças pessoais reunidas em torno de facções e famílias extensas, o que conferia lógica à política local/regional.

A crítica à falta de uma posição ideológica demarcada por ambos os partidos monárquicos fica evidente nas palavras de Castilhos quando este enfatiza que, nas vésperas dos pleitos de 1886, o eleitorado rio-grandense não possuía ainda bases para determinar suas preferências, pois “não conhecem as idéias e o programa parlamentar de que pretendem ser portadores os aspirantes monárquicos”. Para o propagandista:

A única política conhecida em toda a sua verdade é a republicana, cujos caracteres essenciais e cujas soluções positivas têm sido por vezes objeto de francas e sinceras exposições perante a província. É em nome das mesmas idéias que os candidatos republicanos se apresentam de novo aos sufrágios dos seus concidadãos.

Mas os candidatos monárquicos, liberais e conservadores, percorrem os distritos, solicitam votos em toda a parte com azafama infatigável, e não dizem, entretanto, quais as idéias de que são portadores nem hasteiam uma bandeira política diante do eleitorado.

Essa omissão, que ao primeiro aspecto pode ser considerada secundária, é na verdade bem grave. As idéias dos candidatos devem ser a base da preferência por parte do eleitorado consciente e esclarecido, cujo dever é preferir ideias e não indivíduos, desde que elas fiquem desconhecidas, falta aos eleitores o único critério da escolha e as funções eletivas se adulteram e se pervertem.³⁵³

As eleições caracterizavam-se como o momento de maior enfrentamento entre os partidos políticos e ocupavam a atenção das comunidades locais durante quase todo o

³⁵¹ CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem**: a elite política imperial / Teatro das Sombras: a política imperial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 205.

³⁵² VARGAS, Jonas Moreira. **Entre a paróquia e a Corte**: os mediadores e as estratégias familiares da elite política do Rio Grande do Sul (1850-1889). Santa Maria: UFSM/Anpuh-RS, 2010. p. 59.

³⁵³ *Jornal A Federação*, 07.01.1886. Apud MARTINS, Liana Bach; SILVA, Luís Antônio Costa da; NEVES, Gervásio Rodrigues (Org.). **O pensamento político de Júlio de Castilhos**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2003. p. 41.

tempo.³⁵⁴ Liberais e conservadores utilizavam-se de várias estratégias, sobretudo clientelísticas, na captura de votos. Do mesmo modo, as fraudes eram uma prática bastante comum e tanto era possível burlar os resultados finais das eleições como também o próprio processo de qualificação de votantes – momento de designar quem se considerava apto a exercer as funções políticas.³⁵⁵ Conforme Richard Graham³⁵⁶, “as eleições eram, acima de tudo, exhibições teatrais elaboradas, que reiteravam insistentemente a convicção de que a única base própria da organização social residia no claro reconhecimento da superioridade e inferioridade social de cada um”. Para esse autor:

[...] em parte, o que tornava as eleições tão importantes, para a maioria dos participantes, fossem patrões ou clientes, era a preocupação permanente com a hierarquia social. Satisfazendo uma necessidade quase inconsciente, as eleições funcionavam para consolidar, entre uma população móvel, a ordem hierárquica nitidamente estratificada. Esse é um dos empregos menos reconhecido das eleições e, contudo, o mais profundamente enraizado na estrutura social brasileira do século XIX.³⁵⁷

O Partido Republicano, desde seus primórdios, buscou marcar posição contrária a essa prática política mencionada. Reivindicando a lisura do sistema eleitoral, Castilhos enfatizava que a postura do PRR era a de “um partido que não corrompe, que não engana e que não faz promessas sedutoras”.³⁵⁸ Se a inferioridade numérica do partido era admitida pelos próprios propagandistas, esta era contrabalançada pela crença na superioridade das

³⁵⁴ Conforme Graham, as eleições ocorriam frequentemente para um ou outro cargo sendo que, “o processo de elaborar a lista de votantes qualificados, muitas vezes um negócio em si mesmo, de longa duração, começava a cada ano”. GRAHAM, Richard. **Clientelismo e política no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. p. 141.

³⁵⁵ No processo de qualificação, as juntas eleitorais reuniam-se semanas antes do dia da eleição para arrolar todos os homens livres maiores de 21 anos aptos a exercerem seus direitos no dia das eleições, ou seja, os votantes. Na prática, os votantes eram os indivíduos que votavam para decidir quem seriam os eleitores. Os votantes deveriam ter renda mínima de 100 mil réis anuais, enquanto que os eleitores o mínimo de 200 mil réis anuais. Sobre o procedimento da qualificação, segundo Graham, este dependia da facção local dominante. O juiz de paz mais votado na última eleição presidia uma junta de qualificação de cinco membros. Os outros quatro membros eram escolhidos pelos eleitores, mas, em geral, pelo menos dois deles eram amigos ou parentes do presidente. Para elaborar a lista de votantes, a junta de qualificação trabalhava a partir de novas listas fornecidas pelos juizes de paz de cada distrito eleitoral, ou usavam as listas anteriores, acrescentando e riscando nomes. Já que a lei não especificava que documentos comprovariam a renda de um eleitor, em casos de contestação a junta recorria a declarações juramentadas ou testemunhas. Como frequentemente havia contradição entre as testemunhas, a junta permanecia livre para decidir, e o fazia segundo sua própria preferência política. GRAHAM, Richard. **Clientelismo e política no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. p. 146.

³⁵⁶ *Ibid.*, p. 164.

³⁵⁷ *Ibid.*, p. 139.

³⁵⁸ *Jornal A Federação*, 10.01.1885. Apud MARTINS, Liana Bach; SILVA, Luís Antônio Costa da; NEVES, Gervásio Rodrigues (Org.). **O pensamento político de Júlio de Castilhos**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2003. p. 33.

ideias que a agremiação defendia.³⁵⁹ Assim, sustentava-se que o PRR era “superior a todos os grupos adversos, pela grandeza de ideal, pela determinação segura de objetivo e pelo prestígio moral de que investem as suas idéias”.³⁶⁰

Tal era o distanciamento pretendido entre o modo de fazer política dos monarquistas e o comportamento político republicano que, na Convenção de 1882, criou-se uma espécie de código de condutas a ser seguido pelos últimos. A respeito dos procedimentos a serem tomados pelos republicanos nos pleitos eleitorais, decidiu-se o seguinte: 1) que em todas as localidades da Província os republicanos se esforçassem a fim de fazer qualificar todos os correligionários que se achassem nas condições da lei; 2) que sempre que fosse possível, os republicanos deveriam concorrer às urnas, sufragando o nome de algum correligionário e; 3) no caso de naufragar o candidato republicano no primeiro escrutínio, que o Partido se abstivesse no segundo.³⁶¹

Tais resoluções objetivavam não só aumentar o número do eleitorado republicano, o que conferiria maior força de expressão ao PRR, mas também evitar qualquer tipo de negociação de votos e/ou alianças políticas com membros dos partidos monárquicos. Enfatizando que o que esperavam dos pleitos era “a vitória total e definitiva das ideias” republicanas, Castilhos mencionava que:

Elevados a esse superior ponto de vista e nutrindo tão altos intuítos, é claro que os republicanos não concorrem às urnas, nem disputam eleições à cata de votos inconscientes, em busca de alianças sem sinceridade e sem moral.

Quiséssemos nós usar dos mesmos processos usados pelos candidatos monárquicos – verdadeiros solicitadores de votos, aceitássemos nós as combinações interesseiras e o pacto da reciprocidade de serviços eleitorais que a gula partidária nos oferece e poderíamos desde muito ir triunfando nas urnas, elegendo candidatos à custa de nosso prestígio moral e da nossa honra política.

*Temos repellido e repelimos sempre conchavos, acordos de auxílio recíproco ou de aliança com quem quer que seja.*³⁶² (grifo nosso).

Tendo em vista as palavras de Castilhos, perguntamo-nos como teria sido o comportamento dos líderes do PRR durante os processos eleitorais dos quais participaram. Seu discurso correspondia à prática política? Para tecer maiores considerações sobre tal fenômeno é necessário estudar mais profundamente a sua participação nas eleições. Para tanto,

³⁵⁹ O eleitorado republicano era pequeno, oscilando entre 10 e 15% da província, permanecendo assim até a queda da Monarquia.

³⁶⁰ *Jornal A Federação*, 10.01.1885. Apud MARTINS; SILVA; NEVES, op. cit., p. 33.

³⁶¹ MONTEIRO, Hiram Ayres. **Venâncio Ayres: o cavaleiro do ideal**. São Paulo: Gril, 1997. p. 322.

³⁶² *Jornal A Federação*, 09.01.1886. Apud MARTINS, Liana Bach; SILVA, Luís Antônio Costa da; NEVES, Gervásio Rodrigues (Org.). **O pensamento político de Júlio de Castilhos**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2003. p. 45.

analisaremos a atuação de Assis Brasil, o único candidato do PRR que conseguiu se eleger como deputado à Assembleia Provincial nos últimos anos da Monarquia.

Nem todas as tentativas do jovem Assis Brasil foram bem sucedidas. Para que o propagandista pudesse alcançar o posto tão almejado vários obstáculos tiveram que ser ultrapassados. Considere-se que, para um aluno recém-egresso da Academia Paulista, candidatar-se a um cargo político por um partido ainda pequeno e convencer o eleitorado de suas competências era um grande desafio.³⁶³ Tal era a dificuldade dessa empreitada que, na primeira vez em que Assis Brasil se candidatou a uma vaga na deputação provincial o resultado das eleições ficou muito aquém das expectativas dos republicanos.

A estreia de Assis Brasil em disputas eleitorais ocorreu em dezembro de 1883. Nessa ocasião, as eleições foram organizadas para eleger somente um deputado, pois uma cadeira havia ficado vaga na Assembleia Provincial. A Assembleia Legislativa reunia 30 deputados, sendo 5 para cada um dos 6 círculos eleitorais em que o território do Rio Grande do Sul estava dividido. Nos pleitos, cada eleitor votava em apenas um candidato. O 3º círculo, pelo qual Assis Brasil concorria, estava composto pelos municípios de Alegrete, Quaraí, Itaquí, São Gabriel, Santo Ângelo, São Luís Gonzaga, Rosário, São Borja, Santiago, São Vicente, São Francisco de Assis e Uruguaiana. Sua estreia foi decepcionante, pois os pleitos resultaram numa vitória esmagadora do Major Geraldo de Faria Corrêa (liberal), que recebeu 592 votos em toda a região contra 72 de Assis Brasil, que ficou em segundo lugar.³⁶⁴

De fato, a disputa por uma cadeira vaga na Assembleia, realizada às pressas e sem muito preparo e investimento por parte dos republicanos, não é um bom parâmetro para a análise da sua desenvoltura nos pleitos. Ainda que a região que compunha o terceiro círculo eleitoral já contasse com alguns clubes e núcleos republicanos, o séquito de eleitores mobilizado por liberais e conservadores era demasiadamente maior. Ao mesmo tempo, muito provavelmente os republicanos não se utilizaram de todas as armas que tinham em prol da candidatura de Assis Brasil. A partir dessa derrota, foi possível visualizar a necessidade de criar uma estratégia de propaganda mais efetiva e que fosse capaz de ampliar os votos do partido.

³⁶³ Para uma análise da dinâmica das eleições locais e do processo de negociação entre candidatos e eleitores ver VARGAS, Jonas Moreira. Os políticos de aldeia: eleições, negociações e prática política nas paróquias do Rio Grande do Sul (1868-1889). In: VI MOSTRA DE PESQUISA DO ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. *Anais...* Porto Alegre: CORAG, 2008. p. 39-57.

³⁶⁴ Livros de Registros Diversos, Primeiro Tabelionato de Alegrete, Fundo 2, Estante 24, 1881-1890 (APERS). Os conservadores parecerem ter agido em abstenção. Os resultados das eleições no 3º círculo citados daqui em diante estão contidos nos mesmos livros.

Uma de suas primeiras investidas, dentre outras que veremos adiante, foi a intensificação de sua propaganda política através da imprensa, com a criação do jornal *A Federação* (1884). A circulação de um jornal diário, veículo de comunicação direto com o eleitorado republicano real ou potencial, colaborava tanto no sentido de expor as ideias do partido, como também trabalhava em prol das candidaturas. Nas eleições regulares, ocorridas no ano seguinte (1884), os republicanos se mostraram muito mais combativos, o que podia ser notabilizado pelos investimentos e pelo longo período das campanhas eleitorais através do jornal, da mobilização dos principais chefes locais a favor das candidaturas e, no caso do terceiro círculo eleitoral, da busca pelo apoio dos estancieiros da região.

O sucesso de uma candidatura no período monárquico dependia da combinação de uma série de fatores. O mais importante era convencer o eleitorado local e os líderes dos partidos das suas competências e propostas. A livre consulta aos eleitores por meio de palestras individuais e excursões políticas era fundamental, assim como os pedidos de votos através da imprensa. Mas, antes disso, era necessário conquistar o apoio dos líderes locais e principais chefes do partido que, caso aceitassem, emitiam dezenas de circulares aos eleitores mais influentes, aconselhando-os a acolherem as candidaturas. Entretanto, conquistar a confiança dos chefes do partido e dos eleitores não era fácil. Ter um diploma de curso superior e pertencer a uma família tradicional e rica na região eram pré-requisitos importantes. Quanto maiores os vínculos pessoais com os grandes líderes e obviamente a aceitação de sua política, maiores eram as chances. Firmando-se as alianças eleitorais, os estancieiros e demais eleitores empregavam toda a sua clientela local e influência na Guarda Nacional, nos juizados de paz e de direito, na Delegacia de Polícia e na Câmara Municipal para vencer os pleitos. Como as eleições eram bastante frequentes (praticamente todo ano se votava), as alianças tinham que ser renovadas continuamente, pois os eleitores trocavam de candidatos, tornando todo o processo bastante complexo.³⁶⁵

Assis Brasil teve a oportunidade de pular ao menos uma etapa desse processo, pois ele constituía-se num dos principais chefes do PRR, tendo legitimado essa liderança intelectualmente entre seus pares desde a época em que era estudante de Direito.³⁶⁶

³⁶⁵ Ver, por exemplo, GRAHAM, Richard. **Clientelismo e política no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. Para a dinâmica no Rio Grande do Sul, com muitos exemplos, ver VARGAS, Jonas Moreira. Os políticos de aldeia: eleições, negociações e prática política nas paróquias do Rio Grande do Sul (1868-1889). In: VI MOSTRA DE PESQUISA DO ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Anais...** Porto Alegre: CORAG, 2008. p. 39-57.

³⁶⁶ É necessário lembrar que, por trás da fundação do PRR, em 1882, não estavam somente os jovens estudantes como Assis Brasil e Júlio de Castilhos. O Partido apenas agregou republicanos espalhados esparsamente em “clubes” municipais e trouxe para o seu interior antigos e insistentes militantes, como Venâncio Ayres e Apolinário Porto Alegre, entre outros. Entretanto, ninguém pode negar que os jovens bacharéis egressos de

Entretanto, para que sua candidatura fosse validada, não bastava apenas a sua aceitação pelos principais líderes do PRR, pois o partido adotara como procedimento a indicação prévia dos candidatos pelos clubes e núcleos republicanos, através de eleição. Tal prerrogativa fez com que Assis Brasil tivesse que buscar a simpatia dos membros dos vários clubes republicanos do terceiro círculo eleitoral, a fim de ser escolhido, através de votação prévia, pela maioria deles. Nesse processo, ganhavam importância as visitas aos núcleos, a realização de conferências naqueles municípios, e mais do que isto, o uso da influência de alguns líderes locais, que o indicavam ao clube ou mesmo em jornais, visando a um público mais amplo.

O fato de possuir um diploma acadêmico, de ser de uma família tradicional de pecuaristas que tinha, dentre seus principais membros, um Barão, e de ter ficado conhecido entre os republicanos brasileiros e portugueses por conta de seus escritos, certamente contribuíam para sua notabilidade e prestígio social. Em São Gabriel, onde ele e os demais membros da sua família já ocupavam espaço de destaque no interior do clube republicano, Assis Brasil fundou ainda um jornal republicano, *O Precursor* (1884). A circulação do periódico, embora não fosse diário, servia para a exposição das ideias republicanas e as críticas à situação política vigente, ao mesmo tempo em que criava um canal de comunicação direto com os assinantes.³⁶⁷

Seus companheiros de redação também agregavam importância e notoriedade política ao jornal: Fernando Abbott fora presidente do Clube Republicano de São Gabriel por vários anos, além de ter colaborado para a fundação, em São Gabriel, de um clube que lutava pela libertação dos escravos. O Dr. Fernando Abbott era membro de uma família de médicos (como ele também o era), que provavelmente mobilizava clientela e capital relacional significativo. Seu avô fora conselheiro do Império e seu pai, o comendador Jonathas Abbott, tinha vultuoso patrimônio material e imaterial, além de vasta influência política no município.³⁶⁸ Outro companheiro de jornal era Tito Prates da Silva, formado em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1877, um ano antes de Assis Brasil ingressar na mesma faculdade. Era primo de Júlio de Castilhos e casou-se com uma

São Paulo renovaram as bases ideológicas do Republicanismo rio-grandense, pois os mesmos auxiliaram na difusão de ideias intensamente debatidas entre os políticos e intelectuais paulistas, como o positivismo e o evolucionismo, entre outros.

³⁶⁷ SILVA, Jandira M. M da; CLEMENTE, Ir. Elvo; BARBOSA, Eni. **Breve histórico da imprensa sul-riograndense**. Porto Alegre: CORAG, 1986, p. 170.

³⁶⁸ Jonathas Abbott era médico diplomado pela Faculdade de Medicina da Bahia (1848). Ingressou no corpo de saúde do exército, tendo sido transferido para o Rio Grande do Sul durante a Guerra contra Oribe e Rosas. Terminada a guerra radicou-se em São Gabriel, onde passou a dirigir o hospital do regimento de artilharia. Em 1852 foi promovido a tenente e em 1861, já estabilizado, reformou-se e passou a trabalhar como médico particular. Em 1873 foi um dos fundadores da Loja Maçônica Rocha Negra, de São Gabriel.

filha do general João Manuel Menna Barreto. Advogado de grande clientela, o Dr. Tito fora juiz de órfãos de São Gabriel nos primeiros anos da década de 1880. Por fim, também era redator do jornal Manoel Pinto da Costa Brandão Júnior. Natural de Pelotas, Manoel fez a campanha do Paraguai como tenente e, ao regressar, radicou-se em São Gabriel, onde constituiu família. Era membro atuante do Clube Republicano de São Gabriel e advogado, sem formação, de vasta clientela.³⁶⁹

Posto que *O Precursor* só circulava em São Gabriel, o intercâmbio com *A Federação* era constante. Por diversas vezes o jornal porto-alegrense, que tinha assinantes espalhados por toda a Província e principalmente na região da campanha, publicava seus artigos, fazendo-os circular entre os demais municípios que compunham o círculo eleitoral, colaborando assim não só com a campanha de Assis Brasil, mas também com a difusão das ideias expressas naquele periódico. Contando, pois, com o auxílio de dois jornais, de circulações distintas e complementares, o candidato encontrava espaço para demonstrar sua performance política. Uma das primeiras ações tomadas por Assis Brasil, dentre aquelas que integravam uma campanha eleitoral, foi a publicação, via jornal, de uma circular ao eleitorado, apresentando-se como candidato e expondo as principais ideias que defendia.

De tal modo, já no mês de junho de 1884, *A Federação* publicou a mencionada circular escrita por Assis Brasil aos eleitores do terceiro círculo. O texto, que havia sido publicado anteriormente no jornal *O Precursor*, ganhava maior divulgação ao ser republicado em primeira página pelo jornal da capital, atingindo, portanto, os demais municípios. O candidato foi apresentado pela *A Federação* com palavras lisonjeiras, trazendo à tona elementos que o distinguiam do restante do eleitorado e o colocavam em posição notável. Segundo o editorial, “longe de ser um desconhecido, tem o candidato um brilhante passado, apesar da sua mocidade”. Narrando a trajetória de Assis Brasil e sua proeminência política, inclusive em relação aos demais companheiros, o editorial destacou:

Mocidade fecunda tem sido a sua!

O seu nome não se encerra no âmbito da província, porque impôs-se já ao conhecimento do país. Ainda cursando os bancos da academia de S. Paulo, Assis Brasil impunha o seu nome à admiração geral, pelos seus eloquentes e bem meditados discursos, pela sua colaboração na imprensa paulista, pela vasta concepção dos seus livros profusamente divulgados e geralmente aplaudidos. [...]

Quando Assis Brasil não possuísse outros títulos que o impusessem ao apreço da sua província, bastaria este de per si: o de revivedor das maiores glórias do Rio Grande,

³⁶⁹ Analisando os inventários dos republicanos de São Gabriel, percebemos que em grande parte deles Manoel Pinto da Costa Brandão Júnior era acionado como procurador dos inventariantes. Daí se pode concluir que o espaço de socialização dos clubes republicanos era um local de debate político, mas também de construção de laços de amizade e de realização de negócios.

glórias que revivesceram brilhantes nas páginas de um livro eloquentíssimo [História da República Rio-Grandense].³⁷⁰

Os atributos exaltados pelos companheiros de propaganda – boa oratória e experiência jornalística, por exemplo, além do fato de ser Assis Brasil um propagandista que tinha seu trabalho reconhecido por seus pares, era entendido como algo que poderia exercer influência sobre a decisão dos eleitores. De fato, Assis Brasil contava com atributos que o eleitorado reconhecia como favoráveis para a posição que ele tentava ocupar na tribuna. Lembre-se ainda que o próprio fato de ser um bacharel em Direito colaborava no mesmo sentido. Se esses atributos acabavam por diferenciá-lo da maioria do eleitorado republicano que ele objetivava representar, a busca por alguns aspectos que pudesse aproximá-los também era importante. Na relação entre representados e representantes, complexa em si mesma, os primeiros têm de reconhecer no último uma proximidade e/ou afinidade tal que o representante consiga identificar/reconhecer todos os interesses que estão em jogo na cena política e possa lutar por eles. Entretanto, aquele que representa deve estar investido de atributos tais que quaisquer outros indivíduos do grupo não tenham e, portanto, se reconheça nele, e somente nele, a capacidade de exercer o posto de representante.

A tentativa de aproximação com o eleitorado fica bastante clara na circular escrita por Assis Brasil. Nela, o propagandista demonstrou estar identificado com os principais interesses do eleitorado do terceiro círculo, em sua grande maioria, formado por pecuaristas, afirmando mesmo que a busca por benefícios a esta atividade constituiria sua principal luta na Assembleia. De fato, a situação da pecuária na região da campanha era algo que preocupava não só o eleitorado que Assis Brasil buscava representar, mas também ele próprio, sua família, uma porção de parentes e amigos, além, obviamente, dos correligionários políticos mais chegados. Na circular, manifestava ele que:

Estou a par da situação presente da nossa província, que cotidianamente observo com interesse.

Conheço também o seu passado, e sou mesmo o último dos historiadores rio-grandenses.

Tenho corrido todas as zonas de seu território, adquirindo, assim, deles o mais exato conhecimento.

Filho de fazendeiro, e fazendeiro também eu, estou seguramente informado do estado, direi antes, das necessidades da nossa ainda hoje primeira indústria e primeira fonte de riqueza.

Julgo-me, pois, no caso de representar a minha terra.

E se tal me não reputasse, não seria candidato.³⁷¹

³⁷⁰ *Jornal A Federação*. 26.06.1884. Acervo do NPH (UFRGS).

³⁷¹ *Jornal A Federação*. 26.06.1884. Acervo do NPH (UFRGS).

Ao final do texto, Assis Brasil informava que faria uma excursão eleitoral pelos municípios daquela região, que seu itinerário já estava traçado e que, “oportunamente se irá fazendo constar o dia em que se deve realizar a reunião pública em cada um daqueles pontos”. As excursões eleitorais eram parte importante de uma campanha política, independentemente do partido no qual se militasse. Nas visitas aos municípios, os candidatos realizavam conferências públicas, expunham suas ideias e mesmo o programa do partido. As viagens (ou excursões eleitorais) proporcionavam momentos de contato direto com o eleitorado e de convencimento dos mesmos de suas capacidades, e nisto, tinha grande influência a oratória, o carisma e, sem dúvida, o apoio e a influência de estancieiros e líderes locais – especialmente aqueles com quem se tinha amizade, parentesco ou afinidade política. Esses líderes locais, quando a favor dos candidatos, abriam-lhes os caminhos, apresentando-os à comunidade, repassando informações importantes, com quem conversar, para quem pedir apoio, entre outros.

A importância dessas visitas fica clara em carta que o republicano Apolinário Porto Alegre recebeu de um seu correligionário, Patrício Vieira Rodrigues, residente em Camaquã. O município integrava o quinto círculo eleitoral, região pela qual Apolinário se candidatou à vaga de deputado provincial no ano de 1884. A carta nos incita a refletir sobre a importância dessas excursões eleitorais e de seu planejamento racional, bem como do auxílio prestado por esses líderes locais. Nas palavras de Vieira Rodrigues:

Amigo e correligionário Apolinário

Com prazer vi que o 5º círculo ainda o apresenta; é muito preciso que o amigo visite alguns pontos do círculo, ainda que sejam os mais próximos e os que tem navegação; se resolver-se e também nos der o prazer de vir até cá me avise pelo telégrafo com antecedência de alguns dias que mandarei o Divino a Barra do Ribeiro com alguns cavalos.[...]

No dia 21 fazem a festa da padroeira, a ela concorre todo o eleitorado, ocasião própria, portanto, para uma visita política.³⁷²

Tal como se pode verificar através da leitura da carta, as lideranças locais exerciam importante papel, repassando informações relevantes, orientando os candidatos sobre os momentos mais oportunos para as visitas e oferecendo todo o suporte para que elas ocorressem. Ao mesmo tempo, o fato de esses líderes se responsabilizarem por promover as recepções aos candidatos em seus municípios, de apresentá-los à comunidade em geral, certamente tinham influência sobre as decisões do eleitorado. Tal era a influência exercida por

³⁷² Correspondência de Patrício Vieira Rodrigues a Apolinário Porto Alegre. Camaquã, 04.09.1886. Arquivo pessoal de Apolinário Porto Alegre (APA-0137 – IHGRGS).

esses indivíduos, conhecidos e respeitados em meio as suas comunidades, que eles se tornavam importantes agenciadores de votos em um cenário político fortemente marcado pelas relações interpessoais.

De tal modo, Vieira Rodrigues, em outra das várias missivas que escreveu a Apolinário falando sobre assuntos políticos, tranquilizava o amigo a respeito dos votos que havia angariado no município em favor de sua candidatura: “Confirmo o que lhe disse sobre sua apresentação pelo quinto círculo; salvo circunstâncias imprevistas, conte com trinta votos aqui em Camaquã”.³⁷³ Em outro trecho da carta, fica-nos perceptível a importância da performance individual desse notável local, em um cenário economicamente periférico, e onde o Partido Republicano ainda não contava com muitos adeptos: “Ainda não criei aqui um clube, porque entendo que sem ele prestarei melhor serviço à causa que advogamos; o amigo sabe que além de lutarmos contra dois grupos organizados, temos também de lutar contra a ignorância da maior parte de nossos patrícios; infelizmente isso aqui me acontece”.³⁷⁴

As cartas trocadas entre Apolinário Porto Alegre e Patrício Vieira Rodrigues, embora não se refiram ao círculo eleitoral que temos como principal foco de análise, são ilustrativas de uma realidade que não se restringia somente àquela região, e tampouco a esse número reduzido de correligionários. Pelo contrário, nos fazem refletir acerca da dinâmica da política republicana, de como ela se organizava e, em última instância, de como se aproximava, na prática, do comportamento político dos monarquistas. A influência dos líderes locais era algo que marcava todo e qualquer processo eleitoral do oitocentos. Fossem republicanos, liberais ou conservadores, era comum que alguns indivíduos, em função da notoriedade e prestígio adquiridos em meio a suas comunidades, mobilizassem um séquito de eleitores.

Essas lideranças locais eram mobilizadas toda vez que ocorria alguma disputa eleitoral, seja ela para cargos municipais, provinciais ou gerais. No caso dos republicanos, estreantes na cena política rio-grandense na década de 1880 (pelo menos no que se refere à atuação nas disputas eleitorais), o apoio buscado nesses chefes locais, mais conhecidos no cenário político, era essencial. Assis Brasil, ao disputar as vagas à Assembleia Provincial e

³⁷³ Correspondência de Patrício Vieira Rodrigues a Apolinário Porto Alegre. Camaquã, 03.06.1884. Arquivo pessoal de Apolinário Porto Alegre (APA-0120 – IHGRGS).

³⁷⁴ Ibid. O apoio político entre ambos perdurou por vários anos. Em missiva de 1882, quando o PRR recém dava seus primeiros passos, Vieira Rodrigues já conseguia votos ao amigo: “Muito as pressas lhe escrevi dizendo que aceitava a sua candidatura à Assembleia Provincial: tendo já me entendido com alguns eleitores que me acompanham, posso já garantir-lhe (salvo imprevistos), 28 votos para basear no cálculo, mas, presumindo alcançar 35. Avante nos outros lugares, que aqui e em Dores o amigo já está seguro” (Correspondência de Patrício Vieira Rodrigues a Apolinário Porto Alegre. Camaquã, 14.10.1882. Arquivo pessoal de Apolinário Porto Alegre (APA-081 – IHGRGS)).

Geral em fins de 1884, não se furtou desse apoio, tendo recebido colaboração de importantes chefes políticos do terceiro círculo eleitoral durante sua campanha.

Assim, durante as visitas que realizou aos municípios que compunham o terceiro círculo, foi recebido por algumas personalidades, com quem, inclusive, nutria laços de amizade já há algum tempo. Venâncio Ayres, por exemplo, o recebeu em Santo Ângelo, acompanhando-o nos compromissos que ali assumira. Não satisfeito com o fato de o público vê-lo assistir a conferência que Assis Brasil ali realizara, Ayres escreveu um longo artigo para *A Federação*, rasgando-se em elogios ao orador e reiterando a todos aqueles que não se fizeram presentes ao evento, mas tinham acesso ao jornal, seu apoio à candidatura do novato. Referiu-se à conferência, em seu artigo, como um “eloqüente discurso, que deixou impressão indelével, e foi um verdadeiro acontecimento”, sentindo mesmo “[...] não poder resumir melhor este discurso, do qual dá uma pálida idéia o imperfeito extrato que aí fica”.³⁷⁵ O jornal era, sem dúvida, uma via importante para a recomendação do candidato escolhido pelos principais líderes locais aos demais correligionários, já que atingia um público significativo em um espaço curto de tempo.

Mais velho que os seus correligionários rio-grandenses, Venâncio Ayres tornou-se um dos líderes mais importantes do PRR. Sua experiência e trajetória política lhe rendia imenso prestígio entre os demais. Paulista da cidade de Itapetininga, formado pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1868, Venâncio foi deputado provincial em São Paulo (1870-71), e participou da Convenção Republicana realizada em Itu. Em 1874, migrou para o sul, estabelecendo-se em Santo Ângelo, onde fundou um jornal republicano e abolicionista – *A Descentralização* –, dando sequência ao trabalho jornalístico que já desenvolvia em São Paulo. No Rio Grande do Sul foi um dos fundadores do PRR, tornando-se redator-chefe nos primeiros meses do jornal *A Federação*, periódico para o qual se dedicou inteiramente, e que lhe exigiu alguns sacrifícios.³⁷⁶ Em Santo Ângelo, fora vereador e presidente da Câmara

³⁷⁵ *A Federação*. 04.09.1884. Acervo do Memorial do Legislativo do Rio Grande do Sul (ALRS).

³⁷⁶ Em carta escrita aos correligionários rio-grandenses, em momento de profunda crise do jornal escreveu ele que: “A Federação não pode morrer. É a única filha que tenho. Já achei comprador para o meu pequeno pedaço de campo e para algumas vacas que possuo. Tudo isto é para a Federação. Aguentem a crise que não demorarei a enviar-lhes recursos.” (Apud MONTEIRO, Hiram Ayres. **Venâncio Ayres: o cavaleiro do ideal**. São Paulo: Gril, 1997. p. 329). Já em carta de Júlio de Castilhos a Assis Brasil, dizia o remetente: “Para começar dir-te-ei que estive com o Venâncio em Cima da Serra, havendo encontrado nele a mais entusiástica disposição para ter um quinhão nos sacrifícios que vai custar-nos a compra da Federação. Foi tratar de arranjar os cobres, que remeterá no tempo que combinamos. Está pronto para o que der e vier, como um dos republicanos mais completos que conheço e em cuja fé inextinguível encontraria o mais saudável estímulo, se de estímulos eu precisasse”. Correspondência de Júlio de Castilhos a Assis Brasil. Porto Alegre, 11.05.1885. Arquivo pessoal de Assis Brasil (nº 015 – IHGRGS).

Municipal entre os anos de 1881 e 1885, o que certamente aumentou sua notoriedade e liderança política em meio à comunidade local.³⁷⁷

Em correspondência ao amigo de Itapetininga, João Monteiro de Carvalho, Venâncio Ayres expunha o modo com que vinha investindo na política rio-grandense, bem como o apoio que vinha dando aos moços daquelas bandas:

Por aqui ando peregrinando. Atirei-me à luta política e, ainda que vencido na primeira refrega, o que era de esperar, não perdi a esperança de ver, em pouco tempo, nesta província, um partido republicano forte e capaz de dar batalha, com esperança de vitória, aos monarquistas.

Não pretendo e não aspiro representar a Província. Não sou filho do Rio Grande e não quero que se diga que vim aqui fazer carreira política, por não ter préstimo na nossa província. Há aqui já moços distintos e ilustres por quem trabalho. Luto por minha pátria e não por mim. Assim entendo a política, assim a pratico.³⁷⁸

De fato, as eleições que Ayres disputara em 1881, ainda que tenha recebido o apoio e colaboração de diversos correligionários, não lhe garantiram vitória. Em São Borja, Ayres havida pedido auxílio a sua candidatura a Aparício Mariense, importante líder republicano daquele município. Na missiva em que solicitava o apoio do são-borjense, dizia Ayres:

Ilustre amigo

Como já deve saber, o partido republicano disputa a eleição no 3º distrito – que é o nosso.

O candidato sou eu.

[...] Pouco importa o número de votos, o que é preciso é que o voto tenha valor e significação política.

Conto que fará tudo a bem de nosso partido.

Mande-me dizer quantos eleitores republicanos teremos aí.

Saudades ao nosso amigo Lemos e ao seu irmão Álvaro e mais [...].³⁷⁹

Ainda que os votos de São Borja e dos demais correligionários de outros municípios não tenham garantido a vitória de Venâncio Ayres na eleições para deputado geral, a mobilização republicana dos são-borjenses a favor de sua candidatura mereceu um agradecimento especial do paulista, algum tempo depois. Em outra missiva, escreveu a Mariense sobre o apoio recebido naquela comunidade: “Aparício. Depois da batalha eleitoral não te saudei. Desculpe-me. Obtive aí uma brilhante votação. Devo-te e aos nossos dedicados

³⁷⁷ MONTEIRO, op. cit.

³⁷⁸ Correspondência de Venâncio Ayres a João Monteiro de Carvalho. Santo Ângelo, 10.03.1882. Apud MONTEIRO, Hiram Ayres. **Venâncio Ayres: o cavaleiro do ideal**. São Paulo: Gril, 1997. p. 349.

³⁷⁹ Correspondência de Venâncio Ayres a Aparício Mariense. Santo Ângelo, 20.08.1881. Arquivo Pessoal de Aparício Mariense (AAM-002 – IHGRGS).

amigos daí. Saúdo-te, pois, e por teu intermédio envio um meu abraço aos republicanos de São Borja.³⁸⁰

Mariense parecia agenciar uma porção de votos e, muito provavelmente, deve tê-los mobilizado também em outras oportunidades. Tal era a importância de sua liderança política em São Borja que Mariense chegou a ser reconhecido entre seus pares como o “chefe das Missões”, um líder “de alta confiança política”, sempre procurado no sentido de mobilizar o eleitorado local a favor dos candidatos do PRR.³⁸¹

O são-borjense também colaborara na candidatura de Assis Brasil no ano de 1884. Tanto ele quanto Francisco Miranda, dois dos principais propagandistas de São Borja, presidentes do clube republicano local, apresentaram e indicaram esse candidato, no momento de sua conferência, ao eleitorado de São Borja. Na visita de Assis Brasil àquele município, o candidato foi recebido por ambos os correligionários, que chegaram a lhe prestar homenagem, conforme o registro de *A Federação*:

Os seus amigos e correligionários promoveram-lhe no dia 8 uma manifestação, orando nesta ocasião por parte do Clube Republicano desta vila o Sr. Aparício Mariense; seguiu-lhe com a palavra o Sr. Francisco Miranda, que proferiu um eloqüente discurso [...] concluindo por convidar o povo são-borjense, sem distinção de cores políticas, para a conferência que iria se realizar no teatro no dia seguinte.³⁸²

A apresentação do candidato pelos principais líderes republicanos locais certamente influenciava na decisão dos demais correligionários em sufragar seu nome nas urnas. Para além da promoção de um festejo onde o candidato foi apresentado ao eleitorado, os são-borjenses certamente também devem ter se valido de outros recursos, como a apresentação do candidato através de cartas políticas, como era de costume na época.³⁸³ Ambos eram importantes chefes políticos locais, tendo sido os principais articuladores do Clube

³⁸⁰ Carta de Venâncio Ayres a Aparício Mariense. Santo Ângelo, dezembro de 1881. Arquivo Pessoal de Aparício Mariense (AM-002 – IHGRGS).

³⁸¹ Ainda, em telegramas trocados em 1891, quando Mariense decidiu se retirar da vida política, insistindo para que ele desistisse da ideia, seus correligionários por várias vezes fizeram menção a seu passado político, chamando-o de “chefe incontestável”, “um dos mais dignos chefes do partido”. Em telegrama de 09 de julho de 1892, o também são-borjense Homero Baptista, dizia: “Conseguiste ser um poderoso Chefe partidário, que a República estremece, que os companheiros estimam e que os adversários respeitam e temem. Não podes, portanto, abrir um claro que não se preenche, não podes desfaltar o nosso partido do teu perene concurso, sem que sofra a República, (intibie-se) energia companheiros e nossa Samborja desclassifique-se, saindo da primeira linha dos baluartes do nosso partido. [...] Teu lugar é o de Chefe nosso partido região missioneira. Dele não podes abrir mão, sob pena sacrificar república em nossa gloriosa região. (Telegrama de Homero Baptista a Aparício Mariense. 09.07.1892. Arquivo pessoal de Aparício Mariense – AM-029 – IHGRGS).

³⁸² *A Federação*. 02.10.1884. Acervo do Memorial do Legislativo do Rio Grande do Sul (ALRS).

³⁸³ VARGAS, Jonas Moreira. Os políticos de aldeia: eleições, negociações e prática política nas paróquias do Rio Grande do Sul (1868-1889). In: VI MOSTRA DE PESQUISA DO ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. *Anais...* Porto Alegre: CORAG, 2008. p. 39-57.

republicano de São Borja, como bem demonstra a carta escrita por Francisco Miranda à Mariense:

Junto a esta te remeto comunicação do Club, por onde conhecerás os seus primeiros trabalhos. Verás por ela que fomos ambos eleitos para a comissão encarregada da correspondência; assim espero-te para combinarmos sobre os trabalhos da mesma.

[...]

Pede-te o Club, e eu particularmente te peço, de conseguires que os teus amigos e nossos companheiros daí se inscrevam no Club.

A esses, e tão somente a esses, me parece conveniente que inicies nos nossos primeiros trabalhos. A publicidade acho por enquanto extemporânea. Aos duvidosos convence-os primeiro. Isto feito, aponta-lhes para o nosso primeiro Livro de escrituração.

Dos certos, dos vossos amigos que aderirem ao Club, que quiserem inscrever-se, traz os seus nomes e mais apontamentos para a inscrição, ou mande-as se não puderes vir logo.

Trabalhemos Aparício, trabalhemos com coragem, calma e constância. Roma não se fez num dia; mas Roma fez-se e chegou a ser o que nós sabemos.³⁸⁴

A capacidade de Mariense em mobilizar “amigos” e correligionários políticos fica bastante evidente na leitura da carta. Se isso era possível de se realizar visando o alistamento de pessoas no Clube, supõe-se que não era difícil para o Coronel convencê-los sobre depositar votos em algumas candidaturas. O apoio que Mariense conferiu a Assis Brasil em sua campanha devia-se ao fato de compartilharem o ideal republicano, assim como também provinha dos vínculos estabelecidos entre estes propagandistas. Aparício Mariense e Assis Brasil nutriam uma amizade e correspondiam-se já há alguns anos, desde quando o último ainda residia e estudava em São Paulo. Para o estabelecimento deste contato, provavelmente influenciou Homero Baptista, outro importante republicano são-borjense, amigo de Mariense e contemporâneo de Assis Brasil na faculdade. Na primeira carta que Assis Brasil escreveu a Mariense, o jovem demonstrou-se entusiasmado com o contato estabelecido:

Presadíssimo concidadão

Sua atuabilíssima carta de 26 de setembro (infelizmente só agora recebida) lisonjeiramente confirma as informações que já eu tinha acerca de sua bondade e ardor de convicção livres. [...]

Uma infinidade de boas e ardentes adesões, como a sua, que tenho recebido dos mais esperançosos dos meus patrícios – enche-me de fé e de esperança pelo futuro de nossa causa comum, com a qual, há muito, eu considero identificado. Ao Sr, como a todos, a cuja sinceridade não me é lícito mentir respondo com a promessa solene de manter sempre progressivamente arraigados e firmes as crenças que tantos e tão ardentes aplausos tem provocado para o mais obscuro de seus soldados.

Muito breve terei a honra e o inexprimível prazer de reunir-me, sob a mesma bandeira, a essa esperançosa falange que, separada dos arruinados grupos constitucionais, prepara-se hoje em nossa província para as lutas da liberdade. Vou

³⁸⁴ Correspondência de Francisco Miranda a Aparício Mariense. Passo, 11.05.1881. Arquivo Pessoal de Aparício Mariense – AM-003 (IHGRGS).

sem ambições e sem esperança de resultados individuais. Para paz de consciência e prêmio dos amargos esforços, basta-me a satisfação da justiça de nossa causa e de ter por companheiros os muito poucos homens de bem que sabem ainda elevar os olhos acima do estômago, principal fonte de inspiração da turba caricata que hoje envergonha nossa desgraçada pátria.

Conservarei sua carta como um incentivo, como um prêmio e peço-lhe que desde já me considere seu amigo, pelo mais sagrado dos vínculos – o das idéias.³⁸⁵

Assis Brasil demonstrou-se satisfeito pelo vínculo que, naquele momento, começava a se concretizar com Mariense. De fato, o são-borjense era um importante aliado para qualquer republicano que objetivasse se candidatar a algum posto. Seu apoio político, portanto, era essencial, na conquista de votos na região missioneira, como também o era a colaboração de Francisco Miranda, seu companheiro na direção da agremiação republicana de São Borja. Esse último tinha laços estabelecidos não só com o então candidato, mas com outros membros da família Assis Brasil, como demonstram os telegramas referentes à propaganda republicana trocados com João de Assis Brasil, registrados nos livros de Atas do Clube Republicano de São Gabriel, mencionados no primeiro capítulo.³⁸⁶

Logo, Miranda também integrava o circuito de relacionamentos de Assis Brasil e o vínculo de amizade que os conectava fica evidente em carta de Assis Brasil a Mariense, quando aquele disserta a respeito da ideia de criar um fundo destinado à qualificação de novos eleitores republicanos no 3º círculo eleitoral. Se a ideia parecia inovadora, a ilegalidade do procedimento proposto, que se referia à compra dos documentos comprobatórios da renda dos eleitores, pedia que esta ficasse restrita apenas aos amigos mais confiáveis. Ao final da missiva, Assis Brasil enfatizou que “estas coisas só debes comunicar a bons companheiros, como Miranda, o Álvaro, Homero e poucos outros. A alma do negócio é o segredo”.³⁸⁷

Portanto, o relacionamento que Assis Brasil mantinha com Miranda e Mariense permitia que os amigos políticos fossem mobilizados em diferentes situações, seja no momento de pôr em prática um importante agenciamento de votos diante das eleições, seja compartilhando ideias que, mesmo que secretas, poderiam ser utilizadas a fim de aumentar o número de eleitores do PRR. Conforme Imízcoz, “entre los amigos existían una serie de obligaciones, en las que la reciprocidad y la mutua confianza parecían jugar un papel

³⁸⁵ Carta de Assis Brasil a Aparício Mariense. São Paulo, 28.11.1880. Arquivo Pessoal de Aparício Mariense – AM-001 – (IHGRGS).

³⁸⁶ A título de exemplo, num desses telegramas, Miranda pedira a João que os republicanos gabrielenses envidassem esforços em favor da candidatura de Venancio Ayres, no ano de 1881.

³⁸⁷ Carta de Assis Brasil a Aparício Mariense. São Gabriel, 29.01.1885. Arquivo Pessoal de Aparício Mariense – AM-050 – IHGRS.

destacado y que daban lugar a un intercambio de favores y servicios”.³⁸⁸ Assim, “en torno a la amistad se construyen valores sociales positivos como los de lealtad y correspondencia”, sendo que “estas alianzas eran especialmente importantes para defenderse y prevalecer en un mundo grupal, caracterizado por las luchas entre facciones rivales”.³⁸⁹

O que temos evidenciado até aqui, somado ao que vimos nos capítulos anteriores, demonstra como o Partido político constituía-se numa complexa rede de relações que envolvia parentes, colegas e amigos com afinidades mais políticas do que ideológicas. No caso do PRR, e da sua notável sub-representatividade no interior do eleitorado total da província, as relações estavam imbuídas de uma profunda solidariedade política entre seus membros. Enquanto minoria, os propagandistas entendiam-se como possíveis salvadores da vida política nacional e purificadores da ordem monárquica vigente. Mas, pelo que foi visto, o uso de intermediários e lideranças locais (muitos deles coronéis e fazendeiros) na disseminação das candidaturas (exatamente como os monarquistas faziam) era uma necessidade eleitoral. Nesse sentido, a disseminação de clubes republicanos na fronteira oeste da Província e o apoio de lideranças como Francisco Miranda, Aparício Mariense e Venâncio Ayres favoreceram a eleição de Assis Brasil para a Assembleia Legislativa, pois os votos obtidos por ele nestes municípios foram numerosos.³⁹⁰ Mas o sucesso de sua candidatura também teve outros motivos que contradiziam as recomendações do PRR. É dessa polêmica estratégia eleitoral que trataremos agora.

4.2 O PECADO ORIGINAL: ESTRATÉGIAS REPUBLICANAS PARA ASCENDER AO PARLAMENTO

Após alguns meses de intensa campanha eleitoral, não só por parte dos candidatos republicanos, mas também de liberais e conservadores, as eleições, que tiveram lugar em

³⁸⁸ IMIZCOZ, José María; KORTA, Oihane Oliveri. Economía doméstica y redes sociales: una propuesta metodológica. In: _____ (Ed.). **Economía doméstica y redes sociales en el antiguo régimen**. Madrid: Sílex Universidad, 2010. p. 32.

³⁸⁹ IMÍZCOZ, José María. Las redes sociales de las elites: conceptos, fuentes y aplicaciones. In: MESA, Enrique Soria; CARO, Juan Jesús Bravo; BARRADO, José Miguel Delgado (Ed.). **Las elites en la época moderna: la monarquía española**. Nuevas perspectivas. Córdoba: Servicio de Publicaciones, Universidad de Córdoba, 2009. V. 1. p. 90.

³⁹⁰ Conforme Ramos, a região da campanha contava com um número significativo de eleitores republicanos que garantiram muitas vitórias nas eleições para vereador em diversos municípios daquela região. Para a autora, “a maioria das adesões ao PRR, logo após a sua fundação, em 1882, aconteceu na região da campanha e em quase todos os municípios eles conseguiram eleger um vereador, sendo que, em Alegrete, assumiram dois”. RAMOS, Eloísa H. Capovilla. **O Partido Republicano rio-grandense e o poder local no litoral norte do Rio Grande do Sul (1882-1895)**. 1990. 284 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, UFRGS, Porto Alegre, 1990. p. 109-110.

dezembro de 1884, foram bastante disputadas. Naquela oportunidade concorria-se às vagas tanto à deputação provincial quanto geral. Na disputa pelas cadeiras de representação nacional os republicanos fracassaram em todos os núcleos eleitorais. Entretanto, na tentativa de elegerem candidatos à Assembleia Provincial os republicanos tiveram mais êxito, embora também neste caso tenham encontrado algumas dificuldades. As boas notícias em relação aos resultados vinham do terceiro círculo eleitoral, onde Assis Brasil se candidatara. O resultado do primeiro escrutínio pode ser verificado a partir da Tabela 5:

Tabela 5 – Resultado do primeiro escrutínio para a Assembléia Provincial - terceiro círculo (1884)

Candidato	Partido	Número de votos
Egídio Barbosa Itaquí	PL	384
Severino Ribeiro	PC	361
Propício Barreto Pinto	PL	331
Francisco Azevedo e Souza	PC	319
Assis Brasil	PRR	277
Eduardo Lima	PL ³⁹¹	52
Jayme Couto	-	03

Fonte: Livros de Registros Diversos, Primeiro Tabelionato de Alegrete, Fundo 2, Estante 24, 1881-1890 (APERS).

De acordo com a legislação eleitoral da época, foram considerados eleitos somente os deputados que haviam atingido o quociente eleitoral. Desse modo, o liberal Egídio Itaquí e o conservador Severino Ribeiro receberam seus diplomas de deputados, ao passo que os demais candidatos foram alçados ao 2º escrutínio. Nessa segunda etapa, somente três candidatos poderiam se tornar deputados, visto que a Lei determinava que cada um dos seis círculos eleitorais que compunham a Província poderia contar com cinco representantes.

A batalha eleitoral final ocorreu em janeiro de 1885. Na ocasião, os eleitores das diferentes paróquias do 3º círculo foram mais uma vez escolher os outros três deputados da região. Visto que Egídio e Severino já estavam eleitos, os eleitores que votaram em ambos teriam que optar por novos candidatos. Abria-se, assim, um espaço para negociações de todo o tipo. Dessa vez o resultado foi o seguinte: Francisco Azevedo e Souza (549), Propício

³⁹¹ O posicionamento de Eduardo Lima nessas eleições foi um tanto polêmico. Membro de uma importante família de estancieiros de Itaquí, o mesmo pertenceu ao PRR na época de sua fundação, sendo candidato pelo 3º círculo nas eleições de 1882. No entanto, em 1884, Lima perdeu essa posição para Assis Brasil. No jornal *A Federação* encontramos uma polêmica que se estendeu por vários dias, onde se enfatizava que Lima era e continuava sendo republicano e que seu nome teria sido incluído na chapa liberal sem o seu consentimento. *Jornal A Federação*, 04 e 05 de dezembro de 1884. Acervo do NPH (UFRGS).

Barreto Pinto (517), Assis Brasil (429), Eduardo Lima (272).³⁹² Com essa soma de votos, Assis Brasil finalmente conseguiu eleger-se, conquistando a última vaga do círculo. No entanto, devemos procurar saber como ele conseguiu ampliar tanto os seus votos em um período de tempo tão curto.

Ainda examinando as atas eleitorais, a quantificação dos votos nos traz algumas pistas de que os eleitores do conservador Severino Ribeiro foram fundamentais na vitória de Assis Brasil. Dos 4 candidatos que passaram para o 2º escrutínio somente Francisco Souza era conservador. Se os 361 eleitores conservadores que votaram em Severino Ribeiro no 1º escrutínio também tivessem votado em Francisco ele teria somado 680 votos, mas não foi isto o que ocorreu, pois ele obteve apenas 549. Portanto, 131 conservadores não votaram no candidato do seu próprio partido e decidiram apoiar outro.³⁹³ Ora, de 277 votos recebidos no 1º escrutínio, exclusivamente de eleitores republicanos, Assis Brasil saltou para 429, conseguindo, portanto, o apoio de 157 eleitores em poucos dias. Ao cruzar tais dados, é possível sugerir que eram votos de conservadores. Seria possível confirmar tal hipótese? Dias depois da apuração, o próprio Assis Brasil, numa carta escrita a Aparício Mariense, nos esclarece o que ocorreu. Admitindo o recebimento do apoio conservador, ele explicou a situação, esboçando certo desconforto pelo apoio monarquista:

Os cento e tantos votos que o Severino mandou-me dar não importaram retribuição alguma. Este teve em vista evitar que fossem eleitos dois liberais, preferindo um opositor a um governista. Eu nem sequer tive ciência disto, senão nas vésperas da eleição, e nunca dei grande crédito ao que diziam os conservadores, mesmo porque entendi que eles me queriam passar mel pelos beijos.³⁹⁴

É importante notar que se esses conservadores tivessem votado em Eduardo Lima, a vitória de Assis Brasil poderia ter naufragado, o que evidencia mais ainda a importância da aliança com os monarquistas.³⁹⁵ Portanto, os votos “emprestados” pelos conservadores foram essenciais para a vitória de Assis Brasil. Entretanto, cremos que, para além do motivo exposto na carta, Severino Ribeiro, chefe do Partido Conservador no 3º círculo, tinha outra motivação para recomendar seus eleitores a votarem no candidato republicano. Essa motivação, diga-se

³⁹² Livros de Registros Diversos, Primeiro Tabelionato de Alegrete, Fundo 2, Estante 24, 1881-1890 (APERS). Doravante, as informações citadas encontram-se nos mesmos livros.

³⁹³ Também é possível que alguns eleitores, que no 1º escrutínio votaram em Francisco, Assis Brasil, Propício e Eduardo, tenham alterado seu voto no 2º escrutínio, mas tal ação deve ter sido pouco significativa.

³⁹⁴ Carta de Assis Brasil a Aparício Mariense. São Gabriel, 29.01.1885. Arquivo Pessoal de Aparício Mariense – (AM-050 – IHGRGS).

³⁹⁵ A maioria dos eleitores que votou no liberal Egídio Itaqui converteu seu apoio ao também liberal Propício Barreto e ao “dissidente” Eduardo Lima, que, por ser advogado em Itaqui, devia possuir eleitores em comum com Egídio.

logo, advinha da própria família. Os Ribeiro de Almeida, da qual Severino era um dos membros, eram uma família conservadora com forte influência em Alegrete, Quaraí, Uruguaiana e Livramento, onde possuíam estâncias. Severino Ribeiro foi deputado provincial (1885-1886) e geral (1877; 1882-1884; 1886), tornando-se o principal político da família no período. O republicano da casa era o seu irmão caçula, Vitorino Ribeiro, que havia sido colega de Assis Brasil e de Castilhos na Faculdade de Direito. Ambos eram filhos do Barão de São Borja – comandante de destaque na Guerra do Paraguai e um dos principais chefes conservadores da região da campanha – e netos de Bento Manoel Ribeiro, estancieiro que pegou em armas contra o Império, em 1835, mas passou para o lado legalista por duas vezes.³⁹⁶

A tradição de inserção política da família, como se percebe, era antiga. Para Severino Ribeiro, que tinha maior experiência política e influência sobre seus eleitores, mobilizar esses votos a favor dos republicanos, em pouco tempo, certamente não fora difícil. Além do mais, dar votos a um republicano era retirar votos dos liberais, estes sim, adversários de longa data. Mas, para além dessa racionalidade eleitoral, Assis Brasil era uma pessoa próxima de sua família, especialmente de seu irmão Vitorino, que deve ter intercedido em seu favor. Vimos no capítulo anterior que tanto Assis Brasil como outros propagandistas eram membros de famílias da elite política monarquista, sendo muitas delas conservadoras. cremos que nesse último aspecto, que engloba as ligações familiares entre republicanos e conservadores, é que esteja uma das chaves para a explicação da aliança política de 1884. Afinal de contas, Assis Brasil, perante os olhos do eleitorado, não era somente o candidato republicano, mas também o filho de Francisco de Assis Brasil e sobrinho do Barão de Cambaí – antigos eleitores conservadores, de longas batalhas contra os liberais. Portanto, as transações de votos podiam ser feitas entre parentes e clientelas, reatualizando antigas alianças para fins momentâneos.

Entretanto, uma análise mais minuciosa das Atas das Eleições demonstra que a aliança entre conservadores e republicanos não se reduziu àquelas eleições para deputado provincial. Alguns dias antes daqueles pleitos vencidos por Assis Brasil, eleitores republicanos votaram em Severino Ribeiro nas eleições para deputação geral. Naquela ocasião, Severino disputou e venceu as eleições contra o liberal Egídio Itaqui. Na mencionada carta que Assis Brasil escreveu a Aparício Mariense, ele parecia estar dando satisfações também sobre esses votos,

³⁹⁶ Faz-se necessário enfatizar que a existência de vínculos familiares entre republicanos e conservadores é verificável não só no caso dos irmãos Ribeiro, mas para a grande maioria das lideranças republicanas que tinham vários de seus parentes envolvidos com a política monarquista, especialmente conservadora. Inclusive, alguns desses parentes saquaremas possuíam títulos de nobreza e uma relação bastante estreita com a política da Corte, como vimos no capítulo 3.

tentando negar tal negociação: “Se nós tivéssemos protegido o Severino sequer com um terço da votação republicana, o que seria do nosso Itaqui?” Mas, ao falar dos correligionários, o próprio Assis Brasil acabou admitindo que “[...] 3 votaram no Severino em 1º escrutínio e mais 4 em 2º, para deputado geral, mas por excesso de dedicação ao partido republicano. Erraram, mas não praticaram a infâmia de se deixarem arrastar pelo vil interesse”.³⁹⁷ O fato é que Severino venceu Egídio supostamente com votos republicanos e decidiu retribuir a “gentileza” elegendo Assis Brasil nos pleitos à Assembleia Provincial.³⁹⁸ Tratava-se de uma estratégia bastante interessante e, sem dúvida, a experiência política de Severino foi fundamental para ler a conjuntura política favorável.

No entanto, seriam somente 3 ou 4 eleitores republicanos que votaram em Severino, como afirmou Assis Brasil? Analisando as atas de duas eleições para deputado geral, em 1886, é possível observar não apenas que esse número certamente foi bem maior, como também que a aliança entre conservadores e republicanos se manteve por muito tempo. Na primeira delas, em abril de 1886, novamente o conservador Severino Ribeiro enfrentou o liberal Egídio Itaqui por uma vaga na Câmara dos Deputados na Corte. Severino venceu de novo, mas acabou falecendo dias depois. Em consequência da fatalidade, novas eleições foram convocadas para setembro, mas, desta vez, os conservadores, representados pelo Dr. Borges Fortes, foram derrotados pelos liberais, que escolheram Francisco Antunes Maciel como candidato.³⁹⁹

O indício de que os republicanos votaram nos conservadores pode ser verificada através do cruzamento das atas eleitorais dessas duas eleições com outra realizada no fim do mesmo ano. Examinando as eleições provinciais de dezembro de 1886, quando Assis Brasil foi reeleito, é possível notar que ele venceu todos os outros 8 candidatos monárquicos em dois municípios: São Vicente e São Luís (1º distrito). Em São Vicente, ele obteve 17 dos 19 votos, o que revela que a localidade era um forte reduto do republicanismo.⁴⁰⁰ Entretanto, nas eleições de abril e setembro, em que o PRR não possuía candidatos concorrendo, como os eleitores de São Vicente se comportaram?

³⁹⁷ Carta de Assis Brasil a Aparício Mariense. São Gabriel, 29.01.1885. Arquivo Pessoal de Aparício Mariense – (AM-050 – IHGRGS).

³⁹⁸ Apesar disso, os liberais, que eram governistas, deram um jeito de caçar o mandato de Severino na Comissão de Verificação de Poderes na Corte e Egídio acabou assumindo o mandato.

³⁹⁹ Tanto nessa eleição como na anterior, Assis Brasil não atingiu a votação necessária para ser alçado ao 2º escrutínio. Isto revela que quando os cargos principais estavam em jogo (deputado geral e senador), o PRR não tinha muitas chances.

⁴⁰⁰ Em 1883, cinco dos seis vereadores de São Vicente eram republicanos. No congresso do PRR do mesmo ano, Assis Brasil participou como representante do município, o que indica as íntimas relações que possuía com o mesmo.

A análise das referidas atas de abril e setembro de 1886 revela que o eleitorado do pequeno município apoiou em massa os conservadores: Severino 38 X 02 Egídio; Borges Fortes 45 X 01 Antunes Maciel. Ou seja, os republicanos de São Vicente empenharam-se bastante para eleger os candidatos conservadores. Em São Luís, onde o propagandista Pinheiro Machado era líder político de destaque, aconteceu algo semelhante, embora com menor intensidade. Logo, alianças políticas entre conservadores e republicanos, ao menos no 3º círculo eleitoral, foram constantes, não tendo se restringido somente à ocasião em que Assis Brasil se elegeu ao parlamento provincial, em 1884. Ambos os grupos políticos souberam retribuir uns aos outros o auxílio prestado tanto nas disputas provinciais como gerais, e tinham plena consciência da importância destas práticas, que, além de serem bastante comuns, davam ritmo ao sistema eleitoral como um todo.

Contudo, outras fontes parecem demonstrar que essas alianças também aconteceram em outros círculos eleitorais. Nas mesmas eleições ocorridas no ano de 1884, algo semelhante ocorreu no município de São João Baptista do Camaquã, que compunha o quinto círculo eleitoral. Em carta destinada a Apolinário Porto Alegre, então candidato a uma vaga à Assembleia Provincial, Patrício Vieira Rodrigues, importante liderança política daquele município, informou ao amigo e correligionário sobre o modo como os republicanos procederam nos pleitos:

Cidadão Apolinário

Deve saber que no dia 9 do passado fracturei um braço em dois lugares, não obstante, vim assistir à eleição, e com quanto este acontecimento muito nos prejudicasse, concorreram 22 correligionários, deixando de votar três por estarem fora do município: na eleição geral mantivemos nossa posição; na provincial aceitei votos dos conservadores, para em segundo escrutínio, darmos alguns a Miranda Ribeiro, isto feito em benefício de sua candidatura, por ter certeza que Barbosa irá a segundo escrutínio; *Entendo que em nada isto poderá afetar nossos princípios*, visto termos mostrado que sabemos manter a nossa posição.⁴⁰¹ (grifo nosso).

O fragmento acima é mais um indício de que, na prática, os republicanos não conseguiam se afastar significativamente do mundo que tanto criticavam.⁴⁰² Se no discurso o

⁴⁰¹ Correspondência de Patrício Vieira Rodrigues a Apolinário Porto Alegre. São João Baptista do Camaquã, 04.10.1884. Arquivo pessoal de Apolinário Porto Alegre (APA-0121-IHGRGS). Miranda Ribeiro era candidato à deputação geral pelo Partido Conservador.

⁴⁰² Fora do Rio Grande do Sul, essas práticas de aproximação com os políticos monarquistas também ocorriam. Conforme Boehrer, para a vitória dos paulistas Campos Salles e Prudente de Moraes à Câmara dos Deputados no ano de 1884 foi extremamente importante a colaboração dos conservadores. BOEHRER, George. **Da monarquia à república**: história do Partido Republicano do Brasil (1870-1889). Ministério da Educação e Cultura, (1950?). p. 103. Do mesmo modo o autor pontua que a eleição de Álvaro Botelho à Assembleia Geral, pelo 13º distrito de Minas Gerais, no mesmo ano, também se deveu ao patrocínio dos conservadores, onde sua família atuava. Ibid., p. 132.

PRR condenava a aliança com monarquistas, na prática ela era realizada livremente. O fato de sempre se explicarem nas missivas (“Entendo que em nada isto poderá afetar nossos princípios”), indica que realizar tais trocas de votos não lhes confortava totalmente a consciência. Talvez isto os diferenciasse dos monarquistas. No entanto, a consciência não impedia que realizassem tais transações eleitorais. No terceiro ou no quinto círculo eleitoral – e muito provavelmente também nos demais círculos – esse tipo de transação ocorria. Portanto, toda e qualquer aliança formulada era válida na medida em que os republicanos objetivavam fortalecer seu partido e, a partir daí, interferir de maneira mais incisiva nos rumos da política nacional. Era como se os fins justificassem os meios.

O afastamento do modo de fazer política dos monarquistas, incisivamente defendido em artigos, discursos e no próprio programa do partido, era difícil de se concretizar.⁴⁰³ Na prática, os republicanos tinham de se adaptar à maneira como o jogo eleitoral funcionava, caso quisessem ter alguma chance de vitória eleitoral. Por outro lado, a própria proximidade com a elite política mais tradicional da Província – lembre-se dos inúmeros laços familiares que conectavam republicanos e, especialmente conservadores, como já mencionamos – facilitava, em muito, que algumas negociações e alianças políticas, ainda que momentâneas, ou visando favores futuros, se concretizassem.

Ainda, conforme Richard Graham⁴⁰⁴, que enfatizou a inexistência de programas partidários consistentes ao longo de todo o Império, “[...] alguns políticos podiam tentar construir unidade e disciplina partidárias, mas isto nunca se tornou um objetivo em si, e esses mesmos homens muitas vezes rompiam seus princípios quando lhes convinha, quer dizer, quando as expectativas de sua cultura o exigissem”. Mesmo que, conforme pontuou Graham, os candidatos não devessem sua eleição à defesa que fizessem de determinadas questões, mas sim da mobilização de amigos, parentes e demais indivíduos que integravam seu circuito de relacionamentos, bem como do apoio de algum (uns) chefões locais, cremos que os membros do PRR foram incisivos o suficiente ao expor seu programa, a ponto de seus membros terem

⁴⁰³ As diferenças existentes entre o discurso ideologizado e o pragmatismo político por parte dos membros do PRR, seja na fase da propaganda republicana ou já na Primeira República, já receberam atenção por parte de algumas pesquisas. Para mais informações, ver: RAMOS, Eloísa H. Capovilla. **O Partido Republicano rio-grandense e o poder local no litoral norte do Rio Grande do Sul (1882-1895)**. 1990. 284 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, UFRGS, Porto Alegre, 1990; GRIJÓ, Luiz Alberto. **Origens sociais, estratégias de ascensão e recursos dos componentes da chamada “Geração de 1907”**. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998; FÉLIX, Loiva O. **Coronelismo, borgismo e cooptação política**. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 1996.

⁴⁰⁴ GRAHAM, Richard. **Clientelismo e política no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. p. 231.

de se explicar publicamente sobre as alianças formuladas. Voltemos, portanto, à análise da eleição de Assis Brasil e esses aspectos tornar-se-ão mais claros.

Logo que os resultados finais das eleições de 1884 foram divulgados e que se reconheceu a vitória de Assis Brasil ao Parlamento Provincial, os republicanos passaram a ser alvo de crítica, especialmente por parte dos liberais, em função de seu comportamento nos pleitos. O burburinho teve início a partir das críticas levadas a cabo pelo Diretório Liberal de São Gabriel e, a partir daí, vários números do jornal *A Federação* passaram a tratar desta questão, promovendo a defesa de seus correligionários e, especialmente, do candidato eleito, Assis Brasil. Tal foi o desconforto criado pela situação, e a possibilidade de que ela gerasse prejuízos futuros não só ao então deputado, mas também ao partido como um todo, que Assis Brasil escrevera uma circular destinada ao eleitores do terceiro círculo. Nela, Assis Brasil procurou se explicar ao eleitorado, negando que houvesse existido qualquer tipo de contato e negociação entre ele e Severino Ribeiro, ainda que reconhecesse humildemente o recebimento dos votos conservadores:

Adversários que se mostram possuídos de singular interesse pela boa sorte do partido republicano têm propalado que a minha eleição não é um triunfo, nem sequer um indício, da existência da opinião republicana nesta província e neste distrito eleitoral, sustentando que ela se deve à *votação conservadora, que, realmente, eu tive.*

Outros têm ido ao ponto de avançar que eu não devia, por dignidade, tomar assento na assembléia, visto que os votos que me conferiram este direito, foram de conservadores.

Penhoram-me realmente tão expressivas mostras de interesse, mas sou obrigado a discordar delas, em atenção à verdade.

É certo que, na impossibilidade de sustentar dois candidatos em 2º escrutínio e para evitar que a maioria liberal conseguisse fazê-lo, o partido conservador resolveu engrossar com alguns votos a votação republicana.

Convinha mais ao partido conservador a eleição de um republicano, que tem com ele o ponto de contato de ser também opositorista, do que a de um liberal, que iria dar força ao governo.

Essa foi a razão exclusiva que determinou o procedimento dos conservadores.

Tenho em meu poder uma carta firmada pelo Dr. Severino Ribeiro, chefe e candidato conservador, escrita a um amigo meu, na qual esse pensamento está claramente expresso.

Entretanto, fossem quais fossem os intuitos dos conservadores, eu não tinha que indagar da origem dos sufrágios que recaíam sobre o meu nome: *não os pedi, não entrei em negociação de natureza alguma para obtê-los, não troquei mesmo, quer falada, quer escrita, uma única palavra sobre o assunto com o Dr. Severino Ribeiro.* Por outro lado, as minhas doutrinas políticas não podiam ter mais publicidade do que tiveram antes do pleito eleitoral; quem votou em mim soube bem em quem votou.

Onde estaria, pois, o pecado original da minha eleição, admitindo mesmo que ela fosse devida ao reforço conservador?⁴⁰⁵

⁴⁰⁵ Jornal *A Federação*. 28.02.1885. Acervo do NPH (UFRGS).

O *pecado original* estava sendo difícil de ser perdoado. Na circular, Assis Brasil reproduziu as mesmas explicações que deu a Aparício Mariense, em correspondência particular, anteriormente citada. Na visão de Assis Brasil, o fato de ele não ter travado contato algum, visando ao recebimento dos votos conservadores, deveria livrá-lo de qualquer tipo de julgamento pessoal, bem como reforçar a legitimidade de sua eleição. Não obstante, para além dessas afirmações, o gabrielense, pautando-se em argumentos lógicos, tentou tornar sua explicação ainda mais plausível. Na sequência do texto, pontuava ele:

Mas, felizmente, posso dizer e posso provar que fui eleito pelo meu partido. É sabido que eu alcancei no 1º escrutínio 277 votos; O candidato que o partido liberal atravessou diante de mim, para derrotar-me, apenas conseguiu no 2º escrutínio 276; Por conseguinte, ainda mesmo admitindo a hipótese pouco possível de que a minha votação não aumentasse em 2º escrutínio, eu venceria o meu antagonista por um voto, só com os recursos próprios com que contava a minha candidatura. Entretanto, era certo o aumento que por toda parte ia ter, como, de fato, teve, a minha votação. Basta ponderar que só em Santo Ângelo, Uruguaiana e segundo distrito de Alegrete, pontos onde o chefe conservador não mandou dispersar um único voto, tive sobre o 1º escrutínio um acréscimo de 24. Nem se pode racionalmente contestar ao partido republicano o direito de mandar à assembléia provincial um representante por este 3º distrito: cada um dos dois partidos monárquicos, tendo votação para eleger dois, o quinto representante competia ao partido republicano. Deste direito só poderia despojá-lo a instituição dissolvente do 2º escrutínio, que perante a razão não se justifica. O distrito tinha de eleger cinco representantes: eu fui o quinto em votação no *1º escrutínio, que é quando todos concorrem com igualdade, conseguindo sobre o meu imediato maioria de 225 votos; portanto, embora as leis dissessem outra coisa, era eu quem reunia essa quinta parcela da opinião pública que devia ser representada na assembléia.* Assim, diante dos algarismos e do mais reto raciocínio, é incontestável a legitimidade com que me posso proclamar verdadeiro representante dos grandes princípios políticos que defendo.⁴⁰⁶

Para escapar do pecado original, Assis Brasil recorria à matemática. Os argumentos utilizados na exposição, oriundos de uma lógica racional, e favorecidos pelos dons de oratória e escrita de seu enunciador ao expô-los, muito provavelmente foram capazes de convencer e acalmar os ânimos de alguns eleitores. Explicada a contenda, as menções ao acontecido foram rareando no jornal republicano. Para o PRR talvez já não importasse mais responder as críticas. Além disso, a atuação de Assis Brasil como deputado parece ter agradado aos eleitores do terceiro círculo, de modo que, nos pleitos de 1886, ele acabou se reelegendo para uma nova legislatura. Portanto, nos próximos anos de sua carreira política ele parece ter saído ileso das críticas momentâneas que recebera naquela oportunidade.

⁴⁰⁶ Jornal *A Federação*. 28.02.1885. Acervo do NPH (UFRGS). Grifos nossos.

De fato, para os republicanos, e especialmente para Assis Brasil, era difícil distanciar-se demasiadamente do mundo e/ou da política monarquista que tanto criticavam e buscavam “reformular”. Se, no discurso do PRR, os partidos Liberal e Conservador e a própria estrutura das eleições eram alvo de crítica, na prática, os que se candidatavam a algum cargo e quisessem obter vitória nos pleitos, tinham que compartilhar das mesmas regras eleitorais jogadas e controladas pelos monarquistas. Na carta que escreveu ao amigo Mariense, o propagandista expressou sua postura pessoal (e não partidária) em relação ao apoio obtido nas eleições:

Agora te digo: não sou inimigo das transações de votos (não-transigências de idéias) porque as julgo imorais, mas porque sou respeitador das deliberações do nosso congresso. A transação, como qualquer outra resolução, no sentido de abater o inimigo mais prejudicial, conquistando vantagem para o partido, pode ser uma excelente tática de guerra.⁴⁰⁷

Se a troca de votos havia sido benéfica no momento de sua eleição, ao mesmo tempo o propagandista procurou pensar em uma estratégia para que tal ação não precisasse mais ser colocada em prática. Para ele, “[...] daqui por diante, para fazer um deputado provincial no 3º distrito não teremos necessidade de auxílio estranho”.⁴⁰⁸ A estratégia pensada por Assis Brasil era não mais obter apoio do eleitorado concorrente, mas sim aumentar o número de eleitores do próprio PRR. Nesse sentido, ele orientou os clubes republicanos do 3º círculo a criarem um fundo que arrecadasse dinheiro para forjar documentos comprobatórios e necessários à qualificação:

Aqui estou afixando-me para a qualificação. Pretendo meter pelo menos mais 30 eleitores neste município. Na qualificação está o segredo da causa. Não se descuidem lá. Se é preciso eu ir é só avisarem-me. Mas São Borja é o município onde há bons companheiros em maior número: façam tudo por si. É bom desde logo irem organizando uma lista dos cidadãos que se podem qualificar, para que tudo se facilite na ocasião. Tive aqui uma idéia excelente, que espero que dará os melhores resultados. É sabido que há companheiros excelentes que não se podem qualificar por não poderem provar a renda. A minha idéia consiste no modo de arranjar a prova, que é a seguinte: Desde já os clubes das diferentes localidades irão formando por meio de donativos, benefícios, mensalidades, enfim, como melhor puderem, um fundo destinado à qualificação. No mês de agosto deste ano, os correligionários que possuem terras passarão escrituras no valor de 2 contos de réis aos que têm deficiência de renda. O fundo do clube será empregado no pagamento da siza e da escritura. As propriedades vendidas podem ser as mais insignificantes, marcando-se as divisas, a siza de 2 contos à 140 réis, e, por conseguinte, um conto e quatrocentos dão para 10 eleitores. Destes, muitos já terão escrituras de menor valor, e, nesse caso

⁴⁰⁷ Carta de Assis Brasil a Aparício Mariense. São Gabriel, 29.01.1885. Arquivo Pessoal de Aparício Mariense – (AM-050 – IHGRGS).

⁴⁰⁸ Carta de Assis Brasil a Aparício Mariense. São Gabriel, 29.01.1885. Arquivo Pessoal de Aparício Mariense – (AM-050 – IHGRGS).

a que se passar está no que basta para inteirar os 2 contos. Outros poderão pagar por si, senão tudo, ao menos parte. Assim é que não será necessário que os clubes reúnam exatamente os 1.400 réis para fazerem por esta forma 10 eleitores. Temos 10 clubes no círculo; se todos fizerem isto são 100 eleitores que vamos ter de mais, e boa gente, porque está claro que devemos escolher companheiros muito firmes para esta jogada.⁴⁰⁹

Os cem eleitores a mais de que Assis Brasil fala na carta certamente fariam grande diferença nas eleições seguintes. Destacamos ainda que Assis Brasil havia condenado a diminuição do número de eleitores implementada pela Lei Saraiva, em 1881.⁴¹⁰ O sufrágio restrito, para ele, concretizava “um privilégio que apenas beneficia algumas classes em detrimento de outras”, ao passo que “o sufrágio universal desconhece e repele toda espécie de privilégio”. Ainda, para Assis Brasil, “a prática do sufrágio censitário é digna do princípio de onde emana. Proposital ou não, o alvo dos governos, estabelecendo as exclusões em massa é corromper mais facilmente o corpo eleitoral”. Argumentava ele que “mais depressa se corrompe e disciplina um pequeno do que um grande número de eleitores, no qual tornam-se impossíveis certas combinações estratégicas, que garantem a vitória ao elemento dominante.”⁴¹¹

De fato, o argumento era lógico. Assis Brasil só não mencionou que ele próprio poderia se valer de alguns recursos a fim de disciplinar os eleitores. Na mesma carta, ele destacou como seu plano deveria ser executado: “Tudo se deve fazer em segredo, que é para os adversários não nos imitarem [...]. Estas coisas só debes comunicar a bons companheiros. A alma do negócio é o segredo”. Concluindo a missiva, a voz na consciência que parecia assombrar os republicanos lhe bateu e Assis Brasil defendeu-se, argumentando que não havia nenhuma ilegalidade no procedimento: “Desnecessário é dizer que não vejo a menor

⁴⁰⁹ Ibid.

⁴¹⁰ A lei eleitoral de 9 de janeiro de 1881, conhecida como Lei Saraiva, alterou boa parte do processo eleitoral. Ela tornou as eleições diretas, entregando a qualificação dos eleitores aos magistrados e não mais aos juízes de paz de cada paróquia. Também concedeu o direito de voto e elegibilidade aos acatólicos e naturalizados, mas, em contrapartida, vedou a participação dos analfabetos e dobrou a renda mínima, que deveria ser provada com maior rigor, não podendo mais ser determinada por testemunhas, mas somente através da apresentação de contratos públicos e recibos. Esses dois últimos fatores fizeram com que, nas eleições de 1881, fossem alistados somente 150.000 eleitores em todo o Brasil, reduzindo o índice de 13% para 1% da população. Para mais informações ver: CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem: a elite política imperial / Teatro das Sombras: a política imperial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003; GRAHAM, Richard. **Clientelismo e política no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997; e VARGAS, Jonas Moreira. **Entre a paróquia e a Corte: os mediadores e as estratégias familiares da elite política do Rio Grande do Sul (1850-1889)**. Santa Maria: UFSM/Anpuh-RS, 2010.

⁴¹¹ ASSIS BRASIL, Joaquim Francisco de. A República Federal. In: SENADO Federal (Org.). **A democracia representativa na República (antologia)**. Ed. Fac-similar. Brasília: Senado Federal, 1998. p. 82. Ainda com relação ao sufrágio censitário, para Assis Brasil havia um maquiavelismo por parte das legislações em fazer parecer que todos os indivíduos eram capazes de exercer o sufrágio. No caso da legislação brasileira, segundo ele, a renda mínima exigida podia ser facilmente obtida, o que teoricamente consagraria o voto como um direito de todos, entretanto, “todo o maquiavelismo estava na questão de atestar a existência da renda por meio de documentação”.

imoralidade. A renda de 200 réis, que a lei exige, todos têm. A questão é procurar a forma mais fácil de prová-la. Fraude haveria, se os qualificados não possuíssem efetivamente a renda de 200 réis anuais”.⁴¹² A renda de 200 mil réis anuais de fato era baixa, mas não justificava que as transações de terras forjadas com a finalidade de adquirir comprovantes de rendas não fossem consideradas fraudes.

Através de uma análise da atuação de Assis Brasil nas disputas eleitorais foi possível verificar algumas estratégias pensadas e/ou mobilizadas pelo propagandista a fim de conquistar uma vaga no Parlamento provincial. As atitudes tomadas por ele nos revelam a existência de um distanciamento entre o discurso político adotado pelo PRR e divulgado por seus propagandistas por meio de artigos em jornal e conferências públicas e a prática que era levada a cabo cotidianamente, especialmente no que dizia respeito às eleições. Na prática, para que um indivíduo conseguisse obter sucesso em sua candidatura, deveria ter uma boa comunicação e saber negociar não somente com seu eleitorado, mas também ser capaz de constituir ou reforçar alianças com pessoas influentes, líderes políticos e até mesmo com os candidatos que a princípio poderiam parecer totalmente distantes em termos de opinião e visão de mundo. Esse é o caso das alianças formuladas com os conservadores, que podem nos parecer, à primeira vista, antagônicos aos republicanos, mas que tinham um vínculo extremamente importante com eles e que não podia ser ignorado: a família.

Portanto, no caso de Assis Brasil, o abandono do posicionamento legal e ideologizado do PRR que ocorreu em vários momentos constituiu-se em uma espécie de pré-requisito para sua vitória eleitoral. Lembremos que o crescimento do partido e de seu eleitorado não era muito relevante a ponto de garantir a vitória de muitos republicanos, daí a necessidade de estabelecer certos “conchavos” e de tomar emprestado o modo de fazer política monarquista. Esclarecidas essas questões, vejamos agora de que modo o republicano se “comportou”, durante o período em que ocupou a vaga de deputado provincial.

4.3 ASSIS BRASIL ENTRE O ELEITORADO E A CAPITAL DA PROVÍNCIA

Conforme acabamos de verificar, a colaboração de alguns indivíduos foi fundamental para que Assis Brasil ocupasse uma das vagas de deputado provincial no ano de 1884. Em outras palavras, o propagandista, racionalmente, soube se utilizar dos laços estabelecidos com

⁴¹² Carta de Assis Brasil a Aparício Mariense. São Gabriel, 29.01.1885. Arquivo Pessoal de Aparício Mariense – (AM-050 – IHGRGS).

importantes chefes políticos do terceiro círculo eleitoral, que tiveram influência sobre a sua campanha, indicando-o ao eleitorado local. Ao mesmo tempo, o gabrielense não desperdiçou a oportunidade de aproximação com os conservadores, aproveitando-se dos votos “emprestados” por Severino Ribeiro em favor de sua candidatura, tenham sido eles alvo de negociação ou não.

O terceiro círculo eleitoral, como já dissemos, foi o único a eleger um deputado republicano na Província ao longo de todo o período de propaganda. Tal fato demonstra não só a força do PRR na região da campanha e missioneira, mas também a eficácia da mobilização levada a cabo pelos seus principais propagandistas. Não obstante, cremos que alguns fatores, dentre eles a difícil situação em que se encontrava a atividade pecuarista, principal fonte de rendas daquela região, impulsionaram a conversão do eleitorado ao partido republicano. Lembremos que, na tentativa de traçar um perfil socioeconômico dos republicanos do terceiro círculo, a grande maioria da amostra de indivíduos investigados era composta de criadores de pequeno, médio ou grande porte.

O histórico de falta de incentivos à atividade pecuarista por parte do governo provincial, e mesmo da falta de representantes da região no parlamento, teve influência direta sobre a eleição de Assis Brasil. Hábil propagandista, fez das reivindicações dos pecuaristas da região uma das principais bandeiras de sua campanha política, como vimos na circular em que se apresentava como candidato republicano. Mas devemos ter em mente que o próprio Assis Brasil, assim como as principais lideranças do PRR, também estavam envolvidos com a atividade pecuarista, senão diretamente – e muitos casos o eram – por intermédio de parentes e amigos, o que trazia motivação ainda maior para a defesa dessas questões.

Havia, de fato, um espaço aberto para novos representantes e mesmo para a mediação política no terceiro círculo. Assis Brasil valeu-se desta oportunidade para conquistar a vaga de deputado e representar a sua comunidade. Temos alguns elementos para crer que, naquele momento, Assis Brasil estava dando início ao processo - que contava com inúmeras etapas - e que poderia vir a habilitá-lo (*ou não*) à condição de mediador. Embora ele ainda fosse bastante jovem, já contava com inúmeros atributos que poderiam constituir-lo num legítimo representante e que eram pré-requisitos importantes para se assumir o papel de mediador: 1) Era bacharel em Direito, diploma importante a todos aqueles que objetivassem ingressar na carreira política; 2) Tinha contatos e, mais do que isto, havia frequentado São Paulo e a Corte, os principais centros de então, podendo acessar, nestes locais, informações, apoio e recursos variados; 3) Tinha o refinamento cultural, dom de oratória, postura e comportamento adequados para frequentar o ambiente moderado da tribuna; 4) Estava inserido em uma

família influente e de prestígio político reconhecido socialmente entre os pares; 5) Conseguia transitar com distinção entre os dois espaços políticos que buscava conectar – o mundo mais urbano e intelectualizado da capital e da tribuna, e o espaço da campanha, mais ruralizado e onde as grandes elocuições deveriam ser simplificadas; 6) Conhecia as reais necessidades e principais reivindicações dos correligionários que iria representar, por ser ele também um pecuarista e pelo fato de que sua própria família já havia sido prejudicada pela situação desta atividade, como vimos no primeiro capítulo.

Desse modo, Assis Brasil contava com atributos que, ao mesmo tempo, o aproximavam e o distanciavam da comunidade que iria representar. Os fatores que lhe permitiam um certo distanciamento, no sentido positivo do termo, agregavam-lhe distinção perante os demais correligionários, investindo-lhe das características necessárias a um representante digno de ser assim chamado. Essas características favoreciam sua legitimidade em meio à tribuna, assim como facilitavam seu trabalho, tornando-o capaz de negociar, intermediar conflitos e buscar soluções para problemas diversos.

Contando com todos esses atributos, sua atuação no parlamento parece ter sido bastante satisfatória. Na leitura dos discursos parlamentares de Assis Brasil é possível evidenciar que o deputado tentou retribuir o apoio obtido nas eleições. Para isso, adotou uma postura que favorecia a maioria de seus correligionários, reivindicando a modernização da indústria pecuarista na Província, bem como reclamando da situação de abandono da região da campanha por ambos os partidos monárquicos.

No intuito de esclarecer essas e outras questões, a noção de mediador assumiu importância especial neste capítulo. Antes de adentrarmos na análise da atuação de Assis Brasil na Assembleia Provincial, é necessário realizarmos um apanhado geral a respeito desse conceito, que vem sendo bastante utilizado, recentemente, por historiadores, antropólogos e sociólogos. Ao longo dos últimos anos, alguns autores, através de rigorosas pesquisas empíricas, têm proposto uma nova leitura do *social*, na tentativa de fornecer explicações a grandes processos que, até algumas décadas atrás, eram vistos através de outra perspectiva.

Estudos a respeito de comunidades europeias do Antigo Regime têm sido bastante profícuas nesse sentido. Na tentativa de fornecer novas explicações sobre o processo de formação dos Estados Absolutistas, por exemplo, autores como Giovanni Levi, voltando sua atenção para um pequeno vilarejo – Santena – procuraram verificar como a comunidade se organizou e tentou responder, ativamente, à instauração do novo Estado. Nessa perspectiva, a própria ideia de indivíduo foi reformulada, bem como a maneira com que estes estavam conectados e interagem entre si, configurando amplas redes de relacionamento. A noção de

estratégia também passou a ganhar força, dadas as próprias características de incerteza sobre o futuro vivenciada pelas comunidades e a necessidade de se pensar e agir, com uma certa racionalidade, ainda que limitada.⁴¹³

Em meio a esses processos, surgem espaços para a atuação de personalidades *empreendedoras*, que investem na execução de um papel importantíssimo, e que têm por finalidade intermediar os conflitos entre os dois universos que se opõem: o *broker* ou mediador. Os mediadores estão presentes no conjunto de sociedades agrárias e pré-industriais onde um centro político com fins centralizadores incorpora outras localidades outrora autônomas ou independentes – as periferias de um sistema.⁴¹⁴ Para Sydel Silverman⁴¹⁵, o mediador é um tipo específico de intermediário, responsável por estabelecer uma conexão entre um sistema local e outro nacional, onde aquele está necessariamente inserido neste. Os mediadores são indivíduos requisitados em suas comunidades e que têm por função encontrar caminhos para estabelecer um equilíbrio, especialmente em momentos críticos, seja entre os próprios protagonistas locais, seja entre a comunidade local e aqueles que, de fora, têm intenção de interferir/influenciar ou interferem nos seus destinos.⁴¹⁶

Alguns aspectos fundamentais a respeito desses protagonistas podem ajudar a tornar mais claro o conceito. Primeiro, o mediador é um indivíduo que reúne em si – portanto, são atributos exclusivamente pessoais e não transmissíveis – a habilidade de interagir tanto com o sistema local quanto com o nacional. Além disso, seu poder na comunidade local está sustentado exatamente na sua exclusiva capacidade de atingir o mundo exterior e dele trazer recursos e informações necessárias para a segurança e o desenvolvimento do sistema local.⁴¹⁷

Conforme José Maria Imízcoz, que investigou a aproximação da elite navarra com a Corte espanhola, identificando o papel central que os mediadores ocuparam neste sistema político, o mediador utilizava suas “relações privilegiadas não somente para promover aos seus, mas também para ocupar-se do governo”. O “seu importante capital relacional e seus conhecimentos lhe conferiam uma capacidade de ação e de consecução de objetos notáveis,

⁴¹³ LEVI, Giovanni. **A herança imaterial**: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

⁴¹⁴ VARGAS, Jonas Moreira. **Entre a paróquia e a Corte**: os mediadores e as estratégias familiares da elite política do Rio Grande do Sul (1850-1889). Santa Maria: UFSM/Anpuh-RS, 2010.

⁴¹⁵ SILVERMAN, Sydel F. Patronage and community-nation relationships in central Italy. In: SCHMIDT, S. W. (Ed.). **Friends, followers and factions**: a reader in political clientelism. Berkeley: University of Califórnia, 1977. p. 293-304. Conforme Silverman, a posição de mediador geralmente é uma consequência da posição de patrão que o mesmo ocupa em relação a uma clientela local.

⁴¹⁶ LEVI, Giovanni. **A herança imaterial**: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

⁴¹⁷ VARGAS, Jonas Moreira. **Entre a paróquia e a Corte**: os mediadores e as estratégias familiares da elite política do Rio Grande do Sul (1850-1889). Santa Maria: UFSM/Anpuh-RS, 2010. p. 33-34.

que fazia dele um homem necessário e buscado pelos membros da comunidade para mover seus assuntos”. Segundo Imízcoz, pessoas de fora o procuravam para intervir dentro da comunidade e pessoas da comunidade procuravam-no para intervir fora dela. Isto “reforçava sua posição ante as outras famílias de notáveis, que podiam necessitar sua mediação para ascender a certas instâncias elevadas e obter determinados favores”.⁴¹⁸

Os mediadores, portanto, provinham dos grupos locais de importância⁴¹⁹ e eram indivíduos de papel fundamental no interior de uma rede social. Conforme José Mateo, o mediador (*broker*):

Desde un lugar estratégico de la red manipula con destreza profesional gente e información; información que hace circular en beneficio de terceros que quedan endeudados con él. Dado que todas as relaciones están guiadas por la noción de reciprocidad, el broker hace su negocio en el control de los canales de comunicación. Su función debe verse como la de administrador de un juego estratégico de transacción de valor. El crédito del broker deriva de la cantidad de canales que “se piensa” que controla.⁴²⁰

Ainda, para Mateo, “El broker debe cultivar la necesidad de sus servicios. Debe ser hábil para interceder, y sobre todo para conectarse con otros brokers, patrones y clientes que puedan efectivizar sus mensajes.” Não obstante, é necessário mais do que apenas interceder: o broker “[...] debe asegurarse de la respuesta; si su intervención no es efectiva, su crédito disminuye. Si aumenta su crédito, aumenta su capacidad de manipulación de mensajes y de personas endeudadas con él”.⁴²¹ Citando Boissevain, Mateo conclui que “La llave del éxito es hacer mucho por la gente y pedirle poco a cambio, así como saber de qué forma y cuándo cobrar el pago por sus servicios”.⁴²²

O capital do mediador, portanto, era constituído por uma espécie de crédito social generalizado sobre a comunidade, feito de serviços prestados, de fidelidade reconhecida, de respeito e de dependência, ao passo que sua legitimidade política se construía sobre um frágil equilíbrio de interesses inconciliáveis, de perspectivas incertas e de prestígio pessoal.⁴²³

⁴¹⁸ IMIZCOZ, José María. Patronos y mediadores. Redes familiares en la monarquía y patronazgo en la aldea: la hegemonía de las elites baztanesas en el siglo XVIII. In: _____. **Redes familiares y patronazgo: aproximación al entramado social del País Vasco y Navarra em el Antiguo Régimen (siglos XV-XIX)**. Bilbao: Universidad del País Vasco, 2001. p. 250.

⁴¹⁹ LEVI, Giovanni. **A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 206.

⁴²⁰ MATEO, José. **Población, parentesco y red social en la frontera: Lobos (provincia de Buenos Aires) en siglo XIX**. Mar Del Plata: Universidad Nacional de Mar Del Plata, 2001. p. 45.

⁴²¹ Ibid., p. 45.

⁴²² BOISSEVAIN, J. Friends of friends: Networks, manipulators and coalitions. Oxford, Basil Blackwell, 1974. p. 161, apud MATEO, op. cit., p. 45.

⁴²³ LEVI, Giovanni. **A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 33.

A partir dessas linhas, cremos ter situado o leitor em relação ao uso da noção de mediador. Para finalizar, não poderíamos deixar de citar uma pesquisa recente, que está muito próxima – inclusive espacial e temporalmente – de nosso objeto de pesquisa, e que, por isto mesmo, tomamos como principal referência para a utilização do conceito. Jonas Vargas, ao investigar a elite política do Rio Grande do Sul, entre os anos de 1850 e 1889, conferiu destaque à trajetória dos mediadores políticos, ou seja, aqueles indivíduos que utilizavam os cargos da alta política para conectarem o Rio Grande do Sul ao mundo da Corte (deputados, senadores, ministros). Conforme Vargas, os *mediadores políticos* eram:

[...] pessoas que possuíam características diferenciadas dentro da sua “aldeia” e que eram responsáveis em vincular a sua comunidade com o mundo exterior, defendendo interesses ligados à sua facção, mas que, indiretamente, beneficiavam outras famílias da paróquia. O mediador possuía as chaves de acesso aos poderosos do centro decisório de um sistema maior e o poder de realizar esta conexão transformava-o num chefe político em potencial.⁴²⁴

Partindo dessa definição, voltemos ao nosso universo de análise e centremos nossa atenção em nosso personagem principal, Assis Brasil. A distância entre os municípios que compunham o terceiro círculo eleitoral e o principal centro político e administrativo da província, Porto Alegre, constituía-se num obstáculo por onde somente poucos indivíduos conseguiam transitar com distinção e dele obter ganhos. Assis Brasil, ao conseguir concluir esse percurso, cumprindo as promessas que havia feito ao eleitorado que o elegeu, acabava por cumprir mais um pré-requisito, dentre os tantos necessários, e que poderiam vir a habilitá-lo à condição de mediador político.

Na leitura dos Anais do parlamento é possível perceber que Assis Brasil se mostrou bastante ativo na defesa da região da campanha e, principalmente, da atividade pecuarista. Assim, é possível crer que, para além dos diversos fatores que colaboraram para sua vitória eleitoral, um em especial merece destaque e refere-se à habilidade com que o mesmo procurou preencher um espaço que estava aberto para novos representantes daquela região.

Em carta escrita ao amigo Aparício Mariense, logo após sua vitória eleitoral, o então deputado convidou o são-borjense a participar da convenção do Partido na capital: “Espero que cumpras a palavra que me deste, sendo representante de São Borja. É um passeio que dá a Porto Alegre e com isso aproveitamos a ver funcionar a Assembléia, onde já vai tomar parte um republicano”. Na sequência, deixava clara a insatisfação dos eleitores da fronteira com o

⁴²⁴ VARGAS, Jonas Moreira. **Entre a paróquia e a Corte: os mediadores e as estratégias familiares da elite política do Rio Grande do Sul (1850-1889)**. Santa Maria: UFSM/Anpuh-RS, 2010. p. 36.

fato de serem representados, com frequência, por indivíduos oriundos ou que haviam migrado para o litoral da província: “Não podemos continuar, nós da Campanha, a ser representados por gente da capital. É o amor ao partido que exige a tua ida, ou de algum de nossos bons companheiros daí”.⁴²⁵

A insatisfação demonstrada por Assis Brasil refletia o fato de que muitos candidatos monarquistas que concorriam com ele nas eleições residiam em Porto Alegre. Albino Pinto e Egídio Itaquí, por exemplo, embora fossem naturais da campanha, há muito haviam trocado sua residência para a capital, onde advogavam. Outros concorrentes, tais como José Bittencourt, Francisco Souza e Hemetério Silveira, nem da campanha eram, muito embora pretendessem representá-la no parlamento. O próprio Silveira Martins e seus seguidores, como Joaquim Salgado e Eleuthério de Camargo, constituíam-se em homens que haviam migrado para a capital. Em 1882, por pressão dos comerciantes da capital que reclamavam do contrabando na fronteira oeste, Silveira Martins empenhou-se em aprovar no Senado a tarifa especial que favorecia aqueles negociantes, em detrimento dos da campanha. O chefe liberal se distanciou de tal maneira de sua região de origem que, na década de 1880, já nem concorria mais às eleições pelos círculos eleitorais da campanha, mas sim pelo 6º círculo, que reunia a região de colonização alemã, além de importantes cidades como Rio Pardo, Santa Maria e Cachoeira.⁴²⁶

Informações presentes em fontes tais como as correspondências expedidas pelas câmaras municipais do terceiro círculo eleitoral à presidência da Província deixam ainda mais clara a situação de “abandono” que os municípios da região da campanha e missioneira vinham atravessando, tanto pela falta de representantes no parlamento provincial, como pela desatenção ou falta de atitudes por parte da presidência da Província. A título de exemplo, os membros da Câmara de São Borja, ao informarem à presidência da Província que haviam tomado posse de seus cargos, não perderam a oportunidade “de pedir a vossa Excelência, se digne prestar sua benévola atenção para as necessidades deste município, que parece permanecer esquecido”.⁴²⁷

⁴²⁵ Carta de Assis Brasil a Aparício Mariense. São Gabriel, 29.01.1885. Arquivo Pessoal de Aparício Mariense – (AM-050 – IHGRGS).

⁴²⁶ VARGAS, Jonas Moreira. **Entre a paróquia e a Corte: os mediadores e as estratégias familiares da elite política do Rio Grande do Sul (1850-1889)**. Santa Maria: UFSM/Anpuh-RS, 2010.

⁴²⁷ Correspondência da Câmara Municipal de São Borja ao Presidente da Província. 18.01.1881. Maço 235, Caixa 126. Fundo Correspondência das Câmaras Municipais (AHRS). No ano seguinte, mais uma vez, após os vereadores tomarem posse de seus cargos, a diretoria da casa escreveu ao presidente da província: “a casa pede a V. Ex. se sirva ter em consideração as palpitantes necessidades deste município que parece estar à muito desprezado” (Correspondência da Câmara Municipal de São Borja ao Presidente da Província. 01.06.1882. Maço 235, Caixa 126. Fundo Correspondência das Câmaras Municipais (AHRS)).

No ano de 1884, os membros da Câmara de Uruguiana pediram, em relatório à Assembleia Provincial, alguns melhoramentos necessários ao município, tais como a construção de um mercado e uma caixa d'água. Na correspondência enviada ao presidente da Província pediram que ele intervisse em prol da aprovação dos pedidos, lembrando ao mesmo que “Esta cidade não tem representante da localidade na Assembleia Provincial, por isso pede a V. Ex. que interceda por ela, e o nome de V. Ex., ficará eternamente lembrado pelos seus munícipes”.⁴²⁸ Já os membros da Câmara de Rosário do Sul, através de correspondência, reclamaram do “inacreditável” abandono da educação no município, enfatizando que “não existem escolas públicas, não porque esta câmara não as tenha reclamado energicamente, mas sim porque aqueles de quem depende tão importante serviço, menosprezando este município, parecem considerá-lo filho bastardo do Rio Grande do Sul”.⁴²⁹

Não bastasse a desatenção por parte das autoridades provinciais em relação a esses municípios e a falta de representantes da região no parlamento, a situação ainda era agravada pelo isolamento vivenciado por seus moradores. O serviço dos correios, principal meio de comunicação, foi alvo constante de críticas por parte das câmaras municipais ao longo da década de 1880. A Câmara de São Borja, por exemplo, não tendo obtido respostas às reclamações que havia dirigido ao diretor dos Correios, resolveu pedir que o Presidente da Província intervisse em favor da regularização do serviço. Os membros da Câmara enfatizaram na correspondência que “sendo sempre o serviço irregularmente feito, [...] deixam-se os habitantes desta vila privados de notícias da Capital por mais de um mês”.⁴³⁰

A dificuldade de comunicação desses municípios com o centro político da Província contribuiu para tornar mais legítima a necessidade de um mediador que, para além de intervir em favor das necessidades daquelas comunidades, estabelecesse uma comunicação mais constante entre os dois universos, informando os fronteiriços sobre os últimos acontecimentos da capital. Lembre-se que grande parte do prestígio do mediador provinha de sua capacidade de conectar dois universos distintos, mas também do próprio acesso a um fluxo de informações privilegiado e que dificilmente chegava até a comunidade.

Mas o principal assunto que preocupava os moradores da região, e que necessitava de solução mais urgente, era a situação crítica pela qual vinha passando a atividade pecuarista. Registros desse tipo foram inúmeros nas correspondências das câmaras municipais, o que

⁴²⁸ Correspondência da Câmara Municipal de Uruguiana ao Presidente da Província. Setembro de 1884. Maço 342, Caixa 184. Fundo Correspondência das Câmaras Municipais (AHRs).

⁴²⁹ Correspondência da Câmara Municipal de Rosário do Sul ao Presidente da Província. 23.11.1883. Maço 204, Caixa 109. Fundo Correspondência das Câmaras Municipais (AHRs).

⁴³⁰ Correspondência da Câmara Municipal de São Borja ao Presidente da Província. 23.07.1881. Maço 235, Caixa 126. Fundo Correspondência das Câmaras Municipais (AHRs).

deixa-nos evidente a necessidade de um representante que intervisse mais diretamente em favor da atividade no centro político do poder. Em resposta à circular expedida pela presidência da Província, que pedia informações sobre o estado da agricultura e indústria pastoril nos municípios, a vereança de São Borja, em 1883, noticiou o seguinte: “quanto à indústria pastoril, entende que se tem ela aumentado em limitado número de criadores, que mais se esforçam para isso, tem diminuído em outros, devido ao aumento da população, às vendas que tem feito, e também ao furto, que tem sido sucessivo.”⁴³¹

Já a Câmara de Santo Ângelo, em resposta à mesma circular, pontuou que: “tem esta Câmara a informar que o estado da agricultura e da indústria pastoril neste município não é animador, antes parece paralisado, necessitando de incentivos poderosos para reanimá-lo”; e no que dizia respeito especificamente à indústria pastoril, “[...] a principal, além de decadente por falta de cruzamento das raças, ainda agora passa por grande crise, pela baixa de preço dos gados de corte nas charqueadas”.⁴³² Já a Câmara de Uruguaiana noticiava à presidência o seguinte: “Declara, como é de dever desta corporação, que neste município, existe indústria pastoril, a qual além de achar-se atrasada, é sobrecarregada de impostos”.⁴³³ Por fim, a Câmara de Itaqui relatou que: “As campinas do município são excelentes para o desenvolvimento da indústria pastoril, sendo considerada a primeira do município, tornando-se porém, de especial necessidade a construção de uma ponte no rio Ibicuí, no lugar mais conveniente para o trânsito de tropas e carretas, as quais, na maior parte do ano vêm-se paralisadas, sem o poder transpor, ocasionando assim imenso prejuízo ao município”.⁴³⁴

Os relatos das câmaras municipais demonstram que a indústria pastoril daquela região passava por dificuldades, estando mesmo em estado de atraso, em função de inúmeros fatores, dentre eles os furtos de gado frequentes na região fronteira⁴³⁵, os vários impostos que

⁴³¹ Correspondência da Câmara Municipal de São Borja ao Presidente da Província. 30.04.1883. Maço 236, Caixa 127. Fundo Correspondência das Câmaras Municipais (AHRs).

⁴³² Correspondência da Câmara Municipal de Santo Ângelo ao Presidente da Província. 18.04.1883. Maço 219, Caixa 118. Fundo Correspondência das Câmaras Municipais (AHRs).

⁴³³ Correspondência da Câmara Municipal de Uruguaiana ao Presidente da Província. 11.06.1883. Maço 342, Caixa 184. Fundo Correspondência das Câmaras Municipais (AHRs).

⁴³⁴ Correspondência da Câmara Municipal de Itaqui ao Presidente da Província. 04.06.1883. Maço 78, Caixa 35. Fundo Correspondência das Câmaras Municipais (AHRs).

⁴³⁵ Essa era umas das reclamações mais frequentes e, possivelmente, a que exigia providências mais urgentes. A Câmara de São Borja reclamava dos furtos desde, pelo menos, 1878, quando pedira o aumento do número do corpo policial: “Não pode a polícia que foi fixada neste município, acudir as necessidades que lhe são inerentes, nem as autoridades constituídas cumprirem suas obrigações: perseguir e capturar criminosos; reprimir os crimes, principalmente os de furto de gado e animais cavaleiros, que se sucedem uns aos outros, pelo que resolveu dirigir-se a V. Ex., pedindo o aumento do pessoal da mesma polícia.” Correspondência da Câmara Municipal de São Borja ao Presidente da Província. 25.11.1878. Maço 235, Caixa 126. Fundo Correspondência das Câmaras Municipais (AHRs). A Câmara de Rosário do Sul, no ano de 1883, também pedia o aumento do número do corpo policial: “É opinião desta municipalidade que o único meio de evitar-se crimes e garantir-se a segurança individual e de propriedades, é com o aumento da força policial neste

sobrecarregavam a atividade, a baixa do preço do gado nas charqueadas pelotenses que influenciava diretamente os estancieiros e a necessidade de benfeitorias que facilitassem o trânsito do gado (estradas, pontes etc.).

A partir da leitura das correspondências das Câmaras Municipais é possível diagnosticar o estado da indústria pastoril, mas, mais do que isto, quais as principais reivindicações que vinham sendo feitas pelos moradores da região da campanha e missioneira. Cruzando essas informações com outras presentes nos discursos parlamentares de Assis Brasil, é possível concluir que o deputado parecia estar tentando legitimar um discurso onde ele seria o verdadeiro representante da região da campanha. Na tribuna, criticou a falta de atenção com que os parlamentares tratavam a região e buscou beneficiá-la, assim como também a atividade pecuarista, de inúmeras maneiras.

Já em seu primeiro ano como deputado provincial, Assis Brasil apresentou dois projetos, a pedido da Câmara Municipal de Alegrete. O primeiro tratava da construção de um mercado e de um matadouro público naquele município, para o que a Câmara solicitava autorização da Assembleia para a emissão de apólices. O deputado defendeu que o projeto traria benefícios aos criadores de gado locais, afirmando que tais construções eram “de grande conveniência para o município”. O segundo projeto referia-se ao estabelecimento de uma colônia no município de Alegrete, também apresentado por Assis Brasil a pedido daquela Câmara Municipal.⁴³⁶

Dias depois, em outra sessão, Assis Brasil tentou vetar o projeto de lei encaminhado pelos liberais e que visava à centralização da força policial. A fim de cortar gastos do orçamento, o projeto visava diminuir o corpo policial da fronteira, justamente em um momento em que aquela população pedia o aumento dos efetivos. Segundo ele, o mal para as estâncias da campanha era exatamente a falta de policiamento. Assis Brasil acrescentava: “Os Senhores deputados devem ter conhecimento do nosso estado presente. Venho de lá do interior da província, onde vejo com os meus olhos [...] o descrédito com que os homens públicos aparecem aos olhos dos nossos patrícios, desiludidos de promessas”.⁴³⁷ Atacando com veemência o projeto, dizia:

Os brados da província são outros, os seus reclamos são bem diversos daqueles a que o projeto pretende dar provimento. A falta de segurança pública é especialmente sentida fora das cidades e povoações, que é onde está a nossa primeira riqueza,

município.” Correspondência da Câmara Municipal de Rosário do Sul ao Presidente da Província. 22.10.1883. Maço 204, Caixa 109. Fundo Correspondência das Câmaras Municipais (AHRS).

⁴³⁶ Anais da Assembleia Legislativa do RS. Sessão do dia 18 de novembro de 1885.

⁴³⁷ Anais da Assembleia Legislativa do RS. Sessão do dia 20 de novembro de 1885.

sujeita aos insultos da rapina, e é justamente para fora das povoações que o projeto não dá polícia [...].⁴³⁸

Em abril de 1886, ele defendeu a criação de gado como a principal fonte de riqueza da Província e atacou todos os deputados por não estarem se empenhando na melhoria da atividade pecuarista: “Não falo desta legislatura; refiro-me a todas [...] Pouco se tem feito pelo bem real da província, e pela indústria pastoril particularmente quase nada”. Ainda expondo a difícil situação da campanha, mencionou que “Todos reclamam, por exemplo, contra o banditismo, que infesta a campanha. Os nossos patrícios, acusam-nos, a nós, que somos os seus representantes mais imediatos, de negligência em cuidar dos seus interesses”. Para além da crítica apresentada aos colegas de tribuna, na mesma sessão, o republicano apresentou um projeto de lei, dizendo ser este não inspiração sua, mas “um pedido de vários criadores (de gado), meus colegas”.⁴³⁹

O projeto visava remediar, ainda que parcialmente, alguns dos problemas dos estancieiros e trazia, dentre outras coisas, algumas regras a fim de regulamentar a venda e a marcação do gado. Antes de expô-lo, o deputado fez sua defesa, dissertando: “Sei de antemão que só com isto não se extinguirão todos os males de que se lamentam os criadores, aos quais mais imediatamente se refere o projeto; mas será um passo para diante, e mostrará que a assembléia não está esquecida de que foi eleita por este povo sofredor”.⁴⁴⁰

No ano seguinte, mais uma vez encontramos Assis Brasil discursando a favor de seus colegas pecuaristas, agora em uma acalorada discussão referente à organização tributária da Província. Nesse momento, Assis Brasil censurou o abuso de impostos sobre a principal fonte de renda do orçamento provincial, ou seja, as produções da Província, dentre elas a indústria pecuarista. Falando especificamente sobre a criação de gado, mencionou o exemplo de um amigo seu que “estava mesmo disposto a abandonar sua indústria por não ter meios para progredir”.⁴⁴¹

Em outra de suas manifestações, o deputado procurou favorecer São Gabriel, na discussão sobre a regulamentação do pedágio a ser cobrado sobre o trânsito na ponte recém-criada sobre o rio Vacacaí. Conforme Assis Brasil, pelo fato de passarem por São Gabriel quase todas as tropas de gado vaccum que se dirigiam a Pelotas, era necessário que os pontos do projeto ficassem bastante claros, a fim de que se pudesse regular a fiscalização das cobranças de pedágio sobre a ponte e, assim, aumentar a arrecadação de verbas para o

⁴³⁸ Ibid.

⁴³⁹ Anais da Assembleia Legislativa do RS. Sessão do dia 02 de abril de 1886.

⁴⁴⁰ Anais da Assembleia Legislativa do RS. Sessão do dia 02 de abril de 1886.

⁴⁴¹ Anais da Assembleia Legislativa do RS. Sessão do dia 21 de dezembro de 1887.

município.⁴⁴² Já no ano de 1886, o deputado apresentou à mesa da Assembleia uma representação de vários cidadãos de Uruguaiana contra um contrato que a Câmara local havia firmado com um particular para o estabelecimento de um matadouro público, contrato que, segundo os representados, além de lhes prejudicar, não poderia ter a aprovação da Assembleia.⁴⁴³

A leitura dos discursos proferidos por Assis Brasil demonstra que, por diversas vezes, o republicano procurou beneficiar os municípios que compunham o terceiro círculo, defendendo seus interesses e pleiteando, especialmente, por melhorias à atividade pecuarista.⁴⁴⁴ O deputado, que conhecia as principais reivindicações dos criadores locais – tais como o abuso dos impostos sobre a atividade, o policiamento precário que deixava margem para a frequência dos furtos de gado, dentre outras – fez delas bandeiras políticas no parlamento. De fato, Assis Brasil assumira o papel de interceder pela comunidade na tribuna, mas também o fazia em outras circunstâncias, como no caso em que representou os moradores de Uruguaiana, que se viram prejudicados, não pelo poder provincial, mas sim pela própria Câmara Municipal, instituição que deveria representá-los localmente.

A região da campanha, que até então se queixava da falta de representantes na Assembleia Provincial, ao menos pelo empenho do seu representante, parece ter acertado em elegê-lo. O jovem republicano conseguia não só transitar habilmente entre os fazendeiros da fronteira, como estabelecer contato frequente entre esta região e a capital da Província. No papel de *representante* que assumira, foi capaz não só de interceder a favor dos seus representados no centro político do poder, como também articular a busca de recursos, tornando mais próximos os dois universos, tão distintos entre si. Tal atuação só foi possível porque Assis Brasil reunia algumas características que tornavam possível que ele “transitasse com distinção” entre os dois espaços políticos. Algumas características pessoais colaboraram nesse sentido, tais como a facilidade que tinha de se comunicar com dois públicos bastante distintos. No espaço mais ruralizado da campanha, seu discurso se simplificava, se tornava de fácil compreensão, ao passo que no ambiente moderado da tribuna podia mostrar todo o seu

⁴⁴² Anais da Assembleia Legislativa do RS. Sessão do dia 9 de novembro de 1885.

⁴⁴³ Jornal *A Federação*. 06.04.1886. Acervo do NPH (UFRGS).

⁴⁴⁴ De todos os discursos proferidos por Assis Brasil no Parlamento Provincial, optamos pela seleção daqueles onde ele se referia diretamente ao nosso objeto de estudo deste capítulo. Ainda assim, é necessário chamar a atenção para o fato de que outros discursos também marcaram sua trajetória no Parlamento provincial, especialmente aqueles onde o republicano expunha suas ideias abolicionistas. Em duas ou três oportunidades, é possível encontrar Assis Brasil buscando a implementação de medidas que onerassem a posse dos escravos na província. Os conteúdos destes discursos podem ser vistos em: BAKOS, Margaret Marchiori. **RS: escravismo & abolição**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

refinamento cultural e seus conhecimentos teóricos, provenientes de sua formação acadêmica, dos longos anos de estudos e leituras realizados em São Paulo.

A pergunta que fica é a seguinte: Teria ele, com os inúmeros atributos que possuía, se constituído em um mediador (*Broker*) durante os anos em que fez parte da Assembleia e batalhou em prol dos interesses da comunidade que o elegeu? Cremos que, considerando a experiência negativa que a comunidade havia vivenciado há alguns anos acerca de sua representação política, as inúmeras investidas de Assis Brasil em seu favor na Assembleia devem ter influenciado para que a mesma o reconhecesse como um legítimo representante. De fato, cremos que mais do que um simples representante dos interesses de seu eleitorado – e várias vezes o encontramos atuando em benefício da atividade pecuarista – ele estava *se habilitando à condição de mediador*. Entretanto, para que tal posição fosse assumida plenamente Assis Brasil ainda deveria percorrer um caminho considerável. Lembremos que Assis Brasil, na época em que foi deputado provincial, era extremamente jovem e, ainda que conseguisse romper com a distância entre a capital e o interior da Província, circulando entre os dois espaços com desenvoltura, seu capital relacional não era tão significativo a ponto de ocupar uma posição no topo da distribuição de recursos.

Assim, a vaga ocupada na Assembleia constituiu uma etapa importante – e cumprida satisfatoriamente – desse aprendizado e do processo de constituição da posição de mediador, mas não representa a sua concretização. A partir dela, inúmeras portas seriam abertas e um trajeto considerável ainda teria de ser percorrido. Possivelmente, se o propagandista continuasse investindo na carreira e mantivesse essa proximidade com a comunidade, ao longo do tempo, a posição de mediador teria sido plenamente assumida. Entretanto, não podemos fazer afirmações a este respeito, visto que, a posição de mediador só poderia vir a se confirmar em um período posterior ao que investigamos e, mais do que isso, mediante análise de um outro *corpus* documental, que pudesse demonstrá-lo, recebendo pedidos de auxílios/favores diversos, acionando contatos e mobilizando recursos para a sua plena consecução.

De todo modo, podemos afirmar, que durante e após o período em que atuou no parlamento, Assis Brasil foi reconhecido pela comunidade fronteiriça como um homem capaz de mover seus assuntos. Alguns de seus atributos colaboravam diretamente para isso, dentre eles, o fato de possuir um diploma acadêmico e comportamento adequado para a tribuna, os contatos que nutria fora do Rio Grande e o fato de ser reconhecido nacional e internacionalmente em função de sua produção intelectual. Enfim, todos estes elementos agregavam-lhe, sem dúvida, elementos de distinção em relação aos demais correligionários.

Ao mesmo tempo, Assis Brasil transitava entre a elite pecuarista da região e conhecia as principais reivindicações dos criadores de gado. Compreender e, mais do que isto, identificar-se com essas reivindicações foi essencial para a conquista do cargo, pois isto acabou aproximando o candidato dos eleitores nas muitas excursões eleitorais que realizou. A combinação dos fatores que distanciavam e aproximavam Assis Brasil dos correligionários da campanha e região missioneira fez com que estes últimos reconhecessem nele, e não em qualquer outra pessoa, um indivíduo capaz de representar a comunidade. Mais do que isso, fez com que muitos monarquistas fossem lentamente se convertendo ao republicanismo, uma ideia ainda considerada subversiva entre os meios mais tradicionais da região.

O então deputado parece ter sido bem sucedido no papel de representante que assumiu, pois chegou a ser reeleito ao cargo no pleito de 1886. Em artigo que avaliava o desempenho do tribuno, publicado no jornal *A Federação*, sua atuação em prol da indústria pastoril foi bastante elogiada pelos correligionários políticos:

Outras medidas urgentemente reclamadas e de excelente efeito imediato foram as que propôs Assis Brasil no projeto que apresentou sobre a indústria pastoril, no intuito definido de garantir, contra frequentes abusos, contra o desrespeito e contra a avidez dos ladrões e bandidos, os interesses dos criadores, quase por completo desprotegidos.

Mas o seu projeto sofreu logo oposição, que partiu principalmente daqueles que não estudam nem buscam compreender os interesses das regiões que representam.

Ainda em atenção aos interesses respeitáveis que se ligam à indústria pastoril, fonte principal da nossa receita, o deputado republicano propôs a extinção de um imposto iníquo e vexatório – o imposto da marca de gado, que pesa desproporcionalmente tanto sobre o estancieiro abastado, que possui milhares de cabeças de gado, como sobre o criador em diminuta escala. [...]

A Assis Brasil cabe a honra de haver dado o primeiro exemplo de como pode e deve proceder um deputado republicano na Assembléia do Rio Grande.⁴⁴⁵

A atuação do republicano no parlamento também foi comemorada pelos correligionários gabrielenses. Esses resolveram, em sessão do Clube Republicano de São Gabriel, que fossem publicados 2.000 folhetos de todos os discursos de Assis Brasil na Assembleia Provincial, para serem distribuídos gratuitamente pelo clube, iniciativa para a qual pediram ajuda pecuniária aos demais clubes republicanos da região.⁴⁴⁶ Ademais, quando da reeleição do deputado, no ano de 1886, o clube chegou a prestar-lhe uma homenagem,

⁴⁴⁵ *A Federação*. 30.04.1886. Acervo do NPH (UFRGS).

⁴⁴⁶ Livro de Atas do Clube Republicano de São Gabriel. Acervo do Museu João Pedro Nunes (São Gabriel). Sessão de 20.12.1885.

sendo esta “portadora do mais franco e decidido apoio às respeitáveis atitudes que o digno representante havia assumido na Assembléia”.⁴⁴⁷

A tipografia da *A Federação* também publicara alguns dos discursos de Assis Brasil, selecionando duas das falas do deputado – de cunho mais teórico, em defesa da República e do sistema federativo – e fazendo deles larga distribuição. Na Corte, *A Revista Federal*, noticiou, em um de seus números, a disponibilidade da publicação:

Estão publicados em folhetos dois discursos que Assis Brasil pronunciou na Assembléia do Rio Grande, como deputado pelo Partido Republicano. Esses admiráveis discursos encerram esplêndidos ensinamentos de política e constituem brilhante vitória na campanha cruenta da propaganda parlamentar. Com prazer noticiamos aos eleitores que chegaram à esta capital alguns exemplares dos *Dois Discursos* e são encontrados à Rua do Ouvidor, nº 129.⁴⁴⁸

Os discursos de Assis Brasil também circularam entre os correligionários paulistas: o noticiário do jornal *A Província de São Paulo* se referiu à publicação da seguinte maneira: “Livros e publicações diversas – Recebemos e agradecemos: *Dois Discursos*, pronunciados na Assembléia Provincial do Rio Grande, pelo Dr. Assis Brasil. São duas valentes peças oratórias, uma das quais, a primeira, sobre política geral, já foi publicada nesta folha”.⁴⁴⁹ Portanto, a configuração de uma *rede de letrados*, que tinha por finalidade divulgar as ideias republicanas, e que enunciamos no segundo capítulo, não pode ser vista separadamente da prática política levada a cabo regionalmente por seus integrantes. Letrados e não letrados, indivíduos citadinos ou do campo (tais como o eleitorado de Assis Brasil), embora nutrissem uma série de diferenças entre si, compartilhavam a defesa do ideal republicano, cujos adeptos ainda eram minoria. Alguns indivíduos, tais como Assis Brasil, acabavam por conectar esses grupos, exercendo mais uma vez o papel de intermediário entre eles. Por sua conta, e muito lentamente, o republicanismo se disseminava entre jovens doutores, ansiosos tenentes e fazendeiros analfabetos. Portanto, por volta de novembro de 1889, aquela distante fronteira já estava minada de defensores da República, pronta para iniciar um outro capítulo de sua história...

⁴⁴⁷ Livro de Atas do Clube Republicano de São Gabriel. Acervo do Museu João Pedro Nunes (São Gabriel). Sessão de 06.01.1886.

⁴⁴⁸ *A Revista Federal*. 31.10.1886. Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

⁴⁴⁹ Jornal *A Província de São Paulo*. 29.09.1886. Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

CONCLUSÃO

A opção por Joaquim Francisco de Assis Brasil como personagem principal de nossa análise não se deu de forma aleatória. Para tal decisão contribuiu a disponibilidade de fontes, algo caro à tarefa do historiador. Também contribuiu sua trajetória de exceção no interior do Partido Republicano Rio-Grandense durante o período da propaganda republicana, visto que tão somente ele, dentre os inúmeros candidatos que disputaram eleições durante o período monárquico, acessou os quadros da política regional/provincial. Para além disso, sua trajetória sinalizava para uma série de relações mantidas com membros da propaganda republicana de outras províncias, em sua maioria membros da *geração de 1870*, contato ainda pouco explorado nas pesquisas anteriores, mas capaz de inserir a propaganda republicana desenvolvida no Rio Grande num panorama nacional, de oposição ao sistema vigente.

A atuação desse propagandista foi analisada a partir de quatro conjuntos de interações, sendo que os três primeiros (a interação com a família, com os letrados e com os eleitores do terceiro círculo eleitoral) deram subsídio para que ele tomasse assento na Assembleia Provincial, como representante republicano dos municípios da região da campanha e do núcleo missioneiro. Ao longo do texto, tomamos o propagandista como ponto privilegiado de observação de dois grupos sociais distintos (os republicanos do terceiro círculo eleitoral; e a elite da propaganda republicana, que atuava nas capitais) e, de modo mais geral, do universo político e da sociedade em que ele vivia.

Tratava-se de um indivíduo em processo de maturação de uma carreira política. Obter sucesso nessa carreira ou acessar posições de poder exigia alguns investimentos, acionar contatos e colocar em prática algumas estratégias, ou seja, não era tarefa passível de ser realizada individualmente. Daí que o jovem Assis Brasil, que perpassou nossas páginas, esteve sempre em interação com uma série de outros indivíduos, sejam eles os membros de sua família, os demais propagandistas republicanos que integravam sua rede de relações ou o eleitorado republicano do terceiro círculo, para somente no último capítulo sua performance ser tomada mais individualmente.

Tomando a família como unidade política principal durante o século XIX, foi possível perceber que o jovem propagandista contava já com uma série de elementos que favoreceram seu sucesso político. Os Assis Brasil eram uma família de ricos estancieiros da região da Campanha, portanto, membro de uma elite de origem rural/agrária e com um histórico de inserção na política local, através do Partido Conservador. Além disso, contavam ainda com certo prestígio político, fruto de sua ligação com o Barão de Cambaí e dos contatos que este

mantinha com a Corte. Tendo aderido ao republicanismo e atuando conjuntamente, a família lançou mão de algumas estratégias capazes de facilitar o acesso a posições políticas de influência. Logo, foi possível perceber um uso intensivo dos recursos que lhes eram disponíveis e a tentativa de converter o capital econômico em capital cultural e relacional. Para isso investiram na educação superior de alguns dos filhos mais novos – ainda que mantivessem como base de seu sustento a estância –, na diversificação profissional de seus membros, para a qual colaborou uma engenharia de matrimônios pensada neste sentido, no estabelecimento de contatos e formulação de redes de relacionamento dentro e fora da Província. Na prática, embora cada um dos irmãos tivesse assumido destinos e papéis particulares, as atividades desenvolvidas por uns e outros se complementavam.

Portanto, o acesso de Assis Brasil ao cargo de deputado provincial foi fruto de um pesado investimento familiar. Se Assis Brasil passou a atuar como propagandista na capital da Província e mesmo no sudeste do Brasil, este não perdeu sua base rural de apoio, que começava pela própria família, a qual atuava no clube republicano local. Não foi à toa que, quando disputou as eleições, conseguiu vencer naquela região. A partir daí foi possível concluir que a configuração e o modo de atuação das famílias republicanas não se distanciava do modelo organizacional assumido pelos monarquistas. Os investimentos e estratégias eram, de fato, bastante parecidos e tal não poderia ser diferente, visto que os republicanos eram originários, pelo menos na região da campanha e parte do núcleo missionário, do seio de famílias monarquistas.

Mas se a família investira economicamente, financiando seus estudos para que se tornasse um bacharel em direito, o jovem Assis Brasil também realizou alguns investimentos individuais durante o período em que residiu em São Paulo. Ali travou relações com inúmeros propagandistas de renome e passou a investir no mundo das letras, expondo através da pena as ideias que vinha defendendo já há algum tempo. Integrou mesmo uma rede de relacionamentos, que optamos por denominar *rede de letrados*, formada por propagandistas de várias províncias e também de Lisboa, e que tinha por finalidade colaborar para a publicação e circulação dos escritos de seus membros. Sabia-se que, como minorias políticas que se posicionavam contra o sistema, esse circuito de relacionamentos servia para fortalecer as bases da propaganda, tentar conquistar simpatizantes à causa e mesmo prestar apoio uns aos outros em situações mais adversas.

A participação de Assis Brasil numa rede que incluía diversos propagandistas do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais deixa claro que a circulação de ideias nas últimas décadas do século XIX não se dava somente no sentido de difusão do centro do país em

relação às províncias mais afastadas, mas, ao contrário, o fenômeno de circulação de ideias era uma via de mão dupla. Ou seja, as elites das províncias mais “periféricas” também contribuíram de forma significativa com os debates em nível nacional e que tinham em São Paulo e Rio de Janeiro seus espaços privilegiados. Ao mesmo tempo, o fato de Assis Brasil manter contato frequente com indivíduos de fora da Província e de ter acesso a um circuito de informações privilegiado agregava-lhe elementos de distinção, que eram vistos positivamente pelos demais correligionários do interior do Rio Grande, especialmente do terceiro círculo eleitoral. Esses elementos distintivos eram extremamente importantes para o momento em que os eleitores fossem colocar na balança os atributos com os quais seus possíveis representantes contavam.

Por outro lado, Assis Brasil também foi analisado em meio a dois grandes grupos: no primeiro, enquanto eleitor do terceiro círculo, e, no segundo, enquanto liderança do PRR. Na tentativa de traçar um perfil dos eleitores republicanos que deram vitória a Assis Brasil nas urnas, concluímos que o movimento nas regiões da campanha e missioneira tinha forte base social rural, ou seja, a grande maioria destes eleitores ocupava-se de atividades rurais, especialmente da criação de gado. O grupo analisado era profundamente hierarquizado, reunindo na sua camada superior famílias com uma riqueza muito acima da média da população local. No entanto, a maior parte dos donos de rebanhos eram pequenos criadores e junto deles um outro grupo era formado por figuras de pouca notabilidade socioeconômica, como os pequenos comerciantes e os profissionais de modestas posses que atuavam na cidade.

Ocupando um setor de riqueza intermediário, temos os médios criadores e boa parte dos profissionais de maior prestígio (como os advogados, médicos e engenheiros) e, por fim, os militares. Era nesses dois últimos grupos, que tinha íntimos laços de parentesco com os grandes criadores, que o republicanismo fluía das cidades para o meio rural. Era desses grupos, sobretudo dos profissionais, que emergiam as lideranças, tais como Assis Brasil. Em toda a Província, indivíduos como ele realizaram essa conexão. Em sua maioria, eles se nutriam do poder econômico de suas famílias, que financiavam sua formação escolar, para ocupar os cargos de maior prestígio político. Eles formavam a elite republicana da propaganda no Rio Grande do Sul, que também teve seu perfil analisado, em comparação com perfis análogos apresentados em outros trabalhos sobre o tema.

A partir da análise do grupo das lideranças, as principais teses referentes ao perfil dos líderes do PRR, repetidas ao longo de vários anos, pôde ser relativizada. Vários trabalhos haviam apontado para os altos índices de instrução desses líderes, bem como para o fato de que eles provinham de uma nova classe média urbana, que não tinha vínculos com os

estancieiros da região da campanha e tampouco com a oligarquia política da Província. Analisando de perto algumas trajetórias foi possível comprovar os altos índices educacionais que as lideranças apresentavam, embora não fossem superiores àqueles apresentados pelos monarquistas. Logo, não se tratava de uma elite “mais educada” do que as elites políticas liberais e conservadoras. Ao mesmo tempo, comprovamos a afluência das atividades urbanas, com destaque para a presença dos profissionais liberais no interior do grupo das lideranças. Entretanto, o fato de esses indivíduos portarem diploma superior de advogados, médicos, engenheiros, dentre outros, e exercerem atividades nos núcleos urbanos, não indica que estivessem descolados das elites mais tradicionais da Província, pois os demais membros da família continuavam residindo no interior e configuravam sua base rural de apoio político.

A análise de algumas lideranças e de suas famílias demonstrou os fortes vínculos dos propagandistas com os estancieiros da região da campanha e do núcleo missioneiro. A maioria desses parentes estava ligada à política conservadora, sendo muitos deles, inclusive, nobilitados. Desse modo, foi possível relativizar a ideia de distanciamento dos republicanos das elites monárquicas. Na realidade, os mesmos faziam parte de uma tradição política já bastante arraigada, pois integravam famílias que atuavam na política conservadora, através de gerações. Mais do que isso, o vínculo entre esses grupos era tão significativo que permitiu a eleição de Assis Brasil no cargo de deputado provincial, com o apoio dos conservadores e estancieiros da região da campanha. Da mesma forma, esses terminariam por ser representados por Assis Brasil no Parlamento.

Portanto, é impossível avaliar o grupo de republicanos rio-grandenses sem analisar suas relações familiares com o mundo monárquico que criticavam. A grande maioria desses indivíduos integrava importantes famílias, que faziam parte da elite política provincial, o que facilitava certos vínculos e alianças no momento das eleições, muito embora o partido republicano criticasse, em seu discurso, tanto o comportamento político dos liberais quanto dos conservadores.

Por fim, ao realizar uma análise dos pleitos que levaram à vitória de Assis Brasil no cargo de deputado provincial, foi possível perceber que, naquele momento, ele já possuía uma visão estratégica do jogo político e de como deveria nele se posicionar. Soube negociar uma importante aliança com os conservadores, possibilitada pela própria vinculação entre as lideranças do PRR e as famílias monarquistas, e não a tornou pública de modo que isto pudesse prejudicar sua carreira. O fato de ele ter sido escolhido entre seus correligionários encontra explicação na própria falta de representantes da região no parlamento e as dificuldades econômicas que a região vinha sofrendo. De fato, Assis Brasil contava com

inúmeros atributos que contribuíram para que fosse o escolhido como representante da região: era de família de estancieiros e conhecia as principais dificuldades enfrentadas pela criação de gado naquela região, conseguia estabelecer um contato e transitar com distinção entre a capital da Província e a região que representava, fazia parte de uma família com trajetória política e pública reconhecida, tinha inúmeros contatos fora da província, dentre outros.

De fato, mais do que um simples representante dos interesses de seu eleitorado – e várias vezes o encontramos atuando em benefício da atividade pecuarista – cremos que ele estava se habilitando à condição de *mediador*. Para tal ainda deveria percorrer um caminho considerável. Lembremos que Assis Brasil, na época em que foi deputado provincial, era extremamente jovem e, ainda que conseguisse romper com a distância entre a capital e o interior da Província, seu capital relacional não era tão significativo a ponto de ocupar uma posição no topo da distribuição de recursos. A vaga ocupada na Assembleia era uma etapa importante desse aprendizado e do processo de constituição da posição de mediador, mas não representa a sua concretização. A partir dela, inúmeras portas seriam abertas e um trajeto considerável ainda teria de ser percorrido. Portanto, a posição de mediador só poderia se confirmar em um período posterior ao que investigamos e mediante análise de um outro corpus documental, que não o nosso.

Assis Brasil rompeu com as fileiras do PRR, em 1891, o que acabou interrompendo o processo em maturação. Provavelmente, a partir do momento em que os republicanos assumiram posições de mando e que a captação e distribuição de recursos materiais ou imateriais lhes estava mais disponível, a condição de mediador estaria mais próxima de se confirmar. Mas, como dissemos, após a Proclamação da República, sucedeu-se um brusco rompimento com o partido e um afastamento da Província, tendo Assis Brasil se dedicado, por vários anos, à diplomacia em vários países da América e Europa. Somente no ano de 1907 ele retornaria ao Rio Grande. Naquela oportunidade, escreveu ao amigo Francisco Miranda, companheiro da propaganda, afirmando ser “o mesmo amigo e o mesmo homem, apesar da distância” e pontuando que “[...] das várias preocupações do meu espírito a mais enérgica e mais constante é a de voltar à terra e reatar o fio interrompido de tudo quanto lá fazia”.⁴⁵⁰ Entretanto, não encontraria as mesmas condições deixadas dezesseis anos antes, embora continuasse gozando de grande prestígio político.

Por fim, é preciso dizer que há ainda muito a ser escrito sobre o período da propaganda republicana no Rio Grande do Sul e sobre a atuação dos membros do PRR na

⁴⁵⁰ Correspondência de Assis Brasil a Francisco Miranda. Buenos Aires, 08.01.1907. Arquivo Pessoal de Assis Brasil – nº 2 (IHGRGS).

década de 1880. Dados os limites deste trabalho, algumas questões que poderiam ter sido exploradas merecem um breve comentário. Algumas dessas questões se prestariam a novas pesquisas, dentre elas os espaços de sociabilidade e convívio dos republicanos, para além dos clubes, perpassando por agremiações abolicionistas, literárias, lojas maçônicas etc. Além disso, outras formas de solidariedade no interior da rede de letrados podem ser exploradas, pois estas ultrapassavam o apoio referente à publicação e circulação de livros e periódicos, ocorrendo também em momentos mais críticos. O caso da moção São Borja, por exemplo, foi um dos eventos que recebeu apoio de vários propagandistas, especialmente dos paulistas. A deflagração de acontecimentos desse porte, que punham os republicanos na vitrine do dia, gerava mobilização intensa por parte dos correligionários políticos e seu apoio era prestado através de correspondências, manifestações em jornais, por parte de vários letrados do centro do país.

Por outro lado, uma busca por novas fontes, tais como os livros de atas dos clubes republicanos, em arquivos municipais do interior do Estado, pode nos trazer mais informações sobre quem eram esses homens que aderiram ao movimento republicano e como se organizavam. Uma combinação desse tipo de registro com publicações de imprensa, por exemplo, pode se tornar bastante útil para a realização de pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Sérgio. **Os aprendizes do poder: o bacharelismo liberal na política brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

AITA, Carmem (Org.). **Joaquim Francisco de Assis Brasil: perfil biográfico e discursos (1857-1938)**. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 2006.

_____. **Liberalismo e República: o pensamento político de J. F. Assis Brasil**. 2006. 267 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2006.

ALONSO, Angela. **Idéias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil Império**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. **Crítica intelectual e reforma política: positivistas e liberais na crise do Império**. In: Anais do XXIII Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, 1999.

ARAÚJO, Thiago Leitão de. **Escravidão, fronteira e liberdade: políticas de domínio, trabalho e luta em um contexto produtivo agropecuário (vila de Cruz Alta, província do Rio Grande de São Pedro, 1834-1884)**. 2008. 333 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, UFRGS, Porto Alegre, 2008.

ASSIS BRASIL, Joaquim Francisco de. A República Federal. In: SENADO Federal (Org.). **A democracia representativa na República (antologia)**. Ed. Fac-similar. Brasília: Senado Federal, 1998. p. 22-85.

_____. **Chispas**. Alegrete: Tipografia do Jornal do Comércio, 1877.

_____. **História da República Rio-Grandense**. Porto Alegre: ERUS, 1981.

AXT, Gunter [et. al]. (Orgs.). **Julio de Castilhos e o paradoxo republicano**. Porto Alegre: Nova Prova, 2005.

AZAMBUJA, Graciano (Dir.). **Anuario da Província do Rio Grande do Sul para o ano de 1886**. Porto Alegre: Gundlach & Cia., 1885.

BAKOS, Margaret Marchiori. **RS: escravismo & abolição**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

BARETTA, Sílvio Rogério Duncán. **Political violence and regime change: a study of the 1893 civil war in southern Brazil**. Pittsburgh: University of Pittsburgh, 1985.

BERRINI, Beatriz. **Brasil e Portugal: a geração de 70**. Porto: Campo das Letras, 2003.

BERTRAND, Michel. Los modos relacionales de las élites hispanoamericanas coloniales: enfoques y posturas. **Anuario del IEHS**, Tandil, n. 15, p. 61-79, 2000.

_____. De la família a la red de sociabilidad. **Revista Mexicana de Sociologia**, Cidade do México, v. 61, n. 2, p. 107-135, abr./jun. 1999.

BESSONE, Tania Maria. **Palácios de destinos cruzados**: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro (1870-1920). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999.

BEVILAQUA, Clovis. **História da Faculdade de Direito do Recife**. Brasília: INL/Conselho Federal de Cultura, 1977.

BOEHRER, George. **Da monarquia à república**: história do Partido Republicano do Brasil (1870-1889). Ministério da Educação e Cultura, (1950?).

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 183-191.

BRASILIENSE, Américo. **Os programas dos partidos e o Segundo Império**. Brasília: Senado Federal; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1979.

BRESSIANI, Maria Stella Martins. **Liberalismo**: ideologia e controle social (um estudo sobre São Paulo de 1850 a 1910). 1976. 256 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 1976.

BROSSARD, Paulo (Org.). **Idéias políticas de Assis Brasil**. Brasília: Senado Federal; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1989.

BURKE, Peter. **Veneza e Amsterdã**: um estudo das elites no século XVII. São Paulo: Brasiliense, 1991.

CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem**: a elite política imperial / Teatro das Sombras: a política imperial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. **A Escola de Minas de Ouro Preto**: o peso da glória. Rio de Janeiro, 2010.

_____. A ortodoxia positivista no Brasil: um bolchevismo de classe média. In: _____. **Pontos e bordados**: escritos de história e política. Belo Horizonte: UFMG, 1998. p. 189-201.

CARVALHO, M. A. R. **O quinto século**. André Rebouças e a construção do Brasil. Rio de Janeiro: Iuperj/Revan, 1998

CARVALHO, Mário Teixeira de. **Nobiliário sul-riograndense**. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Livraria do Globo, 1937.

CASTRO, Celso. **Os militares e a República**: um estudo sobre cultura e ação política. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

CATROGA, Fernando. **O problema político em Antero de Quental**: um confronto com Oliveira Martins. Coimbra: Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra, 1981.

_____. Os caminhos polêmicos da “Geração Nova”. In: MATTOSO, José. (Org.). **História de Portugal: o Liberalismo (1807-1890)**. Lisboa: Estampa, 1998. V. V. p. 483-494.

CAVENAGHI, Airton José. **Lembranças de livros e impressores: um mapeamento da produção livresca paulista durante o século XIX**. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH . São Paulo, julho de 2011, p. 1-13.

CHARLE, Christophe. A prosopografia ou biografia coletiva: balanço e perspectivas. In: HEINZ, Flavio Madureira (Org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 41-53.

CORADINI, Odaci Luiz. Grandes famílias e elite ‘profissional’ na medicina no Brasil. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**. Rio de Janeiro: v. 3, 1997, p. 425-466.

CORRÊA, Arsênio Eduardo. **O pensamento político de Campos Salles**. Londrina: Humanidades, 2009.

COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à República: momentos decisivos**. 7. ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

COSTA, Rogério Haesbaert da. **RS: latifúndio e identidade regional**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

CRUZ COSTA, J. **Contribuição à história das idéias no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

DUARTE, Eduardo. Meu encontro com Assis Brasil. **Revista do Museu Júlio de Castilhos e Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, n. 9, p. 7, 1958.

FARIA, Sheila de Castro. História da família e demografia histórica. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Domínios da história**. Ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 350-375.

FARINATTI, Luís Augusto Ebling. **Confins meridionais: famílias de elite e sociedade agrária na fronteira sul do Brasil (1825-1865)**. 2007. 421 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, UFRJ, Rio de Janeiro, 2007.

_____. Domesticação, técnica e paisagem agrária na pecuária tradicional da campanha rio-grandense (século XIX). In: COSTA, Benhur Pinós da; QUOOS, João Henrique; DICKEL, Mara Eliana. (Orgs.). **A sustentabilidade da Região da Campanha – RS: Práticas e teorias a respeito das relações entre ambiente, sociedade, cultura e políticas públicas**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria - Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências, 2010, p. 62-87.

FERREIRA, Athos Damasceno. **Gabinetes de leitura e bibliotecas no Rio Grande do Sul do século XIX**. Porto Alegre: Ministério da Educação e Cultura, 1973.

FERTIG, André Atila. **Clientelismo político em tempos belicosos: a Guarda Nacional da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul na defesa do Império do Brasil (1850-1873)**. Santa Maria: UFSM, 2010.

FIGUEIREDO, Osório Santana. **História de São Gabriel**. São Gabriel: s/ed., 1993.

FÉLIX, Loiva O. Coronelismo, borgismo e cooptação política. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 1996.

FRAGOSO, João; PITZER, Renato Rocha. Barões, homens livres pobres e escravos – notas sobre uma fonte múltipla. Os inventários post-mortem. **Revista Arrabaldes**, Petrópolis, a. I, n. 2, p. 29-52, set./dez. 1988.

FRANCO, Álvaro da Costa. **Assis Brasil: um diplomata da República**. Rio de Janeiro: Fundação Alexandre de Gusmão, 2006.

FRANCO, Sérgio da Costa. **A guerra civil de 1893**. Porto Alegre: UFRGS, 1993.

_____. Gaúchos na Academia de Direito de São Paulo no século XIX. In: **Revista Justiça e História**. V. 1, nº 1 e 2. Porto Alegre: Centro de Memória do Judiciário do Estado do Rio Grande do Sul, s/d.

_____. **Júlio de Castilhos e sua época**. Porto Alegre: Globo, 1967.

FUNDAÇÃO de Economia e Estatística. **De Província de São Pedro a Estado do Rio Grande do Sul: censos do RS: 1803-1950**. Porto Alegre: FEE, 1981.

GALDINO, Antonio Carlos. **Campinas, uma cidade republicana: política e eleições no oeste paulista (1870-1889)**. 2006. 336 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

GARCIA, Graciela. **O domínio da terra: conflitos e estrutura agrária na campanha rio-grandense oitocentista**. 2005. 191 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, UFRGS, Porto Alegre, 2005.

GINZBURG, Carlo; PONI, Carlo. O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico. In: GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: Difel; RJ: Bertrand Brasil, 1989. p. 169-178.

GRAHAM, Richard. **Clientelismo e política no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

_____. Construindo uma nação no Brasil do século XIX: visões novas e antigas sobre classe, cultura e estado. **Revista Diálogos**, Maringá: DHI/UEM, v. 5, n. 1, p. 11-47, 2001.

GRENDI, Edoardo. Repensar a micro-história? In: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 251-262.

GRIJÓ, Luiz Alberto. A elite do Partido Republicano se apropria da "Revolução". **História Unisinos**, v. 14, n. 1, p. 29-37, janeiro-abril de 2010.

_____. **Ensino jurídico e política partidária no Brasil**: a Faculdade de Direito de Porto Alegre (1900-1937). 2005. 275 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

_____. Foi o PRR um “partido político”? **Revista Logos**, Canoas: Ulbra, v. 11, n. 1, p. 65-68, maio 1999.

_____. **Origens sociais, estratégias de ascensão e recursos dos componentes da chamada “Geração de 1907”**. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

HALL, M. Reformadores de classe media no Império Brasileiro: a sociedade central de imigração. **Revista de História**, São Paulo, v. 53, n. 105, p. 147-161, 1976.

HEINZ, Flavio Madureira. Considerações acerca de uma história das elites. **Revista Logos**, Canoas: Ulbra, v. 11, n. 1, p. 41-52, 1998.

_____. O historiador e as elites – à guisa de introdução. In: _____ (Org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 07-15.

HOLLANDA, Cristina Buarque de. (Org.). **Joaquim Francisco de Assis Brasil – uma antologia política**. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2011.

HOMEM, Amadeu Carvalho. O avanço do republicanismo e a crise da Monarquia Constitucional. In: MATTOSO, José (Org.). **História de Portugal**. O liberalismo (1807-1890). Lisboa: Estampa, 1998. V. V. p. 109-121.

IMIZCOZ, José María. Actores, redes, procesos: reflexiones para una historia más global. **Revista da Faculdade de Letras – História**, Porto, III série, v. 5, p. 1-28, 2004.

_____. Las redes sociales de las elites: conceptos, fuentes y aplicaciones. In: MESA, Enrique Soria; CARO, Juan Jesús Bravo; BARRADO, José Miguel Delgado (Ed.). **Las elites en la época moderna: la monarquía española**. Nuevas perspectivas. Córdoba: Servicio de Publicaciones, Universidad de Córdoba, 2009. V. 1. p. 77-111.

_____. Patronos y mediadores. Redes familiares en la monarquía y patronazgo en la aldea: la hegemonía de las elites baztanesas en el siglo XVIII. In: _____. **Redes familiares y patronazgo**: aproximación al entramado social del País Vasco y Navarra em el Antiguo Régimen (siglos XV-XIX). Bilbao: Universidad del País Vasco, 2001. p. 250.

IMÍZCOZ, José María; ARROYO RUIZ, Lara. Redes sociales y correspondência epistolar. Del análisis cualitativo de las relaciones personales a la reconstrucción de redes egocentradas. In: **REDES – Revista hispana para el análisis de redes sociales**. vol. 21, dezembro 2011, p. 98-138.

IMIZCOZ, José María; KORTA, Oihane Oliveri. Economía doméstica y redes sociales: una propuesta metodológica. In: _____ (Ed.). **Economía doméstica y redes sociales en el antiguo régimen**. Madrid: Sílex Universidad, 2010. p. 15-51.

IPEA. Disponível em: <<http://www.ipeadata.gov.br>>. Acesso em: 30 out. 2012.

KUHN, Fábio. **Gente da fronteira**: família, sociedade e poder no sul da América Portuguesa – século XVIII. 2006. 479 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, UFF, Niterói, 2006.

LEMOS, Renato. A alternativa republicana e o fim da monarquia. In: GRINBERG, Keila e SALLES, Ricardo (Org.). **O Brasil Imperial: 1870-1889**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. V. III. p. 403-444.

LEVI, Giovanni. **A herança imaterial**: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LOVE, Joseph. **O regionalismo gaúcho e as origens da Revolução de 1930**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

LOVE, Joseph; BARICKMAN, Bert. Elites regionais. In: HEINZ, Flavio Madureira (Org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 77-97.

MACHADO, Álvaro. A geração de 70: uma literatura de exílio. **Revista Análise Social**, Lisboa, v. XVI (61-62), p. 383-396, 1980.

MACHADO, Álvaro Manuel. **A Geração de 70**: uma revolução cultural e literária. Lisboa: Editorial Presença, 1998;

MARINHO, Pedro Eduardo Mesquita de Monteiro. **Engenharia imperial**: o Instituto Politécnico Brasileiro (1862-1880). 2002. 300 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, UFF, Niterói, 2002.

MARQUES, Antero. **Assis Brasil e a evolução nacional**. Porto Alegre: s/ed., 1983.

MARTINS, Ari. **Escritores do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS/IEL, 1978.

MARTINS, Liana Bach; SILVA, Luís Antônio Costa da; NEVES, Gervásio Rodrigues (Org.). **O pensamento político de Júlio de Castilhos**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2003.

MARTINS, Maria Fernanda. **A velha arte de governar**: um estudo sobre política e elites a partir do Conselho de Estado (1842-1889). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2007.

MARTINY, Carina. **Os seus serviços públicos e políticos estão de certo modo ligados à prosperidade do município** – Construindo redes e consolidando o poder: uma elite política local (São Sebastião do Caí, 1875-1900). 2010. 366 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Unisinos, São Leopoldo, 2010.

MATEO, José. **Población, parentesco y red social en la frontera**: Lobos (provincia de Buenos Aires) en siglo XIX. Mar Del Plata: Universidad Nacional de Mar Del Plata, 2001.

MATTOS, Júlio de. A República Federal, por Assis Brasil. **O Positivismo**: Revista de Filosofia, a. 3, n. 6, p. 438-443, ago./set. 1881.

_____. O movimento republicano no Brasil. **O Positivismo**: Revista de Filosofia, a. 4, n. 3, p. 246-247, maio/jun. 1882.

MATTOSO, Kátia. **Bahia**: uma provincia no Império. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

MEDINA, João. **Eça de Queirós e a geração de 70**. Lisboa: Moraes, 1980.

MELLO, Maria Tereza Chaves de. A modernidade republicana. In: **Tempo** - Revista do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense, v. 13, 2009, p. 25-41.

_____. Narrativas nacionais e tempo: do romantismo ao cientificismo. In: PAMPLONA, Marco; STUVEN, Ana Maria. **Estado e nação no Brasil e no Chile ao longo do século XIX**. Rio de Janeiro: Garamont, 2010. p. 291-322.

MENEGAT, Carla. **O tramado, a pena e as tropas**: família, política e negócios do casal Domingos José de Almeida e Bernardina Rodrigues Barcellos. 2009. 205 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, UFRGS, Porto Alegre, 2009.

MINÉ, Elza. Prefácio. In: REIS, Jaime Batalha. **O descobrimento do Brasil intelectual pelos portugueses do século XX**. Organização, prefácio e notas de Elza Miné. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988. p. 11-41.

MITCHELL, J. Clyde. Social networks. **Annual Review of Anthropology**, v. 3, p. 279-299, 1974.

MONTEIRO, Hiram Ayres. **Venâncio Ayres**: o cavaleiro do ideal. São Paulo: Gril, 1997.

MOREL, Marco; BARROS, Mariana Monteiro. **Palavra, imagem e poder**: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX. Rio de Janeiro: DP&A, 2003;

MOUTOUKIAS, Zacarías. Familia patriarcal o redes sociales: balance de una imagen de la estratificación social. **Anuario del IEHS**, Tandil, n. 15, p. 133-151, 2000.

MUSEU Júlio de Castilhos. **Cartas de Júlio de Castilhos**: edição comemorativa dos 90 anos de criação do Museu Júlio de Castilhos. Porto Alegre: IEL/AGE, 1993.

NOLL, Maria Izabel; TRINDADE, Hélgio. **Estatísticas eleitorais do Rio Grande da América do Sul (1823-2002)**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

O'DONNELL, Fernando O. M. **Aparício Mariense**: contextualização histórica e dados biográficos. Santa Maria: Pallotti, 1983.

_____. **Francisco Miranda vivendo a República**. Porto Alegre: Metrópole, 1987.

ORTIZ, Helen Scorsatto. **O banquete dos ausentes: a lei de terras e a formação do latifúndio no norte do Rio Grande do Sul (Soledade – 1850-1889)**. 2006. 213 f. Dissertação (Mestrado em História) – UPF, Passo Fundo, 2006.

OSÓRIO, Fernando. **A cidade de Pelotas**. 3. ed. (revista). Organização e notas de Mário Osório Magalhães. Pelotas: Armazém Literário, 1997. V. I.

OSÓRIO, Pedro Luiz da Silveira. **Assis Brasil**. Porto Alegre: Tchê, 1986.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. Conservadorismo na tradição liberal: movimento republicano (1870-1889). In: PICCOLO, Helga e PADOIN, Maria M. (Org.) **História geral do Rio Grande do Sul: Império**. Porto Alegre: Méritos, 2007. V. 2. p. 139-153.

PAIM, Antonio. **A filosofia da Escola de Recife**. Rio de Janeiro: Saga, 1966.

PESSI, Bruno. **Catálogo de Inventários do APERS**. Porto Alegre: Corag, 2011. V. 3.

PESSOA, Reynaldo Xavier Carneiro. **O ideal republicano e seu papel histórico no segundo reinado: 1870-1889**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1983.

PICCOLO, Helga I. L. **A política rio-grandense no II Império (1868-1882)**. Porto Alegre: Gabinete de Pesquisa de História do Rio Grande do Sul, 1974.

PIMENTEL, Fortunato. **Joaquim Francisco de Assis Brasil: emérito agricultor**. Porto Alegre: Est. Graf. Sta. Teresinha Ltda., 1950.

PINTO, Celi Regina Jardim. **Contribuição ao estudo do Partido Republicano Rio-Grandense**. 1979. 148 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, UFRGS, Porto Alegre, 1979.

_____. **Positivismo: um projeto político alternativo (RS: 1889-1930)**. Porto Alegre: L&PM, 1986.

PORTO ALEGRE, Aquiles. **Homens ilustres do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: ERUS, s/d., p. 25.

RACIOPPI, Vicente. **Estudantes do Rio Grande do Sul em Ouro Preto**. Belo Horizonte: Typ. Castro, 1940.

RAMOS, Eloísa H. Capovilla. **O Partido Republicano rio-grandense e o poder local no litoral norte do Rio Grande do Sul (1882-1895)**. 1990. 284 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, UFRGS, Porto Alegre, 1990.

REVERBEL, Carlos. **Assis Brasil**. Porto Alegre: IEL, 1990.

ROCHA, Artheniza W.; ALMEIDA, Luiz.; MARCHIORI, José. **J. F. de Assis Brasil: interpretações**. Santa Maria: UFSM, 1995.

RODRIGUES, José Honório (Org.). **Correspondência de Capistrano de Abreu**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1977. V. I.

RODRÍGUEZ, Ricardo Vélez. **Castilhismo**: uma filosofia da República. Porto Alegre: UCS/EST, 1980.

SACCOL, Tassiana M. P.; VARGAS, Jonas M. Pai monarquista, filho republicano: propaganda republicana, eleições e relações familiares a partir da trajetória de Joaquim Francisco de Assis Brasil (1877-1889). In: VIII MOSTRA DE PESQUISA DO ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL: PRODUZINDO HISTÓRIA A PARTIR DE FONTES PRIMÁRIAS, 2010, Porto Alegre, **Anais...** Porto Alegre. Corag/APERS, 2010. p. 225-249.

SCHNEIDER, Regina Portella. **A instrução pública no Rio Grande do Sul: 1770-1889**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS/EST Edições, 1993.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: 34/Duas Cidades, 1977.

SCOTT, Ana Sílvia. As teias que a família tece: uma reflexão sobre o percurso da história da família no Brasil. **Revista História: Questões e Debates**, Curitiba: UFPR, n. 51, p. 13-29, jul./dez. 2009.

SEIDL, Ernesto. **A espada como vocação**: padrões de recrutamento e de seleção das elites do exército no Rio Grande do Sul (1850-1930). 1999. 462 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, UFRGS, Porto Alegre, 1999.

SILVA, Jandira M. M da; CLEMENTE, Ir. Elvo; BARBOSA, Eni. **Breve histórico da imprensa sul-riograndense**. Porto Alegre: CORAG, 1986.

SILVEIRA, Cássia Daiane Macedo da. **Dois pra lá, dois pra cá**: o Parthenon Litterario e as trocas entre literatura e política na Porto Alegre do século XIX. 2008. 189 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, UFRGS, Porto Alegre, 2008.

SILVERMAN, Sydel F. Patronage and community-nation relationships in central Italy. In: SCHMIDT, S. W. (Ed.). **Friends, followers and factions**: a reader in political clientelism. Berkeley: University of Califórnia, 1977. p. 293-304.

SIMÕES, João Gapar. **A Geração de 70**: alguns tópicos para a sua história. 2.ed. Lisboa: Editorial Inquérito Limitada, s/d.

SOARES, Manoel Adolpho. **Uruguiana**: um século de história (1843-1943). Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Livraria do Globo, 1942.

SOARES, Mozart Pereira Soares. **Júlio de Castilhos**. Porto Alegre: IEL, 1996.

SOUZA, José Pereira Coelho de. **O pensamento político de Assis Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.

SPALDING, Walter. Propaganda e propagandistas republicanos no Rio Grande do Sul. **Revista do Museu Julio de Castilhos**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 57-136, jan. 1952.

STONE, Lawrence. **El pasado y el presente**. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.

_____. Prosopografia. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba: UFPR, v. 19, n. 39, p. 115-137, 2011.

TAVARES, José A. G. A teoria da representação política e do governo em Assis Brasil. In: ASSIS BRASIL, Joaquim Francisco de. **A democracia representativa na república**: antologia. Ed. Fac-similar. Brasília: Senado Federal, 1998. p. III-LXVIII.

TRINDADE, Héliogio. Aspectos políticos do sistema partidário republicano rio-grandense (1882-1937). In: DACANAL, José H.; GONZAGA, Sergius (Org.). **RS: economia e política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979. p. 119-191.

WITTER, Nikelen. **Uma biblioteca no pampa**: livros, leitura e leitores no rio Grande do Sul do século XIX. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho de 2011, p. 1-11.

VAMPRÉ, Spencer. **Memórias para a história da Academia de São Paulo**. São Paulo: Saraiva e Cia., 1924. V. II.

VARGAS, Jonas Moreira. De charque, couros e escravos: a concentração de riqueza, terras e mão-de-obra em Pelotas (1850-1890). **Revista Saeculum**, João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2013. No prelo.

_____. **Entre a paróquia e a Corte**: os mediadores e as estratégias familiares da elite política do Rio Grande do Sul (1850-1889). Santa Maria: UFSM/Anpuh-RS, 2010.

_____. Das charqueadas para os cafezais? O tráfico interprovincial de escravos envolvendo as charqueadas de Pelotas (RS) entre as décadas de 1850 e 1880. In: XAVIER, Regina Célia Lima (Org.). **Escravidão e Liberdade**: temas, problemas e perspectivas de análise. São Paulo: Alameda, 2012, p. 275-302.

_____. Os políticos de aldeia: eleições, negociações e prática política nas paróquias do Rio Grande do Sul (1868-1889). In: VI MOSTRA DE PESQUISA DO ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Anais...** Porto Alegre: CORAG, 2008. p. 39-57.

VENÂNCIO FILHO, Alberto. **Das arcadas ao bacharelismo**: 150 anos de ensino jurídico no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 1982.

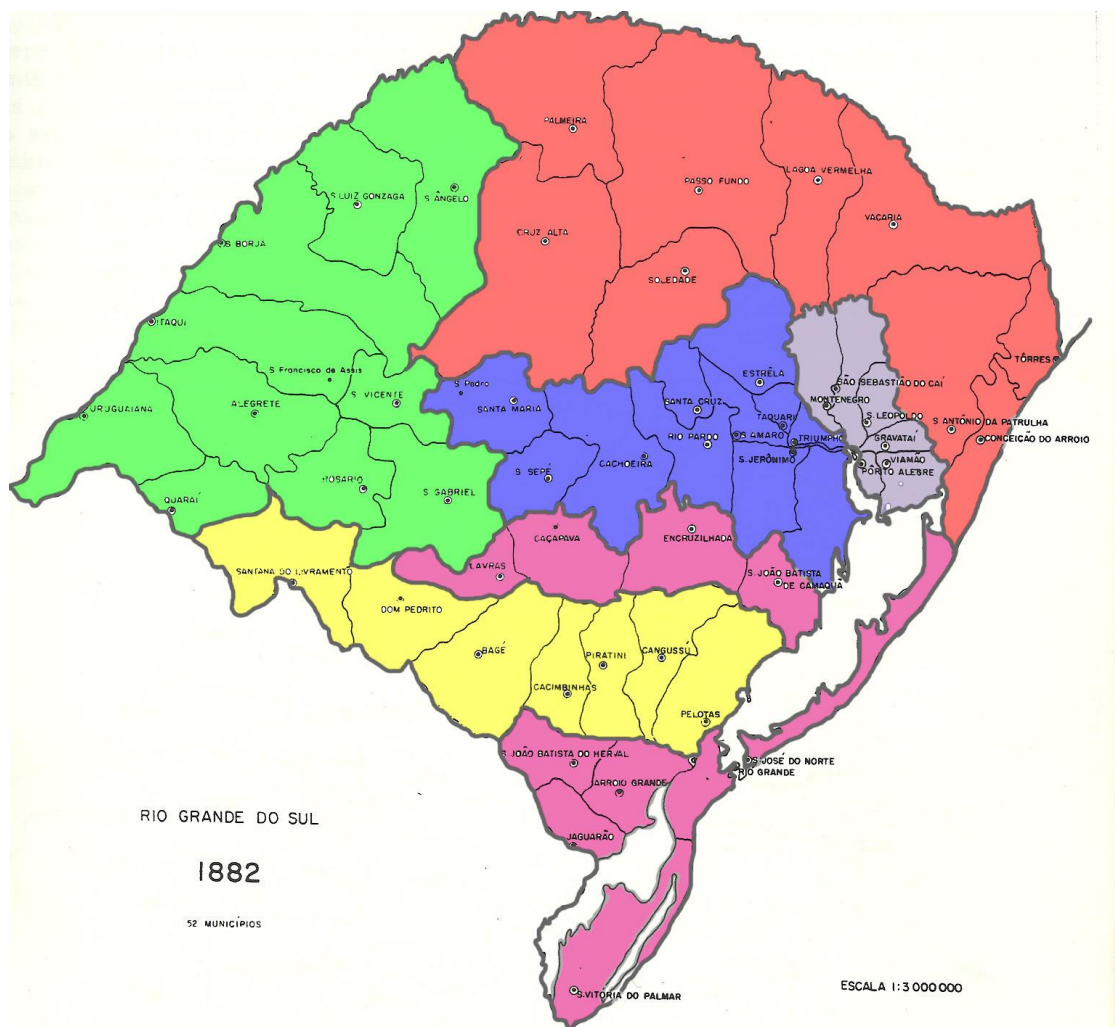
VENTURA, Roberto. **Estilo tropical**: história cultural e polêmicas literárias no Brasil (1870-1914). São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VIANA, Oliveira. **O ocaso do Império**. São Paulo: Melhoramentos, 1925.

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. **Elites políticas mineiras na Primeira República Brasileira**: um levantamento prosopográfico. Porto Alegre: FEE, 2000 (Comunicação - Primeiras Jornadas de História Regional Comparada - FEE)

_____. Federalismo e cidadania na imprensa republicana (1870-1889). Tempo. **Revista do Departamento de História da UFF**, Niterói, v. 16, p. 137-161, 2012.

ANEXO – Mapa: Divisão político-administrativa da Província do Rio Grande do Sul (1872)



- 1º círculo eleitoral
- 2º círculo eleitoral
- 3º círculo eleitoral
- 4º círculo eleitoral
- 5º círculo eleitoral
- 6º círculo eleitoral